



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E IMAGEM CORPORAL: ATITUDES
RELACIONADAS AO CORPO ENTRE ESCOLARES DO ENSINO
MÉDIO**

RAVINE CARVALHO PESSANHA COELHO DA SILVA

Sob a Orientação da Professora
Fabiane Frota Da Rocha Morgado

Tese submetida como requisito parcial para
obtenção do grau de **Doutora em
Educação**, no Programa de Pós-Graduação
em Educação, Contextos Contemporâneos
e Demandas Populares. Área de
Concentração em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Agosto de 2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586e Silva , Ravine Carvalho Pessanha Coelho da , 1996
Educação Física Escolar e Imagem Corporal: Atitudes
relacionadas ao corpo entre escolares do Ensino Médio
/ Ravine Carvalho Pessanha Coelho da Silva .
Seropédica; Nova Iguaçu, 2025.
182 f.: il.

Orientadora: Fabiane Frota Da Rocha Morgado.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2025.

1. Aspectos Específicos da Aparência. 2. Grupo
Focal. 3. Piercing. 4. Cabelo. 5. Tatuagem. I.
Morgado, Fabiane Frota Da Rocha , 1980-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares III. Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E
DEMANDAS POPULARES**

TERMO Nº 838 / 2025 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.056293/2025-79

Seropédica-RJ, 26 de setembro de 2025.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS
POPULARES**

RAVINE CARVALHO PESSANHA COELHO DA SILVA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutora**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

TESE APROVADA EM 27/08/2025

Membros da banca:

FABIANE FROTA DA ROCHA MORGADO. Dra. UFRRJ (Orientadora/Presidente da Banca).

VALERIA NASCIMENTO LEBEIS PIRES. Dra. UFRRJ (Examinadora Externa ao Programa).

WANDERSON FERNANDES DE SOUZA. Dr. UFRRJ (Examinador Externo ao Programa).

CÁSSIA MARQUES CÂNDIDO. Dra. IFRJ (Examinadora Externa à Instituição).

FELIPE LAMEU DOS SANTOS. Dr. CPPII (Examinador Externo à Instituição).

(Assinado digitalmente em 27/09/2025 08:43)

FABIANE FROTA DA ROCHA MORGADO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptEFD (11.39.53)
Matrícula: 2200105

(Assinado digitalmente em 30/09/2025 11:30)

VALERIA NASCIMENTO LEBEIS PIRES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptEFD (11.39.53)
Matrícula: 2518421

(Assinado digitalmente em 29/09/2025 13:08)

WANDERSON FERNANDES DE SOUZA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptPO (12.28.01.00.00.00.00.23)
Matrícula: 1868924

(Assinado digitalmente em 02/10/2025 02:25)

CÁSSIA MARQUES CÂNDIDO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 045.072.526-01

(Assinado digitalmente em 27/09/2025 20:28)

FELIPE LAMEU DOS SANTOS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 137.048.387-21

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **838**, ano: **2025**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **26/09/2025** e o código de verificação: **af48fc1993**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos adolescentes, que me fizeram questionar e refletir sobre aparência e as mensagens que passamos com nosso corpo, originando assim a temática desta tese.

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos da Tese é quase tão difícil quanto finalizar a escrita. Nessa hora, a lágrima escorre e não dá para conter a emoção.

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida e por me permitir realizar mais um sonho.

À minha orientadora, Fabi, agradeço pelo acolhimento, escolha, aprendizado e caminhada. Obrigada pelos 6 anos de orientação, desde o mestrado, fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional, e ao PPGEDUC, pelo espaço e oportunidade de formação.

À minha amada UFRRJ, que foi minha casa desde a graduação, agradeço por me permitir viver momentos únicos e me proporcionar os títulos mais importantes da minha vida, com uma formação sólida, pública e de qualidade.

À banca avaliadora desta tese, Prof. ^a Dr^a Valéria Nascimento, Prof. Dr. Wanderson Souza, Prof. Dr. Felipe Lameu, Prof. ^a Dr^a Amparo Cupolilo e Prof. ^a Dr^a Cassia Marques Cândido (IFRJ), agradeço desde o seu processo de construção ainda na qualificação, até a defesa, pela disponibilidade, leitura atenta e contribuições fundamentais para a melhoria do trabalho.

Aos meus pais, Alfredo e Rosângela, me faltam palavras. Quem diria, que a menina que só queria dançar ballet se tornaria, hoje, Doutora em Educação! Agradeço por não terem desistido de mim quando, por muitas vezes, preferi dançar ao invés de estudar. Obrigada por me fazerem crescer dentro da escola e me mostrarem, todos os dias, o amor pela educação, mesmo com todas as dificuldades que só nós sabemos. Obrigada por me fazerem acreditar todos os dias que a Educação ainda vale a pena! Vocês dedicaram a vida de vocês à educação de outras crianças e jovens e, hoje, seguimos juntos nesse propósito de fazer a diferença no mundo através de uma educação de qualidade. Esse título é por vocês e pelo nosso sonho, que, por muito tempo, foi o sonho de vocês. Graças a essa missão, hoje, cheguei até aqui. Obrigada pela educação, pelo amor e pela formação que me proporcionaram.

Ao meu irmão, Filipe, agradeço pelas disputas incansáveis de nota na escola. Você foi inspiração para que eu provasse para mim mesma que era capaz, mesmo que eu duvidasse disso por acreditar em você. Espero hoje ser motivo de orgulho!

Ao meu namorado, e companheiro de vida, Lucas. A voz embarga quando penso na sorte de ter você ao meu lado. Quem diria que aquele casal improvável da graduação ainda estaria aqui, 8 anos depois. Ter você comigo nessa vida é a certeza de que alguém lá em cima nos quis junto. Seu companheirismo, cuidado e amor são fundamentais e, certamente, essa

conquista é sua também! Obrigada por me acolher e ouvir todas as minhas lamentações. Obrigada por me acalmar e, principalmente, me trazer de volta à realidade quando minha percepção sobre as coisas não foi coerente. Obrigada pelo seu apoio incansável e pela sua paciência em aguentar firme esse processo solitário e desgastante, sem reclamar ou atrapalhar.

Ao Fred, meu cachorro, que embora nunca saiba desse agradecimento, foi meu fiel escudeiro e companhia nas madrugadas de escrita. Por muitas vezes, Fred pediu carinho e atenção nesse processo, mas se contentou pacientemente em dormir no meu pé quando eu quase nunca parava para atender. Fred foi meu alívio quando a cabeça deu um nó. Foi o abraço que eu apertei forte quando tudo parecia estar dando errado e foi meu sorriso quando, por um descuido, me atrapalhava na escrita porque aparecia na frente da tela do notebook. Quantas vezes, pensativa e cansada, te observei dormir quando eu só queria fazer o mesmo!

À Guta, minha companheira nessa jornada, que foi um presente que o mestrado me deu! Que sorte a minha encontrar você e seguir junto nesse processo que por tantas vezes pareceu impossível. Obrigada por ter sido meu apoio, por ter tido uma escuta atenta a todos os meus áudios enormes, por ter sido amiga e, principalmente, por sempre ter me encorajado. Você me fez ter a certeza de que nós conseguiríamos. Todos deveriam ter uma parceira como a Guta para fazer ciência.

Ao Vitor, meu eterno bolsista, pela amizade e companheirismo. Pela escuta atenta e prontidão em compor a equipe da coleta de dados. Pelas contribuições valiosas e reflexões profundas que sempre agregaram para o meu conhecimento. Obrigada pela força, pelo apoio e pela certeza de que ia dar certo. Fazer ciência com você é sempre ter uma esperança de que existe uma saída! Eu tive muita sorte de trabalhar contigo nesse processo!

Ao Patrick, pela parceria e apoio no grupo focal.

À Val, minha eterna orientadora da vida, agradeço pelo seu amor e apoio incondicional. Obrigada por me mostrar que o mundo da ciência pode ser bom e por fazer a diferença na minha vida todos os dias. Obrigada por todas as conversas pelas madrugadas, por todo suporte e por todas as vezes que você me lembrou, mesmo sem saber, do porquê eu estava trilhando esse caminho. Nos momentos de maior desespero e decepção, pude contar com você, assim como sempre posso contar em todas as minhas conquistas e felicidades. Acredito que algumas coisas nessa vida não se explicam: Para mim, ter encontrado você nessa jornada foi uma delas! Sua amizade é rara e única. Eu agradeço todos os dias por ter você comigo!

À Suellen, minha psicóloga, por me fazer refletir e não me deixar desistir. Obrigada por clarear meus pensamentos, acalmar minha ansiedade, curar minhas angústias, me ouvir sem julgamentos e sempre me entender e acolher. Você foi fundamental nesse processo. Obrigada

por sempre me atender nas angústias e pela certeza de que daria certo! Você foi fundamental para essa conquista, que por muitas vezes, duvidei com você que conseguiria!

Ao Colégio Curso Intelecto, representado pela Direção, pela compreensão e liberação para o cumprimento dos prazos e compromissos do Doutorado e pela realização do Grupo Focal Piloto, etapa fundamental para a realização desta pesquisa.

Ao CTUR, à Escola Municipal João Proença, à Escola Municipal São Francisco de Paula e à Escola Municipal Dr. Albert Sabin, na figura de seus respectivos diretores, João Luiz, Alexia e Fábio Ribeiro, e aos 47 participantes dos Grupos Focais, pela disponibilidade, acolhida e contribuição valiosa para essa pesquisa.

EPÍGRAFE

Identidade

No reflexo da existência, vive a tal da aparência,
Mas por trás da nossa Imagem, mora a nossa essência.

Desde cedo nos ensinam qual beleza é "correta",
Mas beleza, de verdade, vive na diversidade.

Cada um tem seu formato, seu caminho, seu retrato
Tatuagem, *piercing*, “rasta”... Qual o jeito que te agrada?

Tem gente que se esconde com vergonha de quem é.
Outros mudam o que são pra caber no que se quer.

É preciso ter respeito: Que se aceitem os defeitos!

Na tela do celular só tem corpo “perfeito”,
Me comparo com o que vejo pra caber no tal conceito!

Sem saber que todo corpo, do mais magro ao mais "gordo",
Tem valor pra florescer!

É preciso ter coragem, para amar sua própria Imagem
Pois bonito de verdade é viver com liberdade.

Somos únicos no mundo, essa é nossa identidade!

(A autora)

RESUMO

SILVA, Ravine Carvalho Pessanha Coelho da. **Educação Física Escolar e Imagem Corporal: Atitudes Relacionadas Ao Corpo Entre Escolares Do Ensino Médio**, RJ. 2025. 182p. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2025.

Imagem corporal é a representação mental do próprio corpo. Fatores socioculturais, como a mídia, o tipo de relação estabelecida entre membros da família e a influência dos grupos de convívio, como amigos, podem interferir na relação do jovem com sua imagem corporal. O objetivo da presente investigação é conhecer atitudes relacionadas à imagem corporal de escolares adolescentes do Ensino Médio no contexto da educação física escolar. Participaram da pesquisa 47 adolescentes matriculados no Ensino Médio de escolas do estado do Rio de Janeiro, com idades entre 14 e 17 anos. Foram realizados: 1 Grupo Focal Piloto e 4 grupos focais mistos. Além das informações coletadas como resposta no grupo focal, foram levantadas, nesta etapa, informações sociodemográficas dos participantes. A análise dos dados foi realizada através do conteúdo oriundo dos grupos focais, utilizando análise de conteúdo. Como resultados, foi encontrado que a comparação social é fundamental na formação da imagem corporal de jovens adolescentes, sendo a aparência um canal de comunicação e construção de identidade. Somado a isso, encontrou-se que a escola pode reforçar estigmas relacionados à aparência, como também abrir espaço para reflexão crítica e valorização da diversidade corporal. Sobre os aspectos específicos da aparência, foi possível verificar que as marcas corporais, como *piercings*, cabelos coloridos e tatuagens, carregam significados subjetivos de liberdade, resistência e autoafirmação entre os jovens. Dessa forma, conclui-se, mediante análises dos grupos focais, que as modificações de aparência dos adolescentes, embora muito presentes no contexto escolar, não se restringem à educação física, e estão diretamente relacionadas às influências sociais presentes no meio em que o adolescente está inserido, sendo a escola parte, mas não exclusivamente o foco dessa influência.

Palavras-chave: Aspectos Específicos da Aparência, Grupo Focal, *Piercing*, Cabelo, Tatuagem, Mudança Corporal, Personalidade.

Fonte de financiamento: Esta pesquisa foi financiada pela própria pesquisadora responsável pelo estudo.

ABSTRACT

SILVA, Ravine Carvalho Pessanha Coelho da. **School Physical Education and Body Image: Attitudes related to the body among High School Students**, RJ. 2025. 182p. Thesis (Ph. D. in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands) – Institute of Education / Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2025.

Body image is the mental representation of one's own body. Sociocultural factors, such as the media, the type of relationships established between family members, and the influence of peer groups, such as friends, can influence a young person's relationship with their body image. The objective of this research is to understand attitudes related to body image among adolescent high school students in the context of school physical education. Forty-seven adolescents enrolled in high school in the state of Rio de Janeiro, aged between 14 and 17, participated in the study. One pilot focus group and four mixed-gender focus groups were conducted. In addition to the information collected in the focus group, sociodemographic information was collected at this stage. Data analysis was performed using content analysis on the content from the focus groups. The results found that social comparison is fundamental in the formation of young adolescents' body image, with appearance serving as a channel for communication and identity construction. Furthermore, it was found that schools can reinforce stigmas related to appearance, as well as create space for critical reflection and appreciation of body diversity. Regarding specific aspects of appearance, it was found that body marks, such as piercings, colored hair, and tattoos, carry subjective meanings of freedom, resistance, and self-affirmation among young people. Thus, focus group analysis concluded that adolescents' appearance changes, while very prevalent in the school context, are not limited to physical education and are directly related to social influences within the adolescent's environment, with school being part of, but not exclusively, the focus of this influence.

Keywords: Specific Aspects of Appearance, Focus Group, Piercing, Hair, Tattoo, Body Change, Personality.

Funding source: This research was funded by the researcher responsible for the study.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
IC - Imagem Corporal
OMS – Organizao Mundial da Saúde
DP - Desvio Padrão
M - Feminino
H - Masculino
CG - Campo Grande
NI - Nova Iguaçu

LISTA DE QUADROS

Quadro	Página
1. Organização das temáticas de acordo com os objetivos específicos.....	34
2. Associação livre de Palavras.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela	Página
1. Informações Sociodemográficas dos participantes do Grupo Focal Piloto....	36
2. Informações Gerais da amostra - Grupo Focal.....	37
3. Distribuição dos participantes por Grupo Focal.....	40
4. Informações sociodemográficas dos participantes do Grupo Focal 1.....	41
5. Informações sociodemográficas dos participantes do Grupo Focal 2.....	43
6. Informações sociodemográficas dos participantes do Grupo Focal 3.....	44
7. Informações sociodemográficas dos participantes do Grupo Focal 4.....	46

LISTA DE FIGURAS

Tabela	Página
1. Nuvem de Palavras com maior frequência nos Grupos Focais.....	47
2. Gráfico de frequência – Temas.....	48
3. Nuvem de palavras - Grupo Focal 1.....	49
4. Nuvem de palavras - Grupo Focal 2.....	49
5. Nuvem de palavras - Grupo Focal 3.....	50
6. Nuvem de palavras - Grupo Focal 4.....	50
7. Geração das Categorias.....	51

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	1
2. INTRODUÇÃO	3
3. JUSTIFICATIVA	8
4. OBJETIVOS	9
4. 1 OBJETIVO GERAL:	9
4. 2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	9
5. REVISÃO DE LITERATURA	10
5.1 Imagem Corporal: Evolução, Conceitos e Definições	10
5.2. Imagem Corporal e Adolescência: O Corpo que transborda	14
5. 3 Imagem Corporal e Adolescência	16
5. 4. Influências na Imagem Corporal de Adolescentes: De onde vem essa moda?	17
5.5. Adolescência e Marcas corporais: Mensagens da aparência na onda dos piercings, tattoos e cabelos coloridos	21
5.6. Imagem Corporal e Educação Física: O Corpo que Transborda com Marcas Corporais na Prática	25
6. MÉTODO	28
6. 1. Modelo do estudo	28
6. 2. Aspectos Éticos da Pesquisa	28
6. 3. Participantes	29
6. 4. Procedimentos	29
6. 5. Coleta de dados	31
6. 6. Critérios de Inclusão e Exclusão	31
6. 6. 1. Critério de Inclusão	31
6. 6. 2. Critério de Exclusão	32
6. 7. Instrumentos	32
6. 8. Análise dos dados	33
7. RESULTADOS	35
7. 1. Grupo Focal Piloto	35
7.2 Grupo Focal	37
7.2.1 Resultados Sociodemográficos	37
7. 2. 2 Resultados Qualitativos - Análise inicial	47
8. DISCUSSÃO	51
8. 1. Corpo: Conceitos e Definições	51
8. 1. 1. Percepção individual do próprio corpo	52

8. 1. 2. Relação entre saúde e estética.....	56
8. 2. Corpo Real ou Perfeito: Estereótipos e Padrões	60
8. 2. 1 Padrão socialmente imposto	60
8. 2. 2. Corpo bonito X Corpo feio	65
8. 2. 3. Influência da mídia	67
8. 2. 4. Resistência ou conformidade aos padrões	74
8. 3. Comparações de Aparência: Mensagens e Julgamentos	77
8. 3. 1. Comparações sociais.....	77
8. 3. 2. Influência Distal ou Proximal.....	80
8. 3. 3. Desejo de agradar os outros.....	83
8. 3. 4. Exclusão, Bullying e estereótipos	86
8. 4. Influências que inspiram a aparência.....	93
8. 4. 1. Experiências Sociais e Imagem Corporal.....	93
8. 4. 2. Limitações Religiosas	97
8. 4. 3 Limitações Familiares	99
8. 5. Aspectos Específicos da Aparência: Cabelos coloridos, piercings e tatuagens	103
8. 5. 1. Aspectos específicos da aparência	104
8. 5. 2. Aparência e credibilidade	108
8. 5. 3. Acessórios, cabelo e roupa como identidade visual	110
8. 6. Características pessoais: Somos o que realmente aparenta ser?.....	113
8. 6. 1. Representatividade	114
8. 6. 2. Estilo pessoal como forma de expressão	116
8. 6. 3. Coragem para assumir o próprio estilo.....	119
8. 6. 4. Autocensura ou retraimento como uma forma de proteção.....	122
8. 7. Imagem Corporal e Educação Física	124
8. 7. 1. Imagem Corporal nas Aulas.....	124
8. 7. 2. Imagem Corporal no Contexto Escolar.....	126
9. CONCLUSÃO.....	128
10. REFERÊNCIAS	130
11. APÊNDICES	149
11.1 APÊNDICE 1: TERMO DE ANUÊNCIA - COLÉGIO CURSO INTELECTO.....	149
11. 2 APÊNDICE 2: TERMO DE ANUÊNCIA - CTUR	150
11. 3 APÊNDICE 3: TERMO DE ANUÊNCIA - COLÉGIO ESTADUAL JOÃO PROENÇA	151
11. 4 APÊNDICE 4: TERMO DE ANUÊNCIA - COLÉGIO ESTADUAL SÃO FRANCISCO DE PAULA	152
11. 5 APÊNDICE 5: TERMO DE ANUÊNCIA - COLÉGIO ESTADUAL DR. ALBERT SABIN	153

11. 6 APÊNDICE 6: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	154
11. 7 APÊNDICE 7: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)	156
12. ANEXOS	158
12. 1. ANEXO 1: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	158
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA	158
12. 2. ANEXO 2: GRUPO FOCAL - GUIA DO MODERADOR	161
12. 3 ANEXO 3: QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	165

1. APRESENTAÇÃO

Desde a infância, aprendi que dependia do meu corpo para realizar feitos extraordinários, e que meu corpo era a ferramenta principal para aquilo que fazia com muito amor e dedicação: Dançar. Com o passar do tempo e o avanço na minha formação em dança, me deparei com as dores, devido às quais precisei submeter meu corpo para continuar nesse caminho; e o que era uma paixão, se transformou muitas vezes em lesões e insatisfação corporal. Por muitos momentos, me deixei esquecer do que meu corpo era capaz e podia me proporcionar, por acreditar que ele não era ideal e funcional para mim. E então, sacrifiquei meu corpo das mais diferentes formas até a conclusão da minha formação de bailarina clássica.

Apesar disso, e por amar a dança, escolhi seguir aquilo que me proporcionasse dançar e, ao mesmo tempo, usar meu corpo como veículo de comunicação e aprendizado. Foi então que escolhi cursar Licenciatura em Educação Física, entre os anos de 2014 a 2017 na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), onde pude ressignificar muitas coisas relacionadas à dança e, principalmente, ao meu corpo. Ao concluir a graduação, percebi que aprofundar as questões relacionadas à Imagem Corporal era algo latente em mim. Assim, me aproximei da temática da Imagem Corporal ao frequentar o Grupo de Estudos em Aspectos Psicossociais do Corpo (GEPAC). Foi onde decidi buscar respostas para diferentes questões que se fizeram presentes em muitos momentos da minha vida (e se fazem ainda) naquele período de minha formação.

Ingressei no Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC/UFRRJ) e foi nesse momento que resolvi, com o suporte de minha orientadora, professora Fabiane Morgado, continuar imersa na temática da imagem corporal com enfoque especial em sua relação com a atividade física na população de jovens universitários. Para essa finalidade, pensei em propostas de pesquisas que contemplassem a inquietante relação do movimento humano com a elaboração da imagem corporal. Nesse sentido, optei pela realização da adaptação transcultural, através da psicometria, de 2 instrumentos de Imagem Corporal para jovens universitários brasileiros. Esse foi um processo desafiador pela natureza metodológica, mas potente, por poder conhecer as diferentes percepções sobre o corpo dos participantes de todas as regiões do Brasil.

Ao finalizar o mestrado, as inquietudes relacionadas ao corpo continuaram aparecendo e foi necessária a continuação dos meus estudos em Imagem Corporal. Foi quando ingressei no Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC/UFRRJ) e decidi junto de minha orientadora, Fabiane Morgado, dar voz aos adolescentes, para entender como se dá a formação de suas respectivas Imagens Corporais, com enfoque nas percepções de seus corpos e, principalmente, nas mensagens passadas por eles a partir das características corporais de cada participante.

Acredito que, ao dar voz aos adolescentes, principalmente de forma qualitativa, seja possível entender os signos e significados da Imagem Corporal dos jovens adolescentes, podendo assim, nos aproximar de respostas acerca das percepções corporais de cada um, dando a real importância para os motivos pelos quais adolescentes escolhem características únicas (e às vezes peculiares e diferentes).

Proponho-me a escrever essa tese com muito entusiasmo, na certeza de que a Imagem Corporal requer um olhar atento e cuidadoso para as suas mais diferentes interfaces. Com frio na barriga, sigo ansiosa pelos achados deste estudo.

2. INTRODUÇÃO

Imagem corporal pode ser definida como a representação mental do próprio corpo (Shontz, 1990; Schilder, 1999; Campana; Tavares, 2009), sendo um constructo multifacetado, caracterizado por aspectos cognitivos, fisiológicos, sociológicos e libidinais (Cash; Pruzinsky, 2002). Os estudos sobre a temática da imagem corporal têm ocupado espaço de relevância em distintas áreas do conhecimento, tanto no cenário internacional quanto no nacional. São inúmeras as publicações datadas das últimas décadas envolvendo o tema e seus desdobramentos (Turtelli; Tavares; Duarte, 2002; Thompson, 2004; Cash; Smolak, 2011; Ferreira et al., 2014; Grogan, 2017; Bell et al., 2021).

A imagem corporal se caracteriza por duas grandes dimensões: A perceptiva e a atitudinal, onde a primeira está relacionada à precisão do julgamento do tamanho, da forma e do peso corporal; enquanto a segunda destaca três principais componentes, como o afetivo, relacionado à experiência de sentir emoções relacionadas ao corpo, que resultam em sua avaliação e interpretação individual; O cognitivo, através de pensamentos que revelam um elevado senso crítico mental sobre o próprio corpo; E o aspecto comportamental, definido por ações sobre ou relacionadas ao próprio corpo, de forma autodefensiva, de modo que previnem algum desconforto relacionado ao corpo (Slade, 1994; Cash; Pruzinsky, 2002; Thompson; Van Den Berg, 2002; Thompson, 2004). Para o presente estudo, será dado foco à dimensão atitudinal da Imagem Corporal, ao considerar principalmente os aspectos específicos da aparência dos participantes.

No que tange à população de jovens, mais especificamente a de jovens em idade escolar, importa destacar que essa população pode apresentar preocupações excessivas com o corpo, que pode estar em maior evidência, uma vez que esse grupo tende a ser mais vulnerável às pressões impostas pela sociedade, familiares, amigos e pela mídia para que alcancem o corpo perfeito como forma de obtenção de aceitação e sucesso social (Tiggemann; Zaccardo, 2018; Hogue; Mills, 2018).

Essas pressões impostas aos adolescentes podem ser classificadas como um componente das teorias socioculturais da imagem corporal (Thompson et al., 1999) denominada de comparação social, que se refere à avaliação pessoal a partir da comparação com os outros, destacando atributos e expectativas altamente valorizados, a fim de fazer um julgamento sobre a própria aparência, levando a um aumento da insatisfação corporal (Festinger, 1954; Jones, 2001; Smolak; Murnen; Thompson, 2005).

Esta comparação social pode ocorrer de forma proximal, através de pais e pares, como também de forma distal, através da influência da mídia sobre os padrões de beleza. Ambas as formas são perigosas à imagem corporal e tendem ao aumento da insatisfação corporal a partir dessas comparações, além de sugerir o aumento do afeto negativo e comportamentos alimentares desordenados (Leahey; Crowther, 2008; Ridolfi et al. , 2011; Leahey et al. , 2011; Engel et al. , 2013). Destaca-se, portanto, que as comparações sociais podem acontecer em qualquer momento e contexto da vida, mas é na adolescência que essa questão pode representar desdobramentos ainda mais preocupantes, como o surgimento de quadros de depressão, ansiedade social, angústia e inveja (Brumberg, 1998; Castro et al. , 2010; Mitchell; Schimidt, 2014; Jannet Raat et al., 2014; Appel et al., 2016; Faranda; Lynne, 2019).

Do ponto de vista cronológico, a adolescência é estabelecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), marcando a idade de dez a catorze anos como sendo a pré-adolescência, e a idade de quinze a dezenove anos, a adolescência propriamente dita. Já na esfera legal no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal 8.069 de 1990), considera a pessoa entre doze e dezoito anos de idade como adolescente. Para o presente estudo, será considerado o corte temporal da adolescência sugerido pela OMS.

Neste tocante, Frois; Moreira; Stengel (2011) destacam que a Imagem Corporal é construída e reconstruída ao longo da vida do indivíduo, imbuindo-o de significações a partir das vivências que outras referências lhe apresentam. Trata-se de um processo cíclico e gradativo ao longo da vida, onde as mudanças físicas e psíquicas do corpo suscitam a necessidade de constante reorganização da imagem corporal (Frois; Moreira; Stengel, 2011). Importante destacar, portanto, que a adolescência é frequentemente associada a um período do desenvolvimento humano marcado por transformações biológicas e psíquicas geradoras de inquietudes e sofrimento, sendo a emergência da sexualidade e a dificuldade em estabelecer a própria identidade alguns dos elementos associados a essa fase (Braga; Molina; Figueiredo, 2010), onde o adolescente vive um dilema existencial na busca por uma apropriação de uma identidade diferente advinda daquela da infância, pois novas demandas surgem na adolescência, suscitando novos conhecimentos de si (Osório, 1989).

Com isso, pode ser observada a tendência a modificações corporais, principalmente relacionadas à aparência, feitas pelos adolescentes nesta etapa da vida, a saber: a cor do cabelo, sendo aderido, muitas vezes, a moda do cabelo colorido, o uso de piercings em diferentes locais do corpo e o interesse por tatuagem, que segundo Le Breton (2010), pode significar maneiras de embelezar o corpo.

Essas modificações corporais podem ser destacadas, segundo Le Breton (2012), como códigos corporais, uma vez que, segundo este autor, é do corpo que nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (Le Breton, 2007).

Este mesmo autor afirma que essas marcas e modificações corporais representam uma assinatura do sujeito sobre a pele, sendo esta, uma tela onde projetamos uma identidade sonhada, como no caso da tatuagem e do piercing. Le Breton afirma ainda que se a pele participa intensamente no processo de separação-individuação que caracteriza a passagem do adolescente, sendo o corpo, especialmente a pele, instância visível do corpo, ela é o recurso mais imediato para alterar sua relação com o mundo. Redesenhando suas fronteiras, o indivíduo manipula as relações entre o eu e o outro, o dentro e o fora, o corpo e o mundo, representando com essas modificações da aparência, diferentes signos e significados (Le Breton, 2010).

Entende-se por signo aquilo que se dirige ao conhecimento de alguma coisa e possui a capacidade de supor por ela ou de juntar-se a ela numa proposição. Para Coelho Neto (1996, p. 10), signo é “aquilo que representa algo ou alguma coisa para alguém”. Já significado, segundo Deely (1990), pode ser entendido como um conceito ou imagem mental que vem na esteira de um significante (face perceptível do signo), que está no domínio da língua, e depende do sistema, estando antes e acima do individual.

Os significados do corpo são, então, produzidos e reproduzidos em diversos espaços e tempos. Pensar o corpo é pensá-lo na cultura, com marcas e indícios de pertencimento a um determinado lugar. Pode-se dizer que o corpo vai além de seu funcionamento biológico, ele é um constructo de multiplicidades e possibilidades históricas que orientam os sentidos do que ele é e como deve ser (Bittencourt; Bassalo, 2021).

Pode-se destacar, então, que esses aspectos específicos da aparência, mais especificamente características relacionadas ao corpo ou à imagem mental que se tem, podem estar diretamente relacionados à “superexposição de modelos corporais”, que na sociedade contemporânea, contribuiu fundamentalmente para a divulgação de uma ótica corpórea estereotipada e determinada pelas relações de mercado (Pelegrini, 2003).

Nesse contexto, Santaella (2004) corrobora com essa reflexão, na medida em que relata que a preocupação com a beleza foi ganhando força no decorrer do século XX e, na contemporaneidade, a palavra de ordem está no corpo forte, belo, jovem, veloz, preciso,

perfeito, inacreditavelmente perfeito. Assim, as demarcações de um corpo bonito sob a ótica dos adolescentes traduzem os símbolos do novo tempo, repletos de signos e significados: corpos fortes, musculosos, torneados, perfeitos, “traçados” por uma nova ordem que se instaurou e que ganha destaque no século XXI (Braga, Molina, Figueiredo, 2010).

Frois, Moreira, Stengel (2011) afirmam que se trata de corpos-imagem, que se definem como estampa idealizada e ilusória pautada em um processo de projeção do corpo promovido pelas mídias. O foco está na aparência que o corpo traduz e nos signos e significados contemporâneos de valorização: imediatismo, juventude, liberdade, magreza e músculos proeminentes e definidos.

A modificação corporal representa uma forma de modificação social e pessoal. Essa afirmação pode ser observada ainda em estudos atuais, onde autores afirmam que a modificação da aparência externa é uma característica humana universal que inclui tanto roupas, penteados, joias e outros acessórios, quanto a "*body art*", que inclui tatuagens e piercings (Pérez-Cotapos; Cossio, 2006). Estas últimas são modificações corporais temporárias ou permanentes, cuja frequência tem aumentado na sociedade ocidental nas últimas décadas (Armstrong et al. , 2002; Kertzman et al. , 2019).

Investigações mostram que a aplicação de piercings e a realização de tatuagens guarda uma relação estreita com a vivência de adolescentes e jovens de como se tornar adulto no mundo de hoje, de como ser reconhecido como jovem com uma identidade singular e diferente entre eles e, além disso, com uma identidade distinta da herdada pelos próprios pais. Cada parte do corpo em que se coloca um piercing ou uma tatuagem está enviando uma mensagem sobre a história de vida de quem o leva e o grupo à qual pertence (Braga et al. , 2010; Cossio et al. , 2012; Kertzman et al., 2019).

Existem poucos estudos que enfocam as motivações de quem faz tatuagem, aplica piercings, utilizam cabelos coloridos e/ou adotam um estilo alternativo, mas quase todos concordam em alguns pontos, como possíveis justificativas, a saber: Beleza, arte e moda, gerando individualidade; Histórias pessoais; Resistência física como prova de superação do próprio limiar de dor; Protesto e rebeldia; Espiritualidade ou tradição cultural; e Motivações sexuais (Wohlrab; Stahl; Kappeler, 2007; Tiggemann; Golder, 2006).

Apesar da crescente popularidade dos adornos corporais, pouco se sabe sobre os motivos por trás da aquisição de tais marcadores corporais. Não é de surpreender que o interesse nas perspectivas psicológicas do comportamento dos jovens relacionados a tatuagens, piercings, cabelos coloridos e demais costumes tenha aumentado nos últimos anos (Tiggemann; Golder, 2006; Swami et al., 2012; Kertzman et al., 2019).

O corpo tatuado, com piercings, os implantes subcutâneos, as cicatrizes produzidas em alto-relevo, os diferentes cortes de cabelo, as roupas e os acessórios fazem parte do visual do jovem que quer afirmar a sua identidade e encontra no corpo um “meio de expressão do eu” e uma ferramenta de singularidade (Conti; Frutuoso; Gambardella, 2005; Le Breton, 2008).

Logo, que corpo é esse, manipulado, que precisa ter seus aspectos específicos da aparência, como cor do cabelo, piercings e tatuagens, modificados a todo o momento para alcançar um corpo ideal, como um meio de, principalmente, demonstrar origem ou pertencimento; representar uma ideia ou identidade; e/ou distinguir-se dos demais? Ademais, quais são as atitudes relacionadas à imagem corporal de adolescentes e como elas emergem na Educação Física Escolar?

3. JUSTIFICATIVA

As concepções e as representações do corpo, bem como a beleza, sofreram transformações ao longo da história em cada sociedade, associadas às mudanças socioeconômicas e culturais. Assim, conhecer como determinado grupo pensa e concebe o corpo pode contribuir para compreender a hegemonia de uma estética corporal, como também esclarecer a amplitude dos significados relativos ao próprio corpo (Braga, Molina, Figueiredo, 2010).

Considerando a estrutura educacional e sua importância para a formação global do aluno, as aulas de Educação Física se apresentam como um espaço importante de conhecimento do corpo e suas questões, uma vez que se trata de aulas diferentes das demais disciplinas, onde os alunos têm a possibilidade de aprender através do movimento e expressão corporal. Além disso, é neste campo que os debates sobre as temáticas da Imagem Corporal encontram espaço para emergirem, devido às individualidades desta área, que permitem a abordagem de conteúdos de formas mais amplas e diferenciadas, para além dos métodos tradicionais de ensino e do currículo básico da educação (Soares, et al, 1992; Bezerra, Furtado, 2021).

Assim, é nas aulas de Educação Física que podem emergir as possibilidades de debates relacionados ao corpo e à construção da Imagem Corporal (Bittencourt, Bassalo, 2021). Sendo possível, nas aulas de Educação Física, compreender que a expressão corporal como linguagem, expressa em atividades corporais na forma de jogos, esportes, lutas, danças e outras experiências corporais, deve também fazer parte do currículo escolar (Soares, et al, 1992; Bezerra, Furtado, 2021).

O ambiente escolar pode configurar, entretanto, um ambiente favorável para o compartilhamento de variadas ideias e questões entre amigos, pois as escolas de educação básica, incluindo as escolas de Ensino Médio, configuram-se como um espaço propício para difusão e articulação de ideais sobre a imagem corporal em sua forma mais ampla, bem como para compartilhamento de anseios e inquietações em relação ao corpo.

Para tanto, a possibilidade de entender como se dá o desenvolvimento da Imagem Corporal de adolescentes, mais especificamente, os aspectos específicos relacionados à aparência, permitirá aos pesquisadores identificar, relatar e aplicar experiências e contextos que promovem e/ou estão associados a uma relação positiva com o corpo na faixa etária em questão, tornando-se fundamental o estudo de forma profunda e cuidadosa acerca dos aspectos relacionados à imagem corporal de adolescentes e jovens.

4. OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL:

Analisar atitudes relacionadas à imagem corporal de adolescentes escolares do Ensino Médio no contexto da educação física escolar.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ✓ Identificar conhecimentos prévios sobre os conceitos de corpo, imagem corporal e padrões de beleza;
- ✓ Identificar a percepção de padrões de beleza e os estereótipos acerca da imagem corporal em adolescentes;
- ✓ Conhecer as mensagens e comparações de aparência relacionadas às atitudes dos participantes e as influências dessas comparações em suas relações sociais;
- ✓ Investigar quais são as influências socioculturais relacionadas à aparência e os efeitos dessas influências na imagem corporal dos participantes.
- ✓ Entender características específicas da aparência dos adolescentes participantes, como piercings, tatuagens, vestimentas, cortes e cores de cabelos, e como essas características podem interferir na vida das pessoas.
- ✓ Inferir possíveis características pessoais, como gostos, personalidades e preferências a partir da aparência dos participantes e seus pares, através das mensagens passadas por suas aparências.

5. REVISÃO DE LITERATURA

Neste ponto, serão apresentados os principais constructos que compõem a temática desta tese, divididos em 4 capítulos e 1 subcapítulo, a saber: 1. Imagem Corporal: Evolução, Conceitos e Definições; 2. Imagem Corporal e Adolescência – O corpo que transborda; 2. 1. Influências na Imagem Corporal de Adolescentes: De onde vem essa moda?; 3. Adolescência e Marcas corporais: Mensagens da aparência na onda dos Piercings, Tattoos e cabelos coloridos; 4. Imagem Corporal e Educação Física: Marcas Corporais na Prática.

5.1 Imagem Corporal: Evolução, Conceitos e Definições

A imagem corporal tem sido, desde então, considerada um constructo complexo. Sua evolução histórica representa uma diversidade de conceitos, sugeridos ao longo dos séculos. A primeira grande aparição dos conceitos relacionados a esta temática se deve aos estudos acerca dos membros fantasmas, proposto por Ambroise Paré no século XVI, uma vez que, segundo o neurocirurgião, membros amputados do corpo aparentemente continuavam originando sensações como se ainda existissem (Barros, 2005; Souza Filho et al., 2016). Foi neste momento em que os estudos acerca das influências do cérebro nas sensações e formação da Imagem Corporal tiveram início, com consequente registro dessas imagens.

Já no século XIX, acreditava-se ainda, e de maneira mais forte, que as imagens do corpo se originavam no córtex frontoparietal, sendo essas imagens formadas a partir dos vários movimentos do corpo em conjunto com outras informações sensoriais, a saber: tato, paladar, olfato e visão. Assim, acreditava-se que era formando uma série de imagens espaciais de cada parte do corpo, e posteriormente essas imagens espaciais ficariam armazenadas na memória (Campana; Tavares, 2009).

Foi somente no século XX que o corpo começou a ser visto como objeto de estudo de várias ciências, deixando a esfera apenas filosófica. A Imagem Corporal enquanto área de pesquisa e objeto de estudo, foi vista inicialmente como a relação entre os distúrbios neurológicos e a consciência corporal. Neste período, o cérebro ocupava um lugar de destaque nas pesquisas científicas, com temas principais acerca das informações, sensações, memórias, aprendizados e pensamentos. Assim, os primeiros conceitos concretos sobre a imagem corporal se organizaram, a partir de pacientes com lesão cerebral (Campana, Tavares, 2009).

Pierre Bonnier questionava, entretanto, as alterações na função cognitiva do cérebro, ao relatar que pacientes com labirintite enxergavam seus corpos menores, mais largos e, em geral,

distorcidos. Neste ponto, surge a noção de esquema corporal, outro conceito para a temática em questão, que futuramente viria a complementar o constructo da Imagem Corporal. Assim, com o surgimento dos estudos acerca do esquema corporal, surgem as primeiras denominações para as distorções corporais relatadas por Bonnier (Campana; Tavares, 2009).

Esquema Corporal, uma das primeiras denominações acerca da Imagem Corporal, pode ser classificado como uma representação espacial consciente do corpo, que determina sua orientação e suas partes, incluindo volume, noção e localização exata dos membros, sendo, entretanto, a imagem tridimensional que todos têm de si mesmo (Schilder, 1994, p. 11).

Após isso, Pick (1908) propõe a Imagem Espacial do Corpo, estabelecendo uma solução entre as sensações percebidas no corpo e as representações visuais do corpo. Já em 1911, Head lança um novo conceito, conhecido como “esquema do nosso corpo”, onde era possível construir através do corpo um modelo postural de cada pessoa.

Apesar das diferentes denominações, os estudos de Pick, relacionados à imagem espacial do corpo, de Schilder, voltados ao esquema corporal e de Head, voltado ao esquema postural, expressam conteúdos semelhantes e defendem as mesmas ideias, mas foram as denominações de Schilder que ganharam maior força neste contexto (Schilder, 1994).

Foi, entre os anos de 1920 e 1930, ainda no século XX, que uma visão multifacetada acerca da imagem corporal teve início, uma vez que se buscou entender este fenômeno para além dos aspectos apenas neurológicos. Ao considerar a imagem corporal um constructo multifacetado, Schilder propôs a sua primeira definição concreta, que respalda o conceito de imagem corporal nesta tese:

Entende-se por imagem do corpo humano a figuração do nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós. Há sensações que nos são dadas. Vemos partes da superfície do corpo. Temos impressões táteis, térmicas e de dor. [...] O esquema do corpo é a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos. Podemos chamá-la de imagem corporal (Schilder, 1981, p. 11).

O fato que torna a Imagem Corporal um construto multifacetado está na personalidade que experimenta a percepção do corpo, uma vez que não se trata apenas das experiências dos sentidos, mas essas experiências provocam atitudes do tipo emocional, que são pertencentes à individualidade de cada pessoa (Schilder, 1994). Assim, este conceito multifacetado definido por Schilder (1981) foi responsável por uma mudança de perspectiva nos estudos sobre imagem corporal, sendo possível considerar, a partir deste conceito, a importância e a influência da cultura, das atitudes, desejos, emoções, sentimentos e interação social no comportamento humano (Cash; Pruzinsky, 2002).

Schilder (1981) destaca, ainda, que a imagem corporal ultrapassa os limites físicos do corpo, sendo o corpo constituído de carne e osso, mas também de experiências, emoções,

angústias e dor, presentes na relação entre o meio interno e o externo, destacando que os objetos e as pessoas que rodeiam os sujeitos podem influenciar de forma diferente.

Nesta perspectiva, autores destacam que a Imagem Corporal, então, está relacionada às experiências que o indivíduo tem no mundo, e este por sua vez, não tem o mesmo valor existencial para todos. Todo ser tem o seu mundo externo, construído a partir de suas próprias experiências corporais, as quais poderão variar com os dados pessoais e com as experiências anteriores (Le Boulch, 1983; Vayer et al., 1984).

Pode-se afirmar, entretanto, que a imagem corporal nunca é um fenômeno isolado e, em cada um de nós, ela está sempre cercada por outras imagens corporais, de outras pessoas, demonstrando que as imagens corporais são sociais, pois há sempre o acompanhamento de outra imagem corporal na imagem corporal de cada um (Campana; Tavares, 2009; Schilder, 1981), caracterizando as influências externas acerca deste constructo, ponto que será abordado em capítulos futuros desta tese.

Campana e Tavares (2009), analisando a trajetória dos conceitos e pesquisas acerca da imagem corporal, destacaram cinco grandes linhas de pesquisa sobre esta temática, as quais se diferenciam entre si sob a forma de entender a imagem corporal, sendo elas: perspectiva social, psicodinâmica, cognitivo-comportamental, teoria do processamento de informação e neurológica (Neves; Morgado; Tavares, 2015).

Para esta tese, serão consideradas as perspectivas social e psicodinâmica, uma vez que a primeira está voltada para a aparência física e se preocupa em descobrir o quanto os valores sociais interferem nos valores individuais e nos comportamentos adotados por cada um de nós; Enquanto, a segunda, assume que a imagem corporal é a representação mental do próprio corpo, sendo dinâmica, singular e multifacetada (Semenza; Fairburn, 2002).

Atualmente, autores contemporâneos dividem a imagem corporal em duas grandes dimensões: a primeira, classificada como a dimensão perceptiva, que aborda a exatidão no julgamento do tamanho, da forma e do peso corporal de cada pessoa, enquanto a segunda dimensão, denominada como atitudinal, envolve três diferentes vertentes, sendo elas a afetiva, ligada às experiências de sentir emoções relacionadas ao corpo, acarretando na avaliação e interpretação individual do mesmo; a cognitiva, caracterizada por pensamentos que apontam senso crítico a respeito do próprio corpo; e a terceira, comportamental, aquela que é responsável por ações relacionadas ao corpo, como comportamentos auto defensivos, visando prevenir possíveis desconfortos e minimizar ou até mesmo evitar desgastes emocionais (Cash; Smolak, 2011; Laus et al., 2014).

É importante destacar, ainda, a existência de conceitos acerca da imagem corporal positiva e imagem corporal negativa. A imagem corporal positiva é conceituada como a expressão de amor, admiração e respeito em relação ao próprio corpo. É responsável por abarcar e trazer ao indivíduo sentimentos como: apreciação corporal (não se limitando a questões estéticas, mas se referindo à funcionalidade do corpo), aceitação e admiração do corpo mesmo em situações em que ele foge do padrão de beleza ideal, além de ser consciente com as limitações do corpo e filtros cognitivos protetivos bem estabelecidos (Tylka; Wood-Barcalow, 2015). Ela está associada a variações de bem-estar, como melhora da autoestima e autocompaixão, satisfação com a vida e comportamentos positivos relacionados à saúde. Destaca-se, entretanto, que a imagem corporal positiva não é a ausência de imagem corporal negativa, ou uma extremidade da imagem corporal (Guest et al., 2019; Halliwell, 2015; Tylka; Wood-Barcalow, 2015; Webb; Wood-Barcalow; Tylka, 2015).

Já a imagem corporal negativa é marcada pelo desgosto profundo com o corpo, como se o sujeito estivesse em constante insatisfação com a forma e as dimensões corporais, podendo desencadear, de forma frequente, sentimentos, crenças e comportamentos negativos relacionados ao corpo. Este quadro pode originar diversos problemas psicológicos, tais como baixa autoestima, depressão e transtornos alimentares (Cash; Smolak, 2011; Stice et al., 2000).

Para o presente estudo, espera-se ouvir dos adolescentes pontos relacionados à imagem corporal positiva ou negativa, que influenciem na escolha de suas respectivas aparências, uma vez que tanto a imagem corporal positiva quanto a negativa estão relacionadas a fatores individuais da personalidade de cada pessoa e como reagem aos estímulos e vivências, fatores relacionados à personalidade de traço e de estado de cada um.

A personalidade de traço se relaciona às características intrínsecas do ser humano, que formam a personalidade de cada um, enquanto a personalidade de estado se refere àquelas características que se modificam constantemente ao longo da vida (Dionne; Davis, 2012; Allen; Walter, 2016). Em cada sujeito, tanto a personalidade de traço como a de estado se associam com suas características genuínas e peculiares de se relacionar com o mundo.

Nessa perspectiva, Thompson et al. (1999) define que um dos componentes da Imagem Corporal é a insatisfação, que pode estar vinculada às características corporais mencionadas acima, definidos como aspectos específicos da aparência (Thompson et al., 1999). Entende-se que os aspectos específicos da aparência se fazem presentes nas atitudes, crenças e pensamentos a respeito de uma imagem corporal, mais especificamente à insatisfação corporal, a partir de um corpo e uma aparência, ambos manipulados a todo o momento, em busca de uma aparência ideal, muitas vezes mutável e inalcançável (Thompson et al., 1999).

Como forma de buscar a satisfação corporal, mudanças corporais em diferentes esferas têm sido uma escolha de pessoas, principalmente adolescentes e jovens, para estarem satisfeitas com sua aparência e alcançarem uma imagem corporal positiva. Mudanças como cor do cabelo, procedimentos estéticos, colocação de piercings e a realização de tatuagens podem ser destacadas como mecanismos de mudança corporal (Vilar, 2012; Macedo; Almeida, 2019; Schaly et al., 2022). Essas mudanças corporais, principalmente na população supracitada, serão apresentadas no tópico a seguir. Mas, de antemão, é importante destacar que estas mudanças devem ser consideradas com cautela, dadas as especificidades dessa população.

5.2. Imagem Corporal e Adolescência: O Corpo que transborda

A adolescência é uma etapa da vida inerente a todo ser humano, sendo esta um estágio de transição no desenvolvimento para a vida adulta que apresenta muitas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais significativas. Esse período, atualmente, é caracterizado por preocupações crescentes com a imagem corporal, devido a pressões externas de pares e familiares, e essas preocupações são reforçadas pela mídia de massa e estereótipos sociais sobre a forma corporal ideal, sendo estes comportamentos marcas do tempo histórico e cultural, em constante modificação.

O termo adolescente, advindo do latim *adolescere* (crescer), significa, etimologicamente, aquele que se dirige para a perfeição, que amadurece e carrega um significado mais psicológico, incluindo o biológico. Contudo, pode-se considerar que a adolescência seja um período de transição repleto de vivências e de potencialidades que trazem indagações sobre como os adolescentes compreendem a si mesmos e como são compreendidos pelos outros. Sofrem pressões sobre a vida adulta, a busca da identidade e a emergência da escolha da carreira (Tardeli, Arantes, 2021).

A adolescência, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é o período da vida entre 10 a 19 anos, podendo ainda ser subdividida em 3 etapas: pré-adolescência, dos 10 aos 14 anos, adolescência dos 15 aos 19 anos e juventude dos 15 aos 24 anos.

Importa destacar que, para o presente estudo, serão adotados a fase da adolescência, compreendida entre os 15 e 19 anos, e o termo adolescente para se referir ao grupo pertencente a esta etapa de desenvolvimento, tendo em vista que é durante a fase da adolescência que ocorre as mais diversas mudanças físicas e hormonais, tais como o aceleração do crescimento físico

e o desenvolvimento das características sexuais. É um período em que o próprio indivíduo passa a não reconhecer seu próprio corpo (Eisenstein, 2005).

Sendo assim, a adolescência é um período de transição de vida marcado por substanciais mudanças físicas, comportamentais, cognitivas e emocionais, sinalizado por uma fase de considerável pressão social (Scarpati, Gomes, 2021). Esta transição, entre a infância e a vida adulta, é caracterizada pelo forte amadurecimento em todos os aspectos da vida, desde o físico e sexual, até o emocional, mental e social. Este período é finalizado pela definição da personalidade do indivíduo, além de iniciar a obtenção de independência e interação em grupos sociais (Scarpati, Gomes, 2021).

Se a infância é uma construção, a adolescência consiste em um remanejamento radical de tudo o que sustentava, até aí, o sentido da existência, das identificações fundamentais, do laço com o outro, dos limites do corpo, da identidade sexual, etc. Neste período, os hormônios intensificam as emoções, o que pode dificultar ainda mais este processo de mudança. É comum o surgimento de mudanças comportamentais, rebeldias, afastamento, além da busca por aceitação em grupos sociais (Scarpati, Gomes, 2021; Pérez, Cysne, 2022; Teperman, Garrafa, Laconelli, 2022).

Ao observar um adolescente, não é raro encontrar beleza e desenvoltura, mas também, alguns quilos a mais ou a menos, tatuagens, espinhas e *piercings*. A verdade é que por trás dos bonés, brincos, cabelos *pinks* ou *punks* extravagantes, roupas apertadas ou gigantes, *dark* ou *sweet*, abrigam-se as respostas mais diversificadas ao drama/trauma da estrutura do ser humano (Teperman, Garrafa, Laconelli, 2022). Assim, as mudanças corporais durante a adolescência não passam despercebidas, ocasionando implicações importantes para a autoestima, imagem corporal e ajustes psicossociais dos jovens (Teperman, Garrafa, Laconelli, 2022).

A adolescência é um período delicado da vida em que todos enfrentam mudanças físicas e psicológicas (Pérez, Cysne, 2022) e a partir desse período, basicamente durante o ensino médio, a maioria dos alunos enfrentam mudanças físicas e psicológicas. Essas mudanças se dão, principalmente, pela puberdade, que se relaciona diretamente a essas mudanças hormonais e físicas, além do surgimento das características sexuais de cada adolescente, sendo divididas em pré-puberdade, puberdade e pós-puberdade (Eisenstein, 2005).

A pré-puberdade é descrita como a oscilação de emoções, como amor e ódio, e a confusão de sentimentos, há uma busca de proximidade com adultos. A puberdade é representada como a maturação dos órgãos reprodutores. A pós-puberdade é caracterizada pelas mudanças psicossociais, ou seja, não há necessidade intrínseca de ajuda adulta, há um

estabelecimento próprio nas relações, as responsabilidades são cumpridas e inicia-se a escolha pela carreira profissional (Martins, 2014).

5.3 Imagem Corporal e Adolescência

Existem vários fatores biológicos que influenciam o risco de distúrbio da imagem corporal na adolescência, como por exemplo: idade, sexo, a própria puberdade e a composição corporal de cada indivíduo. Apesar dos fatores, o fato é que todos os adolescentes merecem especial atenção, por se tratarem de pessoas diferentes, que internalizam suas vivências de maneiras também distintas (Nunes, 2023).

As mudanças de desenvolvimento na imagem corporal são moderadas pelo gênero, com estudos mostrando consistentemente que as meninas adolescentes experimentam reduções mais acentuadas na satisfação corporal e níveis mais altos de preocupações com a imagem corporal em comparação com os meninos (Frisén, et al, 2015; Jesus, 2022; Laurindo, et al, 2022).

Para as meninas, a puberdade aumenta em tecido adiposo, massa muscular e altura, mudanças que vão contra o ideal de corpo feminino magro, enquanto aumentos significativos em massa muscular e a altura aproximam os meninos dos padrões masculinos do corpo ideal (Stice, 2000). Consequentemente, tem sido argumentado que o desenvolvimento puberal pode amplificar as diferenças de imagem corporal entre meninas e meninos, e que as crianças que se percebem como “fora de sincronia” em comparação com seus pares estão em maior risco de desenvolver preocupações com a imagem corporal (Teperman, Garrafa, Laconelli, 2022).

Os acontecimentos de corpo são reais e transbordam dos semblantes imaginários e simbólicos e, muitas vezes, o despertar pode ser representar um transtorno. Assim, os adolescentes de hoje devem apresentar-se a si mesmo, inventando seus próprios rituais de maneiras escandalosas, mas tão quanto silenciosas (Teperman, Garrafa, Laconelli, 2022).

As rápidas mudanças morfológicas e psicossociais que ocorrem nesse período influenciam muito a percepção corporal de cada adolescente (De Oliveira, et al, 2023; De Pinho, et al, 2019). A adolescência representa uma fase crítica no desenvolvimento da imagem corporal positiva ou negativa (Voelker, et al, 2015), pois é nesta fase que ocorrem mudanças rápidas, principalmente na forma e no peso corporal devido à puberdade, e pelos adolescentes interagirem em contextos socioculturais, as percepções da própria imagem corporal, bem como também da imagem corporal das outras pessoas são influenciadas (Voelker, et al, 2015).

O contexto sociocultural influencia de forma significativa a forma como os adolescentes percebem seus corpos. A influência dos ideais corporais interage com o período

crítico da adolescência, caracterizado por modificações físicas rápidas e diversificadas que incluem mudanças nas características sexuais primárias e secundárias, forma, tamanho e composição corporal (Gualdi-Russo, Rinaldo, 2022).

As principais influências sobre a imagem corporal na adolescência incluem a mídia, principalmente voltada aos adolescentes, e os colegas, que contribuem para as crenças corporais ideais percebidas. Especialmente, a mídia pode levar os adolescentes a internalizarem os ideais de aparência e beleza, levando à insatisfação corporal quando esses padrões, para os adolescentes em questão, não são alcançados (Gualdi-Russo, Rinaldo, 2022).

Nesta busca pelos ideais estéticos impostos, muitos adolescentes recorrem a dietas muito restritivas, exercícios físicos exagerados, uso de diuréticos e laxantes, anabolizantes, além da busca por cirurgias plásticas estéticas desnecessárias. Tais comportamentos podem estar na linha de desencadear transtornos alimentares como anorexia nervosa, bulimia e compulsão alimentar, além, até mesmo, de transtornos de esfera psicológica como ansiedade, fobia social, depressão, etc., que podem comprometer gravemente a saúde dos jovens (Carvalho, et al, 2020)

5. 4. Influências na Imagem Corporal de Adolescentes: De onde vem essa moda?

Acredita-se que um fator determinante para as influências da Imagem Corporal seja a comparação social, uma das teorias socioculturais da imagem corporal (Thompson, et al, 1999). Fatores socioculturais, como a mídia, o tipo de relação estabelecida entre membros da família e a influência dos grupos de convívio, como amigos e parceiros, podem interferir na relação do jovem com sua imagem corporal (Gondoli, et al, 2011; Rodgers, et al, 2011; Rodgers, et al, 2018).

Pertinente às teorias socioculturais da imagem corporal (THOMPSON et al., 1999), a comparação social se refere à avaliação pessoal a partir da comparação com os outros. Trata-se de um processo de avaliação corporal de acordo com a coleta de informações sobre o outro, destacando atributos e expectativas altamente valorizados, a fim de fazer um julgamento sobre a própria aparência (Festinger, 1954; Smolak, Murnen, Thompson 2005).

Esta comparação social pode ocorrer tanto de forma proximal, através de pais, pares (e mais recentemente, parceiros), como também de forma distal, através da influência da mídia sobre os padrões de beleza. Ambas as formas são perigosas à imagem corporal e tendem ao aumento da insatisfação a partir dessas comparações, além de sugerir o aumento do afeto

negativo e comportamentos alimentares desordenados (Leahey Crowther, Irwin, 2008; Leahey et al. 2011; Ridolfi et al., 2011).

Existem, basicamente, dois tipos principais de comparação social, ascendente e descendente. A primeira ocorre quando há a comparação com outras pessoas consideradas melhores do que a pessoa que realizou a comparação. Já a comparação descendente pode ser observada quando as pessoas se comparam àquelas que são consideradas inferiores a elas. As comparações ascendentes e descendentes têm pontos fortes e fracos, e podem estar relacionadas a diferentes aspectos, como por exemplo, as comparações de aparência (Liu, Wu, Li, 2019; Taylor, 2020).

Uma das teorias que explica essa influência sociocultural é o chamado *Tripartite Influence Model* ou mesmo modelo de comparação social, proposto por Thompson *et al.* (1999). Este modelo é composto por três fontes primárias de influência, já mencionadas anteriormente: os pais, os pares, ou também os amigos, e a mídia. Essas fontes destacadas influenciam a construção da imagem corporal por meio de dois mecanismos principais: a comparação da aparência e a internalização do ideal de magreza (Amaral, et al, 2014). Essa comparação apresenta um impacto indireto através de duas variáveis: internalização acerca do tipo de corpo ideal, imposto socialmente e comparação de aparência.

Mais recentemente, com o avanço dos estudos acerca deste modelo de comparação social, foi possível observar que os parceiros românticos eram integrados como uma nova e diferente fonte de pressão, além dos pais, pares (amigos) e mídia. Assim, se fez necessário a criação de uma modelo de influência quadripartite, onde um quarto fator foi incluído ao modelo de comparação, relacionado a outras pessoas significantes para as influências socioculturais, como pessoas que podem influenciar na maneira como o indivíduo se sente representado, como por exemplo, parceiros amorosos e até mesmo professores(as) no ambiente escolar (Tylka 2011; Schaefer, et al, 2017).

Estudos prévios da literatura apontam que os pais desempenham um papel importante ao impactar a imagem corporal dos filhos (Field et al., 2001, Rogers et al., 2019). Além disso, autores ainda detalham que a influência dos pais pode ser direta, como comentários explicitamente feitos sobre peso ou forma do corpo, como também indireta, através de comentários que impliquem insatisfação dos pais com os comportamentos alimentares do filho (Liu, Wu, Li, 2019). Somado a isso, os pares e a mídia também representam importante papel nas comparações sociais realizadas entre as pessoas (Schaefer et al., 2015). A influência das relações sociais e da mídia na formação da imagem corporal tem sido fortemente associada à insatisfação com a aparência das pessoas (Ferreira, Castro, Morgado, 2014).

Nesta perspectiva, ao trazer a ótica da teoria de comparação social especificamente para o contexto dos adolescentes, é possível observar que os modelos tripartite e quadripartite (Thompson, et al, 1999; Tylka, 2011) se aplicam a este grupo, pois segundo Calligaris (2000), no período da adolescência, vivencia-se uma ambiguidade de sentimentos, como tristeza, raiva, desprezo e rebeldia. Segundo o mesmo autor, o adolescente, de modo geral, é o sujeito que foi treinado e instruído por diferentes caminhos conforme os princípios da comunidade, tendo como principais influências para esse processo, a escola, os pais e a mídia.

As transformações vivenciadas no período da adolescência, como a perda do corpo infantil e a reestruturação corporal podem trazer sofrimento ao adolescente na busca pela aceitação social, gerando preocupações com a imagem corporal, a forma como se apresenta no mundo e se relaciona com as pessoas, o corpo que tem e como ele é reconhecido no grupo em que está inserido. Diante destas preocupações, a influência sociocultural das mídias e do mercado de consumo, ligada à indústria do corpo, define o padrão de beleza ideal (Lira, Ganen, Lodi, 2017).

Logo, no período da adolescência é imperativa a construção de uma identidade, que por sua vez é influenciada pelo grupo social e por valores culturais da sociedade contemporânea. Associa-se ainda a influência da mídia, que oferece recursos simbólicos para a construção de padrões sociais, influenciando as identidades individuais e sociais (Oliveira, 2017).

As mídias sociais e seus respectivos conteúdos, por sua vez, ocupam espaço de influência, apresentando mensagens em torno do que é ser “belo” e o que é ser “feio”, promovendo, a partir disso, a generalização de padrões errôneos e distorcidos sobre o corpo. Logo, a construção da beleza na adolescência se dá não apenas por essa construção corporal, mas também por uma construção psicológica da personalidade, da estética do belo e do feio. O discurso da moda atravessa substancialmente essa construção. Dessa forma, é possível pensar não apenas no corpo da moda, mas na moda que está no corpo. É preciso compreender, então, que os elementos da moda constituem a estética do belo e do feio e passam pela construção do corpo e da sociabilidade adolescente (Souza, 2018).

O poder midiático em influenciar escolhas acarreta custos altos e riscos à saúde, principalmente pela apresentação de um modelo corporal irreal e ilusório (Del Ciampo, Del Ciampo, 2010). Prova disso é o aumento pela procura de cirurgias plásticas também entre os adolescentes. Na busca pelo corpo perfeito ou idealizado, o Brasil lidera o *ranking* de cirurgias plásticas em adolescentes. Nos últimos 10 anos, conforme dados apresentados pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, houve um crescimento de 141% de cirurgias plásticas realizadas em adolescentes de 13 a 18 anos. Os principais motivos para a realização de procedimentos

relacionados a cirurgias plásticas, corresponde à busca pela melhora da autoestima, e faz referência também ao *bullying*, pois uma mudança na aparência física, naquilo que incomoda ou causa desconforto no próprio corpo, pode relacionar-se a uma falsa ideia de aceitação dos pares. Todavia, a realização de qualquer método cirúrgico em adolescentes deve ser concedida pelos pais ou responsáveis (Matos, Oliveira, 2022).

Falar dos fatos supracitados traz luz a reflexões acerca das mudanças socioculturais implementadas a partir das redes sociais, tendo em vista que, num corte temporal recente, a partir do novo meio de convivência possibilitado pela mídia, modelos e padrões corporais são divulgados em larga escala, assim como os padrões de comportamento, a felicidade exposta na totalidade do tempo e a divulgação apenas do sucesso e coisas boas da vida, de modo que, diante da mídia, não existe mais tristeza, problemas e derrotas. Assim, as mídias se tornaram, nos dias atuais, veículos de adoecimento e pressão extrema para os indivíduos que se alimentam de suas informações, na expectativa de alcançarem a vida perfeita mostrada diante dos olhos, na palma da mão. Assim, há de se ter uma clara preocupação com os adolescentes, por se tratar de um grupo com alto índice de consumo desses conteúdos, tornando-os mais vulneráveis pelo período de dúvidas, descobertas e transformações que estão vivendo, somando ao risco de solidão e sensação de não pertencimento que enfrentam, que podem ser potencializados a partir das informações midiáticas que os atacam (Sibilia, 2010).

Para tanto, é importante considerar a maneira como os adolescentes se expressam para o mundo, sendo necessário considerar suas roupas e estilos, de forma que, assim o escolhem, muitas vezes, por gosto pessoal, mas por vezes, também, para serem aceitos em determinados grupos.

Sabe-se que a transição da fase infantil para a adolescência é marcada pelo desejo de escolher as próprias roupas e acessórios, buscando novos espaços e vínculos, nos quais se sintam acolhidos e identificados. As oscilações da identidade estão relacionadas às diferentes escolhas entre meninas e meninos (Aberastury, Knobel, 1970, p. 9).

Assim, a forma como o corpo é moldado se dá também pelos modos de se vestir do adolescente. Assim, a maneira de vestir-se permite a identificação dos indivíduos como filiados a determinados grupos. É possível, então, identificar-se com esta ou aquela tendência, com este ou aquele grupo pelas escolhas de roupa, sapato, estilos de música. Assim, na adolescência, formam-se os grupos por essas identificações, o que permite, então, a normatização do grupo das ditas patricinhas, de *nerds*, de rockeiros, de skatistas, de emos, entre outros (Souza, 2018).

A estética da beleza está associada ao estilo de determinado grupo. Vale ressaltar que essas escolhas não são homogêneas e não obedecem a regularidades estanques. Nesse sentido,

elementos que tendem a caracterizar determinados grupos vão sendo captados por outros grupos, de acordo com as tendências da moda. Além disso, os adolescentes que se identificam com determinados grupos podem ser inseridos em outros, constituindo outras identidades (Souza, 2018).

A velocidade do movimento, o bombardeio rápido das mensagens e a alternância das imagens, o progresso das ciências e tecnologias, o crescimento da produtividade e o consumo exacerbado de tudo, contribuem para acelerar a vida e gerar um sentimento profundo de que tudo é provisório, é fugaz. Assim, as influências acerca da imagem corporal dos adolescentes podem ser diversas, isoladas ou coletivas, sofrendo diferentes modificações a cada ambiente e necessidade. Com isso, o adolescente desfruta de todas as liberdades da vida adulta, mas é poupado de quase todas as responsabilidades de tal (Kehl, 2007).

Prova disso são as características corporais individuais de cada adolescente, que escolhem marcar seus corpos com *piercings* e tatuagens, por exemplo, assunto que será abordado no próximo capítulo.

5.5. Adolescência e Marcas corporais: Mensagens da aparência na onda dos piercings, tattoos e cabelos coloridos

Body Modification, ou modificação corporal, é um conceito usado para designar as modificações corporais executadas das mais diversas formas, usando desde produtos químicos até intervenções cirúrgicas. Apresenta uma nova realidade relacionada ao corpo, uma vez que este representa também interferências culturais e atualmente está em constante (e em alguns casos radicais) transformações (Pires, 2003).

A modificação corporal, de forma geral, materializa no corpo silhuetas que anteriormente não possuíam matéria própria e que só existiam em histórias em quadrinhos, fantasias e filmes de ficção. Este fato se dá, principalmente, devido aos códigos passados através da visão, principal forma como a maioria dos indivíduos percebe o outro, pois, assim que a imagem do outro é captada, esta é analisada e codificada conforme os elementos socioculturais que cada pessoa possui. Esse processo gera, a princípio, uma sensação quase imediata, que a depender da qualidade e intensidade desta sensação, gera uma elaboração racional do indivíduo, codificando seu modo de ser e estar no mundo (Pires, 2003; Ferreira, 2019).

Atualmente, os adeptos às modificações corporais são divididos em dois grandes grupos: O primeiro, formado por pessoas que buscam se aproximar o máximo possível de

padrões de beleza impostos pela sociedade em geral, de acordo com a época em que vivem. As pessoas pertencentes a este grupo são incentivadas a fazer uso de práticas para moldarem o corpo, como dietas, musculação e cirurgias plásticas. Já o segundo grupo, é formado por pessoas que utilizam formas e elementos que não possuem relação com a estrutura pré-existente do corpo humano, sendo incluídas as práticas de *piercing*, implante estético e tatuagem (Ferreira, 2019).

Este último grupo, adepto aos *piercings* e tatuagens, por exemplo, são divididos em outros dois grupos: Seguidores da moda e compartilhadores de ideias e ideais acerca da modificação corporal. Os seguidores da moda são formados, em sua maioria, por jovens que veem as alterações corporais como um requisito estético necessário para se inserirem no contexto urbano atual e serem socialmente aceitos. Já o grupo de compartilhamento de ideias e ideais conta com pessoas que, na maioria das vezes, possuem mais de um tipo de intervenção corporal, as quais podem ou não estar em regiões do corpo expostas cotidianamente. Neste caso, as intervenções corporais são feitas de forma crescente e contínua (Ferreira, 2019).

O hábito de marcar o corpo acompanha a humanidade desde as mais antigas civilizações (Muldoon, 1997). Ao longo da História, representou diferentes significados: de símbolos religiosos a signos de segmentação social (Braverman, 2006). No Ocidente, foi marca de tribos urbanas: punks, surfistas e motoqueiros. Atualmente, as marcas corporais ganharam as ruas, estampadas ou fincadas na pele de adolescentes e jovens dos mais diversos grupos sociais (Carrol, et al., 2002; Caroni, Grossman, 2012; Kertzman, et al., 2019).

Groz (1994) sugeriu que a modificação corporal representa uma forma de modificação social e pessoal. Essa afirmação pode ser observada ainda em estudos atuais, onde autores afirmam que a modificação da aparência externa é uma característica humana universal que inclui tanto roupas, penteados, joias e outros acessórios, quanto a "*body art*", que inclui tatuagens e *piercings* (Perez-Cotapos, Cossio, 2006). Estas últimas são modificações corporais temporárias ou permanentes, cuja frequência tem aumentado na sociedade ocidental nas últimas décadas (Armstrong, et al., 2004; Kertzman, et al., 2019).

O primeiro registro literário da tatuagem foi em 1769. Trata-se do relato do navegador inglês James Cook sobre o que viu ao chegar ao Taiti, na Polinésia. Os nativos usavam uma finíssima espinha de peixe, ou ossos de passarinho, para perfurar a pele e injetar um pigmento feito à base de carvão e ferrugem. Surge daí também a palavra *tattoo*, do taitiano, que quer dizer desenho na pele (Pereira, Torres, Almeida, 2003).

Tatuagens de diferentes tamanhos e diferentes formas são comumente encontradas. Algumas ainda timidamente escapando sob as mangas das camisas, outras

escancaradas sob a luz dos olhos de quem quisesse apreciá-las, ou repudiá-las. Homens e mulheres, jovens e velhos marcam em sua pele suas experiências, seus hobbies, suas convicções, suas paixões, seus amores, sua fé. Muitas são as motivações para inserir na pele a tatuagem (Souza, 2015, p. 7).

A tatuagem, enquanto expressão individual, também identifica na pele dos indivíduos conexões com o grupo a que este pertence. O indivíduo expressa, ao mesmo tempo, tanto sua individualidade, demonstrando seus gostos pessoais, como o pertencimento a um grupo. Autores afirmam que as feituas de tatuagem eram, em certa medida, portadoras de traços biográficos do sujeito, de significados importantes e diziam de sua história singular. As escolhas não eram gratuitas; estavam intimamente relacionadas ao momento experienciado pelo sujeito quando as fez. Os sentidos atribuídos às tatuagens são diversos e nem todas as pessoas apresentam uma clareza quanto à motivação e o que desejam representar. Apesar disso, pode-se observar que há uma reivindicação de experiência tátil e sensorial das vivências. Há uma busca pela realidade corpórea dos acontecimentos. É preciso sentir literalmente na pele (Rodríguez, Carreiro, 2014; Cardoso, 2018).

Existem leis, entretanto, que proíbem menores de idade a realizarem tatuagens e sentirem na pele essa experiência (Breuner, Levine, 2017). No Rio de Janeiro, em específico, a Lei nº 4388 de 28 de Agosto de 2006 é a responsável pela necessidade de autorização assinada dos responsáveis para a realização de tatuagens permanentes em menores de 18 anos (Rio De Janeiro, 2006).

Apesar disso, dados claros sobre a frequência com que menores de idade fazem tatuagens ou *piercings* não estão disponibilizados na literatura prévia. Por isso, tem sido um desafio para os estados acompanhar as novas formas de arte corporal (National Conference Of State Legislatures, 2020).

Piercings podem ser definidos como a penetração ou perfuração de joias em aberturas feitas em áreas do corpo como sobrancelhas, lábios, línguas, nariz, mamilos ou genitais (STIRN, 2003) e surge do verbo “perfurar”, sendo um procedimento deliberado e semipermanente. Paralelamente às tatuagens, a popularidade dos *piercings* vem aumentando, especialmente entre adolescentes e adultos jovens. Isso está associado à cultura do mercantilismo difundido pela mídia (Hennequin-Hoenderdos, Slot, Van Der Weijden, 2012).

A classificação do *piercing* é baseada no local do corpo em que a joia é colocada, e geralmente é categorizado como visível e não visível (íntimo). A taxa de aplicação de *piercings* em orelha em idades de 12 a 22 anos varia de 27% e 42% do total de aplicação de *piercings*, com taxas de aplicação mais altas entre meninas adolescentes (CARROL, et al., 2002; BROOKS, et al, 2003). Outros estudos acerca da aplicação dos *piercings* apresentam a seguinte

frequência de aplicação: 53% dos *piercings* são colocados na cartilagem da orelha alta, 38% no umbigo, 13% na língua e 9% em locais íntimos (Mayers, et al., 2002; Mayers, Chiffriller, 2008).

O piercing se popularizou depois da Carla Perez, ela colocou o piercing e apareceu na TV, aí que expandiu o piercing no umbigo mesmo. Isso já vinha no Brasil de muito tempo, mas ninguém via, não era mostrado na TV. Quem foi a primeira pessoa que mostrou isso? Foi ela, mostrou na Globo, um dos canais que a maioria da população assiste. Tudo que se vê na TV, os outros querem usar. A Globo ajudou muito a tatuagem também (Souza, 2015, p. 11)

Investigações mostram que a aplicação de *piercings* e a realização de tatuagens guarda uma relação estreita com a vivência de adolescentes e jovens de como se tornar adulto no mundo de hoje, de como ser reconhecido como jovem com uma identidade singular e diferente entre eles e, além disso, com uma identidade distinta da herdada pelos próprios pais. Cada parte do corpo em que se coloca um *piercing* ou uma tatuagem está enviando uma mensagem sobre a história de vida de quem o leva e o grupo ao qual pertence (Cossio, et al., 2012; Kertzman, et al., 2019).

A motivação para buscar a *body art* pode ser multifatorial, incluindo embelezamento, individualidade, narrativas pessoais, resistência, afiliação de grupo, moda, resistência, espiritualidade/cultura, vícios, desejo/gratificação ou nenhuma razão específica (Wohlrab, Stahl, Kappeler, 2007; Majori, et al., 2013; Kertzman, et al., 2019).

Existem poucos estudos que enfocam as motivações de quem faz tatuagem, aplica *piercings*, utilizam cabelos coloridos e/ou adotam um estilo alternativo, principalmente que englobem o grupo adolescente. Mas quase todos concordam em alguns pontos como possíveis justificativas, a saber: Beleza, arte e moda, gerando individualidade; Histórias pessoais; Resistência física como prova de superação do próprio limiar de dor; Protesto e rebeldia; Espiritualidade ou tradição cultural; Motivações sexuais; E, sem motivos específicos (Wohlrab, Stahl, Kappeler, 2007; Tiggemann, Golder, 2006; Desai, Breuner, 2022).

Apesar da crescente popularidade dos adornos corporais, pouco se sabe sobre os motivos por trás da aquisição de tais marcadores corporais. Não é de surpreender que o interesse nas perspectivas psicológicas do comportamento dos jovens relacionados às tatuagens, *piercings*, cabelos coloridos, e demais costumes tenha aumentado nos últimos anos, talvez pelo fato de gostarem do jeito que fica o seu novo visual ou pelo fato de que querem dar voz à expressão (Tigeman, Golder 2006; Swami, 2012; Swami, et al., 2016; Kertzman, et al., 2019).

As concepções e as representações do corpo, bem como a beleza, sofreram transformações ao longo da história em cada sociedade, associadas às mudanças socioeconômicas e culturais. Assim, conhecer como determinado grupo pensa e concebe o corpo pode contribuir para compreender a hegemonia de uma estética corporal, como também

esclarecer a amplitude dos significados relativos ao próprio corpo (Sanches, Gilioli, Galuch, 2022).

O corpo tatuado, com *piercings*, os implantes subcutâneos, as cicatrizes produzidas em alto-relevo, os diferentes cortes de cabelo, as roupas e os acessórios fazem parte do visual do jovem que quer afirmar a sua identidade e encontra no corpo um “meio de expressão do eu” e uma ferramenta de singularidade (Conti, Frutuoso, Gambardella, 2005; Le Breton, 2008).

Para tanto, a possibilidade de entender como se dá o desenvolvimento da Imagem Corporal de adolescentes, mais especificamente, os aspectos específicos da aparência, permitirá aos pesquisadores identificar, relatar e aplicar experiências e contextos que promovem e/ou estão associados a uma relação positiva com o corpo na faixa etária em questão, tornando-se fundamental o estudo de forma profunda e cuidadosa acerca dos aspectos relacionados à imagem corporal de adolescentes e jovens.

5.6. Imagem Corporal e Educação Física: O Corpo que Transborda com Marcas Corporais na Prática

A Educação Física é uma disciplina escolar essencial dentro da sociedade contemporânea devido ao seu potencial para promover o bem-estar físico, psicológico e social de crianças e adolescentes (Soares, et al., 1992; Bezerra, Furtado, 2021).

Entende-se a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, capacitando-o para usufruir os jogos, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (LDB, 1996). Além disso, a educação física tem um potencial significativo para moldar como os jovens experimentam seus próprios corpos e os dos outros (Azzarito; Katzew, 2010; Kerner, Haerens, Kirk, 2018).

No Brasil, a Educação Física é obrigatória para todos os alunos, do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio. O currículo para escola obrigatória enfatiza a importância de experiências positivas em Educação Física para o desenvolvimento de um estilo de vida saudável dos alunos em todo o ciclo de vida (Brasil, 1996).

Atualmente, Educação Física Escolar possui norte na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo este um documento amplo e atual, e que, por sua vez, abarca todas as disciplinas ministradas nas instituições de Ensino Fundamental e Médio. A proposição da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) possui como primeiro marco legal a própria Constituição

Federal de 1988 (Brasil, 1988), que ressalta a garantia do padrão de qualidade do ensino, que, oferecido em qualquer lugar do país, deve proporcionar a todo estudante o mesmo nível de formação. O Art. 210 faz referência a conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental no sentido de assegurar uma formação básica comum (Brasil, 2018).

A BNCC (Brasil, 2018) é um conjunto de orientações criado para nortear os currículos das escolas, redes públicas e privadas de ensino de todo o Brasil. Ele apresenta competências gerais – que os alunos devem desenvolver em todas as áreas – e competências específicas – de cada área e respectivos componentes curriculares. Além disso, há a indicação de conteúdos que os alunos devem aprender e habilidades a serem desenvolvidas em cada etapa da Educação Básica, da Educação Infantil ao Ensino Médio. A progressão e sequenciamento dos conteúdos e habilidades de cada componente curricular é proposta para todos os anos da Educação Básica (Brasil, 2018).

A Educação Física na BNCC compõe a área de linguagens (Rodrigues, 2016; Santos; Fuzii, 2019), responsável por proporcionar diversas formas de comunicação aos alunos enquanto sujeitos sociais, seja verbal, corporal, visual, sonora ou digital (Neto; Dias; Santo, 2021; Neira, 2018; Souza et al., 2019).

A Educação Física pode ser compreendida a partir da BNCC como um componente curricular que tematiza as práticas corporais nas suas mais variadas formas, permeadas por uma construção sociocultural. Ao considerar a linguagem do corpo a principal manifestação expressiva do sujeito (Le Breton, 2012), esse componente curricular oportuniza ao aluno exprimir e (re)criar sentidos e significados por meio do movimento. Dentre os conteúdos norteadores destacados na BNCC para a Educação Física, pode-se destacar a dança, os jogos eletrônicos e os esportes, além de pontos pedagógicos, como avaliação e currículo, separados em cada ano escolar (Brasil, 2018).

As percepções dos alunos sobre a educação física são polarizadas. Para alguns alunos, a Educação Física é uma das disciplinas escolares mais agradáveis. Em contrapartida, a Educação Física também é uma das disciplinas mais odiadas (Larsson, Quennerstedt, 2016), e muitos alunos relatam ter experiências negativas com a Educação Física (Cairney, et al., 2012; Vasconcellos, Ferreira, 2019).

Assim, há uma necessidade em mudar o cenário educacional, cujo currículo muitas vezes não aborda questões psicológicas do ser adolescente, tratando-o apenas como o ser biológico. A curiosidade dos jovens e adolescentes em relação às mudanças corporais impulsiona o desejo de pertencer a algum lugar, e a escola se torna um lugar de aceitação (Melo, Melo, 2016).

Neste sentido, estudos apontam que a diminuição do envolvimento nas aulas de educação física ocorre simultaneamente com mudanças de desenvolvimento associadas à adolescência, incluindo desenvolvimento puberal e alterações na imagem corporal (Porto, 2022; Melo, 2022; Lehn, De Araújo Vireira, 2022). Para tanto, entender esse fenômeno se faz importante principalmente para a Educação Física, uma vez que o corpo é o principal objeto de estudo desta área, estando em constante evidência. Segundo Bracht (1999), é importante entender o objeto da Educação Física, o movimentar-se humano, não mais como algo biológico, mecânico ou mesmo apenas na sua dimensão psicológica, e sim como fenômeno histórico-cultural, devendo ser a cultura do movimento uma práxis de libertação na formação do ser social em humanização (Bracht, 1992).

Existem várias revisões relativamente recentes sobre tópicos relacionados à imagem corporal em educação física. Kerner, Haerens, Kirk (2018), por exemplo, enfocam os distúrbios da imagem corporal na educação física a partir de uma perspectiva psicológica. Sabiston, Gilchrist, J, Brunet (2019) discutem a imagem corporal no contexto da atividade física e do esporte. Enquanto Aartun, et al., (2022) trazem os aspectos pedagógicos acerca da imagem corporal em geral.

Assim, é nas aulas de Educação Física que podem emergir as possibilidades de debates relacionados ao corpo e à construção da Imagem Corporal (Bittencourt, Bassalo, 2021). Sendo possível, nas aulas de Educação Física, devemos compreender que a expressão corporal como linguagem, expressa em atividades corporais na forma de jogos, esportes, lutas, danças e outras experiências corporais, deve também fazer parte do currículo escolar (Bezzerra, Furtado, 2021).

Considerando a estrutura educacional e sua importância para a formação global do aluno, as aulas de Educação Física se apresentam como um espaço importante de conhecimento do corpo e suas questões, uma vez que se trata de aulas diferentes das demais disciplinas, onde os alunos têm a possibilidade de aprender através do movimento e expressão corporal. Além disso, é neste campo que os debates sobre as temáticas da Imagem Corporal encontram espaço para emergirem, devido às individualidades desta área, que permite a abordagem de conteúdos mais amplos e diferenciados, para além dos métodos tradicionais de ensino e do currículo básico da educação (Bezzerra, Furtado, 2021).

Assim, o ambiente escolar pode configurar um ambiente favorável para o compartilhamento de variadas ideias e questões entre amigos, pois as escolas de educação básica, incluindo as escolas de Ensino Médio, configuram-se como um espaço propício para difusão e articulação de ideais sobre a imagem corporal em sua forma mais ampla, bem como para compartilhamento de anseios e inquietações em relação ao corpo.

6. MÉTODO

6. 1. Modelo do estudo

Trata-se de uma proposta de investigação qualitativa, de corte transversal. O projeto foi realizado a partir de grupos focais para identificar o desenvolvimento da Imagem Corporal em adolescentes, bem como as mensagens passadas pelos aspectos específicos da aparência.

Para que os objetivos desta pesquisa fossem atingidos, foi utilizada uma metodologia qualitativa, de corte transversal e descritiva por meio de grupo focal. Pesquisas do tipo qualitativas tornam-se mais adequadas e necessárias quando, segundo Liamputtong (2023), o estudo associa-se a questões de “como e/ou porque”, assim como quando existe uma escassez na literatura quanto ao conteúdo em questão e há a necessidade de se examinar fenômenos sobre os quais tentam gerar uma teoria.

Estudos qualitativos requerem métodos rigorosos de coleta e análise de dados para garantir que seus resultados sejam fidedignos. Tal metodologia já é realidade no meio acadêmico, e vem se consolidando cada vez mais em diferentes áreas. Quando se objetiva entender os signos, significados e a interpretação de um fenômeno a partir da perspectiva de uma população específica, são necessárias abordagens qualitativas para responder a tais anseios, pois os fenômenos serão analisados e os números não são suficientes para compreendê-los e tampouco explicá-los.

Por isso, na presente pesquisa, a abordagem qualitativa foi primordial, pois para que a comunidade acadêmica entenda como adolescentes e jovens discentes da educação básica compreendem a imagem corporal, a partir de sua construção e representação, a base filosófica e epistemológica para o pleno entendimento destas questões precisa ser qualitativa, principalmente por se tratar de informações específicas, escassas na literatura.

Para entender a realidade como uma construção social, mais uma vez, esse método se apresenta com tamanha importância quando se percebe que o foco na amostra é analisar as suas articulações dialógicas, suas palavras e seus significados acerca de um determinado fenômeno ou construto, mais especificamente, a Imagem Corporal.

6. 2. Aspectos Éticos da Pesquisa

A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Plataforma Brasil e foi aprovada sob protocolo 6. 240. 309.

6. 3. Participantes

A amostra foi escolhida por conveniência, e através de bola de neve, técnica de amostragem que se utiliza de redes de referência com participação voluntária dos participantes (Vinuto, 2014), após a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Participaram ao todo 47 escolares, de 14 a 17 anos, matriculados no Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª série) de escolas de Educação Básica do Estado do Rio de Janeiro, mais especificamente, da baixada e região do Rio de Janeiro. Dos 47 escolares, 9 participaram do Grupo Focal Piloto e os demais foram distribuídos nos 4 grupos focais realizados após o piloto.

Este número vai ao encontro ao que a literatura aponta como ideal para que os grupos forneçam dados verídicos e importantes (Gondim, 2003; Kind, et al. , 2004; Trad, et al. , 2009; Morgado, Campana, Tavares, 2012; Liamputong, et al. , 2013; Souza, et al. , 2019).

A amostra que compõe este estudo pode ser considerada homogênea e heterogênea, simultaneamente. A homogeneidade facilita as reflexões dos grupos, pois os integrantes dele se sentem mais à vontade para expressar suas opiniões ao perceberem que os que estão ali compartilham de semelhanças. Neste estudo, a homogeneidade foi observada quando a amostra foi composta exclusivamente por estudantes do Ensino Médio. Ao tornar esse ambiente mais confortável, o que é relatado na literatura como essencial, as diferenças aparecem e demonstram que há questões que os diferenciam individualmente, como possuírem vivências e construções históricas diferentes, evidenciando a heterogeneidade (Thomas, Nelson, Silverman, 2012; Souza, 2020).

6. 4. Procedimentos

Os procedimentos desta pesquisa foram iniciados com a solicitação de anuência das instituições de educação básica, pública e privada, previamente selecionadas. Após a devida autorização para realização da pesquisa, os participantes foram convidados a participar através de uma visita da pesquisadora à instituição de ensino. Todos os alunos que demonstraram interesse em participar do estudo foram contatados individualmente pela pesquisadora para que fosse explicada de maneira mais detalhada a pesquisa. Permanecendo o interesse em participar, foi feito um cadastro prévio do potencial participante, sendo entregue também, neste momento, o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido), para que pedissem autorização a seus respectivos responsáveis para participarem da pesquisa. Após isso, foi feito contato com os participantes inscritos para realizar o agendamento do grupo focal, passando informações de data, local e horário da realização do mesmo. Na data e horário agendados, os participantes

estiveram presentes, com o TALE devidamente assinado por seu responsável, e, antes de iniciar o grupo focal, foi entregue aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que precisaram assinar, concordando em participar da pesquisa.

Gondim (2003), Kind et al. (2004), Trad, et al. (2009), Morgado, Campana, Tavares (2012), Liamputong et al. (2013) e Souza et al. (2019) apontam que, para que a técnica de grupo focal seja bem-sucedida, é necessário que uma equipe de pesquisadores especialistas na temática em questão (Imagem Corporal) seja escolhida para desempenhar diferentes funções. Sendo assim, serão adotadas quatro pessoas distintas, com conhecimento prévio na área, a saber: um coordenador, um moderador, um observador e um anotador.

O coordenador teve a função de, ao lado do moderador, ditar o ritmo, direcionar e conduzir os diálogos e interpelações. Entretanto, diferente do moderador, que teve um papel mais ativo durante a realização do grupo focal, o coordenador se apresentou apenas quando foi necessário, quando a temática do diálogo saiu do foco do grupo ou quando o mesmo possuiu algo que acrescentasse ao diálogo. O moderador teve a peça chave para o desenvolvimento do grupo focal, uma vez que teve papel de direcionar o diálogo e interagir com o grupo, além de seguir o roteiro e fluxos de pensamentos que não foram pensados ao perceber que estes podem ser interessantes para a percepção do grupo.

Nos dias de realização dos grupos focais, os participantes foram expostos a uma breve explicação do que seria o grupo focal e, logo após, foi dado início à reunião seguindo o guia moderador. A contagem do tempo foi iniciada na introdução, tendo seu término feito ao final do sumário do grupo focal.

Os grupos focais foram realizados nas dependências das escolas participantes, mais especificamente, nas salas de aula teórica do ensino médio. Após cada sessão, para que nenhum detalhe fosse perdido, os pesquisadores responsáveis (coordenador e moderador) permaneceram reunidos no local de realização do grupo focal para relatar suas impressões acerca de diferentes aspectos do grupo focal, como por exemplo, a interação, silêncio, postura, anotações e observações de maneira geral. Ainda com a preocupação de que tais impressões não se perdessem, esta reunião teve suas falas, além de gravadas através de dispositivos móveis, como celulares e câmeras, anotadas pelo pesquisador principal. A gravação dos grupos focais foi importante para a transcrição deles, que foi iniciada no mesmo dia em que os grupos focais aconteceram.

Foram realizados, ao todo, 5 grupos focais mistos, sendo 1 piloto e 4 normais (que compuseram a parte principal da pesquisa), com a participação de 9 adolescentes no grupo focal

piloto, e mais 39 adolescentes distribuídos nos 4 demais grupos focais, totalizando 48 participantes.

Com relação à duração dos grupos focais, o grupo focal piloto teve duração de 1h, 30 min, 38s; Já a duração dos demais grupos é detalhada a seguir: Grupo focal 1, 1h, 18 min, 57s; Grupo focal 2 1h, 17 min, 5s; Grupo focal 3, 1h, 18 min, 48s; Grupo focal 4, 1h, 02 min, 12s.

Todos os participantes receberam código a fim de que o anonimato fosse garantido. Os participantes homens foram categorizados com a letra inicial “H”, enquanto as mulheres foram categorizadas com a letra inicial “F”, e, em seguida, todos foram numerados de 1 a 39, de acordo com o número de identificação que receberam.

6. 5. Coleta de dados

Quando se trata de abordagens qualitativas, a técnica de grupo focal tem se mostrado como um meio ideal de conseguir dados importantes (Souza, et al., 2019).

O grupo focal pode ser definido como “uma técnica de geração de dados por meio de interações grupais” (Gondim, 2003). A interatividade e intersubjetividade nesta técnica são justamente aspectos que fazem com que as opiniões relatadas sejam consideradas importantes; estudos que objetivam identificar, analisar e compreender opiniões, percepções e valores, como é o caso deste estudo, fazem do grupo focal o método ideal para sua utilização.

Neste estudo, os grupos focais foram realizados de maneira presencial, durante o período de aula de cada turno de diferentes colégios de educação básica da região sudeste do Brasil, mais especificamente no Estado do Rio de Janeiro, capital e baixada fluminense. Houve uma preocupação importante de oportunizar aos integrantes dos grupos a realização das sessões em um espaço familiar para eles, como suas respectivas salas de aula, para que não se sentissem desconfortáveis por estarem em um espaço novo, pois, de acordo com a literatura, isso pode ajudar com que os integrantes do grupo focal se sentissem à vontade para se expressarem livremente.

6. 6. Critérios de Inclusão e Exclusão

6. 6. 1. Critério de Inclusão

Foram incluídos na pesquisa, adolescentes de ambos os sexos; com idades entre 14 e 17 anos; regularmente matriculados no Ensino Médio de instituições públicas e privadas do Estado

do Rio de Janeiro, que aceitaram participar deste estudo, e que consentiram de forma livre e consentida a participação da pesquisa.

6. 6. 2. Critério de Exclusão

Foram excluídos da pesquisa: Discentes do Ensino Médio que não compareceram às reuniões dos grupos focais; bem como alunos que não tiveram autorização prévia para participação através do TCLE, e que não consentiram em participar de forma livre e espontânea.

6. 7. Instrumentos

Foram aplicados instrumentos com questões sociodemográficas dos participantes (Questionário Sociodemográfico – Anexo 1), bem como as perguntas presentes no guia do moderador para o desenvolvimento dos grupos focais (Anexo 2).

O estudo contou com o guia do moderador (Apêndice I). Morgado, Campana e Tavares (2012) consideram esse tipo de instrumento de coleta essencial a todo grupo focal, sendo este, um guia que direciona e orienta tanto o conteúdo que o diálogo irá seguir, quanto o ritmo dos encontros, falas, pausas e reflexões. Apesar de flexível, devido ao objetivo do grupo focal de preparar o ambiente para que se torne favorável, aberto e propício a discussões, o guia proporciona orientações escritas para que o moderador possa se basear e acompanhar o próximo ponto a ser discutido no grupo em questão.

Segundo Morgado Campana e Tavares (2012), o guia do moderador deve possuir 5 fases, a saber: introdução, parte principal, sessão detalhada, parte chave da sessão e sumário, conforme detalhadas a seguir:

Na introdução, o moderador deve se apresentar aos participantes dos grupos focais, bem como conversar e expor detalhes acerca do estudo e seus objetivos. Além disso, deve explicar o propósito do grupo focal e, principalmente, da reunião em questão. Os participantes deverão ser informados que no ambiente de realização do grupo focal existirão gravadores de áudio e filmadora, a fim de que nenhuma informação se perca e que tudo fique registrado. Será nesta fase que os participantes terão acesso ao TCLE, a fim de que concordem com sua participação e permaneçam apenas aqueles que consentirem com as questões do estudo.

A fase principal foi composta por tópicos e perguntas acerca da imagem corporal que serviram de guia para o diálogo. A sessão detalhada diz respeito a todos os tópicos que são importantes para a pesquisa. Já a parte chave da sessão é o momento ótimo em que os participantes expuseram seus conhecimentos, ideias, pensamentos e opiniões acerca do tema

proposto. Por fim, no sumário, os participantes tiveram a oportunidade de resgatar quaisquer momentos que porventura não tenham compartilhado informações relevantes para a discussão do grupo, pertinentes à temática do estudo.

Para a coleta das informações supracitadas, todas as sessões de grupo focal foram filmadas para posterior transcrição do conteúdo e análise dos comportamentos dos participantes.

6. 8. Análise dos dados

Foi utilizada a análise de conteúdo (Bardin, 2016) para a análise de dados, mais especificamente a análise categorial, definida como um conjunto de análises e comunicação.

A utilização da análise de conteúdo pressupõe um rigor metodológico amplo e, de forma crítica, questiona os primeiros resultados da análise, com o objetivo de buscar uma investigação mais profunda. O pesquisador precisa desconstruir-se para que o saber subjetivo não predomine na análise, e/ou para que intuições pessoais não norteiem os resultados. Portanto, deve ser feita uma leitura cuidadosa das transcrições para que as aparências não sejam as únicas respostas.

A análise categorial é a análise mais utilizada dentre as técnicas que integram a análise de conteúdo (Bardin, 2016), e consiste em desmembrar o conteúdo em unidades ou categorias após o reagrupamento, mostrando determinados padrões e similaridades da realidade construída pela população escolhida, sendo separadas em categorias temáticas. Assim, a análise categorial como resultado fornece de forma condensada uma representação simplificada dos dados. Dentre as formas de categorização, utilizou-se nesta pesquisa a categorização semântica, sendo o conteúdo proveniente da análise separado em conceitos, falas e temas.

O processo categorial pode ser processado de duas formas, a saber: Procedimento por caixas, onde inicialmente foram criados temas em que o autor objetiva e os resultados foram agrupados para esses temas; e Procedimento de acervo, onde inicialmente os dados foram analisados e, a partir deles, foram criados temas que norteiam a discussão. Esta segunda etapa é também conhecida como processo inverso, e foi este método utilizado nesta pesquisa, uma vez que, desta forma, foi possível identificar e compreender de fato como adolescentes entendem a Imagem Corporal e suas questões e, mais ainda, como se dá o desenvolvimento da imagem corporal nesta população, seguido das mensagens passadas através desta (BARDIN, 2016).

Para tal processo, optou-se por organizar as unidades de análises relacionadas às temáticas apresentadas nos objetivos específicos da pesquisa de acordo com o quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Organização das temáticas de acordo com os objetivos específicos

Objetivos (Temática)	Unidades (Perguntas)	Categorias a posteriori
Conhecimentos prévios de Imagem Corporal	• O que vocês pensam quando ouvem a palavra “Corpo”? • Vocês já ouviram falar em “Imagem Corporal?” O que acham que isso significa?	Corpo: Conceitos e definições
Estereótipos/ Padrões de beleza	• Vocês acreditam em corpos reais ou perfeitos? • Será que existe corpo bonito ou feio? • Quem ou o que será que determina o corpo bonito ou feio?	Corpo Real ou Perfeito: Estereótipos e padrões
Comparações Sociais / Mensagens de Aparência	• O que vocês acham sobre aparências corporais diferentes da aparência de vocês? • Será que as pessoas julgam ou influenciam as características da nossa aparência? • Vocês já pararam para pensar em quais mensagens passamos com o nosso corpo? • Será que dá para saber do que gostamos só de olhar nossa aparência? • Será que a gente se aproxima ou se afasta de pessoas devido às suas respectivas aparências?	Comparações de aparência: Mensagens e julgamentos
Influências Socioculturais	• Vocês acham que existe influência das pessoas em nossa aparência? Quem seria(m)? • Vocês acham que nossa aparência sofre influência de outras coisas, além das pessoas? O que seria? • Vocês já mudaram a aparência por causa de alguém?	Influências que inspiram a aparência
Características específicas da aparência	• Vocês curtem cabelos coloridos, piercings, tatuagens? • Vocês acham que algo ou alguém pode influenciar ou rejeitar os cabelos coloridos, piercings ou tatuagens?	Aspectos específicos da aparência: Cabelos coloridos, piercings e tatuagens
Características pessoais da aparência	• Vocês acham que nossa aparência diz quem somos? • Será que a gente surpreende as pessoas com nossa aparência? Será que aparentamos aquilo que realmente somos? • Se pudéssemos escolher uma mensagem para passar com a nossa aparência, qual seria?	Características pessoais: Somos o que realmente aparentamos?

FONTE: A autora (2025)

Importa destacar que, para que essas categorias sejam consideradas relevantes, será necessário que tenham algumas qualidades a serem consideradas na presente pesquisa, como: exclusão mútua, cujo princípio diz que nenhum elemento pode existir em mais de uma categoria, o que depende da homogeneidade, entendida quando há apenas um tipo de classificação para nortear a análise. Já a pertinência diz respeito às categorias, que devem ir ao encontro da pesquisa, refletindo suas intenções, enquanto a objetividade conta com a

permanência dos critérios de categorização e aplicação durante as análises e a produtividade (Bardin, 2016).

Após a transcrição dos dados, foi realizada uma nuvem de palavras utilizando o *software iramutec* para sua geração, de modo a apresentar as palavras pertinentes aos temas abordados que obtiveram maior frequência na fala dos participantes durante a realização dos grupos focais. Palavras apresentadas em maior tamanho indicam que apareceram em maior quantidade, enquanto palavras em menor tamanho apareceram com menor frequência na fala dos participantes.

7. RESULTADOS

Ao todo, foram realizados 5 grupos focais, sendo 1 Grupo Focal Piloto e 4 Grupos Focais. Ao todo, a pesquisa contou com 47 participantes, sendo 8 no grupo focal piloto e mais 39 distribuídos nos 4 grupos focais. O tempo total de duração dos grupos focais foi de 6h, 28min, 40s, considerando os 5 grupos focais. Assim, a média de tempo de cada grupo focal foi de 1h, 17min, 44s. A seguir, serão apresentados os resultados sociodemográficos de cada grupo, separadamente, para melhor entendimento e conhecimento da amostra.

7. 1. Grupo Focal Piloto

Inicialmente, foi realizado um Grupo Focal Piloto para verificar se as perguntas do Guia do Moderador estavam de acordo com os objetivos do estudo, bem como obter uma estimativa do tempo de duração do Grupo Focal e constatar a qualidade de áudio e vídeo dos equipamentos utilizados, de modo a obter sucesso na transcrição do conteúdo posteriormente à realização do Grupo Focal.

O Grupo Focal Piloto foi realizado em 18 de Outubro de 2024, em uma escola particular do Rio de Janeiro. Estiveram presentes neste grupo focal, além dos 9 participantes, a pesquisadora, como Mediadora do Grupo, e uma Psicóloga, como observadora. O local, bem como os participantes do Grupo Focal Piloto foram escolhidos por conveniência, e por representarem risco de viés, tendo em vista que se trata do Colégio em que a pesquisadora trabalha e seus respectivos alunos, as falas dos participantes deste Grupo Focal Piloto não serão consideradas na presente Tese. A duração do Grupo Focal Piloto foi de 91:38 min.

A faixa etária dos participantes variou entre 16 e 17 anos, com média de idade igual a 16, 5 anos e desvio padrão igual a 0,53. A tabela 1, abaixo, evidencia outras informações

sociodemográficas dos participantes do Grupo Focal Piloto, como por exemplo, gênero, série e interesse dos participantes por Piercing, Tatuagem e Cabelo Colorido.

Tabela 1 - Informações Sociodemográficas dos participantes do Grupo Focal Piloto

Características	N	%
Série		
1ª EM	2	22,22
2ª EM	3	33,33
3ª EM	4	44,44
Gênero		
Feminino (F)	5	55,56
Masculino (M)	4	44,44
Outro	0	0
Interesse por Piercing		
Sim	4	44,44
Não	5	55,56
Interesse por Tatuagem		
Sim	5	55,56
Não	4	44,44
Interesse por Cabelo Colorido		
Sim	3	33,33
Não	6	66,67

Fonte: A autora (2025)

Após a realização dele, foi constatada a necessidade de alterar algumas perguntas do Guia do Moderador, conforme descrito a seguir: A primeira pergunta “O que vocês pensam quando ouvem a palavra corpo?” foi suprimida, pois os participantes desviaram suas respostas para etapas futuras do grupo, evidenciando não terem entendido a pergunta, ou estar repetitiva,

levando a reflexões parecidas de outras perguntas futuras. De igual modo, a pergunta número 11 “você acham que existe influência das pessoas em nossa aparência? quem seria(m)?” foi também suprimida, tendo em vista que os participantes relataram este ponto em outras etapas do grupo focal, mediante outras perguntas. Por fim, a pergunta de número 17 “Será que a gente surpreende as pessoas com nossa aparência?” foi também suprimida, sendo mantida apenas a segunda parte “Será que aparentamos aquilo que realmente somos?”, tendo em vista que os participantes demonstraram certa confusão ao responder, dando maior foco na segunda parte do que na primeira.

Assim, após a realização do Grupo Focal Piloto e dos ajustes necessários observados pela pesquisadora, chegamos ao Guia do Moderador Final, que foi aplicado nos Grupos focais consecutivos, com 15 perguntas, que pode ser visualizado no anexo 02.

7.2 Grupo Focal

7.2.1 Resultados Sociodemográficos

Ao todo, 4 Grupos Focais foram realizados após o piloto, totalizando 39 participantes. A média de tempo de cada grupo focal foi de 1h20min, totalizando 4h57min2s de duração. Serão apresentados, a seguir, os resultados gerais de todos os grupos realizados.

Tabela 2 - Informações Gerais da amostra - Grupo Focal

Categoria	Variáveis	QTD	%
Colégio	CTUR	7	18
	João Proença	10	25,6
	São Francisco	12	30,7
	Albert Sabin	10	25,6
	1ª Série Ensino Médio	22	56,4
Série	2ª Série Ensino Médio	9	23
	3ª Série Ensino Médio	8	20,5
Idade	15 anos	18	46,1
	16 anos	11	28,2
	17 anos	10	25,6

	Feminino	24	61,5
Gênero	Masculino	14	35,9
	Outro	1	2,5
Pratica Atividade Física	Sim	22	56,4
	Não	17	43,5
Utiliza Redes Sociais	Sim	39	100
	Não	0	0
Cantor/Banda influencia	Sim	19	48,7
	Não	20	51,2
Influencer Internet	Sim	17	43,5
	Não	22	56,41
Possui interesse por Piercing	Sim	15	38,4
	Não	24	61,5
Possui interesse por Tatuagem	Sim	23	58,9
	Não	16	41
Possui interesse por cabelo colorido	Sim	17	43,5
	Não	22	56,4
	Pais	22	56,4
	Só mãe	8	20,5
	Só pai	1	2,5
Com quem mora	Avós	3	7,6
	Pais / Avós	3	7,6
	Outros	2	5,1
Possui Irmãos	Sim	35	89,7
	Não	4	10,2
Irmãos Influenciam	Sim	9	23

	Não	26	66,6
	Sim	13	33,3
Pais influenciam	Não	26	66,6
	Sim	12	30,7
Pais deixariam colocar piercing	Não	27	69,2
	Sim	5	12,8
Pais deixariam fazer tatuagem	Não	34	87,1
	Sim	29	74,3
Pais deixariam usar cabelo colorido	Não	10	25,6
	Sim	33	84,6
Seguem alguma religião	Não	5	12,8
	Não respondeu	1	2,5

Fonte: A autora (2025)

De acordo com resultados gerais, 56% da amostra estava matriculada na 1ª série do ensino médio e 46% tinham idade igual a 15 anos na realização do Grupo Focal. 61,5% dos participantes se identificam do sexo feminino, 35,9% do sexo masculino e 2,5% destacou se identificar com outro gênero. 56,4% da amostra disse praticar outra atividade além do colégio, como atividades físicas (musculação, luta e vôlei) e atividades acadêmicas, como curso de inglês. 100% da amostra informou utilizar redes sociais e destacou utilizar instagram, tik tok e outras redes.

Sobre as influências distais, 48,7% dos participantes disseram ser influenciados por cantores ou banda, dentre eles, Justin Bieber, Felipe Ret, Bruno Mars, BTS, Orochi, Veigh, Lana Del Rey, Clara La San, MC Cabelinho, Fernanda Brum, Isadora Pompeo, Stray Kids, Mc Poze, Victin, DeLaCruz, Adele, Mariah Carey, Ferrugem e Tim Maia.

Nesta mesma esteira, 43,5% dos participantes disseram ser influenciados por influencers digitais, como Doarda, Jheny Castiell, Jade Picon, Leandra Lo, Camila Loures, Cristiano Ronaldo, Bela Campos, Julia Souza, Rael, Camila Bures, T3ddy, Streamer Jukus, Ariana Grande, Rico, Zizão, Cris Bundeted e influencers de games/jogos. 38,4% dos participantes afirmaram ter interesse por piercing, 58,9% disseram ter interesse por tatuagens e 43,5% dos participantes disseram gostar de cabelo colorido.

Com relação à influência de outras pessoas, como família, 56,4% dos participantes informaram que moram com os pais, 20,5% informaram que moram somente com a mãe, 2,5% disseram morar somente com o pai, 7,6% moram com os avós e 7,6% afirmaram morar com pais e avós. 5,1% dos participantes informaram morar com outras pessoas, mas não especificaram quem seria e qual o grau de familiaridade.

Além disso, 89,7% dos participantes informaram ter irmãos, onde 38,4% dos participantes disseram que seus irmãos são mais novos, 33, 3% afirmaram que os irmãos são mais velhos e 17, 9% afirmaram ter irmãos mais novos e mais velhos. Somado a isso, 66,6% dos participantes relataram que os pais e os irmãos não influenciam em sua aparência.

Sobre os aspectos específicos da aparência, 69,2% dos participantes informaram que os pais não deixariam ter piercings, 87,1% dos participantes afirmaram que os pais não deixariam realizar tatuagem nessa etapa da vida, e 25,6% deles informaram que os pais não deixariam usar cabelos coloridos.

Por fim, 84,6% dos participantes informaram que sua família segue uma religião, frente a 12,8% dos participantes que informaram não terem influência religiosa. 2,5% (N=1) são participantes que não responderam a esta pergunta.

A seguir, serão apresentados os resultados sociodemográficos separadamente, por grupo focal, de forma detalhada.

Tabela 3 – Distribuição dos participantes por Grupo Focal

Escola / Local / Data	Gênero Autodeclarado	Total
CTUR / Seropédica - RJ 13/11/2024	F = 5 M = 1 O = 1	7
João Proença / CG - RJ 27/03/2025	F = 8 M = 2 O = 0	10
São Francisco de Paula / NI - RJ 05/05/2025	F = 8 M = 4 O = 0	12
Albert Sabin / CG - RJ 15/05/2025	F = 4 M = 6 O = 0	10

TOTAL

F = 24
M = 14
O = 1

39 Participantes

Fonte: A autora (2025). F = Gênero Feminino. M = Gênero Masculino. O = Outro gênero, diferente de feminino e masculino. CG = Campo Grande. NI = Nova Iguaçu. RJ = Rio de Janeiro

Os participantes dos 4 Grupos Focais responderam perguntas referentes ao Questionário Sociodemográfico, assim como no Grupo Focal Piloto. As respostas referentes à idade, série, interesse dos participantes por Piercings, Tatuagens e Cabelos Coloridos, bem como se seus responsáveis deixariam realizar essas três modificações de aparência, e se seus responsáveis ou irmãos (caso possuam) influenciam na aparência dos participantes podem ser visualizados na tabela 4 abaixo:

Tabela 4 – Informações sociodemográficas dos participantes do Grupo Focal 1

Características	Variável	N	%
Série	1ª EM	4	57,2
	2ª EM	2	28,5
	3ª EM	1	14,3
Idade	15 anos	2	28,5
	16 anos	4	57,2
	17 anos	1	14,2
Interesse por Piercing	Sim	3	42,9
	Não	4	57,2
Interesse por Tatuagem	Sim	4	57,2

	Não	3	42,9
	Sim	3	42,9
Interesse por Cabelo Colorido	Não	4	57,2
	Sim	4	57,2
Pais deixariam Piercing	Não	3	42,9
	Sim	0	0
Pais deixariam Tatuagem	Não	7	100
	Sim	4	57,2
Pais deixariam Cabelo Colorido	Não	3	42,9
	Sim	2	28,6
Pais influenciam na aparência	Não	5	71,4
	Sim	0	0
Irmãos influenciam na aparência	Não	5	71,4

Fonte: A autora (2025). EM = Ensino Médio

O Grupo Focal 1 teve duração de 1h, 18min57s, e contou com 7 participantes, sendo 1 homem e 6 mulheres. No que diz respeito à idade dos participantes do Grupo Focal 1 no momento da realização da coleta, 2 participantes tinham 15 anos; 4 participantes tinham 16 anos e 1 participante tinha 17 anos. Com relação à série escolar, 4 participantes cursavam a 1ª série do Ensino Médio, 2 participantes cursavam a 2ª Série do Ensino Médio e 1 participante cursava a 3ª Série do Ensino Médio.

Com relação ao interesse pelos aspectos específicos da aparência, 3 participantes afirmaram ter interesse em piercings, 4 deles afirmaram gostar de tatuagens e 3 participantes

disseram gostar de cabelos coloridos. Entretanto, neste tocante, todos os participantes afirmaram que seus responsáveis não deixariam realizar tais modificações na aparência (3 participantes disseram que os pais não permitiriam colocar *piercing*; 7 deles, todos os participantes, informaram que os pais não deixariam realizar tatuagem nessa etapa da vida e 3 participantes afirmaram que os pais não são a favor de cabelo colorido).

Apesar da resposta anterior, os participantes responderam sobre a influência de pessoas próximas na aparência que, 05 responsáveis não interferem na aparência e apenas 2 participantes disseram de forma positiva que seus responsáveis influenciam esse quesito. O mesmo acontece para irmãos: Todos os participantes que informaram ter irmão (N=5) informaram que seus irmãos não influenciam em sua aparência.

A seguir, será apresentado os resultados sociodemográficos do grupo focal 2.

Tabela 5 – Informações sociodemográficas dos participantes do Grupo Focal 2

Características	Variável	N	%
Série	1ª EM	6	60
	2ª EM	2	20
	3ª EM	2	20
Idade	15 Anos	7	70
	16 Anos	2	20
	17 Anos	1	10
Interesse por Piercing	Sim	6	60
	Não	4	40
Interesse por Tatuagem	Sim	8	80
	Não	2	20
Interesse por Cabelo Colorido	Sim	4	40
	Não	6	60
Pais deixariam Piercing	Sim	2	20
	Não	8	80
Pais deixariam Tatuagem	Sim	0	0
	Não	10	100
Pais deixariam cabelos coloridos	Sim	7	70
	Não	3	30

Pais influenciam na aparência	Sim	6	60
	Não	4	60
Irmãos influenciam na aparência	Sim	2	20
	Não	7	70

Fonte: A autora (2025). EM = Ensino Médio

O Grupo Focal 2 teve duração de 1h17min5s, e contou com 10 participantes, 2 homens e 8 mulheres. No que diz respeito à idade dos participantes do Grupo Focal 2 no momento da realização da coleta, 7 participantes tinham 15 anos; 2 participantes tinham 16 anos e 1 participante tinham 17 anos. Com relação à série escolar, 6 participantes cursavam a 1ª série do Ensino Médio, 2 participantes cursavam a 2ª Série do Ensino Médio e 2 cursavam a 3ª Série do Ensino Médio.

Com relação ao interesse pelos aspectos específicos da aparência, 6 participantes afirmaram ter interesse em piercings, 8 deles afirmaram gostar de tatuagens e 4 disseram gostar de cabelos coloridos. Entretanto, neste tocante, todos afirmaram que seus responsáveis não deixariam realizar tais modificações na aparência (8 participantes informaram que seus responsáveis não deixariam colocar *piercing*; todos (N=10) responderam que os pais não deixariam realizar tatuagem; 3 disseram que os responsáveis não deixariam utilizar cabelo colorido).

Sobre a influência de pessoas próximas na aparência dos participantes, 6 participantes afirmaram que seus responsáveis influenciam sua aparência, frente a 4 que disseram que os mesmos não influenciam. O mesmo acontece para irmãos: 2 dos participantes informaram que seus irmãos influenciam em sua aparência, enquanto 7 participantes disseram que seus irmãos não possuem tal influência.

A seguir, será apresentado os resultados sociodemográficos do grupo focal 3.

Tabela 6 – Informações sociodemográficas dos participantes do Grupo Focal 3

Características	Variável	N	%
Série	1ª EM	6	50
	2ª EM	1	8,3
	3ª EM	5	41,6
Idade	15 anos	5	41,6
	16 anos	3	25
	17 anos	4	33,3

Interesse por	Sim	2	16,6
piercing	Não	10	83,3
Interesse por	Sim	6	50
tatuagem	Não	6	50
Interesse por	Sim	8	66,6
cabelo colorido	Não	4	33,3
Pais deixariam	Sim	2	16,6
piercing	Não	10	83,3
Pais deixariam	Sim	11	91,6
tatuagem	Não	1	8,3
Pais deixariam	Sim	3	25
cabelos coloridos	Não	9	75
Pais influenciam	Sim	3	25
na aparência	Não	9	75
Irmãos	Sim	5	41,6
influenciam na	Não	7	58,3
aparência			

Fonte: A autora (2025). EM= Ensino Médio

O Grupo Focal 3 teve duração de 1h18min48s, e contou com 12 participantes, 5 homens e 7 mulheres. No que diz respeito à idade dos participantes do Grupo Focal 3 no momento da realização da coleta, 5 participantes tinham 15 anos; 3 participantes tinham 16 anos e 4 participantes tinham 17 anos. Com relação à série escolar, 6 participantes cursavam a 1ª série do Ensino Médio, 1 participante cursava a 2ª Série do Ensino Médio e 5 participantes cursavam a 3ª Série do Ensino Médio.

Com relação ao interesse pelos aspectos específicos da aparência, 2 participantes afirmaram ter interesse em piercings, 6 deles afirmaram gostar de tatuagens e 8 participantes disseram gostar de cabelos coloridos. Entretanto, neste tocante, 10 participantes afirmaram que seus responsáveis não deixariam realizar tais modificações na aparência (10 participantes informaram que seus responsáveis não deixariam colocar *piercing*; 1 participante disse que seu responsável não deixaria fazer tatuagem; e 9 participantes informaram que os responsáveis não concordam com cabelo colorido).

Sobre a influência de pessoas próximas na aparência dos participantes, 3 participantes afirmaram que seus responsáveis influenciam sua aparência, frente a 9 participantes que informaram que os mesmos não influenciam. O mesmo acontece para irmãos: 5 participantes informaram que seus irmãos influenciam em sua aparência, enquanto 7 deles disseram que seus irmãos não possuem tal influência.

A seguir, será apresentado os resultados sociodemográficos do grupo focal 4.

Tabela 7 – Informações sociodemográficas dos participantes do Grupo Focal 4

Características	Variável	N	%
Série	1ª EM	6	60
	2ª EM	4	40
	3ª EM	0	0
Idade	15 anos	4	40
	16 anos	2	20
	17 anos	4	40
Interesse por piercing	Sim	4	40
	Não	6	60
Interesse por tatuagem	Sim	5	50
	Não	5	50
Interesse por cabelo colorido	Sim	2	20
	Não	8	80
Pais deixariam piercing	Sim	6	60
	Não	4	40
Pais deixariam tatuagem	Sim	6	60
	Não	4	40
Pais deixariam cabelos coloridos	Sim	9	90
	Não	1	10
Pais influenciam na aparência	Sim	2	20
	Não	8	80
Irmãos influenciam na aparência	Sim	2	20
	Não	7	70

Fonte: A autora (2025)

O Grupo Focal 4 teve duração de 1h2min12s, e contou com 10 participantes, 6 homens e 4 mulheres. No que diz respeito à idade dos participantes do Grupo Focal 1 no momento da realização da coleta, 4 participantes tinham 15 anos; 2 participantes tinham 16 anos e 4 participantes tinham 17 anos. Com relação à série escolar, 6 participantes cursavam a 1ª série do Ensino Médio, 4 participantes cursavam a 2ª Série do Ensino Médio e nenhum participante estava matriculado na 3ª Série do Ensino Médio.

Com relação ao interesse pelos aspectos específicos da aparência, 6 participantes afirmaram ter interesse em piercings, 5 participantes afirmaram gostar de tatuagens e 2 disseram gostar de cabelos coloridos. Entretanto, neste tocante, 4 participantes afirmaram que seus responsáveis não deixariam realizar tais modificações na aparência (4 disseram que seus responsáveis não deixariam usar *piercing*; 4 participantes afirmaram que seus responsáveis não deixariam fazer tatuagem; e 1 participante afirmou que seus responsáveis não permitiriam cabelo colorido).

Sobre a influência de pessoas próximas na aparência dos participantes, 2 participantes afirmaram que seus responsáveis influenciam sua aparência, frente a 8 participantes que informaram que os mesmos não influenciam. O mesmo acontece para irmãos: 2 participantes informaram que seus irmãos influenciam em sua aparência, enquanto 7 participantes disseram que seus irmãos não possuem tal influência.

7. 2. 2 Resultados Qualitativos - Análise inicial

Após apresentação detalhada das características gerais da amostra, serão apresentados os resultados qualitativos dos 4 Grupos Focais realizados. Para esta etapa, cabe ressaltar que, devido à criação de categorias após análise de conteúdo, os resultados qualitativos encontrados serão apresentados em conjunto e não mais de forma separada por grupo focal, diferentemente dos resultados sociodemográficos apresentados anteriormente.

Inicialmente, uma nuvem de palavras será apresentada, demonstrando as palavras/temáticas que apareceram em maior prevalência nos grupos focais.

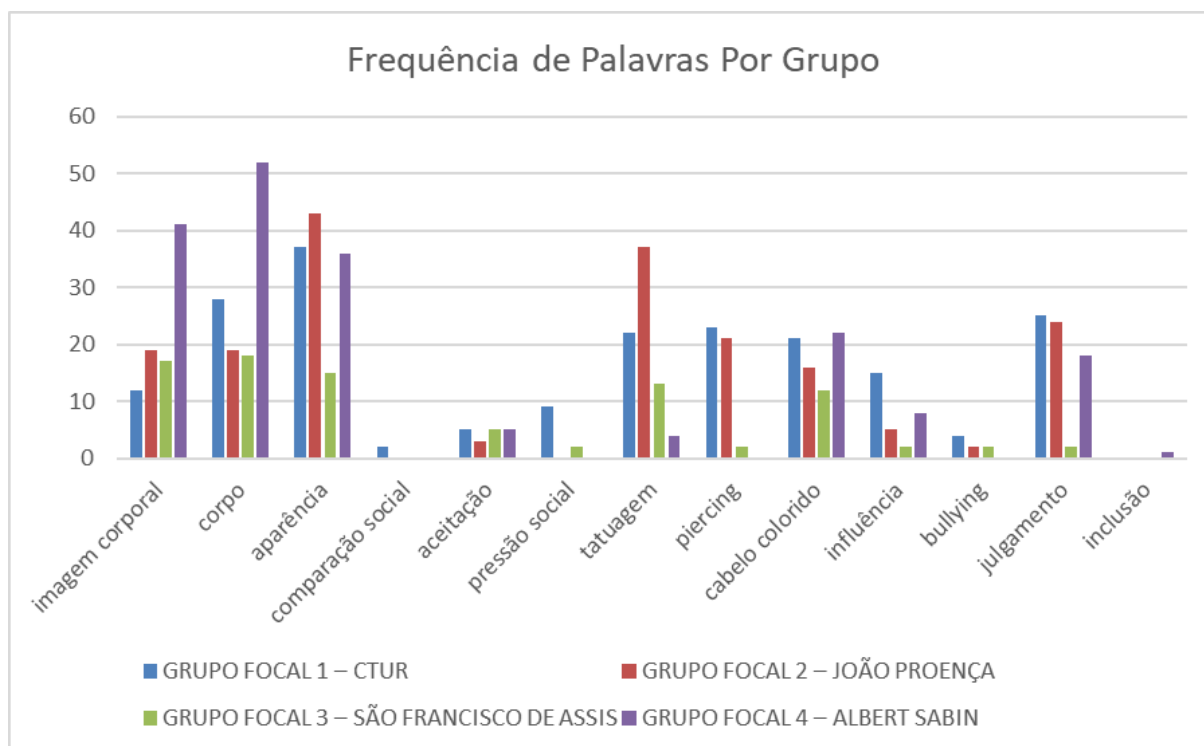
Figura 1: Nuvem de Palavras com maior frequência nos Grupos Focais



Fonte: A autora (2025).

No que tange a associação livre de palavras, a palavra “Aparência” se destaca em todos os grupos focais e se repete, ao todo, 131 vezes. Na figura 2 são evidenciadas as palavras enunciadas pelos participantes da pesquisa e entre parênteses o número corresponde à frequência com que essas palavras foram ditas. O gráfico abaixo apresenta detalhadamente a frequência com que essas palavras apareceram nas discussões:

Figura 2: Gráfico de frequência - Temas



Fonte: A autora (2025)

Pode ser observada uma prevalência de palavras neutras, que representam conceitos do tema da tese, a saber: Imagem Corporal, Corpo, Aparência, Aceitação, Tatuagem, Piercing, Cabelo Colorido. Além disso, palavras negativas, como: comparação social, pressão social, bullying e julgamento puderam ser encontradas com frequência quando comparadas às palavras positivas, como aceitação e inclusão. As palavras consideradas negativas são aquelas que se relacionam com a definição de imagem corporal negativa (FERREIRA et al., 2014). Já as palavras positivas foram as que mais se relacionaram à imagem corporal positiva (TYLKA; WOOD-BARCALOW, 2015). Essa prevalência pode indicar que os termos centrais dessa tese remeteram aos participantes a mais questões negativas do que positivas. Além disso, importa considerar que foi realizada uma associação livre de palavras dentre as falas transcritas dos participantes.

Abaixo, no quadro 2, é possível visualizar as palavras que emergiram após a associação livre de palavras, bem como as sinalizações realizadas de acordo com a categoria, negativas, positivas e neutras.

Quadro 2: Associação livre de palavras

Palavra-chave	Palavras Associadas Mais Frequentes
Corpo	perfeito*, bonito*, <u>feio</u> , seu, saudável*, existe
Pintar	cabelo, coragem*, quero, <u>insegurança</u>
Cabelo	colorido, meu, cacheado
Imagem Corporal	imagem, <u>padrão</u> , aparência
Influência	social, opinião, <u>cobrança</u> , <u>julgamento</u>
Aceitação	processo*, opinião, <u>encaixar</u> , sentir, coragem*
Piercing	acessórios, gosto, personalidade*, <u>exclusão</u> , <u>julgamento</u>
Tatuagem	mensagem*, história*, significado*, personalidade*, <u>exclusão</u> , <u>julgamento</u>
Bullying	<u>sofrimento</u> , <u>exclusão</u> , corpo, <u>zoações</u> , <u>brincadeiras</u>

Fonte: A autora (2025). Palavras sublinhadas = Palavras negativas. * = Palavras positivas. As palavras consideradas neutras não apresentam nenhuma sinalização de destaque.

Além disso, é possível ainda visualizar, nas nuvens de palavras a seguir, as palavras em destaque de cada grupo focal, sendo representadas de maneira centralizada, as palavras com maior recorrência, e nas laterais, palavras utilizadas em diferentes contextos nas falas dos participantes.

Figura 3: Nuvem de palavras - Grupo Focal 1



FONTE: A autora (2025)

Figura 4: Nuvem de palavras - Grupo Focal 2



FONTE: A autora (2025)

Figura 5: Nuvem de palavras - Grupo Focal 3



FONTE: A autora (2025)

Figura 6: Nuvem de palavras - Grupo Focal 4



FONTE: A autora (2025)

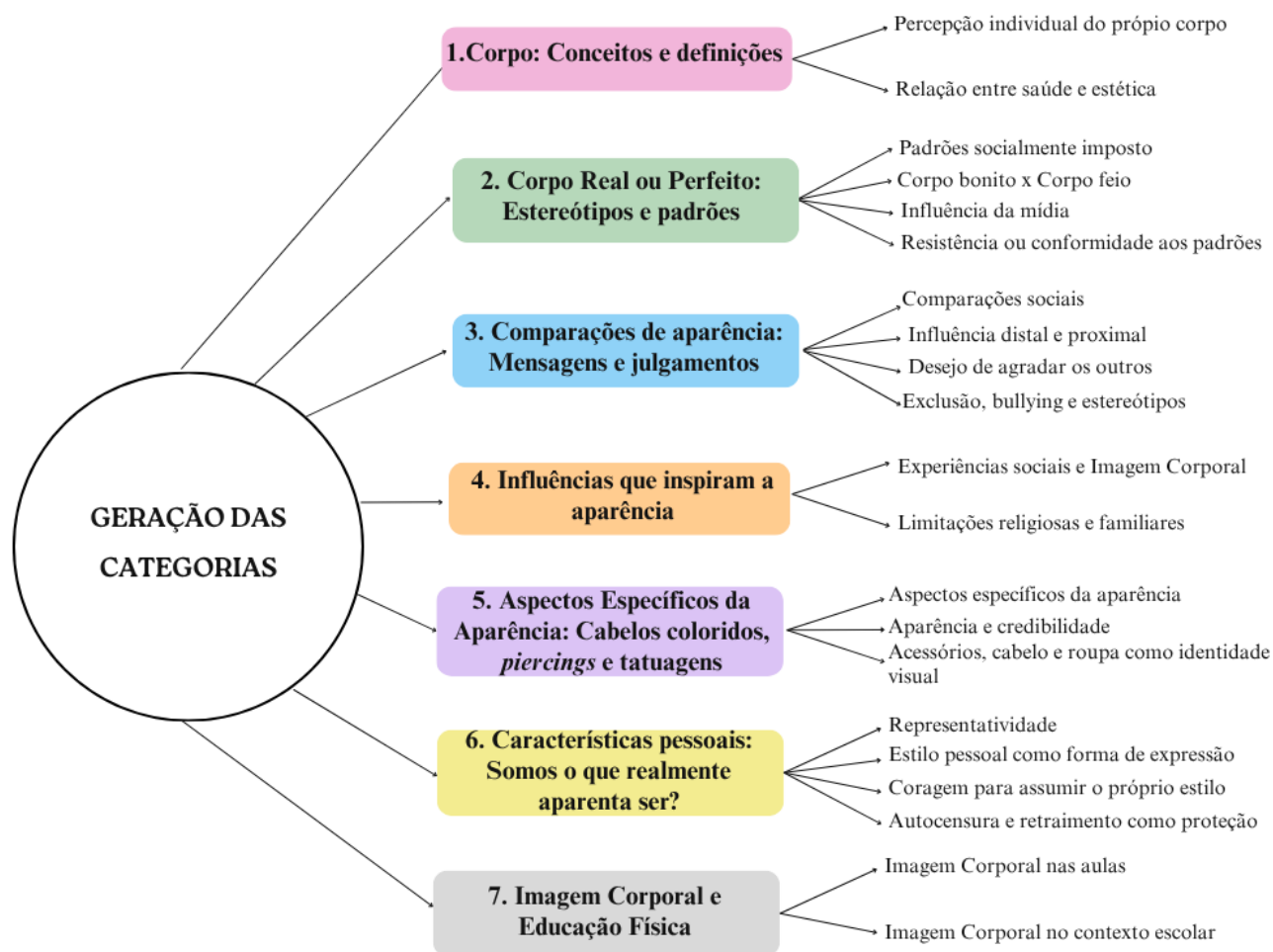
Assim, diante do exposto e a partir da análise de conteúdo do produto das sessões dos grupos focais, emergiram 7 categorias, com subcategorias que possuem relação entre si, a saber:

1. Corpo: Conceitos e definições - Percepção individual do próprio corpo; Relação entre saúde e estética; Corpo ideal x Corpo real; 2. Corpo Real ou Perfeito: Estereótipos e padrões - Padrões socialmente impostos; Corpo bonito x corpo feio; Influência da mídia; Resistência ou conformidade com os padrões; 3. Comparações de aparência: Mensagens e julgamento - Comparações sociais; Influência distal e proximal; Desejo de agradar os outros; Exclusão, bullying e estereótipos; 4. Influências que inspiram aparência: Influência direta e indireta; Experiências sociais e Imagem Corporal; Limitações religiosas e familiares; 5. Aspectos Específicos da Aparência: Cabelos coloridos, piercings e tatuagens - Aspectos específicos da aparência; Aparência e credibilidade; Acessórios, cabelo e roupa como identidade visual; 6. Características pessoais: Somos o que realmente aparenta? - Representatividade; Estilo pessoal como forma de expressão; Coragem para assumir o próprio estilo; Autocensura e retraimento como proteção; 7. Imagem Corporal e Educação Física - Imagem Corporal nas aulas; Imagem Corporal no contexto escolar.

A geração das categorias se deu da seguinte maneira: 1. Leitura Exploratória do Documento; 2. Seleção de Trechos Relevantes (falas dos participantes); 3. Identificação de Repetições, Tópicos e Expressões-Chave; 4. Agrupamento de Sentidos por Similaridade Temática; 5. Formulação das Categorias Preliminares; 6. Refinamento e Nomeação das Categorias (linguagem clara e representativa); 7. Associação de Exemplos Reais de Falas às Categorias; 8. Sistematização em Tabela ou Planilha Final

Todas as 7 categorias e suas respectivas subcategorias são ilustradas na figura 6 abaixo:

Figura 7: Geração das Categorias



A seguir, será iniciada a discussão desta pesquisa, a partir das falas dos participantes durante a realização dos 4 grupos focais. Para esta sessão, serão apresentadas as falas de acordo com as categorias criadas e apresentadas anteriormente.

8. 1. Corpo: Conceitos e Definições

A primeira categoria, referente à Imagem Corporal de forma geral, refere-se ao Corpo: Conceitos e Definições, de acordo com a primeira pergunta do guia do moderador, relacionada a se os participantes já haviam ouvido falar sobre este constructo, e o seu respectivo significado segundo os participantes. Subcategorias foram criadas, de modo a facilitar a discussão, de acordo com a resposta dos participantes, a saber: Percepção individual do próprio corpo; Relação entre saúde e estética; e corpo ideal x corpo real.

8. 1. 1. Percepção individual do próprio corpo

Inicialmente, os participantes foram perguntados se já haviam escutado falar sobre Imagem Corporal e qual seria o seu significado. Dois participantes relataram não saber do que se tratava ao responderem: “nunca ouviu falar. Nem aqui, nem em nenhum outro espaço. Nem em nenhuma rede social (F6)” e “Eu não sabia o que era (H18)”.

Essas falas revelam falta de familiaridade com o conceito de Imagem Corporal, algo bastante comum, especialmente entre os adolescentes e jovens, mesmo diante de uma sociedade voltada para a beleza e os padrões estéticos. Dessa forma, destacar a importância da educação voltada para o corpo se torna pontual e urgente.

Apesar dessas duas falas, bastante específicas, quase todos os participantes afirmaram não saber exatamente o que seria, mas faziam uma ideia. 11 participantes apresentaram como definição e significado “Idealização de corpo perfeito”. Outros 18 participantes se referiram à Beleza, com falas do tipo “É a imagem do corpo, é a beleza (F11)”.

As definições sobre Imagem Corporal frequentemente resultam em uma compreensão superficial do corpo, reduzindo-a a um ideal estético ou simplesmente à beleza. Diversos estudos abordam essa problemática, destacando essa percepção limitada desse constructo. Santos e Mezzaroba (2013) destacam que a formação da imagem corporal, na percepção do jovem, se dá a partir dessa visão reducionista, do corpo ideal imposto pela nossa sociedade, em que o corpo passa a ser o principal lugar de identidade, associado à beleza.

Essa perspectiva superficial da Imagem Corporal desconsidera a complexidade desse conceito, que envolve, além da beleza, aspectos emocionais, cognitivos, sociais e culturais. Souza e Castelo Branco, 2023 evidenciam este fato, ao analisarem que a Imagem Corporal é tratada como uma unidade funcional, apenas, que envolve, especificamente, análises sobre a aparência corporal.

Um dos participantes, entretanto, apresentou uma fala um pouco mais elaborada, ao afirmar que Imagem Corporal seria “Quando eu olho no espelho, tô vendo tudo ali. Como a pessoa se demonstra. É, como a pessoa se demonstra (F20)”. De igual modo, outro participante também afirmou que: “Acho que imagem corporal seria não só o que o seu corpo demonstra, mas sim o que as pessoas veem do seu corpo” (H32).

Fazer referência à Imagem Corporal com aquela que se vê no espelho pode ser relacionado às percepções que se tem sobre o próprio corpo. Muniz (2023) traz que o espelho não reflete apenas o corpo físico, mas também as crenças e sentimentos que temos sobre nós mesmos. Essa afirmação pode estar relacionada com o conceito de Imagem Corporal definida

por Schilder (1999), onde a Imagem Corporal é a imagem mental do próprio corpo, refletida pela forma como o indivíduo percebe, sente e se representa corporalmente, influenciada por fatores emocionais, sociais e culturais. Logo, pode-se entender, segundo Muniz (2023), que a imagem que é refletida no espelho é a imagem mental que se tem do corpo.

Pode-se inferir, assim, que a percepção ao olhar-se no espelho é moldada por fatores internos e externos, incluindo emoções, experiências vividas e influências sociais, além de claro, a percepção visual da forma corporal refletida. Dessa forma, é preciso ter uma visão ampliada de Imagem Corporal, que não se reduza apenas à imagem refletida, pois essa imagem refletida traz consigo significados subjetivos como suas crenças sobre si mesma, emoções, comparações sociais e memórias, havendo um diálogo entre o que a pessoa é, e o que deveria ou gostaria de ser (Muniz, 2023).

Isso vai ao encontro da fala da participante (F1), evidenciada anteriormente, que associa sua Imagem Corporal com o que as pessoas veem do seu corpo, evidenciando que cada pessoa avalia e interpreta sua imagem corporal com base nos padrões externos e nas influências sociais do meio em que está inserido. Nesse sentido, Elias, Souza, Castelo Branco (2023) propõem que a Imagem Corporal seja um produto das interações sociais e culturais.

Apesar disso, outra fala reflete que a Imagem Corporal não é restrita apenas a como as pessoas veem o outro, mas “Como eu me vejo. Como você se vê também (H10)”. Outro participante vai ao encontro dessa afirmação, quando diz que: “É a forma que a pessoa se vê (F37)”.

Essas falas remetem à percepção corporal, que pode ser entendida como a forma como o indivíduo se percebe, englobando principalmente aspectos físicos, como a forma que o indivíduo se enxerga. Essa percepção pode ser positiva, negativa ou distorcida, afetando diretamente a autoestima e o comportamento da pessoa. A Imagem Corporal e a percepção corporal estão interligadas, tendo em vista que uma percepção corporal distorcida pode acarretar uma imagem corporal negativa e vice-versa (Schilder, 1999; Merleau-Ponty, 1999).

Já outros participantes partiram do princípio da estrutura física do corpo, ao apresentarem falas como: “É a estrutura física da pessoa. A estrutura física da pessoa, o corpo dela (H14)” e “Imagem corporal, seria como é o corpo? A estrutura óssea da pessoa? (H25)”.

Essas falas refletem também uma compreensão de Imagem Corporal voltada para os aspectos físicos e estruturais do corpo. Essa perspectiva apresenta também uma visão restrita da imagem corporal, ao não considerar a Imagem Corporal como um constructo multifacetado. Essas falas remetem ao componente perceptivo da Imagem Corporal, relacionado ao tamanho e forma corporal (Slade, 1994; Kakeshita, Almeida, 2006; Coqueiro, et al., 2008).

Apesar da percepção restrita sobre o conceito de Imagem Corporal, apresentados até aqui, dois participantes se referiram a aspectos psicológicos para se referirem à Imagem Corporal, no contraponto das percepções físicas. O participante (O4) afirmou ser “Saúde mental”, e outro participante, do mesmo grupo, concordou com sua fala, ao afirmar: “Sim, exatamente. Pode ser saúde mental. Acho que é (O4)”.

Relacionar a Imagem Corporal e a saúde mental tem fundamental importância uma vez que se trata de um constructo multifacetado, que abrange não só as percepções corporais, como também pensamentos e sentimentos sobre o corpo (Cash, Pruzinsky, 2002). Slade (1994) também enfatiza que, além dessas percepções, as respostas emocionais associadas ao corpo precisam ser consideradas.

Autores destacam que a forma como os indivíduos percebem, pensam e sentem em relação ao seu corpo influencia diretamente no funcionamento psicológico, incluindo autoestima, humor e qualidade de vida (Cash, Pruzinsky, 2022). Se existe uma distorção na percepção corporal, as chances de desenvolvimento de insatisfação corporal são grandes, podendo desencadear sintomas depressivos, isolamento social e sofrimento psíquico (Linhares, et al., 2024).

Esses sintomas podem estar relacionados às comparações e pressões sociais para alcançar um padrão estético, conforme pode ser observado em algumas falas dos participantes e evidenciado por diversos autores recentes (da Silva, et al., 2020; Tanguay, et al., 2025; Choukas-Bradley, et al., 2022).

A participante (F28) apresentou indícios, em sua fala, de pressões e comparações sociais ao se referir sobre o conceito de Imagem Corporal, quando diz que “eu me imagino o meu [corpo], só que também não o meu corpo normal. O que eu queria ter, na visão dos outros (F28)”.

A construção da imagem corporal é profundamente afetada pelos padrões impostos culturalmente e pela internalização do ideal de beleza promovido pela sociedade. Essa internalização pode ocasionar a uma inconsistência entre a percepção real e o corpo idealizado, o que influencia de maneira negativa a autoestima e o bem estar das pessoas que são acometidas por essa discrepância (Tiggeman, 2004).

Essa discrepância pode estar relacionada à Teoria da Discrepância do Self, proposta por Higgins (1987), que sugere que a diferença entre como a pessoa se vê (imagem real) e como a pessoa gostaria de ser (imagem ideal) pode gerar sentimentos de insatisfação e desconforto.

Essa teoria pode estar relacionada à teoria proposta por Kakeshita (2006), na escala de silhuetas. Assim, quando essa discrepância é influenciada pela percepção de como os outros

nos veem, pode estar relacionada à intensificação da insatisfação corporal, remetendo às pressões sociais de alcançar o padrão corporal, podendo levar a adoção de comportamentos e atitudes negativos para a saúde mental e física (Thompson, et al., 1999).

Na linha de alcançar o padrão corporal, alguns participantes relacionam o conceito de Imagem Corporal à identificação e aceitação pessoal. Essas falas podem ser evidenciadas a seguir: “Para mim, é a imagem é como a pessoa se identifica (F35)”. “Ah, eu olho no espelho e eu tenho esse corpo. Eu me identifico com esse corpo e ok. Então acho que está relacionado à aceitação (F22)”. “Eu olho e me vejo desse jeito. Então eu aceito que aquela é a minha imagem corporal (H39)”.

Na contramão das pressões socioculturais para alcançar o padrão corporal, remetendo a influência social na percepção e aceitação da imagem corporal, as falas acima refletem uma compreensão da imagem corporal que transcende a aparência física. Essas falas envolvem aspectos de identidade pessoal, autoaceitação e reconhecimento de si, que podem ser encontrados em diferentes estudos. Jones (2012) destaca como a identificação com a imagem corporal está intrinsecamente ligada à construção da identidade pessoal, argumentando que a maneira como uma pessoa se vê e se identifica influencia de forma profunda a imagem corporal e a aceitação.

De igual modo, pode ser destacada a teoria do autoconceito, proposta por Rogers (1951), que sugere que a congruência entre a imagem real (como a pessoa se vê) e a imagem ideal (como a pessoa gostaria de ser) é fundamental para a autoaceitação e o bem-estar psicológico, podendo, assim, o indivíduo experimentar maior satisfação com sua imagem corporal. Tylka e Wood-Barcalow (2015) trazem ainda o conceito de Imagem Corporal positiva, que enfatiza a aceitação e apreciação do corpo como ele é, reconhecendo suas qualidades e funcionalidades, independente dos padrões estéticos.

A participante (F13) contextualizou a diversidade relacionada à aparência, evidenciando as características físicas de cada pessoa, quando diz: “E existem diversos tipos de imagem corporal. Eu sou magra, eu sou baixa, eu sou alta. Assim, eu não costumo falar nisso, mas o que eu tenho para mim é a pessoa se aceitar, né? Tipo, ela se reconhece e ela se enxerga tudo ali. E se essa pessoa se sente bem com isso ou não” (F13).

Essa fala reflete uma compreensão da Imagem Corporal que valoriza a diversidade e enfatiza a autoaceitação como componente central para o bem-estar. Essa perspectiva é abordada por diversos autores, que destacam a importância de reconhecer e valorizar as diferenças corporais para alcançar uma Imagem Corporal positiva (Cash, Pruzinsky, 2002). De

igual modo, Barros (2009) argumenta que a aceitação das características físicas individuais é essencial para o desenvolvimento de uma Imagem Corporal saudável.

Mills, Minister, Samson (2022) destacam a importância de cultivar uma Imagem Corporal positiva e a autocompaixão como formas de resistência aos padrões corporais idealizados, promovidos pela sociedade. Swami, et al. (2021) traz a importância da aceitação social na formação da imagem corporal positiva, como forma de minimizar os efeitos das pressões sociais. Intervenções na área da Imagem Corporal tem assumido importante papel nesse processo de aceitação da Imagem Corporal, como pode ser visto na intervenção *More than a Body* (Kite, Kite, 2020), que visa redefinir o significado e o valor da beleza, promovendo aceitação corporal de modo a desafiar os padrões de beleza impostos pela sociedade, minimizando assim a insatisfação corporal e os desdobramentos relacionados às comparações sociais e influências relacionadas à aparência.

8. 1. 2. Relação entre saúde e estética

Alguns participantes trouxeram luz à relação de saúde e estética, com falas de acordo com a temática da Imagem Corporal. Podemos observar esse contexto na primeira fala dessa temática, a seguir:

Eu acho que existem corpos saudáveis e corpos que não são saudáveis. Corpos saudáveis não seriam considerados bonitos, mas eles seriam mais bem vistos, porque às vezes um corpo muito magro pode ser considerado bonito mas ele não é saudável, mas ao mesmo tempo, uma pessoa mais gorda, ela pode não ser considerada bonita mas ter um corpo saudável, mas por questões de genética, não necessariamente ela é uma pessoa magra (F2).

A dissociação entre corpo bonito e corpo saudável pode ser considerada uma temática contemporânea que tem tomado cada vez mais espaço na literatura. Bacon, Aphramor (2011) relatam que a saúde não pode ser julgada pela aparência corporal. É necessário considerar, portanto, o conceito de saúde. Segundo a OMS (1946), saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doenças ou enfermidades. Este é um termo complexo, histórico e multidimensional, assim como a Imagem Corporal, que tem sido amplamente discutida. O conceito de saúde pode ser dividido em duas vertentes: O modelo biomédico, que compreende a saúde como a ausência de sintomas ou anormalidades físicas; e o modelo ampliado, que envolve aspectos subjetivos, sociais e culturais para sua definição.

Entende-se o modelo ampliado como o mais adequado para a presente discussão, uma vez que segundo autores dessa área, estar saudável é poder se adaptar às situações, mesmo que o corpo esteja fora dos padrões considerados normais, pois a saúde é vivida e percebida de

diferentes formas de acordo com a cultura, a classe social, o gênero, a raça, condições de moradia e acesso a serviços básicos, variando conforme o contexto histórico e sociocultural (Nogueira, 2006; Canguilhem, 2009).

Neste sentido, o participante (H26) traz uma fala no sentido de: “Tipo assim, o meu corpo está bom assim. Só que no sentido do quê? Que ele seja saudável e cuidado. Meu corpo está perfeito assim”. Outro participante exemplifica o que seriam atitudes para um corpo saudável, que pode ser destacado a seguir: “Para mim, ter um corpo saudável, significa que eu estou cuidando dele, eu estou me alimentando bem. Então, dessa forma, não preciso explicar para a sociedade, por exemplo, que alcanço isso por meios estéticos, por mídia, digital *influencers*, etc. (H34)”.

Os participantes corroboram com a discussão quando trazem suas perspectivas, no sentido de “quem determina o corpo saudável não são as pessoas (H3)”. E, “Muita gente fala que é normal, você tem que aceitar, mas não, você não precisa, você não tem que aceitar porque o seu corpo pode ser saudável. Você pode ter o corpo que quiser, desde quando ele seja saudável. Quando você normaliza algo que não é saudável, é algo prejudicial, algo que pode até te causar uma morte, eu já vejo errado. Até porque, não dá para saber se está saudável só olhando (F8)”.

Essas falas vão ao encontro dos discursos normativos sobre o corpo, onde o corpo saudável se aproxima dos padrões impostos pela sociedade. Assim, é possível observar que a perspectiva trazida pelos participantes rompe com a lógica biomédica e objetificadora, onde a saúde está reduzida a métricas e aparência. Essas falas apresentam, ainda, críticas ao imperativo da aparência, que, segundo Chrisler e Johnston-Robledo (2018), é quando a sociedade exige que a saúde se manifeste visivelmente, por meio da magreza ou musculatura.

É possível observar ainda, a partir das falas citadas acima, o conceito de autonomia corporal, onde o sujeito assume as responsabilidades sobre seu corpo, saúde e bem-estar, não permitindo que o olhar externo defina esses critérios (Butler, 2004; Preciado, 2014; Jimenez, 2022). Apesar de todo o esforço para normalização dos padrões corporais e a pseudosaúde restrita a aparência, respeitando a pluralidade dos corpos, Nogueira (2006) critica contextos de descuido sistemático com o corpo, muitas vezes normalizados como resistência cultural. Assim, é importante filtrar os extremos antes da normalização.

Neste sentido de corpo saudável, os participantes trazem à luz a temática da obesidade, enfatizando que nem sempre o corpo saudável será o corpo magro e vice-versa. Isso pode ser visto na seguinte fala: “Acho que a pessoa pode ter o corpo da forma que quiser, [...] como ser magro, ser gordo, eu acho que isso a gente tem que ter um consenso do que é comum, é bom,

apropriado e que já precisa ser visto, analisado e precisa ser cuidado. Tem que tomar cuidado pra não normalizar algo que é prejudicial pra saúde. Por exemplo, a obesidade (F12)”.

Nesse sentido, Campos, Marujo (2016) destacam que é preciso desconstruir a ideia de que corpos magros são mais saudáveis e desmistificar a ideia de que corpos gordos tendem a ter algum tipo de patologia, que se diferencie do saudável, o que vai ao encontro da fala da participante. Assim, Jimenez (2022) enfatiza que a patologização dos corpos gordos é uma forma de controle social que desumaniza e marginaliza sujeitos que não se enquadram nos padrões normativos de beleza e saúde, dando à luz aos corpos magros como única opção de saudável.

Os participantes relataram também a importância das pessoas não influenciarem as outras, mediante suas experiências pessoais, principalmente na internet

“Não concordo com uma pessoa que vence isso [a obesidade], ou quando você tem um corpo saudável, e você posta, por exemplo, nas redes sociais, que tudo bem você ter obesidade, ou tudo bem você ser muito magro. Isso é errado porque você está influenciando as outras pessoas a, por exemplo, comer sem pensar no pós, a, por exemplo, não beber em água, comer bastante, por exemplo, beber muito refrigerante e não beber água. Ai isso vai deixando sempre um problema no seu corpo que já deixa de ser saudável (F5)”.

Na mesma esteira, a participante (F6) complementa, ao concordar com essa reflexão, dizendo que: “Então você, enfim, acaba influenciando as pessoas a não serem saudáveis apenas por como a pessoa se fala. E isso eu já acho errado mesmo.”

As falas acima refletem preocupações sobre a influência das redes sociais e/ou dos influenciadores na promoção de comportamentos alimentares e estilos de vida que podem ser prejudiciais à saúde. Estudos têm demonstrado que as redes sociais desempenham um papel significativo na formação de hábitos alimentares, onde a exposição a conteúdos promovidos por influenciadores digitais podem levar a alterações não só comportamentais, como também na percepção da Imagem Corporal (Esteves, Veras, Santos, 2022).

O acesso a conteúdos não científicos, disponíveis em redes sociais, e muitas vezes disseminados por influencers, pode resultar em práticas alimentares prejudiciais em diversos aspectos, tanto quando considerado o corpo magro, quando considerado o corpo gordo, normalizando, muitas vezes, uma alimentação inadequada para as duas realidades.

Assim, diante do impacto significativo que as influências no meio digital exercem no comportamento dos seguidores que possuem acesso a este conteúdo, segundo Esteves, Veras, Santos (2022), é fundamental que, as pessoas que influenciam assumam a responsabilidade pelo conteúdo que compartilham, pois a promoção de hábitos saudáveis e a normalização de extremos quando relacionado à Imagem Corporal devem ser baseados em informações

confiáveis e respaldadas por profissionais da área da saúde (Esteves, Veras, Santos, 2022; Luz, et al., 2024).

Outro ponto trazido por uma participante está relacionado à funcionalidade do corpo, quando diz: “Eu acho que ser saudável não tem um parâmetro, mas ser saudável de modo geral é ser funcional (F16)”. Outro participante tenta entender e complementar essa fala, quando comenta: “Tipo, ter um corpo pra você profissional, da mesma medida que você quer no dia, o que você faz, se você trabalhar muito, precisa de um corpo que aguente muito. Se você não trabalha, então você não vai precisar de um corpo que aguente muito (H18)”.

Essa fala vai ao encontro do conceito de saúde pautado na funcionalidade, ou seja, na capacidade do corpo em realizar as atividades desejadas pelo indivíduo. Essa abordagem valoriza a autonomia e a adaptação das necessidades pessoais em detrimento dos padrões estéticos ou biomédicos. Assim, Barreto, et al. (2021) destaca a importância de classificar a funcionalidade de acordo com fatores físicos, sociais e ambientais de cada pessoa.

Além disso, é possível observar na fala acima a relação entre o corpo e a adequação ao estilo de vida e suas respectivas demandas, em referência à ideia de corpo situada, destacada por Mol (2022), que argumenta que a saúde se manifesta de diferentes formas, dependendo do contexto prático e cultural de quem vive o corpo, enfatizando, por exemplo, que um corpo saudável e funcional para quem é atleta é diferente de um corpo saudável e funcional para quem trabalha em um escritório (Canguilhem, 2009).

Reflexões acerca de possíveis melhorias no corpo, principalmente voltadas para a saúde foram levantadas, e podem-se destacar duas falas sobre este ponto, a saber: “Eu acho que a questão da melhoria, ela não deveria ser só relacionada ao físico, ao estético. Poderia sim relacionar isso, mas principalmente pela saúde (F7).” Em contrapartida, os participantes refletiram sobre essas “melhorias” serem majoritariamente relacionadas à estética. Exemplos desse contexto podem ser considerados na fala do participante (H36): “Tipo, ah, vou cuidar do meu corpo porque eu quero manter a minha saúde bem, saudável. É o que as pessoas fazem por último, né? Pensar na saúde. E às vezes as pessoas julgam sem saber, porque a pessoa pode estar muito bem com o corpo ruim, mas não é por causa que gosta de comida (H36).” De igual modo, a participante (F9) afirma que “o corpo perfeito pra mim seria um corpo saudável. Desde que a pessoa esteja saudável, o corpo dela é perfeito pra ela. Não exatamente bonito, mas funcional. Desde que seja estético pra pessoa e não esteja fazendo mal a ela”.

Diante das falas apresentadas, é possível fazer uma associação à tentativa de resgate à saúde com o verdadeiro objetivo de autocuidado, tendo em vista que, atualmente, a preocupação estética é muitas vezes apresentada como preocupação com a saúde. Estudos revelam que

muitas pessoas começam a fazer dietas, ou praticar exercício físico pela saúde, mas, na verdade, a motivação inicial passa por se encaixar em padrões corporais impostos socialmente (Crisler, Johnston-Robledo, 2018), indicando que a maior parte das práticas chamadas de autocuidado tem origens nas pressões sociais e julgamentos externos.

Bacon e Aphramor (2011) denunciam esse fenômeno, alegando que muitas intervenções corporais são realizadas sob o pretexto de saúde, quando na verdade são respostas às pressões estéticas normalizadas na sociedade. É preciso, então, desassociar a imagem corporal de saúde, tendo em vista que, segundo Campos (2016), nem sempre um corpo fora do padrão é sinal de descuido ou excesso, mas sim de múltiplos fatores, como genética, emocional e estrutural.

8. 2. Corpo Real ou Perfeito: Estereótipos e Padrões

A segunda categoria, referente aos padrões de beleza, está relacionada às perguntas 2, 3 e 4 do guia do moderador, relacionada aos padrões socialmente impostos, corpos bonitos ou feios, influência da mídia nesses estereótipos e padrões e a resistência ou conformidade a esses padrões.

8. 2. 1 Padrão socialmente imposto

No decorrer dos grupos focais, muito foi falado em relação aos padrões socialmente impostos relacionados à aparência. A participante (F15) enfatiza que “É que hoje a sociedade é um pouco perfeccionista. Ter um corpo perfeito seria ter um corpo bonito, porque é o ideal. É o que a sociedade fala que é ideal”. De igual modo, o participante (H27) corrobora, afirmando que é “Exatamente isso. É um padrão que a gente tenta seguir”.

Essas falas apontam de forma clara a existência de padrões de beleza socialmente impostos, internalizados pelas pessoas, principalmente adolescentes e jovens. Fica evidente nas falas acima a construção sociocultural da beleza, representando que existe um modelo de corpo, geralmente associado à magreza, simetria e musculatura. De acordo com Souza, Damásio e Pereira (2021), o corpo perfeito se tornou símbolo de sucesso, disciplina e aceitação social, e este ideal passa a ser internalizado funcionando como uma norma reguladora que define o que é bonito e valorizado.

Essa norma de beleza se aplica não só como uma imposição, mas faz com que as pessoas a absorvam como metas pessoais, muitas vezes sem consciência crítica. Isso pode estar relacionado à teoria da objetificação, proposta por Fredrickson, Roberts (1997), onde a própria pessoa internaliza o olhar externo e se torna vigilante com o próprio corpo (Tylka, Wood-Barcalow, 2015).

As falas sobre essa temática foram diversas, no sentido de discutir de modo profundo essa temática. No ponto em que a sociedade impõe, a participante (F17) coloca que “Mas o corpo que eu tenho é o corpo real que eu tenho pra mim, mas ele pode não ser o que as pessoas querem pra elas. Porque às vezes as pessoas impõem um determinado tipo de corpo pra você, mas você tá bem com esse corpo, diferente”. Em contrapartida, o participante discorda de que exista um corpo perfeito, estipulado pela sociedade, quando falam que “Acho que não existe um corpo perfeito, por mais que a sociedade busque isso. Principalmente com cirurgias, essas coisas. Então é muito difícil. Porque acaba comprometendo a vida. Não dá para ter um corpo perfeito assim (H29)”.

A participante (F19) chega a uma conclusão de que: “Então, para mim, essa ideia de corpo perfeito, às vezes também é o que a sociedade impõe, às vezes é inatingível. Ele não tem esse modo de perfeição. E tipo, essa pessoa, ela tem que tentar enxergar nela o melhor dela”. E, nesse sentido, a participante (F21) complementa: “eu acho que na minha visão, ela está dizendo que um corpo perfeito não seria um imposto pela sociedade. Seria um corpo que é todo mundo diferente. Imposto por você.” Assim, justificativas para o padrão socialmente imposto, e o motivo pelo qual as pessoas não aceitam o diferente pode ser observado na seguinte fala: “Até o que a gente pensa tem que ser padronizado (H38)”.

Essas falas revelam uma profunda reflexão acerca dos efeitos dos padrões estéticos, a busca pelo corpo perfeito e os desafios da autoaceitação. Mol (2022) argumenta que não existe um corpo único e normativo, mas múltiplas formas de experienciar e performar o corpo, cada uma válida à sua maneira. Apesar disso, há uma pressão para corresponder ao ideal de corpo, sendo essa uma violência simbólica (Jimenez, 2022).

Alguns participantes, entretanto, apresentam em suas falas, uma crítica ao corpo perfeito, evidenciando a desconstrução do conceito de perfeição. Os participantes reconhecem que a busca pelo corpo perfeito, muitas vezes com o incentivo, ou solução, de cirurgias estéticas, pode ser prejudicial, chegando ao ponto de prejudicar a saúde física e mental das pessoas. Chrisler e Johnston-Robledo (2018) destacam que a idealização da perfeição corporal conduz muitas pessoas, especialmente mulheres, à insatisfação constante, pois o “ideal” é móvel, mutável e inatingível. Neste sentido, segundo Tylka (2021), esse ciclo de insatisfação perpetua transtornos alimentares, dependência estética e baixa autoestima. A crítica dos participantes, portanto, representa uma forma de resistência à beleza e ao sofrimento imposto pela cultura da comparação.

Torna-se necessário destacar, entretanto, a dicotomia entre o que o outro impõe o que a pessoa escolhe para si, evidente nas falas dos participantes destacadas acima. Isso pode estar

relacionado à Imagem Corporal positiva, proposta por Tylka, Wood Barcalow (2015), onde as ideias convergem no respeito à diversidade corporal, à gratidão pelas capacidades do corpo e à valorização dos padrões internos e não externos. Desse modo, é possível refletir, mediante as falas dos participantes que não apenas os corpos são normalizados, mas também os modos de pensar, sentir e agir, evidenciando que o padrão estético não é apenas visual, mas também cognitivo e afetivo, moldando inclusive como as pessoas se julgam e enxergam os outros (Rodgers, et al., 2021).

Em decorrência dos padrões e pressões impostos socialmente, os participantes falaram sobre os preconceitos que podem existir e acontecer, mediante algo ou alguém fugir desse padrão. Essa reflexão pode ser observada a seguir:

Eu alisei o cabelo mais ou menos dos 8 aos 12 anos de idade, por influência do padrão conceitual. Eu já era considerada uma pessoa não branca. Então, ter um cabelo cacheado, quase crespo, eu tive muitas formas de preconceito e julgamento de pessoas. Então, por pressão, eu alisei meu cabelo todo com progressiva, mas eu ainda era uma criança (F23).

A fala em questão evidencia como os padrões estéticos ultrapassam o corpo, e alcançam elementos raciais, étnicos e culturais, como o cabelo. O cabelo em destaque, com maior frequência em pessoas negras ou não brancas, é marginalizado quando a cultura em questão valoriza o liso como símbolo de beleza, limpeza e aceitação social. Nessa esfera, Hooks (2019) discute como os traços não brancos são sistematicamente rejeitados pelas normas hegemônicas da beleza, sendo esta uma problemática relativa à Imagem Corporal, não só para pessoas que se enquadram nesse contexto, como também para pessoas consideradas de acordo com os padrões e que compartilham a aceitação dessas normas.

Pode-se destacar ainda a normatização estética precoce, onde desde muito cedo, segundo o relato da participante, foi passado que seu cabelo não era aceitável, o que impacta de forma direta o seu senso de pertencimento e a construção de sua identidade, frente que, segundo a idade destacada, a sua personalidade ainda estava em processo de construção. Neste sentido, Calixta (2020) traz que o processo de alisamento precoce pode ser entendido como uma forma de violência estética institucionalizada, que ensina crianças negras a se afastarem de sua identidade para buscarem a aceitação. A autora destaca ainda que esta pode ser considerada uma estética de sobrevivência, relacionada à adequação ao padrão eurocêntrico como a única saída para evitar o preconceito (Calixta, 2020).

Essas falas e acontecimentos se intensificam quando o ambiente escolar é considerado, onde os participantes exemplificam acontecimentos nesse contexto relacionados aos padrões socialmente impostos:

Então, eu acho que no ambiente escolar também tem muito esse preconceito. Por mais que uma boa parte seja alternativa ou tranquila em relação a isso, e, às vezes, até te admire, por você ter, ainda tem uma parcela de pessoas que vão ter um preconceito com você, mesmo sendo um jovem, na sua mesma faixa etária. Porque, eu acho que nem todo mundo pensa igual, ele leva a dúvida do que você acredita, igual a você (F31).

Com relação ao ambiente escolar, é pontuada, ainda, a diferença de ambiente escolar, quando comparado poder aquisitivo dos alunos e tipo de escola (pública ou privada; federal ou estadual), conforme pode ser observado a seguir:

Numa escola federal, tem muito menos preconceito, tem mais pessoas diferentes. Na minha escola antiga, era uma escola particular de pessoas mais... de uma renda maior, era paga por um grupo muito mais seletivo. Aqui tem pessoas muito mais diversas, então, eu acho que tem mais aceitação (F7)

Fica evidente nas falas apresentadas anteriormente, a presença de preconceito e normatização da aparência no ambiente escolar, revelando como a escola enquanto um espaço que deveria promover a inclusão, o respeito e a formação integral do cidadão, pode reproduzir opressões não só estéticas como também sociais e culturais. Isso pode aumentar ou diminuir de acordo com a classe social, o tipo de instituição (pública ou privada) e a diversidade do ambiente escolar.

Assim, os participantes concordam que “quanto mais elitizado o lugar é, mais fechada a sua mente vai ser em relação à diversidade. Ela falou de federal, mas, assim, tem, por exemplo, uma aluna da IF, tem uma aluna aqui do CTUR que saiu para estudar na IF. Ela é uma conhecida, uma amiga minha, e ela fala lá que muitas pessoas são preconceituosas, muitas pessoas são elitistas, o quanto elas julgam por nada, pelo seu estilo, por exemplo (F2)”.

De acordo com Bourdieu (1998), escolas privadas e de elite tendem a reproduzir os valores dominantes do grupo social hegemônico, incluindo padrões de beleza, aparência e comportamento. Isso cria um ambiente mais homogêneo e, por consequência, mais normativo e excludente. Por outro lado, escolas públicas ou federais, que reúnem maior diversidade étnico-racial, econômica e cultural, tendem a serem espaços mais diversos, abertos à diferença, ainda que isso não elimine totalmente o preconceito.

Neste sentido, autores apontam que quanto maior a diversidade do espaço escolar, maiores são as chances de desenvolver empatia, reconhecimento mútuo e aceitação da pluralidade corporal e estética (Almeida, Barbosa, 2021), indo ao encontro da fala a seguir, apresentada pela participante (F24): “eu acho que, quanto mais diversidade você tem, talvez o preconceito seja menor. Mas, quanto mais elitizado, quanto mais elitista o lugar é, quanto mais elitizado as pessoas que estão lá, são eu diria que tem maior tendência de um certo tipo de preconceito (F24)”.

Já com relação à cor do cabelo, algumas participantes atrelaram a escolha da cor e a vontade de pintar o cabelo aos padrões sociais. A participante (F33) afirma que: “Depende da cor. Imagina. Eu acho que se for uma cor muito, muito, muito vibrante e fora do padrão da sociedade, eu não iria fazer”. Somado a isto, outra participante afirma que: “vai depender muito da cor. Tipo, um ruivo, eu colocaria. Loiro, eu já tô. Cores normais na sociedade (F13)”. Em contrapartida, outra participante vai na contramão dos padrões sociais até então apresentados na discussão, e afirma que pintaria seu cabelo de “Um rosa pink, bem pink, eu também colocaria. Eu acho bonito (F12)”.

Essas falas revelam o conflito adolescente entre a tensão de expressar a própria identidade e a conformidade aos padrões existentes. A cor do cabelo, até então apenas um detalhe estético, tornou-se, segundo as falas dos participantes, um símbolo de pertencimento e resistência, passando a ser uma disputa entre liberdade e julgamento social, evidenciando o julgamento sobre o que pode ou não ser feito com o corpo, permeando expectativas sociais, normas de aparência e medo da exclusão. Nogueira (2006) tenta permear essa tríade justificando que a aparência corporal é regulada por códigos sociais que operam como formas de controle simbólico, reforçando o que é aceitável e o que é excesso. Deste ponto pode-se referenciar a escolha da cor como algo aceitável socialmente, ou muito vibrante, no extremo do padrão aceito.

Logo, as categorias colocadas como normais para loiro e ruivo e fora do padrão para rosa pink exemplificados nas falas acima revelam uma hierarquização estética, que reforçam valores eurocêntricos, higienistas e padronizadores, especialmente no contexto feminino. Dos santos e Machado (2021) especificam exatamente essa fluidez das cores, ao destacarem que cores vibrantes ou "não naturais" ainda são associadas à rebeldia, extravagância ou marginalidade, especialmente quando usadas por mulheres ou pessoas racializadas. Essa distinção entre as cores socialmente aceitáveis e as cores que chamam atenção demais pode também evidenciar o medo do olhar do outro, tema presente na teoria da objetificação corporal proposta por Fredrickson, Roberts (1997), já discutida anteriormente, onde a pessoa passa a se ver com os olhos de outra pessoa, buscando moldar-se ao olhar social.

Outro ponto levantado com relação aos padrões estéticos impostos socialmente está nos padrões existentes em atividades físicas, como a dança, por exemplo. Uma participante, praticante de ballet clássico quando mais nova, compartilhou sua experiência relacionada ao padrão existente no mundo da dança, refletindo o motivo pelo qual ela nunca foi aceita neste contexto:

Eu nunca soube. Nunca me falaram, mas... mas a maioria das meninas elas eram brancas, com cabelo claro. Elas eram muito boas. Elas tinham um corpo considerado perfeito para um balé. E eu era uma menina mais alta, eu tinha cabelo cacheado. Então, como o meu cabelo era cacheado, de vez em quando ficava uns fiapinhos para fora, e no balé tinha que ser perfeito. E a minha estrutura também é mais larga. Eu era diferente das meninas e isso era um problema (F5).

Essa fala é um exemplo claro de como os padrões estéticos atravessam práticas corporais como a dança, e mais especificamente o *Ballet* Clássico, tradicionalmente marcado por uma estética excludente, racializada e disciplinadora. Essa experiência relatada revela não apenas a exclusão, como também a ausência do pertencimento, pois, historicamente, o ballet clássico foi construído a partir de uma estética eurocêntrica, branca, magra e simétrica, exigindo não apenas habilidade, mas principalmente, em conformidade com os padrões idealizados.

Neste sentido, Foster (1996) destaca que o *Ballet* funciona como um dispositivo de disciplina e controle do corpo, padronizando gestos, silhuetas e até expressões faciais. O corpo dançante deve “desaparecer” em favor da forma perfeita — e essa forma tem cor, textura de cabelo e proporções corporais específicas. Assim, a fala da participante ilustra esse mecanismo quando ela percebe que ser mais alta, ter cabelo cacheado e uma estrutura corporal mais larga a colocavam fora do modelo corporal idealizado.

8. 2. 2. Corpo bonito X Corpo feio

Com relação à estética do corpo, os participantes destacaram suas respectivas opiniões sobre o que seria um corpo bonito e/ou um corpo feio. A participante (F21) afirmou que: “Acaba sendo uma opinião. Mas essa opinião geralmente acaba sendo construída de alguma forma, certo? Eu sei que tem a questão do instinto, mas conforme a gente vai crescendo e vai vendo as coisas ao nosso redor, essas opiniões acabam elas se formando”.

Somado a isto, outras falas de participantes vão ao encontro da fala supracitada, no sentido de: “A própria pessoa determina que é bonito e feio (H30)”, pois “Cada uma tem o seu padrão de beleza (F1)”, “porque, enfim, o que é bonito pra um pode ser feio pro outro (F16)”.

Essas falas refletem uma importante discussão sobre a relatividade da beleza. Por um lado, os participantes reconhecem que o que é considerado bonito é subjetivo, pessoal e construído. Por outro lado, eles também apontam que essa opinião não nasce de forma aleatória, mas se forma a partir de influências externas como cultura, mídia e vivências.

Assim, pode-se afirmar que a beleza não é um dado natural, mas uma categoria socialmente construída. Dounias (2021) destaca esse ponto, ao afirmar que os padrões estéticos não nascem com o indivíduo, mas são aprendidos ao longo da vida, pela exposição constante a representações de corpo consideradas desejáveis pela sociedade.

Desse modo, embora os participantes afirmem que cada um tem o seu padrão de beleza, essa autonomia não é absoluta, pois os gostos pessoais estão sempre atravessados por pressões, fazendo com que o que cada um considera como bonito ou feio seja não só parcialmente individual, como também um reflexo do olhar social internalizado (Tiggemann, Zaccardo, 2020).

Os participantes relacionam ainda o corpo bonito e o corpo feio ao modo de agir das pessoas, e destacaram que “não existe corpo bonito ou feio, porque cada um tem um modo de agir. Cada um tem um modo de ser (F33)”.

Pode-se pensar, a partir dessa fala, que os participantes rompem a noção de beleza corporal, alcançando dimensões comportamentais para referir-se à beleza, propondo assim, um olhar integral e humanizado sobre o compor, considerando sua expressão, atitude e modo de ser no mundo, considerando que a beleza está ligada ao modo de agir, deixando de ser apenas imagem para ser também presença, gesto e atitude (Shusterman, 2021).

Somado a isso, autores como Nogueira (2006) destacam que a percepção da beleza está mediada pela forma como nos relacionamos com os outros, suas atitudes e sua sensibilidade. Ou seja, um corpo pode ser considerado bonito não porque se encaixa em um padrão, mas porque comunica afeto, autenticidade, simpatia, inteligência, coragem ou bondade. Essa é uma ruptura importante com a lógica objetificadora da estética dominante. Assim, o corpo bonito passa a ser aquele que expressa coerência, sensibilidade, cuidado, atitude ou verdade, e não apenas aquele que é “simétrico” ou “magro” (Le Breton, 2016).

Em contrapartida, alguns participantes defendem que concordam com a denominação “corpo feio” e destacam suas opiniões relacionadas a aspectos específicos da aparência, como tatuagens e cirurgias exageradas. Esses pontos podem ser observados nas falas a seguir:

“Na minha opinião, existe sim corpo feio. [...] Se é aquela pessoa que não se cuida, que não se valoriza, tipo assim, ó, tem diversas tatuagens, tipo assim, diversas no corpo inteiro, ou, tipo, não cuidar mesmo de si, da pele, deixar a pele toda oleosa, encalacrada, essas coisas assim. É assim, pra mim é assim ter um corpo feio (F9)”.

Essa fala apresenta um contraponto na medida em que enquanto muitos defendem que não existe corpo feio porque a beleza é subjetiva, outros sustentam essa existência, especialmente quando se trata de autocuidado ou aspectos específicos da aparência. Assim, a ideia de que corpo feio é aquele de quem não se cuida se aproxima do que autores como Bourdieu (1998) chamam de estética moralizada. Ou seja, o julgamento sobre o corpo não é apenas estético, mas carregado de valores morais: um corpo que não se cuida é visto como preguiçoso, negligente, vulgar ou inadequado, e não apenas como não atraente.

Já no tocante às tatuagens apontadas na fala acima, Gil (2021) aponta que tatuagens ainda são lidas por parte da sociedade como símbolo de rebeldia, imoralidade, marginalidade ou inadequação ao padrão de respeitabilidade, principalmente quando associadas a certos corpos (jovens, mulheres, pessoas negras ou periféricas).

Com relação às cirurgias, pode-se destacar a seguinte fala: “Pra mim, é um corpo feio, porque, assim, inúmeras cirurgias, modificações, você olha e você não reconhece. Não é natural (F19)”. Essa fala apresenta uma visão crítica em relação às modificações corporais excessivas por meio de cirurgias plásticas, associando a estética artificial à perda de identidade e a ideia de corpo feio. Contudo, quando essas modificações são percebidas em excesso, provocam rejeição de quem vê, não apenas pela aparência, mas pelo que simboliza, como a perda da autenticidade e vaidade excessiva.

Le Breton (2016) destaca, nesse sentido, que o corpo é uma dimensão da identidade: ele nos representa, nos expressa, nos traduz socialmente. Quando um corpo modificado não é mais reconhecível, surge a percepção de dissociação entre aparência e essência.

8. 2. 3. Influência da mídia

Sobre a influência da mídia na aparência, os participantes destacam que a mídia possui grande responsabilidade quando relacionada à aparência, principalmente relacionada às redes sociais. O participante (H25) destaca que, em sua opinião: “A rede social é agora uma das maiores influências que a gente tem. Tanto é que quem faz conteúdo para a rede social é chamado de influenciador, porque é isso que ele é: Uma influência para aparência, em relação à saúde, e até em relação à convivência, às vezes”. De igual modo, o participante (H36) aborda que “a rede social, ela influencia, sim, a gente de uma forma ou de outra, consciente, conscientemente”.

Uma das participantes exemplifica como essa influência pode acontecer:

“Por exemplo, você passava pelo vídeo só sobre um determinado assunto. Se eu ver vários vídeos, de várias mulheres, homens, assim, com o corpo que a sociedade dita como perfeito, aquilo vai pegar pra mim. E eu vou tentar, talvez, né, fazer com que eu fique parecida, fazendo o possível e o impossível pra ter, saudável e não saudável, o corpo igual daquela pessoa (F10).”

Essas falas evidenciam uma percepção crítica dos jovens sobre o poder da mídia, especialmente das redes sociais, na construção da aparência, saúde e modos de convivência. Ao reconhecerem que essa influência atua de forma consciente e inconsciente, os participantes revelam um nível importante de consciência sobre os efeitos simbólicos e psicológicos da exposição constante a corpos idealizados.

As falas sobre redes sociais reconhecem que deixaram de ser apenas espaços de comunicação para se tornarem espaços de formação de valores e comportamentos. A figura do influenciador digital simboliza essa transição: trata-se de alguém cuja imagem se transforma em modelo a ser admirado, imitado e seguido. Segundo Tiggemann, Slater (2020), as mídias sociais são atualmente o principal canal de propagação de ideais de corpo magro, definido e saudável, influenciando especialmente adolescentes e jovens adultos. Essa influência não é apenas visual, mas simbólica: o corpo perfeito é apresentado como sinônimo de sucesso, felicidade e aceitação social.

A naturalização dos padrões através da repetição massiva é influenciada nas redes sociais. Mesmo quando não se busca ativamente um ideal de corpo, a exposição contínua a certas imagens ativa processos de comparação social, autocrítica e insegurança corporal fazem com que, inconscientemente a pessoa seja influenciada por determinado conteúdo. De acordo com Rodgers et al. (2021), a visualização repetida de corpos idealizados pode afetar o comportamento alimentar, autoestima, percepção da saúde e levar à internalização de ideais irreais de beleza.

Essas comparações e influências podem levar a práticas nocivas para alcançar o corpo ali exposto como ideal. Neste sentido, Tylka (2021) destaca que a comparação social com corpos idealizados nas redes sociais está diretamente associada a distorções da imagem corporal, surgimento de transtornos alimentares e declínio da autoestima.

Assim, acredita-se que os adolescentes refiram-se à mídia especificamente às redes sociais, acreditando que elas são as maiores influenciadoras, por ser este o maior acesso desta categoria. Outras mídias, como revista e televisão, por exemplo, não são tão presentes na vida dos adolescentes atualmente.

Um estudo realizado por Koffermann e Aguaded (2023) investigou a influência das redes sociais sobre adolescentes, destacando que essas plataformas desempenham um papel significativo na vida dos jovens, afetando aspectos como consumo e educação crítica. A pesquisa aponta que os adolescentes estão cada vez mais imersos nas redes sociais, que se tornaram uma parte essencial de seu cotidiano.

Os debates acerca da influência da mídia se aprofundaram, conforme pode ser observado nas falas a seguir: “As redes sociais, essa indústria, quer que a gente acredite que existe um corpo perfeito. É um padrão pra gente, sendo que nós somos adolescentes. E o corpo perfeito não existe porque a maioria daquelas pessoas são pessoas ricas, tem cirurgias com milhares de coisas (F15)”.

Outro participante complementa essa fala, dizendo: “Por isso que influenciam a gente, porque a gente vai acreditar que por meio de exercício físico, dieta, não que não possa, mas é algo meio que impossível pra gente conseguir o que eles conseguiram em três meses, por exemplo. (H38)”.

As falas apresentadas trazem uma percepção crítica sobre a influência da mídia, especialmente as redes sociais, na construção de um corpo ideal e inatingível. Os participantes reconhecem a existência de um padrão estético artificial, muitas vezes mantido por celebridades ou influenciadores que dispõem de recursos inacessíveis à maioria das pessoas, como cirurgias plásticas, acompanhamento profissional intenso e tratamentos estéticos de alto custo. Há uma clara crítica à fabricação simbólica do corpo ideal promovido pela mídia. Tiggemann, Zaccardo (2018) destacam neste sentido que as redes sociais criam um ambiente onde os corpos apresentados são muitas vezes irreais, levando os usuários, especialmente adolescentes, a se compararem negativamente e a acreditarem que precisam se transformar para serem aceitos.

Outro ponto que pode ser discutido é a meritocracia corporal presente nas redes sociais, em que se promete transformação radical em pouco tempo, sem que se revelem os recursos reais envolvidos. Para Bozsik et al. (2020), influenciadores frequentemente promovem a ideia de que alcançar o “corpo perfeito” é apenas uma questão de esforço pessoal, mascarando o uso de cirurgias, produtos e edições digitais.

As falas também apontam que o “corpo perfeito” nas redes não existe na realidade, pois é moldado digitalmente ou por práticas estéticas invisibilizadas. Isso cria o fenômeno do “desejo de ser uma imagem”, onde o corpo se torna um projeto visual e não mais uma vivência subjetiva. Sibilia (2008) chama isso de “espetacularização do eu”, em que o corpo deixa de ser algo vivido para se tornar algo mostrado, consumido e julgado pelos outros. Essa lógica gera alienação corporal e faz com que adolescentes deixem de reconhecer o valor de seus corpos reais e funcionais, buscando se moldar a um ideal artificialmente produzido.

Outro ponto presente na fala dos participantes relacionando às influências corporais foi o fisiculturismo, prática esportiva que visa o desenvolvimento dos músculos corporais por meio da hipertrofia muscular. Essa modalidade busca o aumento do volume muscular, definição e simetria, com os praticantes se apresentando em palcos e realizando poses coreografadas para serem avaliados por árbitros (Cobo Martínez, 2024). Na fala do participante X, percebe-se que esta prática ocupa um lugar de influência negativa para a aparência, tendo em vista que, segundo o participante (H39), “o corpo que essas pessoas têm e demonstram ter, não são pelos meios convencionais ou os meios que elas dizem que são, entendeu? Um bom exemplo são os influenciadores de fisiculturismo, coisas do tipo”.

A fala do participante (H34) revela uma crítica relevante sobre a desinformação e a construção de falsas expectativas corporais nas redes sociais, especialmente no contexto do fisiculturismo. Essa perspectiva mostra que o corpo idealizado e exibido por influenciadores, em especial os ligados ao fisiculturismo, muitas vezes não é resultado apenas de dieta, treino e disciplina, mas também de recursos não mencionados publicamente, como uso de anabolizantes, cirurgias plásticas ou edições digitais. Cobo Martínez (2024) afirma que o fisiculturismo, sobretudo em sua face midiática, pode contribuir para uma fetichização do corpo, onde a aparência torna-se produto, e o processo que a gera é ocultado por narrativas meritocráticas enganosas. De igual modo, Bozsik et al. (2020) apontam que os conteúdos de inspiração fitness nas redes sociais frequentemente omitem os recursos artificiais usados para alcançar os corpos exibidos, perpetuando padrões inatingíveis e pouco saudáveis.

Outro ponto discutido pelos adolescentes foi a influência de pessoas famosas, que utilizam as mídias para influenciarem seus seguidores. Uma fala que representa este ponto pôde ser observada pelo participante (H32), quando disse: “Um famoso aí, o Oruam. Não sei se você viu a reportagem dele, né? Que ele foi preso. Aí, ele ficou muito na mídia, e ele cortou o cabelo dele. O cabelo dele era grande, ele cortou e pintou de vermelho. Aí, muita gente foi pintando assim porque ele pintou. Aí, virou uma trend do ódio”.

A fala do participante (H32) revela um aspecto importante da cultura adolescente contemporânea: o poder da influência midiática das celebridades e influenciadores digitais na formação da identidade, comportamentos e até mesmo nas expressões estéticas dos adolescentes. O exemplo citado, sobre o influenciador Oruam e a repercussão de sua mudança de aparência, ilustra como ações simbólicas de figuras públicas podem se transformar em “*trends*” (tendências), com forte adesão, inclusive quando associadas a episódios polêmicos ou negativos.

Cashmore em 2006 já alertava que a cultura da celebridade cria personagens midiáticos que funcionam como espelhos sociais. Esses indivíduos modelam comportamentos, estilos e até valores, sendo mais influentes quanto maior sua presença em plataformas digitais (Cashmore, 2006). A discussão proposta por Cashmore (2006) permanece atual e relevante, especialmente diante das transformações impulsionadas pelas redes sociais. Autores recentes discutem que a ascensão dos influenciadores digitais ampliou a ideia de celebridade, tornando-a mais acessível e próxima do público (Souza, Silva, 2021). Entretanto, a cultura de influenciadores pode reforçar padrões inalcançáveis e promover uma visão distorcida da realidade (Almeida, 2023). A busca por autenticidade e a pressão por manter uma imagem perfeita podem levar a comportamentos prejudiciais tanto para os influenciadores quanto para

seus seguidores como influenciadores digitais operam como celebridades contemporâneas (Grieger, Botelho-Francisco, 2019).

Diante de todas as falas, uma pergunta se destaca, feita pelo participante (H39): “Mas aí cabe uma análise, não?”. Somado a isso, a participante (F31), complementa que eu acho que é importante filtrar, né? ”. Essas falas vão ao encontro de um importante conceito da Imagem Corporal, conhecido como filtro cognitivo, que refere-se à maneira como as pessoas interpretam, avaliam e respondem as informações visuais e simbólicas sobre o corpo. O filtro cognitivo funciona como um "filtro mental" que pode ser mais ou menos crítico, dependendo do repertório cognitivo, autoestima, experiências anteriores e grau de internalização dos padrões sociais. Autores como Tylka e Wood-Barcalow (2015) e Alleva et al. (2020) destacam que esse filtro pode atenuar ou intensificar os efeitos negativos das comparações sociais, principalmente nas redes sociais.

De acordo com Tylka, Wood-Barcalow (2015), pessoas com uma imagem corporal positiva ativam filtros cognitivos protetores, sendo capazes de reconhecer e rejeitar mensagens corporais idealizadas e não realistas. Já Alleva et al. (2020) destacam que o filtro cognitivo atua como um mecanismo de regulação que protege a identidade corporal da pessoa frente a padrões midiáticos internalizados.

As falas dos participantes demonstram ativação desse filtro. Por exemplo, quando o participante (H39) diz que cabe uma análise, está sinalizando o início de um distanciamento crítico. Isso demonstra que não está absorvendo passivamente o conteúdo corporal consumido, mas começa a problematizar, ativando o filtro cognitivo. Já a fala destacando a importância de filtrar deixa clara a consciência: ela mostra que a participante entende que nem toda informação deve ser acolhida integralmente, havendo um processo de triagem mental sobre as informações que recebe.

Esse tipo de comportamento pode estar relacionado com a abordagem proposta por Hill, Curran (2016), que discute o papel da autoavaliação crítica e da comparação social no desenvolvimento da imagem corporal. Eles afirmam que indivíduos que conseguem refletir sobre os padrões ao seu redor estão mais protegidos dos efeitos da pressão estética e do perfeccionismo socialmente prescrito.

Desse modo, a participante (F17) reconhece, ao dizer que: “Apesar de que a gente idealiza a mesma coisa, por mais que você possa ter essa influência, eu não acredito que você deve ser totalmente influenciado, caso faça uma análise e não aceite tudo”, entretanto, que a influência existe, mas que essa análise e reflexão pode ser o diferencial para minimizar seus impactos, e justifica que “nem todo influencer ali que demonstra essa vida e essa aparência pra

você é igual pessoalmente.” Somado a isso, a participante X complementa que “o nível [de influência] depende da forma que você analisa o conteúdo que você vê”.

Em paralelo aos filtros cognitivos, a fala anterior representa um posicionamento de autorregulação crítica da influência midiática, um tema amplamente discutido nas abordagens contemporâneas sobre imagem corporal, influência digital e cognição social. Essa perspectiva insere-se em um campo de estudos que investiga como indivíduos reagem, resistem ou internalizam os conteúdos visuais e simbólicos propagados pelos influenciadores digitais e pela cultura da celebridade. Podem ser observados, nessas falas, conceitos da conscientização crítica da mídia, também conhecida como uma importante e recente teoria da Imagem Corporal: A *Media Literacy*, que refere-se à capacidade de interpretar e avaliar criticamente as mensagens veiculadas nas mídias, compreendendo suas intenções, distorções e impactos sobre a autoimagem.

Levine, Piran (2019) destacam que a reflexão crítica é fator protetivo contra a internalização de ideais corporais disfuncionais, especialmente em adolescentes. Essa habilidade permite distinguir entre realidade e performance, aparência e essência, exatamente como indica o trecho “nem todo o influencer ali que demonstra essa vida e essa aparência pra você é igual pessoalmente (O4)”.

Além disso, McLean et al. (2022) investigam se o nível de influência sofrido pelas mídias digitais está diretamente relacionado à forma como os indivíduos interpretam cognitivamente os conteúdos. Isso pode ser observado na fala “o nível [de influência] depende da forma que você analisa o conteúdo que você vê (H38)”. Tiggemann, Slater (2014) destacam, entretanto, que a exposição midiática não afeta todos os indivíduos da mesma forma, havendo variáveis moderadoras, como a capacidade crítica, autoestima e o grau de identificação com os modelos exibidos, sendo possível, então, que algumas pessoas não interpretem essas influências da mesma forma crítica, e tenham, por isso, mais facilidade em absorver tais influências de forma negativa.

Outro ponto que merece ser discutido é a influência da mídia por pessoas que não são tão famosas. A participante (F11) traz que: “Na internet, as pessoas mostram o que é bonito, esteticamente, e que é bom ser saudável. Tem das duas coisas”.

Em relação às mídias dos participantes, pode-se destacar 3 relatos de como aparentam ser e como realmente são, a saber: A participante (F5) relata que: “no Instagram, no meu Instagram, eu passo a maior vibe, sabe? MPB, Gal Costa, Maria Betânia, Caetano Veloso. Juro, no meu Instagram... Chega aqui na escola, pareço moradora de rua. É diferente”. De igual modo, a participante (F2) faz uma análise de uma colega e sua rede social, novamente exemplificando

essa dicotomia: “A Sofia, no Instagram dela, é mais lutadora, jiu-jitsu. Agora se eu vejo ela aqui, eu não ia pensar que ela era lutadora nunca”.

A possível justificativa para este acontecimento pode ser encontrada em duas falas: “Não, tipo, porque no Instagram, acho que é mais sobre a gente, na internet, no Instagram, a gente passa outra vibe, outra personalidade (F1)”, e “Acho que é mais fácil a gente conseguir demonstrar ser uma coisa no Instagram do que pessoalmente, porque tipo, eu sou uma pessoa no Instagram e outra pessoa pessoalmente. Acho que alguém que só me conhece pelo Instagram, se me visse aqui, pessoalmente, não ia, tipo, ligar as personalidades, sabe? ”.

Essa sequência de falas permite discutir diversos aspectos da Imagem Corporal. Inicialmente, é possível observar que os adolescentes percebem que, mesmo fora da esfera das grandes celebridades, há um reforço constante de padrões de beleza e performance corporal nas mídias sociais. Isso está diretamente ligado ao conceito de "microcelebridades", discutido por Senft (2013) e aprofundado por Abidin (2016), quando destaca que microcelebridades são indivíduos que, por meio da performance constante da autenticidade, cultivam seguidores e influência digital, mesmo sem o status tradicional da fama (Abidin, 2016).

Já falas como: “No meu Instagram eu passo a maior vibe... chega na escola, pareço moradora de rua (F5)” revelam um fenômeno cada vez mais estudado: a dissonância entre identidade digital e identidade presencial. Esse fenômeno é abordado por Goffman (1959) em sua teoria da performance social, mas ganha atualizações importantes com autores como Marwick (2015) e Boyd (2014), que mostram como os jovens constroem "personas" online cuidadosamente editadas, adaptadas ao que querem comunicar e que nem sempre coincidem com sua vida cotidiana.

Boyd (2014) afirma que no ambiente digital os jovens aprendem a negociar expectativas de autenticidade e popularidade, muitas vezes construindo versões idealizadas de si mesmos. Essa idealização não é apenas vaidade, mas também uma tentativa de pertencimento e afirmação social, enquanto Marwick (2015) complementa que as redes sociais não são um reflexo do eu, mas uma curadoria seletiva dele. A identidade digital é moldada por contextos de audiência e estratégias de apresentação.

É possível identificar nessas falas, ainda, o conceito de performatividade da identidade, proposto por Butler (1990), e atualizada por Cover (2016), que afirma que nas redes sociais, a pessoa deixa de apenas “ser” e passa a “demonstrar ser”, o que cria uma identidade projetada. Assim, nas redes sociais, a identidade torna-se uma performance contínua, onde o eu se torna visível através de signos midiáticos, e não mais pela experiência imediata. Essa diferença entre o ser digital e o ser real cria, segundo os autores, uma desconexão identitária, que pode gerar

conflitos internos, como insegurança, inadequação. Mas, a partir das falas apresentadas, é possível hipotetizar que os adolescentes demonstram consciência crítica dessa diferença (Butler, 1990; Cover, 2016).

Neste sentido, a imposição do padrão ideal é potencializada pelas redes sociais, que funcionam como vitrines de corpos “perfeitos”, amplamente editados, filtrados e performados. A exposição constante a essas imagens reforça o desejo de conformidade corporal. Tiggemann, Zaccardo (2020) afirmam que Plataformas como Instagram são hoje espaços de disseminação de estéticas inalcançáveis, onde corpos reais são constantemente editados para parecerem normais.

8. 2. 4. Resistência ou conformidade aos padrões

Os participantes demonstraram certo descontentamento com os padrões, no sentido de resistirem ou se conformarem com esses padrões. Uma fala que originou essa reflexão foi: “Hoje todo mundo é muito igual. Hoje todo mundo tenta ser muito igual (F20)”, referindo-se à tendência de conformidade e adequação das pessoas.

Há, neste ponto, uma clara homogeneização da aparência e do comportamento, evidenciado pela participante (F20). Segundo Bauman (2001), em uma sociedade líquida como a atual, os indivíduos vivem sob a tensão constante entre serem aceitos pelo grupo e manterem a própria identidade, pois a identidade deixou de ser algo dado, para tornar-se algo que se escolhe, se monta e se exhibe. Mas o desejo de ser aceito não permite tanta originalidade quanto parece (Bauman, 2001).

Nesta esteira, o participante (H32) questiona a outro participante: “Você prefere ser igual a todos ou diferente de todos?”, e o participante (H34) complementa que “Este é um subjulgamento que vem da gente. É importante você ser único para você.” Dito isto, importa destacar também que a participante (F22) destaca como possível motivo para a conformidade aos padrões e, assim, tornar-se igual a todos, a “necessidade de ser aceita, ou de se sentir aceita”. E, uma nova reflexão surge, com a fala: “Mas, de repente, você não é feliz (F23)”.

Observa-se nesta fala a presença da pressão estética internalizada no participante que traz essa fala. De acordo com Fredrickson e Roberts (1997), essa pressão internalizada leva as pessoas, especialmente mulheres, a uma forma de auto-objetificação, na qual seu valor está atrelado à sua aparência conforme os padrões externos. Da mesma forma, Levine, Piran (2019) abordam o conceito de *body normativity*, que mostra como os jovens se conformam a padrões não apenas para agradar os outros, mas para evitar a exclusão e o julgamento, mesmo que isso

custe sua autenticidade ou felicidade. Segundo os autores, a normatividade corporal não é apenas uma construção social; é um sistema regulador de comportamento. É o ‘não parecer inadequado’ que move grande parte da conformidade (Levine, Piran, 2019).

As necessidades de pertencimento são também visíveis nas falas apresentadas. É importante destacar, portanto, que, a aceitação social, embora fundamental ao bem-estar, pode, quando distorcida, levar à renúncia da autenticidade. Essa desistência da autenticidade buscando ser socialmente aceito pode gerar sofrimento psíquico, por haver então, um conflito entre o que a pessoa é, e o que ela deve parecer que é (Brown, 2018).

Outro ponto levantado foi relacionado à etnia, exemplificando que pode ser visto como uma certa resistência ao padrão, tendo em vista que esse aspecto da aparência não viabiliza modificações. A participante (F8) traz luz a essa discussão, quando diz: “Algo também que eu queria refletir é etnia. Porque não tem modelo ideal para todo mundo. Acho que cada um tem seu jeitinho, sua etnia. Acho que a gente tem que respeitar também de onde a gente é, a nossa identidade”. Neste mesmo sentido, a participante (F24) também apresenta uma fala neste sentido quando diz que “Não seria muito sobre questão de certo ou errado. Seria sobre a pessoa se comparar também. Tipo, por exemplo, eu tenho uma pele parda e ela uma pele clara. Talvez a sociedade possa achar a pele clara mais bonita e, por isso, eu teria que ter uma pele clara também, mas é impossível (F24)”.

Essas falas podem originar uma discussão essencial sobre a imagem corporal relacionada às questões raciais e os limites da conformidade estética impostos a pessoas não brancas em uma sociedade que historicamente padroniza a beleza em torno de ideais eurocêntricos. As participantes demonstram consciência crítica sobre como a etnia está relacionada com os padrões de beleza, e apontam a frustração e a injustiça que existe, segundo a visão delas, ao dizer que comparações desse tipo privilegiam certos traços raciais em detrimento de outros.

De acordo com Hooks (2015), a valorização de identidades racializadas é um movimento contra-hegemônico em sociedades que impõem padrões eurocêntricos de beleza. Ao afirmar que "não tem modelo ideal para todo mundo", a participante subverte essa lógica e propõe um olhar plural, que reconhece a diversidade étnica como uma forma legítima de beleza e existência. Já a fala sobre a impossibilidade de modificar a etnia para atender ao ideal estético (como no caso da cor da pele) expõe o caráter excludente e inatingível desses padrões. Essa angústia ecoa nas pesquisas de Aparicio et al. (2021), que demonstram que jovens não brancos são frequentemente os mais afetados por insatisfação corporal quando comparados a padrões midiáticos hegemonicamente brancos, afirmando que quando a aparência é tratada como moeda

de valor social, corpos racializados são sistematicamente marginalizados por não corresponderem a uma estética hegemônica (Aparicio, et al 2021).

É possível observar também questões relacionadas ao racismo presente nas falas das participantes. Segundo Cavalleiro (2000) e Gonzales (2021), isso ocorre quando pessoas racializadas incorporam as crenças de que traços fenotípicos brancos são superiores ou mais aceitáveis, o que pode gerar autorrejeição, sofrimento psíquico e comparações destrutivas. Essa percepção está ligada à branquitude como norma estética, um fenômeno invisibilizado, mas presente nas práticas sociais, nos algoritmos e na mídia. O sofrimento revelado na frase “mas é impossível” da participante (F24) evidencia o limite biológico da adaptação estética e a dor de sentir-se aquém de um padrão inalcançável.

A adequação aos padrões para agradar outras pessoas também foi levantada, podendo este posicionamento ser observado nas seguintes falas: “Eu podia não estar bem comigo mesma pelo fato de eu não gostar daqueles estilos. Mas pelo fato de ver a minha família ou alguém que eu falava dizendo que gostou já me dava um certo alívio, e então, continuava com aquele estilo (O4)”. Em contrapartida, uma fala se mostra o oposto dessa conformidade: “Não é porque alguém aprovou ou reprovou. Eu nunca tive na minha vida que usar uma roupa porque alguém aprovou ou reprovou. Se eu usei e alguém aprovou, é porque eu também achei bonito. Mas, se a pessoa achou feio, quem está usando sou eu, não ela (H30)”.

Pode-se observar, neste ponto, um conflito entre a autoafirmação e a dependência da aprovação externa, de outras pessoas, com evidências da influência do olhar do outro sobre a construção de sua Imagem Corporal e, conseqüentemente, a aprovação ou reprovação perante este constructo. Cooley, em 1902, sugere o conceito “Espelho Social”, muito presente até os dias atuais, destacando que a imagem que fazemos de nós mesmos é, em grande parte, moldada pelo reflexo do olhar social. A validação do outro se transforma em alívio psicológico, mesmo quando isso fere a autenticidade (Cooley, 1902). Recentemente, entretanto, Perloff (2014) destaca como a dependência da aprovação externa está ainda mais acentuada, principalmente pelas redes sociais, levando à modulação de gostos, comportamentos e aparência, com prejuízos para a autoestima e a coerência identitária. Em contrapartida, é possível encontrar também, um posicionamento alinhado à autonomia e à autoestima. Esse tipo de discurso revela a presença de um filtro cognitivo e emocional que protege a identidade pessoal das pressões externas, conceito também abordado por Tylka e Wood-Barcalow (2015) no campo da imagem corporal positiva.

Ainda nesse contexto, alguns participantes trouxeram esse contraponto de conformidade ou resistência aos padrões, a saber: A participante (F7) diz “imagina, se hoje, no senso comum,

eu encontrasse uma senhora de 97 anos com um cabelo pintado de cor de rosa, logicamente, tem algumas pessoas que acham horrível, por isso. E acontece. Mas a idade dela proporciona isso a ela! Eu acho que a idade é nada melhor do que isso”. Da mesma forma, outra participante afirma que: “Eu acho que a vida é muito curta para a gente ter só um tipo de cabelo, para a gente só ter um tipo de personalidade e ser a mesma pessoa a vida inteira. Não tem porquê (F6)”. Por último, um novo exemplo traz a reflexão exata da resistência aos padrões, ao referir-se que: “Nesse caso, não precisa nem ter piercing, nem ter tatuagem, de repente uma pessoa foge do ideal de beleza socialmente colocada, ela só tá fugindo, ela é diferente. Ela só não é igual às pessoas comuns” (F24).

É possível observar nas falas destacadas acima, o exercício da liberdade estética e certa resistência aos padrões. Os participantes discordam da ideia de que existe um “corpo certo” e uma “idade certa” para ser ou parecer de determinado modo. Ao afirmarem essa ideia, os participantes desmistificam o pensamento em questão que associa juventude à liberdade estética e a idade mais avançada à neutralidade, o que dialoga com o conceito de corpo dissidente (Le Breton, 2013), onde aquele que não se conforma aos modelos impostos, tornando-se um corpo que “fala” e questiona as normas.

8. 3. Comparações de Aparência: Mensagens e Julgamentos

Com relação às comparações de aparência: mensagens e julgamentos, terceira categoria, pode-se relacionar as respostas com as perguntas 7, 8 e 10 do guia do moderador, referente às respostas relacionadas à comparações sociais, influência distal ou proximal, desejo de agradar os outros e exclusão, bullying e estereótipos quando a aparência não agrada.

8. 3. 1. Comparações sociais

Com relação às comparações sociais que ocorrem em decorrência da pressão estética, pode-se destacar que: “É mais sobre nós mesmos do que os outros. Se a gente se aceita, a opinião do outro, muitas vezes, não vai importar pra gente mais. Mas até pra chegar nesse lugar... A gente tem que passar por um processo bem longo (F9)”.

Esse processo bem longo que a participante (F9) se refere acima está relacionado aos muitos contextos que essas comparações ocorrem, “tanto na internet, quanto na escola, quanto no trabalho, quanto na família, quanto em qualquer lugar que você estiver. As pessoas, elas acham... Elas são muito insistentes, e então, vai surgir as pressões e as comparações” (F20). Somado a isso, o participante (H36) apresenta uma fala alinhada a esta, quando diz “a todo

segundo, toda hora essa pressão passa pelo que a gente faz, pela influência que a gente anda recebendo, pela pressão que a gente recebe, tanto da sociedade, quanto da internet, ou até mesmo dentro de casa”. Outra fala que complementa essa reflexão é a do participante (H18): “Porque a sociedade é assim. Se a pessoa é diferente, consequentemente ela tá errada. É o que as pessoas pensam”.

As falas acima descrevem as influências que moldam a percepção dos indivíduos sobre seus corpos. A pressão estética, nesse contexto, aparece como um fenômeno multifacetado, que transcende o espaço virtual e se manifesta em diversos ambientes sociais, como escola, trabalho, família e redes sociais, conforme destacado por Lira (2025) indicando como a pressão estética vai para além da internet, sendo influenciada, além desse fator, também pelos pais e amigos.

É possível observar, também, o quanto a autoaceitação é colocada em questão por comparações constantes e invisíveis, que ocorrem nesses três principais fatores mencionados acima, que se apresentam como controle social. Festinger (1954), ao propor a teoria da comparação social, já destacava que os indivíduos tendem a avaliar a si mesmos com base em parâmetros externos, especialmente quando esses parâmetros são reforçados por validações sociais (curtidas, elogios, aceitação em grupos, etc.).

Além disso, a ideia de que “se a pessoa é diferente, consequentemente ela tá errada”, trazida pelo participante (H18), pode fazer referência ao papel da normatividade estética, uma lógica que determina o que é considerado “certo” ou “aceitável” em termos de aparência, comportamento e identidade. Esse tipo de julgamento se articula com a noção de controle social simbólico, discutida por autores como Foucault (1975), em que os corpos são vigiados, corrigidos e normalizados por meio de discursos cotidianos e institucionais (Pinto, Malacarne, Beber, 2025).

O fato de os participantes destacarem a presença da pressão estética até “dentro de casa”, trazida pelo participante (H36), indica que as instituições sociais principais, como a família, também reproduzem padrões normativos, muitas vezes de forma não intencional, mas profundamente impactante, pois segundo Okuda (2017), a forma como a criança acredita que os seus pais gostariam que ela fosse interfere diretamente na forma como ela gostaria de ser e na forma como ela se vê.

Uma fala específica chama atenção, quando refere essas pressões e comparações especificamente no ambiente escolar. O participante (H34) justifica que esse cenário ocorre na escola: “Porque a escola é um lugar muito grande. O ambiente de qualquer escola é um lugar muito grande. Muitas escolas. Então, acaba que, muitas vezes, o seu amigo conhece esse amigo,

que conhece o amigo de fulano. E fulano que não gosta de você conhece tal pessoa que gosta. Então, acaba que isso se mostra muito também com fofocas e comentários. E você, inevitavelmente, por estar estudando na escola e por ser um lugar grande, é um lugar de muitos conhecidos (H34)”.

Fica evidente, a partir dessa fala, que a escola, apesar de representar um espaço formal de aprendizado e desenvolvimento, também apresenta fundamental importância para o meio social dos alunos, sendo o local propício para reprodução e intensificação de comparações, julgamentos e pressões estéticas. Assim, a escola se torna um ambiente de vigilância social, onde o corpo é constantemente observado e avaliado. Ainda que informalmente, essa vigilância exerce forte influência na construção da identidade dos adolescentes, principalmente quando interfere no conceito de pertencimento e validação social dos mesmos (Teixeira, 2021).

Em contraponto a essas falas, o participante (H38) traz luz a um novo ponto, relacionado às pessoas com deficiência e as comparações que podem ocorrer com essa pessoa. Este participante expõe que “eu acho que não existe comparação nesse nível. Eu acho que tem pessoas que sofrem mais. Por exemplo, às vezes uma pessoa que tem uma deficiência visual, física, ela às vezes vai ter uma dificuldade de se aceitar no meio dessas pessoas, talvez. Porque ela às vezes não vai aceitar que tem um braço a menos, ou uma mancha no rosto.”

A fala do participante (H38) traz luz a uma importante questão relacionada à aparência: A imagem corporal de pessoas com deficiência nos contextos de comparação e aceitação, como a escola, por exemplo. Essa fala sugere que as comparações estéticas, quando direcionadas a pessoas com deficiência, não seguem os mesmos parâmetros, não porque não haja julgamento, mas porque a sociedade frequentemente desconsidera essas existências como parte do padrão possível de ser admirado (Souza, 2024). Essa exclusão se alinha ao conceito de corpos desviantes, discutido por autores como Davis (2002) e Garland-Thomson (1997), que apontam como o corpo com deficiência é historicamente tolerado, escondido ou superado (Souza, 2024).

O trecho referente à não aceitação de “um braço a menos” ou “uma mancha no rosto” revela o impacto do capacitismo, que associa valor, beleza e competência à integridade física ou sensorial das pessoas, atuando muitas vezes de modo silencioso, voltado para exclusão e/ou opressão (Gesser, Block, Mello, 2023). Assim, a fala do participante também traz reflexões sobre a urgência da inclusão estética no discurso sobre corpo e imagem. Não se trata apenas de aceitar diferentes pesos ou tipos de cabelo, mas de reconhecer como belos, válidos e humanos todos os corpos, inclusive com deficiência (Mello, 2020).

8. 3. 2. Influência Distal ou Proximal

As comparações sociais podem acontecer de forma distal, quando ocorrem por fatores mais distantes e indiretos, como a mídia, e por fatores proximais, como família e amigos. Os participantes apresentam suas opiniões acerca das influências na aparência, e todas as falas convergem para a influência contínua de diferentes perspectivas, com diferentes frequências. O participante (H32) afirma que: “com certeza as pessoas julgam ou influenciam a nossa aparência. Todo dia, toda hora, a cada momento”. A participante (F11) também afirma algo similar, quando diz que “a nossa vida é baseada em influência, a todo momento, de todo tipo de pessoa”.

Os participantes destacam alguns exemplos de onde essas influências partem e as respostas se complementam. A participante (F12) diz surgir “de amigos, de colegas”. De pessoas que você convive. Aquelas brincadeiras que dizem, ah, pelo fato de ser brincadeira, você não quer uma brincadeira meio maldosa”. O participante (H18) aponta como brincadeiras maldosas relacionadas à aparência: “Nossa, muito magrinho. Tem que engordar, tem que emagrecer”. Outro exemplo de comentários que influenciam a aparência pode ser visto a seguir, na fala da participante (F13): “Então, quando eu era pequena, eu tinha uns... Eu tinha uns cinco anos. Na escola, né? Ficavam falando do meu cabelo. Aí, eu alisei. Eu acho que isso é um exemplo de como a opinião das pessoas acaba influenciando na nossa aparência, na nossa vida.”

Essas falas trazem a influência social para o foco da discussão, exemplificando que, em consequência dessa influência, muitas vezes, a pessoa molda, regula e distorce a percepção que cada um tem de si. Essas comparações sociais são descritas tanto em sua forma distal, como ocorre por meio da mídia e das redes sociais, quanto em sua forma proximal, quando são fruto do convívio direto com amigos, colegas e familiares (Festinger, 1954; Thompson, 2004). Essas influências e comparações não ocorrem de maneira pontual e isolada, mas sim, no dia a dia, através de brincadeiras, piadas e comentários, que muitas vezes se disfarçam de interação social e amizade, e podem reforçar padrões estéticos normativos e contribuir para a insatisfação corporal, especialmente entre adolescentes (Silva, Santos, 2023).

O trecho sobre a participante (F13) ter alisado o cabelo aos cinco anos de idade, em virtude de comentários dos colegas da escola, é particularmente significativa, ao destacar como a influência social pode ocorrer de forma precoce e impactar profundamente decisões relacionadas à Imagem Corporal, mesmo antes de sua identidade e personalidade estarem totalmente formadas. Essa experiência pode ser atrelada ao conceito de identidade corporal,

que segundo autores, como Cash (2004) e Wood-Barcalow et al. (2015), é formada em grande parte a partir das interações sociais e do valor que o indivíduo acredita ter aos olhos dos outros.

Mas, além dos amigos da escola, os participantes também trazem luz sobre a influência da família sobre a aparência, principalmente de crianças. A participante (F17) traz uma fala que representa essa influência em diferentes aspectos da vida:

Acho que a gente pode falar de influência, principalmente relacionado à aparência e o que outros tipos de pessoas falam. Todo mundo fala muito sobre a família em relação à sua personalidade, ao seu caráter, pois é a sua família que te dá educação. Mas em nenhum momento as pessoas falam sobre a influência que a sua família traz sobre a sua aparência, na sua religião, às vezes até na sua forma de enxergar a outra pessoa (F17).

Do mesmo modo, a participante (F23) traz uma reflexão de que “as pessoas, na família, acabam julgando tanto você, que você acaba se julgando e isso acaba acarretando em você imaginar que as pessoas vão te julgar também”. Neste contexto de influências familiares, foi possível observar diferentes falas que exemplificam essa vertente da teoria sociocultural de influência. De acordo com a participante (F28), “muitas vezes, uma mãe não consegue lidar com o cabelo da filha, com o cabelo geralmente crespo ou cacheado e, para isso, ela alisa para ficar minimamente mais dentro do padrão”. Outra participante também relata a influência da família, relacionada ao cabelo:

Sobre essa questão de alisar o cabelo, eu posso falar, porque eu quando era criança passei por esse processo, infelizmente. Quando eu fiz a transição porque eu tinha cabelo cacheado, foi pela minha própria família, e eu não podia falar nada que era considerado falta de respeito. E, eu ouvia frases do tipo assim: “Nossa, você tá com o cabelo duro” “nossa, seu cabelo está esquisito”, alguma coisa assim. Você escutar isso da sua própria família já é muito ruim, aí depois você escutar, tipo assim, “ah, não, alisa para ficar mais fácil” (F19).

A participante (F31) também destaca essa influência sobre o cabelo, especificamente na infância, quando diz: “Isso também acho que é muito na infância, as pessoas que tem um cabelo crespo ou cacheado, de passar por um processo de alisamento muitas vezes por causa dessa pressão de não ser aceito”.

As falas destacadas trazem, especificamente, a comparação proximal oriunda dos pais na construção da aparência e identidade de crianças e adolescentes. Embora os participantes reconheçam de maneira positiva que a família é responsável pela formação do caráter e dos valores morais, eles também apontam que é a família, principalmente os pais, os primeiros responsáveis por comparações e influências sobre o corpo, a estética e o modo de se apresentar ao mundo.

A teoria sociocultural da imagem corporal, conforme abordada por Thompson, Heinberg, Altabe (1999), propõe que a família é uma das três principais fontes de influência

sobre a internalização de padrões estéticos, seguida dos pares e da mídia. Essa teoria explica como a repetição de comentários, sugestões e julgamentos vindos de pessoas próximas, especialmente os pais, pode levar a criança ou o adolescente a desenvolver um olhar crítico e insatisfeito sobre seu próprio corpo.

O cabelo teve grande destaque nas falas das participantes. Ao relatarem que familiares sugeriram ou impuseram o alisamento dos cabelos crespos ou cacheados, as participantes demonstraram como a família pode atuar como um agente de reprodução do padrão eurocêntrico de beleza, mesmo que inconscientemente (Gomes, 2019).

Destacar essas falas, principalmente quando, segundo as participantes, ocorreram ainda na infância, se torna ainda mais preocupante, pois autores destacam que os primeiros anos de vida são cruciais para a formação de crenças sobre o próprio corpo. Quando a família, que deveria ser um espaço de aceitação e segurança, atua como espelho distorcido, há maior risco de insatisfação corporal precoce, baixa autoestima e dificuldades de aceitação identitária (Cash, 2004; Tylka, Wood-Barcalow, 2015).

Os participantes destacam ainda que: “então, isso realmente é questão de influência, porque eu ia para a escola e eu via minhas amigas que tinham cabelo liso e me perguntava “porque meu cabelo não é assim?””, e eu acho que isso é uma coisa muito enraizada na gente (F6)”. Essa mesma participante complementa dizendo que “Aí foi quando eu realmente entendi o que que era... como é que eu... como eu me via. Não porque eu gostava daquilo, mas porque as pessoas falavam aquilo e influenciavam na minha decisão (F6)”.

Ao observar suas colegas na escola com cabelos lisos e questionar por que seu cabelo era diferente, a participante (F6) evidencia um fenômeno amplamente discutido na literatura: a comparação social como regulador do autoconhecimento e do sentimento de pertencimento (Festinger, 1954). Mais do que uma simples preferência estética, esse tipo de comparação evidencia a internalização precoce de padrões normativos de beleza. Cash (2004) destaca, entretanto, que a imagem corporal não se resume à percepção física do corpo, mas inclui as atitudes e crenças que se desenvolvem a partir das mensagens externas, muitas vezes reforçadas em contextos sutis, como a convivência escolar.

Do mesmo modo, ao relatar que “não porque eu gostava daquilo, mas porque as pessoas falavam aquilo (F6)”, pode-se observar a influência externa como responsável por uma mudança na aparência. Tylka, Wood-Barcalow (2015) chamam este contexto de imagem corporal negativa e dependente da aprovação externa, marcada por autocritica e sensação de inadequação. Isso demonstra o peso da influência sociocultural na escolha de comportamentos

que parecem individuais, como alisar o cabelo, mas que na verdade são fruto de um processo de adaptação a um ideal coletivo.

No contexto das influências, além dos amigos e da família, foi também destacada a mídia, mais especificamente, os influenciadores ou pessoas famosas. A participante (F22) contribui dizendo que:

Eu também acho que os maiores influenciadores são os que vendem. Cabelos, cantores, atores. Eles também vendem a beleza. Eles não vivem aquele modelo que vendem. Por exemplo, modelos, eles estão lá, assim. Mas, na vida cotidiana, não vivem esse modelo. Então, eles vendem algo que não vivem. Exemplo: lá tá com o cabelo perfeito, alisado, tá maquiado, com a pele bonita e perfeita. Mas, quando chega no dia a dia, a pessoa não é assim. Acaba que todo mundo vê igual. Ninguém é perfeito. A gente vende a perfeição, mas ninguém é perfeito (F22).

Outra perspectiva de influência de famosos é quando a pessoa se influencia por algo como uma inspiração, como é o caso de pessoas famosas, que inspiram as demais. A participante (F1) disse que “tipo alguém que é fã da Luna Del Rey, a pessoa gosta muito da Luna, então ela vai querer se parecer com a Luna, então vai começar a aderir o estilo, como a Luna se veste como ela se fala e essas coisas, gosta desse estilo de música, gosta desse estilo de roupa gosta desse estilo de comida esse jeito de falar, esse jeito de agir”.

A partir desta fala, por um lado, é possível observar a crítica da perfeição estética como mercadoria, sendo um ideal inalcançável, sustentado por discursos midiáticos. Por outro lado, é possível observar a adoção involuntária de traços da identidade de pessoas famosas como forma de pertencimento. Essa ideia de que é vendido o que não se vive faz parte de um forte discurso midiático, da aparência como espetáculo, sinalizado por Debord (1967), que já indicava que na sociedade do espetáculo, o que importa não é a realidade vivida, mas a imagem que se projeta.

Isso pode ser observado na segunda fala apresentada acima (F1), que traz a inspiração como forma de influência identitária, em um processo de identificação e mimetismo, que vai além da aparência e envolve estilo de vida, linguagem, gosto musical e até gestos. Esse comportamento pode ser interpretado a partir da teoria da performatividade de gênero e identidade, discutida por Butler (1990), onde os sujeitos constroem sua identidade por meio da repetição de gestos, práticas e estilos socialmente significantes.

8. 3. 3. Desejo de agradar os outros

Com relação ao desejo de agradar outras pessoas, destaca-se que os participantes apresentaram diferentes falas que exemplificam esse costume ou experiências em suas vivências. De forma geral, a participante (F16) destaca: “acho que não é só você ser uma pessoa

padrão em geral, mas padrão no grupo em que você quer se inserir”, trazendo a ideia de que podem existir diferentes padrões, que se moldam de acordo com o grupo/contexto em que a pessoa está inserida.

Neste sentido, a participante (F28) diz que “Normalmente, elas [as pessoas] são influenciadas por não estarem agradando as pessoas ao redor, tipo, família, talvez namorado, talvez as pessoas da rua que veem. Ela quer agradar a sociedade, e não ela mesma”. O participante (H27) exemplifica como os namorados podem influenciar na aparência das mulheres: “Porque tem, vou botar assim, o exemplo de, tem homem que prefere mulher o que? De cabelo natural. Tem homem que não gosta que a mulher corte o cabelo, não pinta a unha. Nada disso”.

Essas falas apresentam o desejo de agradar os outros relacionado com a forma com que as pessoas constroem e apresentam sua aparência. A fala “não é só ser uma pessoa padrão em geral, mas padrão no grupo em que você quer se inserir” (F16) chama atenção para a reflexão de que não há um único padrão estético, mas sim múltiplos padrões, que variam conforme o contexto social, relacional e afetivo. Isso ocorre pois, segundo Fernandes (2004), os indivíduos moldam sua aparência baseado no pertencimento a grupos sociais específicos, buscando aceitação e aprovação desses grupos. Assim, o padrão estético não é apenas imposto pela mídia ou pela sociedade de modo geral, mas também em contextos interpessoais, como o círculo de amigos, familiares ou relacionamentos afetivos (Polli, Joaquim, Tagliamento, 2022).

É preciso destacar, entretanto, que esse julgamento não ocorre somente por meio de relacionamentos afetivos. O participante (H26) traz que: “Todo mundo julga as pessoas. Pra coisa que eu gosto, eu julgo isso. Assim como eu posso julgar ele”. De igual modo, o participante (H10) aponta que “são as pessoas que julgam. Pessoas que julgam. Geralmente”, corroborando que as pessoas, em geral, realizam julgamentos, e não somente pessoas com responsabilidade afetiva.

Esse julgamento, cotidiano e geral, descrito pelos participantes evidencia a reprodução do julgamento, denominado por Cash (2008) como Imagem Corporal socialmente dependente, onde o valor próprio é regulado pela comparação constante com os outros. Nessa lógica, os indivíduos não apenas são vítimas dos julgamentos, mas também os reproduzem, como forma de reforçar sua posição dentro de uma hierarquia estética percebida.

Os participantes destacam, entretanto, que é preciso ter responsabilidade sobre o julgamento exercido, pois, involuntariamente, o julgamento vai acontecer. Mas, destacam que é preciso ter consciência de como esse julgamento será passado para a pessoa. Exemplos disso podem ser vistos nas seguintes falas:

“Se eu vejo uma pessoa inteligente, e eu falo, caramba, ele é muito inteligente. Esse será um julgamento que eu acredito que não fará mal. Mas eu posso falar, caramba, o cabelo dele não me agrada. Isso pode não ser um julgamento tranquilo, e eu não tenho direito de julgar ele de forma negativa pelo cabelo, e usar isso como fator pra afetar ele, de algum jeito (F21).”

Nessa mesma linha, o participante (H3) traz um exemplo parecido: “Tipo, eu não gosto dos estilos de roupa dele. Mas mesmo que eu não goste, não vou julgar ele, de forma prejudicativa, falando que a roupa dele é feia e obrigar a ele usar os tiros de roupa que eu gosto”. Essa fala traz a reflexão de que mesmo não gostando do que se vê, não é de fato necessário julgar de forma negativa ou opressora. Esse posicionamento revela uma consciência crítica sobre a diferença entre opinião pessoal e julgamento normativo, e aponta para a possibilidade de convivência estética respeitosa, mesmo diante de gostos distintos.

Cash (2004) alerta que a insatisfação e os conflitos em torno da aparência muitas vezes são aumentados pela necessidade de validação externa e pela tendência de padronizar comportamentos e corpos, como se houvesse uma única forma certa de ser ou parecer. A fala do participante (H3) contraria essa lógica ao destacar o direito de cada indivíduo se expressar por meio da aparência, ainda que isso não agrade a todos. Essa postura também está alinhada com Tylka (2015) sobre a imagem corporal positiva, quando destaca que esta vai além da simples aceitação do próprio corpo e abrange também o respeito aos corpos e aparências alheias.

Diferente disso, uma participante compartilhou uma experiência pessoal de julgamento e mudança, que foi originada por julgamentos prévios, mas trouxeram problemas após a tentativa de se adequar ao padrão:

Na época que eu fazia balé, tinha que ter cabelo grande, por conta do coque e tal. E eu usava muito cabelo preso. E aí, quando eu... As raras vezes que eu usava cabelo solto, todo mundo se espantava. Nossa, um cabelo grande desse, pra que um cabelo tão grande? Aí, fica com cara de velha. Aí, tem que cortar o cabelo. Aí um dia eu cortei. Meu cabelo é aqui assim, ó. Aí uma vez eu cortei o cabelo por causa desses comentários. E aí depois pra prender era horrível. Tinha que tacar um monte de gel quando fazia o coque, porque aí ficava tudo soltando (F2).

Ao relatar que cortou o cabelo após repetidas críticas e comentários, a participante revela o efeito cumulativo do julgamento social sobre a aparência, mesmo em situações onde não há uma intenção direta de ofender. Esses pequenos comentários atuam como ferramentas de controle simbólico do corpo, gerando desconforto, vergonha e mudanças que nem sempre refletem o desejo genuíno da pessoa. Essa vivência também ressalta a fragilidade da autonomia estética em contextos normativos, especialmente para crianças e adolescentes. Como defendem Cash (2004), Tylka (2015), o respeito à aparência alheia é uma dimensão central da promoção

da imagem corporal positiva, não apenas no sentido de tolerar o outro, mas de não tentar moldá-lo com base em preferências pessoais, padrões sociais ou expectativas de grupo.

Além disso, o julgamento sobre o cabelo da participante reforça o que Thompson (2004) chama de pressão estética interpessoal, que ocorre em contextos de convivência próximos (como escolas, academias, companhias de dança). Ele argumenta que, para desenvolver uma imagem corporal saudável, é preciso romper com o ciclo de “aparência idealizada e correção constante”, que é socialmente incentivado.

Outra participante aparenta viver um conflito entre sua aparência e o que ela realmente é, mediante as mensagens que sua aparência passa: “Eu queria passar uma impressão diferente, só que sei lá, não consigo passar essa impressão. Sei lá. Na minha cabeça eu sou super vibe, super fofa, super delicada, mas na vida é real. Na vida é real. Sou totalmente diferente (F15)”

A fala da participante acima revela um dilema subjetivo comum na adolescência e juventude: o descompasso entre a identidade interna e a forma como se é percebido externamente. Quando ela afirma “na minha cabeça eu sou super vibe, super fofa, super delicada, mas na vida real sou totalmente diferente”, ela expressa uma tensão entre o eu ideal e o eu visível, uma experiência que pode gerar desconforto, insegurança e sensação de inadequação estética.

Cash (2004) descreve essa falta de conexão como parte do que ele chama de *body image dissatisfaction*, não apenas ligada ao corpo físico em si, mas também à mensagem simbólica que o corpo transmite socialmente. Ou seja, a imagem corporal envolve tanto a percepção física quanto a representação social da identidade. Quando há desalinhamento entre quem a pessoa acredita ser e a forma como é lida pelo olhar social, emerge um tipo de sofrimento subjetivo pouco visível, mas altamente impactante.

Tylka (2012) também aborda essa frustração ao discutir a imagem corporal positiva, ressaltando que ela se constrói não apenas na aceitação do corpo, mas também na capacidade de usar o corpo como expressão legítima de quem se é, algo que muitas vezes é tolhido por olhares sociais que não reconhecem essa intenção subjetiva.

8. 3. 4. Exclusão, Bullying e estereótipos

De forma consensual, os participantes, de todos os grupos focais, concordaram que ocorrem exclusões, bullying e estereótipos relacionados à aparência, nos mais diversos contextos. A participante (F33) traz que esses comportamentos podem ocorrer pelo simples fato

de a pessoa ser considerada bonita, dentro dos padrões e do que um determinado grupo entende por beleza.

Ela traz a seguinte fala sobre esse ponto: “Por exemplo, uma pessoa por ser bonita pode sofrer uma rejeição, um bullying só por ser bonita” (F3). Outra participante traz outro exemplo de exclusão mediante o que é estipulado como bonito:

“É que nem pessoa bonita. Você já percebeu que tem gente, que tem pessoa que é muito bonita, e as outras pessoas, elas se distanciam daquela menina. Tipo, vamos dar o exemplo, um quarteto de amigas. Aí tem uma menina que é muito bonita, o destaque, tudo isso. Aquelas outras pessoas não vão chegar nela e nas amigas. Por quê? Porque ela é muito bonita, ela é diferente. Então, o quê? Elas vão excluir aquela menina. O povo vai querer manter distância, por não achar legal, por achar que aquela pessoa chama atenção demais” (F37).

Outra participante diz que “eu também acho que quem julga sempre vai julgar. Não importa se você está se sentindo maravilhosa, seja perfeita, se tem gente que é sem caráter, sempre vai julgar as pessoas de qualquer jeito. Independente se você está no padrão da sociedade ou não. E, diante de tantos padrões, alguém pode simplesmente não ter ido com a sua cara por causa de, sei lá, sua personalidade (F13)”.

Outra fala tenta também explicar o motivo dessas zoações acontecerem em diferentes ambientes: “Muita das vezes, um determinado grupo social vai te zoar de alguma forma, pelo seu tom de pele, pela sua etnia, pelo seu estilo, por você ser magro, por você ser gordo, por você ser padrão, qualquer coisa, eu acho que gera um tipo suficiente de preconceito, qualquer coisa relacionada à sua aparência (H26)”. A fala do participante (H29) também pode corroborar com a ideia de que as zoações possuem profundo impacto na vida de quem sofre, quando destaca: “como o bullying que me fez emagrecer (H29)”. O participante (H29) não destaca onde sofreu o bullying, mas deixa claro em seu comentário os efeitos dessa zoação.

Essas falas revelam uma discussão complexa sobre aparência, julgamentos e exclusão social, indo além do preconceito, somente. Os participantes demonstram que, de forma contraditória, até mesmo estar “dentro dos padrões” pode ser motivo de exclusão, rejeição ou bullying, o que aumenta o conhecimento sobre a opressão estética. Esse dado revela que a aparência, mesmo quando elogiada ou idealizada socialmente, não protege o sujeito da crítica, e pode, inclusive, torná-lo alvo de inveja, isolamento ou rejeição. Isso pode ser encontrado em estudos sobre o capital estético (Heinich, 2006), que mostra que a beleza pode funcionar tanto como um recurso de valorização social quanto como fator de exclusão e distanciamento, dependendo do contexto.

Essa informação se relaciona com o que Butler (1990) e Bartky (1990) chamam de normatização dos corpos, onde qualquer diferença, para mais ou para menos, pode representar

uma ameaça à estabilidade de um grupo. Ou seja, o desvio da norma não é apenas o considerado feio, mas também o bonito demais, o destacado, ou diferente. Assim, os grupos tendem a minimizar essas diferenças através da exclusão ou do *bullying*.

A fala que afirma “como o *bullying* me fez emagrecer” (H29) evidencia o efeito direto que os comentários sobre aparência podem ter na saúde física e mental de um indivíduo, ainda que o bullying não seja direcionado à falta de beleza. Isso se alinha com o conceito de pressão estética internalizada discutido por Cash (2004) e Tylka (2015), onde o indivíduo absorve os comentários e críticas e passa a modificar sua aparência não por desejo próprio, mas por uma necessidade de aceitação e fuga do julgamento.

Apesar de esses julgamentos acontecerem em diferentes contextos, o ambiente escolar esteve muito presente na fala dos participantes. De modo geral, os participantes relatam que a exclusão e o *bullying* podem acontecer “justamente por uma característica física, com um tipo de fala, de zoação que pode virar para além da zoação (F35)”.

Os participantes concordam que, se alguém apresenta uma aparência diferente do padrão esperado ou aceito no ambiente escolar, as pessoas vão “rir. Você vai rir dessa pessoa (H14)”, e automaticamente, vai acontecer a exclusão, conforme pode ser visto nas falas dos participantes (F19) e (H25), respectivamente: “Acho que acaba acontecendo exclusão. Exclusão social” (F19), “Eu acho que acontece exclusão, fofoca e comentários” (H25). Os participantes afirmam ainda que essa exclusão e comentários sobre a aparência acontecem de forma frequente. Segundo o participante (H3), “Todo dia. Todo dia acontece. Todo dia tem uma piadinha, um comentário. É comum”.

Exemplos de como essa exclusão ocorre no ambiente escolar pode ser observado na fala da participante (F37):

Na escola, as pessoas se afastam porque as pessoas, elas não aceitam. Tem gente que não mostra. Tem gente que não gosta que a pessoa está usando piercing. Ou que não gosta que tem cabelo... Vamos botar um rosa, porque... Rosa pink. Tem gente que não aceita, que não gosta, por não querer. Aí, tipo, se distancia da pessoa, não fala, não conversa, e não quer nem saber. E exclui aquela pessoa daquele meio, sabe? E isso é errado (F37).

De igual modo, o participante (H14) destaca que essas zoações ocorrem quando: “Um determinado grupo zoa de um garoto de determinada turma e, automaticamente, a escola inteira não fala com esse garoto porque ele estava sendo caçoado. Isso acontece muito também” (H14).

Essas falas exemplificam de maneira clara, as ocorrências frequentes de *bullying* relacionado à aparência no ambiente escolar, exercido pelos próprios pares, ou seja, pelos colegas, onde a aparência diferente em detrimento do padrão estabelecido para tal contexto é penalizada por meio de piadas, isolamento social, fofocas e o próprio *bullying*. Dessa forma, os

participantes dos grupos focais que apresentam essas falas tendem a identificar a escola como um espaço onde a vigilância e o julgamento relacionados à aparência acontecem de forma frequente e sistemática. Este fato pode ser identificado nos relatos onde, segundo os participantes, qualquer desvio na aparência fora do padrão pode se tornar exemplo de diferença, e conseqüentemente, acarretar nos problemas mencionados.

Essa realidade se aproxima da noção de corpo disciplinado proposta por Foucault (1975), onde diferentes instituições, no caso, o contexto escolar, exercem um controle sobre os corpos, moldando o que é aceitável ou não, mesmo de forma informal. Segundo o autor, quando esse controle ocorre, a exclusão não precisa ser oficializada: basta o silêncio, o afastamento, o riso ou a piada repetida para que o corpo em questão se torne “inadequado” aos olhos do grupo. Fato é que, segundo os participantes, o bullying se torna uma prática naturalizada, ocorrendo todo dia, como diz um dos participantes. A naturalização do bullying estético está profundamente relacionada à ideia de violência simbólica descrita por Bourdieu (1989), onde formas sutis de zoação que, por estarem profundamente incorporadas nas relações sociais, não são percebidas como violência, mas como brincadeira, zoeira ou normalidade.

Estudos recentes apontam que o *bullying* impacta negativamente em uma ampla gama de emoções e sentimentos, produzindo diversos efeitos deletérios, designadamente nas vítimas e nos agressores (Silva, et al., 2025). Autores da área da Imagem Corporal também trazem reflexões sobre os desdobramentos desses acontecimentos: Cash (2004) e Thompson (2004) apontam como a exposição contínua ao julgamento social interfere diretamente na formação da autoimagem e da autoestima, especialmente na adolescência, período em que os jovens estão buscando validação e pertencimento. Para eles, quando a aceitação do grupo está condicionada à aparência, a pessoa tende a internalizar a ideia de que precisa se ajustar esteticamente para merecer vínculos afetivos e sociais.

Além do bullying relacionado à aparência, existem também, no ambiente escolar, piadas homofóbicas e racistas que merecem destaque. O participante (H3) destaca que “talvez a pessoa ser racista, fazer um comentário preconceituoso, racista, e só porque riu no final da frase, parece que é uma brincadeira. Por exemplo, chamar o outro colega negro de macaco. Ele ser chamado de macaco. Muita gente chamam né... os colegas negros de macaco. Como é colega, e sempre tem um tom de brincadeira, acham normal (H3)”. Da mesma forma, outro participante destaca que “Na minha turma, as piadinhas já existem, e geralmente são homofóbicas (H10)”.

Estudos recentes revelam que o racismo e a homofobia continuam sendo desafios significativos no ambiente escolar, afetando negativamente a saúde mental, o desempenho acadêmico e a permanência dos alunos que sofrem essa violência na escola. Um levantamento

do Todos Pela Educação, com base nos dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), mostrou que, em 2021, apenas 25,5% das escolas públicas brasileiras tinham projetos para combater o machismo e a homofobia, o menor índice em uma década. Em 2017, esse percentual era de 43,7%.

Apesar dessas falas, essa exclusão comum no ambiente escolar pode ocorrer também fora desse contexto, fazendo com que adolescentes e jovens tenham inseguranças que acabam refletindo-as na escola. Piadas, julgamentos e até mesmo racismo podem ser observados no cotidiano. A participante (F5) exemplifica essa fala quando diz:

Eu sou uma garota que tenho muitos pelos no corpo, e antes de entrar no CTUR, isso começou a ser uma grande insegurança, que me causava muitas questões, ainda mais por eu não ter uma pele muito clara, tinha piadas racistas, obviamente, e outros tipos de preconceitos, que faz a gente gerar esses preconceitos com nós mesmos. Então, antes de entrar, e até hoje mesmo, acaba sendo uma insegurança, de tantos julgamentos, que são expressos até mesmo em forma de piada para parecer que não é um julgamento. Sendo que é algo que faz ficar na nossa cabeça, e faz a gente se julgar por isso. Porque parece que você é uma piada, cada vez mais. Você acaba percebendo que você é diferente, e ao invés de você enxergar essa diferença como alguma coisa boa, você acaba vendo como algo pejorativo (F5).

Alguns participantes trouxeram suas experiências pessoais, de acordo com suas características de aparência para exemplificar como o bullying e a exclusão ocorrem em diferentes contextos. A participante (F16) destaca:

Por exemplo, eu tenho muita acne. Sempre tive muita acne. Isso é genético, da minha família. E eu já sofri muito bullying por isso. Às vezes, as pessoas até da minha família mesmo, falavam que era falta de cuidado, que era o que eu estava comendo, só que isso é genética. É algo que eu nasci com isso. O médico falou que o remédio é só o tempo, porque é algo que não pode ser curado. Então, eu não posso deixar as pessoas falem mal de mim, ou deixar de me achar bonita, ou me maltratarem por causa disso. Porque eu não vou deixar de viver por causa de uma macha, ou para agradar alguém. Se a pessoa me conhece, ou querendo me conhecer, ela vai aceitar, porque ninguém é perfeito, todo mundo pode ter uma mancha, ou uma deficiência em algum lugar, e é normal (F16).

A fala dessa participante (F16) apresenta uma exclusão por algo específico de sua aparência, que é temporário, mas interfere na sua vida atualmente. Apesar disso, a participante demonstra consciência de que sua aparência não resume quem ela é, de fato, e diz filtrar a maneira como esses julgamentos a afetam.

Essas falas demonstram como a Imagem Corporal se constrói não apenas de maneira individual, mas vinculada a contextos socioculturais marcados por preconceito, exclusão e *bullying*, que podem ocorrer dentro ou fora da escola. Cash, Smolak (2011) destacam que imagem corporal é moldada por experiências interpessoais, como comentários depreciativos, *bullying* e exclusões sociais, que afetam negativamente a percepção que o indivíduo tem de si mesmo. Tais experiências são internalizadas e podem gerar autoestigmatização, como pode ser

observada na fala da participante que relata ter muitos pelos no corpo e pele não clara (F5), associando isso a piadas racistas que provocam um ciclo de autoquestionamento e insegurança.

Autores como Wood-Barcalow, Tylka, Augustus-Horvath (2010), destacam que a percepção corporal é significativamente influenciada pela forma como os outros avaliam ou comentam o corpo do indivíduo. Entretanto, essa percepção é ainda mais vulnerável durante a adolescência. A adolescente que destaca as piadas sobre acne, por exemplo (F16), apresenta um caso de atribuição injusta de culpa (como a família dizer que é falta de cuidado), mesmo existindo causas genéticas. Alleva et al. (2015), destaca, portanto, que a promoção da aceitação corporal e da compaixão com o próprio corpo é essencial como forma de resistência às normas estéticas rígidas, independente das alterações temporárias da aparência destacadas nas falas dos participantes.

Outro exemplo pode ser observado na fala da participante (F35), destacando que, de igual modo, por uma característica de sua aparência, sofreu os efeitos do *bullying* e da exclusão, desencadeando problemas de ordem psicológica. Em conformidade com a fala anterior, os efeitos negativos dessas falas se fizeram presentes, mas, de igual modo, criou-se uma consciência positiva sobre sua aparência.

Eu tenho problema de pele. Manchinha branca, um pedaço. E eu fui zoada. Me chamaram de... É por conta, assim, da manchinha. Me chamavam de vaca malhada. E isso influenciou muito na minha vida. Porque eu criei um processo de depressão e ansiedade, tendo crises diretas. Só que, assim, depois eu vi que... Quem tem que se achar bonita sou eu. Não as pessoas. Então, eu tenho que procurar agradar a mim e não as outras pessoas (F35).

A participante expressa uma vivência marcada por inseguranças internalizadas, resultado de pressões sociais que desvalorizam corpos que se afastam dos padrões hegemônicos de beleza. Essa fala ilustra a construção social da diferença corporal, que ocorre quando traços naturais (como pelos corporais ou tom de pele) são transformados em motivos de exclusão ou inferiorização. Isso demonstra como o corpo pode se tornar um espaço de conflito identitário, onde o sujeito não apenas sente vergonha de suas características, mas passa a vê-las como defeitos (Jones, 2004).

Outro exemplo trazido é relacionado à atividade física, mais especificamente, a dança. A participante (F2) compartilha sua experiência com a aparência no *Ballet Clássico*, um estilo de dança muito tradicional, que apresenta um estereótipo muito específico.

Quando eu era pequena, eu sofria muito no ballet, mas como eu era pequena, eu não sabia os motivos. Eu não tentava procurar essa coisa. Então, o que eu fiz foi sair [do ballet]. Em vez de eu tentar procurar um motivo, eu só saí. Então, eu perdi uma coisa que gostava para evitar esses acontecimentos, evitar comentários sobre mim, me sentir excluída. Mesmo não sabendo o porquê, eu me sentia excluída. Então, eu falei que eu queria sair porque eu não me sentia confortável. [...] Então, acaba que as meninas

formavam um grupo e eu ficava mais excluída. Então, eu não precisava delas confirmando isso para mim. Já falava o que dava para perceber. Então, eu deixei de fazer algo que eu gostava, porque não dava para eu ser diferente (F2).

A participante acima revela um sofrimento silencioso que resultou na desistência de uma atividade que gostava, por se sentir deslocada, julgada e excluída, mesmo sem uma explicitação clara para a ocorrência dessas exclusões. A dança, especialmente o *ballet* clássico, é conhecida por exigir padrões físicos específicos, o que contribui para um ambiente altamente seletivo e excludente. Dias e Menezes (2019) destacam que o *ballet* ainda carrega uma herança eurocêntrica, que reforça padrões corporais brancos, magros e longilíneos, dificultando a inclusão de corpos que não se encaixam nesse modelo.

Do mesmo modo, Tiggemann e Zaccardo (2015) relatam que espaços onde o corpo é constantemente avaliado, como esportes estéticos ou dança, tendem a ampliar a consciência corporal, provocando sentimentos de inadequação, especialmente em meninas e adolescentes. A participante (F2) relata que, mesmo sem saber exatamente o motivo da exclusão, já se sentia diferente, o que reforça o conceito de auto-objetificação precoce descrito por Fredrickson e Roberts (1997). Segundo os autores, esse conceito ocorre quando a pessoa passa a enxergar seu corpo não a partir de sua funcionalidade, mas a partir do olhar social. Essa vivência também está ligada à privação de experiências positivas com o próprio corpo, e assim, ao desistir da dança, a participante não apenas se afastou de uma prática prazerosa, mas também de um potencial espaço de expressão e fortalecimento corporal.

Outra participante (O4) faz referência à religião enquanto influência de padrões e aparência, e traz uma vivência de um colégio anterior que estudou, religioso, apesar de ela não seguir essa doutrina: “Também tem o colégio Adventista e eles não gostam. Tipo assim, se você aparecer lá de unha pintada, eles não vão gostar. O cabelo cortado, o cabelo colorido, um monte de coisa assim. Principalmente se saberem que vocês são de outra religião, eles já vão estar com o pé atrás de você. Já vão ficar meio que, tipo assim, com preconceito (O4)”.

Essa fala reflete como a religião pode atuar como agente normatizador da aparência, estabelecendo padrões que vão para além do comportamento e passam a regular, também aspectos corporais e estéticos, como unha pintada, cortes e cores de cabelo. De acordo com estudos sobre imagem corporal e regulação social, o corpo não é apenas uma entidade biológica, mas também um espaço simbólico que carrega marcas sociais, culturais e religiosas (Le Breton, 2006).

Segundo Grogan (2016), o controle social da aparência é mais intenso em instituições que operam com valores normativos rígidos, como algumas escolas religiosas, nas quais há códigos de vestimenta, comportamento e estética fortemente baseados em valores morais e

espirituais. Isso gera um ambiente de vigilância e padronização, que pode provocar sentimentos de inadequação nos alunos que expressam sua identidade de forma diferente, seja pela aparência ou pela religião.

A participante (O4) expressa claramente a sensação de que sua identidade visual (através da estética) e religiosa (por não ser adventista) são motivos de julgamento e preconceito. Logo, de acordo com Louro (2001) e Nogueira (2017), a educação deve reconhecer as diferenças, sejam elas de gênero, aparência, cultura ou religião, não como desvios a serem corrigidos, mas como expressões legítimas da diversidade humana.

Alguns participantes chegaram à conclusão, entretanto, que a exclusão, preconceito, bullying e demais ações relacionadas à aparência ocorre em diferentes contextos, e até mesmo com pessoas consideradas em conformidade com os padrões. A participante (F7) destaca que “Muitas vezes a gente acha que por uma pessoa ser padrão, ela não passa por uma pressão social, mas até ela ser uma pessoa padrão, ela passou por uma pressão social. Então, eu acho que em todos os casos, você pode, não necessariamente você vai, mas você pode sofrer no meio escolar esse preconceito e essa exclusão, por causa disso, muitas das vezes, muitas pessoas são excluídas exatamente por estarem sofrendo preconceito.”

8. 4. Influências que inspiram a aparência

A categoria de número quatro, relacionada às influências que inspiram a aparência, diz respeito às perguntas 9 e 10 do guia do moderador, referente à influência direta ou indireta, experiências sociais e limitações religiosas e/ou familiares.

8. 4. 1. Experiências Sociais e Imagem Corporal

Diante das falas dos participantes, foi possível perceber que a Imagem Corporal pode ser construída baseada nas experiências sociais e no meio em que o adolescente está inserido. Isso pode ser observado na fala do participante (F17), quando diz “em trabalho, escola, talvez a sociedade não vai entender da mesma forma”.

De acordo com Cash e Smolak (2011), a imagem corporal deve ser entendida como um fenômeno multidimensional, que abrange aspectos perceptivos, afetivos e comportamentais e que se desenvolve a partir da interação com o ambiente social. Nesse sentido, a participante demonstra consciência de que o modo como seu corpo será percebido, e validado ou rejeitado, depende do contexto em que se encontra. A mesma aparência pode ser compreendida de forma

positiva em um círculo social e como inadequada em outro, o que mostra que a percepção do próprio corpo é altamente contextual e atravessada por normas sociais específicas.

Tiggemann (2012) aponta que diferentes ambientes sociais operam com expectativas específicas sobre o corpo ideal, como magreza, beleza, vestimentas apropriadas, ausência de marcas, e que os indivíduos, ao se depararem com essas normas, podem adequar-se ou resistir, vivenciando assim aceitação ou exclusão.

Os participantes destacaram que modificam sua aparência de acordo com os grupos e experiências que vivem. A participante (F20) destaca que “se baseia pelo que os outros dizem. Pelo que os outros dizem, não pelo que ela mesmo se sente”, e assim, vai modificando sua aparência preocupada com a fala das outras pessoas. De igual modo, a participante (F33) tenta justificar essa modificação constante, quando diz:

Eu acredito que muitas das vezes a gente coloca barreiras em nós para tentar alcançar uma beleza que a gente nunca vai conseguir atingir. Então, ficamos olhando muito para o próximo, para o cabelo que ele tem, pra beleza que ele tem. Mas, a gente nunca vai alcançar. Ou, até mesmo se a gente alcançar, sempre vai estar faltando alguma coisa. Nunca vai estar o ideal (F33).

Outra participante (F24) diz ter modificado sua aparência para se encaixar no grupo social que idealizava: “O cabelo não era igual... Eu usava o cabelo de um jeito, aí eu via outras pessoas usando de outro... aí eu vou tentar mudar pra me encaixar naquele padrão. Aí, foi isso. Vou me encaixar (F24)”.

As falas das participantes apresentadas acima refletem o conceito de Imagem Corporal construída socialmente, onde o corpo e sua aparência não são percebidos de forma autônoma, mas a partir do olhar e do julgamento do outro. Conforme apontam Tiggemann e Slater (2014), adolescentes expostos à constante observação de padrões corporais idealizados, seja nas redes sociais, na escola ou nos grupos de amizade, desenvolvem uma prática de comparação social ascendente, ou seja, comparam-se com aqueles que julgam estar acima em termos de beleza e forma física. Esse processo frequentemente gera frustração, baixa autoestima e desejo de modificação contínua da aparência.

A fala sobre “colocar barreiras em nós para alcançar uma beleza que nunca vamos atingir” (F33) aponta para a internalização de padrões de beleza inatingíveis, um fenômeno discutido por Tylka e Wood-Barcalow (2015) como um dos principais fatores que prejudicam a construção de uma imagem corporal positiva. Os adolescentes, ao perseguirem esses padrões, frequentemente irreais e idealizados, acabam desenvolvendo um ciclo de insatisfação crônica, onde cada mudança corporal não é suficiente, pois sempre estará faltando alguma coisa.

A fala da terceira participante (F24), ao mencionar a tentativa de encaixe ao grupo idealizado, reforça a função identitária e social da aparência. Segundo Jones (2004), o corpo na adolescência funciona como uma linguagem que comunica pertencimento ou exclusão. Modificar o cabelo, o estilo, a forma corporal é, portanto, uma tentativa de inclusão social, ainda que isso signifique a perda de autenticidade ou o distanciamento daquilo que o sujeito realmente sente sobre si.

Para justificar os motivos pelos quais o contexto social influencia a aparência, os participantes apresentaram falas, a saber:

Porque a gente gosta de andar com pessoas que parecem com a gente e pessoas que a gente considera bonita todo mundo aqui tá falando não, porque ele não quer ser julgado, mas claro, se tiver alguma pessoa que você considera feia no seu padrão você não vai querer andar com alguém tipo uma remaçada eu não quero andar com uma remaçada. Eu não gosto de andar com pessoas desse tipo com essa aparência porque não condiz com a minha aparência não condiz com o que eu gosto, que eu acho certo (F1).

Somado a isso, outra participante destaca que “eu ando com pessoas que condizem com o que eu acho bonito, com o que eu gosto, é isso (F5)”, enfatizando que a aparência pode refletir nas escolhas do vínculo social e pessoal.

O participante (H39) destaca ainda que as atitudes das pessoas também influenciam na aparência e impactam diretamente nas experiências sociais:

Por exemplo, se a pessoa é super gentil, compartilha os mesmos interesses que eu, porém ela faz uma brincadeira homofóbica, racista, e acha que tá tudo bem, eu vou me afastar dessa pessoa por conta dela ter esse tipo de atitude. Mas eu não vou difamar essa pessoa, eu não vou falar não, eu só vou me afastar por ela agir desse tipo de jeito, dessa maneira. Entendeu? Mas se a pessoa tem esse tipo de atitude, mesmo que ela tenha o mesmo gosto que eu, se vista de forma parecida, o caráter dessa pessoa não bate com o meu. Então eu me afastaria (H39).

Essas falas revelam uma complexa relação entre aparência, vínculos sociais e valores morais na adolescência, destacando como a imagem corporal e os códigos estéticos influenciam diretamente na formação de grupos e no sentimento de pertencimento. Os participantes mostram que os vínculos não são estabelecidos apenas por afinidades emocionais ou de personalidade, mas também por semelhanças visuais e adesão (ou não) a padrões estéticos e comportamentais socialmente valorizados.

Cash, Smolak (2011) destacam a tendência das pessoas de formar laços com outras que compartilham características físicas e gostos semelhantes (Cash, Smolak, 2011). Isso se relaciona à busca por segurança social e validação identitária, principalmente na adolescência, fase em que a necessidade de pertencimento ao grupo é intensa. Da mesma forma, a exclusão de pessoas com base na estética, como na fala que diz “não gosto de andar com uma remaçada” (F1), revela também o funcionamento do que Bourdieu (2007) chama de distinção simbólica,

que ocorre quando indivíduos utilizam critérios estéticos e de comportamento como formas de marcar diferenças sociais e estabelecer hierarquias simbólicas, mesmo entre pares. Isso reforça que o julgamento corporal não é apenas uma questão de gosto, mas também de posicionamento social.

Nessa linha das experiências e dos contextos, os participantes destacaram bastante que o comportamento também se molda mediante a situação ou o ambiente. As falas a seguir exemplificam isso:

“Tipo assim, depende dessa situação. Entre amigos, assim, eu tento ser mais zoeiro e tal, eu tento zoar mais. Então dependendo assim, eu sou um pouco mais zoeiro, eu sou mais sério, então depende muito pra mim. Depende bem da situação. Você se molda à situação (H27)”. Da mesma forma, outro participante exemplifica isso quando diz “Por exemplo, na escola com professores. A gente passa por cima do que a gente é porque a gente tem uma certa preocupação de passarem isso pros nossos responsáveis, sabe? Mas pros nossos amigos, assim, colegas, a gente passa uma vibe normal. A gente é verdadeiro. A gente é o que a gente é (H30)”.

Essas falas evidenciam que o comportamento se molda, assim como a expressão de si conforme os diferentes contextos sociais e relações de poder ali estabelecidas. Fica evidente que os adolescentes reconhecem que seu modo de agir e se apresentar, incluindo a forma de se vestir, se comunicar e se posicionar, variam dependendo do ambiente, das normas implícitas e das expectativas que recaem sobre eles.

A ideia de “se moldar à situação” (H27) está ligada à noção de performance social da identidade, conforme proposta por Goffman (1967). Em sua teoria da representação do eu na vida cotidiana, Goffman argumenta que os indivíduos atuam socialmente em diferentes ambientes sociais, ajustando sua conduta e aparência conforme o público presente. No caso da escola, esse comportamento é ainda mais acentuado, já que se trata de um ambiente regulado por normas disciplinares, expectativas de comportamento e vigilância constante (Foucault, 1975).

A segunda fala (H30) reforça essa tensão: o participante reconhece que precisa passar por cima do que é diante de figuras de autoridade (como professores), por medo de represálias ou de que sua postura seja mal interpretada e relatada à família. Isso demonstra o uso de máscaras sociais, não como forma de falsidade, mas como estratégia de sobrevivência relacional em contextos assimétricos de poder. Essa modulação não se restringe ao comportamento, mas também impacta na imagem corporal, ou seja, na forma como os adolescentes se vestem, arrumam o cabelo ou expressam traços identitários em diferentes ambientes.

8. 4. 2. Limitações Religiosas

As limitações na aparência relacionadas à religião e família estiveram muito presentes nas falas dos participantes. Sobre a religião, importa destacar que, quando crianças, em muitos casos, a religião é escolhida/imposta pelos responsáveis, já havendo assim, uma influência.

Essa observação destaca como a imagem corporal e a forma como os adolescentes se expressam esteticamente estão condicionadas a normas culturais e valores herdados. A religião, mesmo que na infância, frequentemente não é fruto de uma escolha individual, mas de uma imposição familiar e institucional, o que gera impactos diretos sobre a forma de vestir, de pentear o cabelo, de usar adornos ou maquiar-se, compondo, assim, limites sobre o que é considerado aceitável ou permitido esteticamente.

Desse modo, serão apresentados a seguir, falas que exemplificam como ocorrem as limitações relacionadas à aparência e religião, e posteriormente, como essas limitações ocorrem vindas diretamente da família.

O participante (H36) destaca a religião como uma forte influência na aparência: “Como a religião, que, por exemplo, evangelismo ou catolicismo que influencia nas formas de vestimentas”. A participante (F7) exemplifica que “eu cresci literalmente na igreja. Então, pode ser tatuagem, piercing, roupa curta, maquiagem forte, a igreja não permite”. O participante (H36) destaca ainda que “na Bíblia já não pode tatuagem. Nem piercing”.

Do ponto de vista da sociologia do corpo, o que se vê é a atuação da religião como força reguladora da corporeidade, isto é, como uma instância que define não apenas condutas morais e espirituais, mas também comportamentos físicos e visuais. Segundo Le Breton (2006), o corpo é o primeiro território de expressão da cultura, e, dentro disso, a religião atua como uma das instituições mais antigas e eficazes de moldagem simbólica do corpo, orientando o que pode ou não ser feito com ele.

Os participantes trazem diferenciações entre as vertentes de cada religião, enfatizando que algumas linhas podem ser mais flexíveis que outras. O participante (H37) complementa que:

Não digo que é uma doutrina errada, mas nem toda igreja é assim. Tem igreja que você vai, por exemplo, a doutrina é meio antiga, tem o negócio de que as meninas não podem usar unha grande, não podem pintar o cabelo de vermelho, preto e de outras cores, vestido tem cores que elas não podem usar, tem o negócio de que você não pode usar calça, e eu acho que vai de cada doutrina (H37).

Em contrapartida, a fala do participante (H32) exemplifica que “Tem igreja que você vai ver que tem uma porção de gente que tem tatuagem, que tem piercing. Então, vai de cada local.” Outras falas que também podem ser destacadas sobre as vertentes de cada religião, são:

“pelo menos no cristianismo, em algumas igrejas, tem pessoas que criticam. Se a mulher corta o cabelo, não pode cortar, não pode usar brinco, não pode pintar a unha, nada disso. Eu tenho uma igreja que minha tia frequentou que não podia (F13)”, e “Na igreja que eu frequentava, as mulheres não podiam usar calça, tem que ser saia longa até o pé. Ou tem mulher que tem que estar usando cabelo preto, só aqueles vestidão tudo esquisito, no meu ponto de vista” (F21).

Essas falas enfatizam, para além das limitações na aparência, que as mulheres são ainda mais doutrinadas a seguir um padrão imposto, e julgadas por aparências diferentes desse padrão aceito.

Segundo Grogan (2016), a influência religiosa na imagem corporal pode se manifestar tanto de forma direta, como proibições sobre maquiagem, cabelo ou roupas, quanto de forma indireta, por meio da culpabilização ou moralização da estética. Por exemplo, jovens que desejam pintar o cabelo ou usar roupas consideradas “fora do padrão religioso” podem vivenciar sentimentos de culpa ou medo de desapontar os pais, reforçando o conflito entre expressão individual e obediência familiar.

Os participantes destacam, portanto, que, não é só a religião, ou a instituição Igreja que dita as regras de aparência. Eles se referem às pessoas religiosas, que seguem uma doutrina, mas acabam também, julgando a aparência por crença ou preconceito. A participante (F2) destaca que “algumas pessoas que são religiosas, por exemplo, elas usam o Velho Testamento da Bíblia como exemplo. Sendo que a gente vive agora no Novo Testamento, né, no caso. E as pessoas usam isso como, sei lá, desculpa, sabe”. De igual modo, a participante (F8) traz que, em sua perspectiva, “as pessoas que acham feio, como eu falo, da religião, as pessoas, tipo, religiões que não aceitam, que acham que é pecado, coisas do tipo. ”

Essa fala dos participantes revela uma distinção importante entre a instituição religiosa e os indivíduos religiosos, chamando atenção para a atuação de sujeitos que, ao interpretarem doutrinas religiosas de forma pessoal e parcial, reproduzem preconceitos estéticos e morais. Nesse contexto, o julgamento da aparência não parte necessariamente de normas explícitas das igrejas, mas de leitores da fé que aplicam interpretações seletivas, muitas vezes baseadas no Antigo Testamento, para validar o controle sobre o corpo alheio. Como afirmam Le Breton (2006) e Bourdieu (2007), o corpo é sempre o alvo de olhares sociais, carregando significados que variam conforme o contexto e os valores do grupo e, quando esse grupo é religioso, a aparência passa a ser tratada como expressão moral do caráter.

Assim, essas falas revelam um processo de estigmatização religiosa da aparência como as características estéticas como cabelo pintado, *piercing*, maquiagem ou tatuagens são lidas por algumas pessoas religiosas não como escolhas estéticas legítimas, mas como expressões de

pecado ou rebeldia moral. Isso contribui para a exclusão simbólica dos jovens que desejam conciliar fé e liberdade estética, mas acabam sendo rotulados com base em preconceitos estéticos disfarçados de zelo doutrinário.

Os participantes expressaram que, para eles, a aparência corporal é influenciada por múltiplas instâncias sociais, sendo a religião e a família duas das mais decisivas na infância e adolescência. Logo, é possível identificar a influência não só da igreja, como também da família, por se tratar de uma doutrina. Entende-se, entretanto, que a doutrina de seguir uma religião, principalmente na infância, tem muita influência dos pais, responsáveis ou familiares. Assim, é importante destacar que, para além das limitações de aparência relacionadas à religião, existem também limitações que ocorrem no seio familiar. Essas limitações familiares poderão ser observadas no subcapítulo a seguir.

8. 4. 3 Limitações Familiares

A participante (F20), ao mencionar limitações em sua aparência, traz que “cara, eu acho que é por conta dos meus pais. Acho que isso influencia muito a minha personalidade, o meu jeito de ser influencia muito por conta dos meus pais, por serem rigorosos e rígidos comigo. Aí eu acho que eu não me vejo por conta desse motivo”.

Outro participante destaca que “Se eu não tivesse essa estrutura familiar muito rigorosa, eu acho que eu iria fazer uma tatuagem, algo assim. Eu tenho vontade. Só que pela influência deles, também eu não posso (H15)”. O participante (H39) tem uma fala nesse mesmo sentido, exemplificando que “tem pais que não deixam os filhos fazerem tatuagem, botar piercing. Mesmo depois de maiores de idade. E se fizerem, colocam pra fora de casa, porque pra eles [pais] é considerado algo errado”.

Indo ao encontro dessas limitações familiares, alguns participantes destacam que podem não ter uma identidade própria, em virtude das limitações familiares. Nesse sentido, a participante (F8) destaca que “tipo, eu pintaria o cabelo, talvez, mas, às vezes, eu não posso. Minha mãe não acha que é tão legal... E, roupa, tem que ser um estilo que minha mãe goste, mesmo que a aparência seja minha”.

A participante (F9) complementa a fala da participante anterior, ao trazer que “infelizmente, sendo adolescente ou criança, que seja, sendo menor de idade, você é muito limitado em relação ao seu estilo, porque muitas vezes, seus pais querem que isso seja algo que convém pra eles, e não que convém pra você.”

Outra fala que exemplifica a influência dos pais na aparência dos jovens é a da participante (F35): “Por exemplo, ela não tem a mesma possibilidade que eu tenho de colocar um piercing, porque a mãe dela não deixa, então, ela aparenta ser uma coisa que ela não é, muitas vezes. Diferente da minha mãe, que gosta que eu me expresse, que veja o que eu fiz, o piercing”.

Essa sequência de falas traz uma discussão fundamental sobre a influência da família, especialmente dos pais, na construção da identidade estética e corporal dos adolescentes. Os relatos apontam para a existência de limites impostos sobre a aparência que impactam não apenas escolhas visuais (como roupas, cabelo, tatuagens e *piercings*), mas também a formação da Imagem Corporal, da autonomia e da percepção de si. Em muitos casos, a aparência passa a ser controlada pelos responsáveis, gerando conflitos entre o desejo individual e a normatividade familiar.

Do ponto de vista da sociologia do corpo, a família é a primeira instância de regulação simbólica do corpo. É dentro dela que a criança e o adolescente aprendem quais aparências são certas ou erradas, adequadas ou inaceitáveis, de acordo com os valores morais, religiosos e culturais dos pais. Segundo Le Breton (2006), o corpo é um campo de expressão da cultura e, nesse sentido, a estética pessoal é muitas vezes limitada por códigos que antecedem a vontade do sujeito, herdados, internalizados ou impostos pelos pais.

As falas dos participantes revelam que essas normas familiares, em muitos casos, são rígidas, hierárquicas e pouco abertas ao diálogo, gerando uma percepção de falta de liberdade para experimentar a própria identidade. O fato de não poder usar certas roupas, pintar o cabelo ou fazer tatuagens é vivido por muitos adolescentes como uma forma de negação da individualidade, o que compromete a construção da autoestima e da imagem corporal positiva, como discutido por Tylka e Wood-Barcalow (2015).

A afirmação “eu não me vejo por conta desse motivo” (F20) é especialmente simbólica: ela demonstra que, ao limitar a aparência, os pais acabam limitando também a possibilidade de autoexpressão e de reconhecimento subjetivo, o que pode gerar sentimentos de apagamento identitário. De acordo com Grogan (2016), a imagem corporal está intimamente ligada à sensação de autenticidade e controle sobre o próprio corpo; quando esse controle é retirado, instala-se uma dissonância entre o que o sujeito é e o que ele aparenta ser, como evidenciado pela participante que diz que uma colega “aparenta ser uma coisa que não é”.

As limitações de aparência advindas da família podem ir ao encontro de outra temática, polêmica, como o gênero. Adolescentes relacionam o estilo de roupa e o gênero, e falam sobre a reprovação familiar quando a roupa não acompanha o sexo da pessoa: “Tipo, se a gente chega

em casa, por exemplo, você é homem, você chega em casa com uma saia, seu pai, sua mãe, sua avó, por exemplo, pode acabar te julgando por causa disso. Mas na rua, as pessoas podem achar normal. Entendeu? ” (F31).

Outra participante destaca que “Dentro de casa, como você cresce, já é imposto, menina usa saia, menino usa short, por conta do machismo cultural, que acontece desde muitos anos atrás. Então, tipo, a pessoa que é diferente, ela vai ser julgada por ser diferente. Entendeu? (F35)”.

A participante (F31) exemplifica uma vivência própria sobre esse aspecto: “Ah... Eu não vou mentir não. Eu já usei esses estilos que era meio bem masculino. E pelo fato da minha família mesmo não aceitar esses estilos ficaram falando muito na minha cabeça. Já usei uns 3 anos, mas parei de fazer isso pra agradar tanto a minha família quanto pessoas que diziam ser minhas amigas”.

Neste ponto, pode ser evidenciadas reflexões sobre identidade de gênero, expressão estética e normas familiares, revelando como o corpo do adolescente se torna um território de disputa simbólica onde operam forças como o machismo, a heteronormatividade e a expectativa de conformidade social. As falas mostram que a aparência, especialmente no vestuário, é fortemente associada ao sexo biológico, e qualquer transgressão desses códigos pode gerar reprovação, julgamento e silenciamento, principalmente no âmbito familiar.

Do ponto de vista da sociologia do corpo e dos estudos de gênero, o vestuário não é apenas uma escolha estética, mas um marcador simbólico de identidade. Como afirmam Butler (2003) e Louro (2001), o gênero é performativo, ou seja, ele se constrói por meio de práticas repetidas, como vestir-se, pentear o cabelo, andar e falar, e essas práticas são esperadas conforme os padrões sociais e culturais atribuídos ao sexo biológico. Quando um adolescente foge desses padrões (por exemplo, um menino usando saia ou uma menina com estilo masculino), ele não está apenas rompendo com uma escolha estética, mas desafiando uma estrutura normativa que regula o que é ser homem ou ser mulher.

Segundo Le Breton (2006), a família é um dos principais agentes de socialização do corpo, e tende a exercer maior controle sobre ele nos momentos em que este corpo escapa à norma, especialmente durante a adolescência, fase marcada pela busca de autonomia identitária. Além disso, como apontam Birman (2003) e Machado (2004), a reprovação familiar associada à estética de gênero não se limita a preocupações com a aparência, mas geralmente esconde medos morais, preconceitos internalizados e resistência à diversidade.

Outro ponto levantado pelos participantes quando relacionado às limitações familiares é a comunicação, que interfere diretamente nos gostos pessoais, nas dúvidas e na busca por uma

identidade e personalidade. Falas de participantes trazem luz a esse ponto: “A gente nunca consegue ser 100% sincera com nossos pais (F9)”. De igual modo, a participante (F6) concorda e complementa afirmando que “Tem coisa que é difícil contar porque eu não sei a maneira que ela vai me interpretar. Mas ela vai me criticar. Ela vai colocar um monte de coisa. Mas antes de falar e dar conselho, vai julgar, vai falar que você está errada, você está fazendo isso e aquilo (F6)”.

De igual modo, a participante (O4) destaca que “Não vou poder desabafar, porque se eu desabafar, o que vai ser falado? É frescura. Então sim, é frescura. Aí eles têm que entender o nosso lado de adolescente, como nós também temos que entender o lado deles como pais. Porque eles dão tudo e não falta nada, entre aspas. Mas uma... uma maneira de interpretação pra eles entenderem. A gente não pode falar porque senão a gente vai ser errada (O4)”.

Na minha maneira de convivência com os meus pais, é mais difícil, porque eu tenho que, pelo menos assim, eu sou verdadeira, mas ao mesmo tempo eu tenho que manter um pé atrás. Porque se eu falar coisas, vai sair errado e aí quem vai ser prejudicada sou eu. Eu tenho que mostrar basicamente aquilo que eu não sou. Sabe? Porque se eu for verdadeira, a prejudicada vai ser eu. Porque eles vão querer me criticar, e é onde eu me importo com aquela crítica. Porque eu sou dependente deles. E aquela crítica vai me fazer mal. Porque eu vou estar ouvindo dos meus pais. Sabe? (F5).

É possível observar, a partir das falas apresentadas acima, que as limitações familiares não se restringem apenas à aparência física, mas também na comunicação dos adolescentes e, conseqüentemente, na construção de sua identidade. Os adolescentes demonstram que o ambiente familiar, ao invés de ser um espaço de escuta e acolhimento, muitas vezes se transforma em um lugar de julgamento, censura e bloqueio emocional, dificultando o diálogo sincero e a expressão da subjetividade.

A dificuldade de se comunicar com os pais, apontada pelos participantes, está intimamente ligada ao processo de formação da identidade na adolescência. Segundo Bronfenbrenner (1996), a qualidade das interações dentro do núcleo familiar tem impacto direto na formação da autoestima, da segurança emocional e da capacidade de desenvolver autonomia.

Essa comunicação truncada também influencia os gostos pessoais, os comportamentos e as escolhas estéticas, pois o adolescente passa a se moldar às expectativas parentais em vez de explorar livremente sua identidade. Isso pode gerar um conflito interno duradouro, em que o jovem se distancia de quem realmente é para evitar a dor de ser rejeitado ou criticado por quem mais importa: os pais.

Desse modo, é possível entender que a opinião dos pais e pares, mais especificamente, pessoas próximas, como família, tem mais importância e peso emocional do que falas e julgamentos de pessoas externas, como amigos. A participante (F16) traz essa fala que remete

às teorias socioculturais da Imagem Corporal, mais especificamente, a Quadripartite proposta por Schaefer:

Se for das pessoas da rua, não vai ter problema. Porque são seres humanos e eu sei que eles vão me criticar e eu não tô me importando. Mas se for das pessoas da minha família, como minha mãe, meu pai, meu irmão, eu vou me sentir mal. Porque são pessoas importantes que vivem no meu cotidiano comigo e que se eu receber uma crítica vai me machucar, vai me ferir. Porque eles não vão te conhecer como a minha família conhece (F16).

Na ânsia de encontrar justificativas para essas limitações familiares, os participantes destacam o avanço do tempo e a mudança de geração, para tentarem justificar de onde vêm essas limitações. Isso pode ser observado na fala do participante (H3), quando diz: “Na época deles, por exemplo, minha avó, na época da minha avó, era considerado errado, considerado feio, algo nojento. Uma pessoa, colocar piercing, uma pessoa de cabelo colorido. Agora, pra nossa geração, já é algo mais normal, já é algo mais comum.”

Da mesma forma, a participante (F2) destaca que “eu acho que diz muito sobre a época que eles viveram. Pessoas mais antigas não costumam concordar com isso, porque antigamente tinham uma visão muito, muito errada do que eram as pessoas antigamente, os mais velhos”.

Os participantes demonstram que, embora vivam em uma sociedade amplamente influenciada pela mídia e pelas redes sociais, as críticas que mais os afetam são aquelas vindas de pessoas próximas, especialmente da família. Essa percepção dialoga diretamente com a teoria quadripartite da imagem corporal proposta por Schaefer et al. (2017), que considera as dimensões avaliação própria, percepção corporal, investimento e influência sociocultural como centrais na formação da imagem que o sujeito tem de si mesmo.

Segundo Cash e Smolak (2011), os laços familiares funcionam como os primeiros espelhos sociais: é a partir da validação, ou rejeição, dos cuidadores que o indivíduo começa a construir o valor simbólico do seu corpo. Quando essa validação não ocorre, ou ocorre de forma negativa, instala-se um conflito entre o desejo de autoexpressão e a necessidade de aceitação, como evidenciado nas falas.

8. 5. Aspectos Específicos da Aparência: Cabelos coloridos, piercings e tatuagens

A quinta categoria, referente aos aspectos específicos da aparência, destacados como cabelo colorido, piercings e tatuagens, pode ser relacionada às falas referentes às perguntas cinco, sete e oito do guia do moderador, reunindo respostas gerais sobre os aspectos específicos da aparência, bem como a credibilidade das pessoas mediante suas respectivas aparências e a utilização de acessórios, cabelo e roupas como identidade visual.

8. 5. 1. Aspectos específicos da aparência

Entende-se por aspectos específicos da aparência, acessórios, roupas, tatuagens, piercings e tudo o que for considerado adorno corporal. Dessa forma, os adolescentes trouxeram falas concisas sobre como esses aspectos específicos da aparência auxiliam na construção de suas respectivas imagens corporais.

Aspectos específicos da aparência, na visão dos adolescentes participantes, seriam “você se expressar através de roupas, acessórios, às vezes piercings, tatuagens, enfim. Tudo isso pra mim é uma forma de você expressar o que você é (F31)”. A participante (F34) destaca também que “Eu acho que a personalidade de uma pessoa é não somente a aparência. A pessoa de short curto, roupa curta, tudo bem que acaba influenciando na personalidade, mas também é o estilo da pessoa que também é a aparência a personalidade dela, da pessoa reflete na aparência dela como ela se veste, como ela age a personalidade reflete em tudo o que a gente é (F34)”.

A presente fala evidencia que os adolescentes entendem os aspectos específicos da aparência como roupas, acessórios, piercings e tatuagens como formas de expressão individual. Esse entendimento está associado à noção de que a aparência não é apenas uma dimensão estética, mas também simbólica e de comunicação. Na perspectiva dos adolescentes participantes, esses adornos corporais constituem ferramentas de afirmação da personalidade. A escolha consciente por determinados estilos, como mencionado nas falas, revela a relação entre aparência e subjetividade. Isso corrobora os estudos de Grogan (2017), que apontam a imagem corporal como uma construção social e psicológica moldada por significados pessoais e culturais atribuídos ao corpo.

Portanto, os aspectos específicos da aparência são valorizados pelos adolescentes não apenas como ornamentos, mas como signos identitários que contribuem para a construção e comunicação da imagem corporal. Essa imagem não é um reflexo fiel do corpo físico, mas uma representação simbólica carregada de significados que emergem das interações sociais, das influências culturais e das escolhas individuais (Oliveira, Machado, 2021).

Assim, os adolescentes pontuaram e comentaram sobre seus gostos e preferências acerca de *piercing*, tatuagens e cabelos coloridos. A seguir, é possível identificar algumas falas que descrevem a opinião dos participantes e seus significados diante dos adornos corporais.

Sobre cabelos coloridos, alguns participantes concordam, outros não. Alguns dizem achar legal em outras pessoas, mas não em si próprio. Já outros participantes dizem pintar o cabelo de “cores padronizadas pela sociedade”, conforme pode ser observado nas falas abaixo:

“Eu, particularmente, gosto bastante. Eu pinto o cabelo desde os meus 11 anos de idade, sempre colorido. Já passei por todas as cores, todos os tipos, eu acho (F1)”. “Já vi amigos meus que pintaram o cabelo porque não gostam da própria cor do cabelo. E já vi amigos meus que pintam por diversão (F7)”. “Depende. Tipo assim, cabelo colorido. Tipo, lançar um rosa, um vermelho, um verde no cabelo. Acho feio. Agora, um moreno iluminado, luzes, eu faria (F5)”.

É possível perceber, com essas falas, as diferentes percepções e significados atribuídos aos aspectos específicos da aparência, uma vez que agregam identidade, pertencimento e diferença social à Imagem Corporal. Essa perspectiva pode ser observada por autores que afirmam que o corpo é usado como um meio de comunicação não verbal, através do qual, indivíduos expressam seus valores, sentimentos e estilo de vida (Wood-Barcalow, Tylka, Augustus-Horvath, 2010).

Especificamente cabelos coloridos representam diferentes significados. Enquanto alguns adolescentes apontam a prática como uma expressão autêntica de si, quando afirmam que pintam o cabelo desde os 11 anos de idade, já tendo experimentado todas as cores, outros associam à mudança na cor do cabelo a diferentes motivações, como a busca por aceitação social ou superação de insatisfação pessoal com a aparência natural. Essa diferença de significados traz foco à influência da cultura visual contemporânea, onde a estética corporal, longe de ser neutra, está profundamente vinculada a padrões normativos e construções sociais de beleza (Bourdieu, 1990; Gonçalves, Leal, 2020).

Algumas cores como “moreno iluminado” e “luzes”, segundo os participantes, possuem melhor aceitação social do que cores vibrantes, como “rosa” e “verde”, consideradas, por muitos participantes, cores feias. Percebe-se, neste ponto, o impacto dos padrões de beleza e da estética classificados como comercialmente viável (Baitello Júnior, 2014), reforçando que a liberdade estética ainda está sujeita à regulação simbólica do olhar social.

Já sobre *piercings*, as opiniões foram bastante diferentes entre si. Alguns participantes alegaram concordar, outros disseram não gostar. Enquanto outros, disseram preferir em locais específicos e reprovam piercings em determinados locais do corpo.

A participante (F9) diz que “Eu acho bonito. Eu acho que acaba destacando um ponto sobre a pessoa. E você percebe que é uma forma de se expressar. Eu teria um, como ela falou, eu teria um mais simples. Não algo que chame muita atenção. Porque eu não gosto de chamar atenção. E, às vezes, um detalhe ou outro, eu acho que já faz uma diferença”. De igual modo, a participante (F12) diz: “*Piercing* na orelha, eu acho legal, mas nada muito diferente disso. Mas eu gosto, eu acho bonito nas pessoas também”.

Já a participante (F22) diz não gostar tanto, e julgar as pessoas pelo local em que escolhem colocar o piercing: “Se eu botar um piercing em um lugar nada a ver, eu acho feio, não colocaria. Juro. Com todo respeito. Mas infelizmente eu julgo essas pessoas, acho horrível. Tipo, ah, colocaria aqui no nariz, na boca e tal, em lugares mais normais”.

Essas falas evidenciam como esse tipo de característica corporal está associado a normas sociais, representações culturais e dinâmicas de identidade. Dessa forma, percebe-se que os participantes possuem opiniões diferentes sobre essa modificação na aparência: alguns participantes valorizam os piercings como formas sutis de expressão individual, enquanto outros acham bonito apenas em certas partes do corpo, como a orelha, mas rejeitam usos considerados exagerados ou fora do comum.

Essa diferença nas respostas demonstra o quanto os significados atribuídos a esses aspectos específicos da aparência são socialmente construídos. Segundo Featherstone (2010), o corpo é constantemente moldado por normas culturais e pressões simbólicas, e os adornos tornam-se alvo de discursos de regulação e distinção. Locais ditos como aceitáveis para a aplicação de *piercings*, como a orelha, são naturalizados socialmente, enquanto outros, como nariz, boca ou umbigo, ainda carregam estigmas e julgamentos morais. Assim, o julgamento sobre o local do piercing revela como a estética corporal não é neutra, mas regulada por discursos sociais que definem o que é aceitável ou exagerado.

Sobre as tatuagens, as opiniões também se diferem, mas a maioria dos participantes concorda com um estilo mais *fineline*, minimalista, sem traços grossos. Apesar disso, em sua maioria diz que não fariam tatuagem nessa etapa da vida por medo de se arrependerem.

A participante (F15) diz:

Eu não faria tatuagem sendo menor de idade. Eu acho um pouco precipitada. Eu acho a adolescência uma fase um pouco inconsequente. Então, eu acho que eu me arrependeria se eu fizesse tatuagem antes dos 20, talvez. Mas, também, eu não julgo quem fez sendo menor de idade. Acho também que é uma expressão que eu gosto bastante. Eu acho que descreve bastante o estilo. Talvez, às vezes, até o que você sente (F15).

A participante (F28) também diz não fazer tatuagem nessa idade: “Tatuagem, na verdade, eu não faria mais nova. Mas, eu já tive ideias de algumas que eu faria. Mais simples, algo que só olha e fale assim, “olha, ela tem isso” (F28)”.

A participante (F24) complementa: “Eu gosto, acho que dá personalidade. Mas, eu sou bem básica. Comigo, eu acho que não combina muito. Tipo, tatuagem é uma coisa mais assim, fininha, pequena, e assim. De igual modo, a participante (F6) diz que “amo tatuagem, tipo, não aquelas grossas, horríveis, horríveis, tipo, nada a ver. Eu gosto de tatuagem, porque tem significado, sabe? Tipo, ah, desenhar uma onda, porque eu adoro o mar. Desenhar algo porque

representa alguém que ama (F6)”. Já o participante (H38) diz gostar de tatuagem em todos os contextos, “Eu, pra mim, em mim e nas outras pessoas, eu gosto de tatuagens fininhas”. A participante (F21) também destaca que “algumas pessoas combinam com a personalidade delas, né? Agora, assim, em mim não acho feio, é legal. Tipo, aquelas tatuagens enormes, dragão desse tamanho, todo feio, deformado nas costas, eu acho horrível (F21)”

As falas dos adolescentes trazem que as tatuagens, embora reconhecidas como formas de expressão estética e emocional, ainda são vistas com certo receio, especialmente quando relacionadas à idade e à possibilidade de arrependimento no futuro. Essa postura vai ao encontro do que afirma Gonçalves, Leal (2020), ao destacar que modificações corporais como tatuagens podem significar dois pontos distintos: de um lado, funcionam como expressões de individualidade e identidade; de outro, são mediadas por convenções sociais, normas de gosto e narrativas sobre maturidade e responsabilidade.

Além disso, o argumento do arrependimento aparece com frequência, indicando uma tensão entre desejo e cautela. Para Macedo e Almeida (2019), essa hesitação pode ser entendida como reflexo de um contexto social em que o corpo, embora seja cada vez mais um espaço de inscrição de significados pessoais, continua sujeito a interpretações normativas e julgamentos futuros.

Assim, segundo Macedo, Almeida (2019), práticas como piercings e tatuagens, historicamente associadas à marginalidade, têm adquirido novos significados na contemporaneidade, sendo incorporadas como expressões de identidade e pertencimento social. Essas modificações corporais funcionam como estratégias para lidar com as transformações físicas e psicológicas da adolescência, permitindo que os jovens construam uma imagem corporal que reflita sua subjetividade e diferencie o eu do outro.

Em contrapartida, tivemos participantes que disseram não gostar de tatuagens, ou gostar apenas em outras pessoas: O participante (H32) destaca que “Eu não curto em mim, mas eu curto em outras pessoas. Não em mim mesmo eu não curto. Tipo assim, eu acho bonito uma pessoa, tipo, piercing que acho que a Mariana tem. Eu acho bonito e tal. Em mim mesmo eu acho que não ficaria bom. É isso”. O participante (H34) complementa que “Tatuagem na cara, no rosto, acho feio (PX).” Já a participante (F1) diz que “Gosto daquelas tatuagens, sabe? Fininhas. É tatuagem relacionada ao crime, coisa tipo, acho horrível. Aquelas enormes, tipo, ah, eu acho muito feio (F1)”.

É possível perceber que a ideia de que a tatuagem relacionada ao crime é horrível ou que tatuagem no rosto é feia, demonstra como certos estilos continuam representando preconceito estético e moral, frequentemente associados à marginalidade ou rebeldia. Le Breton

(2013) afirma que o corpo tatuado é um corpo que fala, e, muitas vezes, provoca reações sociais que vão além do estético, atingindo o campo moral e identitário. A tatuagem torna-se, assim, um signo social que pode tanto aproximar quanto afastar, dependendo da bagagem cultural do observador.

Neste sentido, a fala da participante (F11), ao discordar dessa ideia, quando diz “talvez a pessoa só queira se sentir incluído naquele meio que ela tá. Há uma história, acaba contando uma história”, pode remeter a uma compreensão mais simbólica da tatuagem como narrativa pessoal e pertencimento. Essa perspectiva dialoga com Featherstone (2010) e Turner (1996), que analisam o corpo como tela de inscrição biográfica. Assim, mesmo que o participante não adote o comportamento, ele reconhece que, para outros, a tatuagem pode ser um meio de expressar afetos, experiências ou de se alinhar a determinados grupos identitários.

8. 5. 2. Aparência e credibilidade

Sobre a credibilidade relacionada à aparência, os participantes concordam que *piercing*, tatuagens e cabelos coloridos podem representar uma diminuição nessa credibilidade, relacionada ao preconceito e estereótipos. O participante (H38) destaca que “existe uma pressão estética de como se deve se vestir, como você deve estar lá, como se deve se comportar, principalmente no mercado de trabalho”. Da mesma maneira, a participante (F32) coloca que “existe um estereótipo, então, sobre a pessoa que usa o *piercing*, tem a tatuagem, ou talvez um cabelo diferente”.

As falas dos participantes revelam uma percepção crítica sobre a forma como certos elementos estéticos, como tatuagens, *piercings* e cabelos coloridos, impactam a credibilidade social e profissional de um indivíduo. Essa percepção está relacionada a uma realidade social marcada por estigmas e estereótipos associados à aparência, especialmente em ambientes institucionalizados como o mercado de trabalho.

Quando os adolescentes afirmam que tais adornos “diminuem a credibilidade” ou que existe uma “pressão estética” para se comportar e vestir de maneira padronizada, eles estão reconhecendo a existência de um capital simbólico corporal, que segundo Bourdieu (1984) está relacionado ao corpo que se torna um “instrumento de distinção” e um marcador de adequação ou inadequação social. Aparências que fogem do padrão hegemônico são, portanto, penalizadas simbolicamente, ainda que não exista uma justificativa racional ou ética para isso.

Essa lógica também está presente nos estudos de Grogan (2017), que aponta que, apesar dos avanços na aceitação da diversidade corporal e estética, ainda existem fortes barreiras sociais que associam aparência a valor moral e competência profissional.

Somado a isso, piercings e tatuagens, segundo os participantes, podem ser vistos também como sinônimos de caráter. A participante (F6) coloca que “eu acredito que, na maior parte das vezes, tem esse estereótipo de que é uma pessoa... Muitas das vezes, principalmente tatuagem e piercing, quanto mais você tem, mais as pessoas remetem você como uma pessoa maldosa. Por algum motivo, associa isso à criminalidade, muitas das vezes”. Na mesma linha, o participante (H39) justifica esse estereótipo, dizendo que:

“porque assim, já acham que é favelado, já acham também que é bandido. Essas coisas. Por isso eles rejeitam muito. Fala que não vai passar uma boa imagem, vai ser toda tatuada, tudo isso, e, automaticamente, por você ter essas características, muito *piercing*, muita tatuagem, ou como que seja, você é associada à criminalidade ou a qualquer coisa do tipo, você é associada a ser uma pessoa ruim pela sua forma de expressão (H39).”

Especificamente sobre as tatuagens e *piercings*, foi possível observar uma referência social que vincula esses aspectos específicos da aparência a grupos historicamente marginalizados, como presidiários, marinheiros, punks e moradores de periferias urbanas. Apesar dessa noção ter sido ressignificada atualmente, ainda é possível observar pensamentos excludentes, conforme Le Breton (2013) destaca. Assim, o julgamento do caráter com base na imagem corporal é passível de legitimar práticas de exclusão simbólica e material, como rejeição em processos seletivos, discriminação em espaços públicos e negação de oportunidades sociais (Gonçalves, Leal, 2020).

De igual modo, o participante (H39) destaca que, “o ambiente que a pessoa trabalha pode influenciar. Uma pessoa que tem muita tatuagem, muito piercing, ela trabalha em ambientes jurídicos, as pessoas vão julgar e falar que ela é esquisita, que é incapaz, que não é confiável, acho que tem essa questão também”.

Uma participante (H36) destacou a necessidade de modificação da aparência para se adequar ao ambiente de trabalho, principalmente quando se trata de alguns concursos: “Não necessariamente [o *piercing* e a tatuagem] vai dizer como você é, mas tem alguns concursos que você não pode ter nenhuma tatuagem. Você não pode ter piercing também, eu não sei se tem isso também. E acaba que muita gente fica excluída nesses processos. Ou ela tem que mudar a aparência dela por causa disso.”

Logo, os participantes chegaram a conclusão que falta credibilidade em pessoas que possuem piercing, tatuagens e cabelos coloridos, pois isso é algo que foi implantado. As pessoas

que têm características diferentes, cabelos de cores e curvatura diferentes, não são levadas a sério.

Essas falas podem significar um olhar atento sobre a exclusão presente no mercado de trabalho e processos seletivos como um todo. A percepção de que a aparência influencia diretamente na credibilidade do indivíduo, mesmo quando suas habilidades e competências não estão em questão, revela o funcionamento de um sistema de preconceito estético, que regula quem é ou não considerado "adequado" a determinados espaços, pois segundo Le Breton (2013), o corpo é um território de leitura social, como uma espécie de texto que é interpretado antes mesmo que o indivíduo tenha a chance de se expressar por meio da linguagem verbal.

A fala sobre a necessidade de “mudar a aparência para se adequar aos concursos” reforça o impacto direto dessa lógica na vida prática dos jovens. Ela aponta para um cenário em que as políticas públicas e institucionais ainda não avançaram o suficiente para reconhecer a pluralidade estética como legítima. Embora o uso de tatuagens e piercings esteja mais comum na sociedade, sua presença ainda é fortemente reprimida em determinados contextos laborais e educacionais, revelando um preconceito institucionalizado (Diniz, Andrade, 2022).

8. 5. 3. Acessórios, cabelo e roupa como identidade visual

Ainda sobre os aspectos específicos da aparência, os participantes apresentaram suas opiniões relacionadas a acessórios, cabelo e estilo de roupa como forma de passar uma identidade visual. A participante (F2) destaca que “acessório é muito importante, até porque eu acho que acessório faz parte do seu estilo, e como eu já ia citar, o estilo faz muito parte da nossa expressão. Então eu acho que acessórios, com certeza diz sobre quem nós somos ou o que gostamos”. Da mesma maneira, a participante (F12) destaca que “você escolhe colocar os seus acessórios, ou como você vai deixar o seu cabelo. A sua fisionomia você não escolhe...”.

Ao afirmarem que "acessórios dizem quem nós somos" ou que "o estilo faz parte da nossa expressão", os adolescentes evidenciam uma visão do corpo como um meio de comunicação com outras pessoas, por meio do qual se manifesta a subjetividade, os gostos, as afiliações culturais e os modos de existir no mundo. Essa perspectiva encontra sustentação nos estudos de Goffman (1959), que propõe o conceito de apresentação de si, no qual os indivíduos constroem performances identitárias através da aparência, do vestuário e dos comportamentos. Assim, o estilo, os acessórios e a aparência tornam-se, portanto, instrumentos visíveis de construção de identidade, conforme discutido por Wood-Barcalow, Tylka, Augustus-Horvath

(2010), ao afirmarem que a imagem corporal positiva está diretamente relacionada à possibilidade de o indivíduo se expressar livremente por meio da aparência.

Transmitir a sua identidade a partir de aspectos específicos da aparência pode não ser uma tarefa difícil, segundo os participantes. Alguns deles destacam que, dependendo do estilo da pessoa, pode ficar nítido seus gostos e preferências. Essas falas podem ser vistas a seguir:

“Tipo assim, uma pessoa que gosta muito de rock, que tem, anda sempre com aquela maquiagem pretona pesadona, cheia daquelas correntes, daquelas coisas de preto e tal. A gente olha pra essa pessoa, a gente consegue meio que hipotetizar do que ela gosta e tal, pela aparência, pela roupa que ela usa” (F17). Outro participante também trás um exemplo similar, relacionado ao gosto pelo rock: “Só por você ver o que ele veste você já vê que ele gosta de rock. O Duda [um professor], ele sempre usa uma camisa com uma estampa, os cordão, ele usa um monte de cordão... só falta aquele negócio de cachorro, o nome disso aqui é gargantilha? é, gargantilha... aí ele vem assim”.

Segundo os participantes, os elementos específicos da aparência, como o uso de maquiagem pesada, roupas escuras, correntes e camisas de bandas, atuam como marcadores identitários, permitindo a hipótese imediata de pertencimento a determinados grupos culturais. Essa capacidade de identificar o outro pela aparência é, na verdade, uma construção social que se apoia em estereótipos estéticos consensualmente compartilhados dentro de determinados contextos culturais (Paim, 2011).

Nesse contexto, Hebdige (1979) destaca que o indivíduo, ao optar por esses marcadores identitários não apenas expressam seus gostos pessoais, como também se posicionam dentro de um grupo social ou subcultura, como no exemplo citado pelos participantes em relação ao gosto pelo rock. Isso encontra eco nos estudos de Hebdige (1979) sobre as subculturas juvenis, que mostram como elementos como roupas, cabelo e acessórios funcionam como formas de resistência simbólica ou pertencimento. É importante destacar ainda que, na adolescência, essa associação entre aparência e identidade tende a ser ainda mais marcante, pois é nessa fase que os indivíduos buscam afirmação de suas escolhas e identificação de grupos (Gonçalves, Leal, 2020).

Logo, alguns participantes destacam que, é possível sim, através da aparência, saber do que a pessoa gosta. Entretanto, destacam que a pessoa é muito além de só o que está demonstrando naquele momento exato que utiliza determinado aspecto específico da aparência, como roupas. Segundo o participante (H26), “se uma pessoa é flamenguista e está com a blusa do flamengo, obviamente dá pra saber que ela é flamenguista, mas o flamengo é um ponto. Certamente, tem outras coisas que a pessoa gosta.”

Ao reconhecerem que “é possível saber do que a pessoa gosta pela aparência”, mas que “a pessoa é muito além daquilo que está mostrando”, os adolescentes apresentam uma percepção crítica sobre uma interpretação superficial da pessoa. Hall (2006) destaca, nesse sentido, que a identidade não é fixa, mas sim múltipla, fragmentada e em constante reconstrução. Para ele, a aparência comunica traços de pertencimento e gostos, mas não dá conta da totalidade da experiência subjetiva. Assim, Featherstone (2010) e Grogan (2017), que alertam para os riscos da leitura superficial da imagem corporal como único parâmetro de identidade.

Os participantes destacaram que, a partir de aspectos específicos da aparência, é possível se aproximar ou se afastar das pessoas. A participante (F7) cita um exemplo onde diz: “eu comecei a conversar com ela porque eu conheci ela com a camisa de uma banda que eu gosto. Então eu falei assim, “nossa, ela deve ter um gosto parecido com o meu. Vou tentar me informar.” E foi assim que eu fiz amizade com ela. Hoje eu sei muito mais coisa sobre ela do que só a banda que eu descobri que ela gostava porque estava usando uma blusa”.

Nessa mesma linha, outro participante traz luz a uma reflexão baseada nesse aspecto e num pré-julgamento das pessoas: O participante (H38) também destaca que “quando você vê a aparência dela, quando você olha para ela, você consegue entender o que é ela para você. Então, eu acho que é muito óbvio se a gente vê uma pessoa na rua, com roupa preta, com sombra no olho preto, com veste de espinho. Você acha que você vai ter afinidade com ela, se você não tem esse estilo? Agora, uma pessoa normal, com shorts, calça, uma roupa social, uma roupa normal, já é muito mais provável de ser uma pessoa que você tenha afinidade para conversar”.

De igual modo, a participante (F2) traz outra reflexão: “O jeito que a pessoa se veste é a aparência dela... eu não vou andar com uma pessoa que se veste de uma maneira que eu não concordo... A gente vê a aparência da pessoa, a roupa dela e já julga a personalidade dela, é algo nosso, do ser humano, não vou andar com uma pessoa que usa um tipo de roupa que não condiz comigo, o estilo de roupa que eu ando, que muitas vezes também diz sobre a aparência da pessoa, reflete na personalidade da pessoa”

As falas dos participantes revelam que os aspectos específicos da aparência, como estilo de roupa, maquiagem, acessórios e referências visuais, funcionam como gatilhos sociais para julgamentos imediatos e decisões de aproximação ou distanciamento em contextos de convivência. O vestuário, especialmente, é identificado como uma pista inicial sobre os gostos, preferências e até mesmo valores de alguém, influenciando diretamente os vínculos que os jovens decidem (ou não) construir. A aproximação social mediada pela aparência é reforçada por Hall (2006), que afirma que a identidade é construída no reconhecimento, ou no

espelhamento, do outro. Ao identificar traços semelhantes em alguém (gostos musicais, estilo de vestir, forma de expressão), o sujeito sente-se mais inclinado à conexão, porque percebe ali um possível campo comum.

Por outro lado, as falas também escancaram a dimensão excludente da aparência, sobretudo quando os estilos visuais fogem do padrão normativo. Quando um participante afirma que pessoas com "roupa preta, sombra no olho e colar de espinho" são percebidas como diferentes e, por isso, menos acessíveis, evidencia-se um processo de estereotipação estética, no qual o sujeito é julgado e categorizado com base em um recorte superficial e visual (Featherstone, 2010).

Assim, entende-se que utilizar aspectos específicos da aparência para compor a identidade visual pode estar muito mais relacionado ao que você quer expressar com aquela aparência do que simplesmente chamar atenção. O participante (F1) traz essa reflexão:

Eu acho que, assim, pra mim, não tem esse tipo de piercing ou cabelo que chama atenção. Eu acho que existe o piercing e cabelo que te expressa. Que não necessariamente significa que você é uma pessoa alternativa, mas que você é uma pessoa, eu diria que única, porque você consegue se expressar através disso. Então, pra mim, não tem... Eu posso encher a cara de piercing parecendo o “pen do naruto”, pra mim, isso diz mais sobre o quanto eu gosto daquilo, o quanto aquilo define o meu estilo. Do que... Nossa, eu quero tanto chamar a atenção das pessoas, como eu quero ser vista. Eu diria que piercing e cabelo colorido e tatuagem é uma forma de você se ver, e não das pessoas verem você (F1).

Nessa mesma linha, a participante (F18) traz que utilizar aspectos específicos da aparência para afirmar a identidade seria “algo que não é tradicional. Algo que traz a minha personalidade. O que eu sou. Não é algo que todo mundo faz.”

Os participantes trouxeram nessas falas que as escolhas visuais não visam agradar ou provocar outras pessoas, mas sim materializar simbolicamente traços internos da identidade, como gostos, convicções e formas de ser. Assim, Grogan (2017), destaca que a imagem corporal se restringe apenas como uma avaliação estética ou emocional sobre si mesmo, mas também como uma construção simbólica permeada por cultura, linguagem e desejo de autoexpressão.

8. 6. Características pessoais: Somos o que realmente aparenta ser?

A categoria de número seis se destaca em relação às perguntas de número 11, 13 e 14 do guia do moderador, sendo subdividida nas seguintes categorias: Representatividade a partir da aparência; Estilo pessoal como forma de expressão; Coragem para assumir o próprio estilo; Autocensura ou retraimento como uma forma de proteção aos possíveis julgamentos.

8. 6. 1. Representatividade

Ao longo dos grupos focais, os participantes demonstraram relação direta entre a aparência e suas representatividades. Foi falado sobre o que a aparência representa e significa, qual mensagem passam e o que cada aspecto específico da aparência pode representar.

No geral, os participantes concordam que não dá para saber do que gostam somente pela aparência, e relatam que, algumas vezes, passam mensagens diferentes, ou até mesmo opostas do que realmente são. A participante (F9) comenta que “a minha [aparência], ela pode passar totalmente o contrário do que eu sou. Quem me vê com meus amigos, vê que eu fico rindo, 24 horas por dia, mas se você me vê sozinha na rua, no portão da escola, pra fora, sozinha, eu vou estar de cara fechada. Porque na rua eu não, eu não saio rindo pra todo mundo. Então, quem me vê na rua, acha que eu sou séria”.

De igual modo, outra participante relata que “o que eu mais escuto aqui na escola de todo mundo, antes das pessoas chegarem pra falar comigo, era: “nossa, você tinha uma cara fechada, eu achei que você era insuportável. Nossa, você tinha uma cara de nojenta (F16)””.

Embora os participantes reconheçam que elementos visuais, como expressão facial, postura e estilo pessoal, transmitem mensagens às outras pessoas, eles também apontam para a diferença entre a imagem que as pessoas projetam e a imagem que as pessoas realmente são.

De acordo com Grogan (2017), a imagem corporal não se resume à forma como o indivíduo se vê, mas inclui também como ele acredita ser visto pelos outros. Isso implica que a aparência é sempre mediada por interpretações externas, e que a leitura social da imagem corporal nem sempre coincide com a realidade emocional ou comportamental do sujeito. A participante que afirma ser constantemente rotulada como “nojenta” ou “insuportável” por conta da sua “cara fechada” expressa, claramente, essa dissociação entre o ser e o parecer.

Assim, a ideia de que a aparência pode passar uma mensagem oposta à identidade real também se conecta aos estudos de Cash, Pruzinsky (2002), que enfatizam que os julgamentos sociais sobre o corpo são influenciados por estereótipos culturais, muitas vezes automáticos e inconscientes. Desse modo, autores destacam que a imagem corporal também está sujeita a múltiplas camadas de interpretação: o que o sujeito escolhe mostrar, o que de fato é visto, e o que é interpretado pelos outros, muitas vezes, a partir de vieses inconscientes ou culturais (Davis, 1995, Wood-Barcalow, Tylka, Horvath, 2010).

Para além da fisionomia, entretanto, os participantes relacionam a representatividade da aparência com roupas, acessórios e gostos pessoais. Sobre este ponto, a participante (F2) destacou que “a vestimenta dela, a roupa dela e o jeito que age, a aparência da pessoa, ela

influencia naquilo que ela gosta porque geralmente a gente quer ser o que a gente gosta, então se a gente gosta de alguma coisa, a gente quer se parecer com aquilo, então acho que dá pra saber o que a gente gosta, ou não, dependendo do que a pessoa mostra na sua aparência”.

O participante (H36) pontua que “todo mundo tem a primeira impressão de alguém, e depende muito do que a pessoa quer transmitir”. Em complemento a isso, a participante (F12) comenta: “Até adereços, né? Pode ser um cabelo colorido, pode ser um brinco. A gente olha e tira percepções disso. A gente supõe coisas que ela gosta a partir do que ela tá usando”. Somado a isso, a participante (F33) reflete que “você consegue supor ou julgar a pessoa pelo que ela veste, pelo que ela usa”. A participante (F35) complementa que “quando a gente vê um brinco, unha, cor do cabelo, a gente involuntariamente olha, a gente idealiza esse tipo de coisa, o estilo da pessoa”. O participante (H36) pontua também, nesse sentido, que, involuntariamente, “você imagina: essa pessoa tem tantos anos, tem tal altura, gosta de tal coisa”.

Segundo os participantes, a Imagem Corporal é compreendida como uma linguagem não verbal através da qual os indivíduos comunicam, de forma intencional ou não, aspectos de sua identidade, gostos e estilo de vida. Roupas, adereços, cabelo, maquiagem e acessórios são percebidos pelos adolescentes como símbolos visuais que expressam, voluntariamente ou de maneira implícita, aquilo com o que o sujeito se identifica. Grogan (2017) confirma essa percepção quando define que a imagem corporal pode ser vista como uma construção psicossocial complexa, influenciada por cultura, experiências pessoais, normas sociais e autoexpressão. A aparência, nesse contexto, é tanto expressão da individualidade quanto meio de diálogo com o ambiente social, funcionando como uma vitrine de gostos, valores e preferências.

Contudo, os participantes também demonstram uma fala crítica sobre o julgamento automático que pode surgir a partir das expressões individuais. Quando os participantes dizem que “você consegue supor ou estigmatizar a pessoa pelo que ela veste”, reconhecem a operação de estereótipos visuais, ou seja, inferências generalizadas e nem sempre precisas com base em elementos da aparência. Essa percepção dialoga com os estudos de Cash, Pruzinsky (2002), que alertam para a força dos esquemas cognitivos visuais na formação de impressões imediatas e muitas vezes distorcidas sobre o outro.

Além disso, ao afirmarem que “todo mundo tem uma primeira impressão”, os participantes reconhecem que a aparência é também um campo de mediação social, em que o sujeito tenta equilibrar o desejo de expressar autenticidade com a consciência de que será interpretado. Isso remete ao conceito de fachada social de Goffman (1959), segundo o qual a

maneira como o indivíduo se apresenta em público é moldada por um conjunto de expectativas sociais que influenciam tanto o modo de agir, quanto o de se vestir.

Em contrapartida, outros participantes discordam que é possível saber sobre a pessoa, e apontam que “acho que dá para você ter uma noção, mas não dá pra saber tudo. Só pela aparência, você não conhece a pessoa (F9)”. De igual modo, o participante (F33) diz que “não dá pra idealizar o gosto de alguém pela aparência dela. Porque a pessoa tem um jeito, além da aparência.” A participante (F5) afirma também este ponto, quando diz: “Não, eu não sou o que aparento ser, eu sou uma pessoa completamente oposta do que as pessoas acham, mas aí varia muito do que as pessoas vão ver, sabe? ”

Os participantes justificam, portanto, que não é possível saber como uma pessoa é somente pela aparência, pois “o que você é, transcende muito do que você aparenta ser. Você é muito mais do que só o corpo. Que só a tua aparência (H39).” De igual modo, a participante (F11) traz o caráter para a reflexão, e afirma ser mais importante que a aparência: “É, a complexidade de caráter é muito... A aparência é só aparência, o caráter é outra coisa, vai além”. Outra participante corrobora dizendo que “a gente pode até começar a reparar na pessoa pela aparência, mas a gente tem que reparar na personalidade primeiro”.

No ponto que os participantes dizem que não dá para saber exatamente do que gostamos, somente pelo que apresentamos, a fala de uma participante conclui que: “Então, de forma real, é bem limitante: a sua aparência te dá, entre aspas, uma primeira leitura, assim, mas aí você é muito mais do que só isso” (F37).

Cash e Pruzinsky (2002) apontam que os indivíduos frequentemente experimentam dissonâncias entre o que sentem e o que projetam corporalmente, revelando que nem sempre a aparência corresponde ao estado interno ou às preferências pessoais. Isso se torna evidente na fala da participante que afirma: “eu sou completamente oposta do que as pessoas acham”, indicando que a leitura alheia pode ser equivocada ou incompleta, quando baseada apenas em elementos visuais.

Assim, constatou-se, diante da fala de alguns jovens que julgar pela aparência não é algo ideal, conforme pode ser observado na fala do participante (H39): “mas, você julgar uma pessoa só pela aparência, sem conhecer, não dá. Você tem que conhecer mais a fundo para poder saber”.

8. 6. 2. Estilo pessoal como forma de expressão

Diante das falas anteriores, fez-se necessário pensar acerca do estilo pessoal de cada adolescente como forma de expressão, para tentar entender se o estilo que escolhem aderir

expressa, de fato, o que são, ou pretendem ser. Inicialmente, pode-se destacar as falas dos participantes (F8, H25 e H36), que evidenciam, respectivamente, essa questão: “Muitas pessoas vão dizer que não. Outras vão dizer que sim”, “mas, tipo, independente do que as pessoas falem, todo mundo tem gostos, e “todo mundo tem gostos, tem preferências”.

Pode-se observar com essas falas, que o estilo pessoal na adolescência é visto como uma expressão situada entre o ser e o parecer. No campo da imagem corporal, Grogan (2017) sustenta que o modo como os indivíduos se apresentam visualmente (roupas, cabelo, maquiagem, acessórios) está profundamente conectado à maneira como percebem a si mesmos e como desejam ser percebidos pelos outros. Para adolescentes, que vivem um momento de intensa experimentação identitária, o estilo se torna um recurso fundamental para testar e afirmar versões de si, mesmo que essas versões sejam transitórias ou contraditórias.

Assim, justificativas para as escolhas de aparência começaram a surgir. A participante (F5) pontua que as mudanças da aparência estão relacionadas a “tentar e experimentar novos gostos pra ver se se encaixa com você (F5)”. De forma similar, a participante (F2) reflete que “talvez, sei lá, talvez mudar a cor do seu cabelo, seja uma busca para refletir como você está se sentindo no momento”. Exemplo dessa fala pode ser visto a seguir, com a fala de outra participante:

Tem gente que muda a cor do cabelo de acordo com a experiência que ela passou, por exemplo. Uma pessoa que tem, às vezes, está com o cabelo, o cabelo rosa. Você passa por um tipo de decepção, familiar, amorosa, que te deixa chateada. Você sente que precisa pintar o cabelo de azul, porque azul remete à tristeza. Então, para a pessoa vem muito disso. Para outra, é, caraca, acho que eu nunca pinteí dessa cor. Ou eu gosto tanto dessa cor, acho que não tive ainda, quero pintar (F13).

A participante (F1) comenta que, apesar dessas mudanças existirem e em muitos casos ser frequente, “a gente não quer mudar para uma pessoa entender o que a gente é. Eu acho que a aparência é muito sobre o que a gente é para gente, e não o que a gente é para os outros”. Somado a isso, outra participante pontua que “eu acho que a nossa aparência forma muito o que a gente é. Mas, às vezes, nem sempre como a gente se vê uma outra pessoa veria. Ela pode interpretar de outra forma, então, não necessariamente passamos o que realmente somos”.

A ideia de que mudar o cabelo pode ser uma forma de “experimentar gostos” ou “refletir como você está se sentindo no momento” está em consonância com o que LeBesco (2004) aponta como práticas corporais que funcionam como narrativas identitárias em trânsito. Para a autora, o corpo não é apenas suporte da identidade, mas também um diário simbólico, no qual experiências emocionais, afetivas e existenciais podem ser inscritas por meio de gestos como cortar, pintar, adornar ou vestir-se de determinado modo. Shilling (2012) destaca, por exemplo,

que mudar o cabelo após uma decepção ou por desejo de renovação estética é um ato de autoria, que revela mais do que estilo: revela um estado de ser.

Os participantes apresentaram ainda, em suas falas, uma dicotomia entre o que são e o que gostam. A participante (F1) destaca que:

Eu diria que a nossa aparência ela diz quem a gente é, mas ela não diz o que a gente gosta. O que eu quero dizer com o que a gente é? No meu ponto de vista, a minha aparência diz o que eu sou em relação à expressão. Eu sou uma pessoa comum, uma pessoa básica, vamos dizer assim, mas não necessariamente eu sou uma pessoa rasa, eu gosto de coisas que todo mundo gosta, eu sou uma pessoa geral, uma pessoa básica, mas eu gosto de ser básica porque é algo simples, é mais fácil de arrumar, etc. Então, eu diria que diz o que a gente é, eu diria mais o que a gente gosta do que o que somos. Mais o que a gente gosta do que o que somos na verdade (F1).

De igual modo, outra participante destaca, sobre a aparência que “eu acho que reflete as coisas que a gente gosta, mas não necessariamente fala tudo o que a gente é (F6)”. A participante (F8) exemplifica, neste sentido, que “às vezes, tem uma pessoa que ela gosta de muita coisa, mas ela não consegue passar que gosta de muitas coisas só pela aparência. Eu, se você olha para mim, você não vai achar que eu gosto de metade das coisas que eu gosto, mas ao passar o tempo, você percebe os meus gostos, que mesmo, tem muita coisa que eu faria, que eu não consigo passar com a minha aparência”.

Ao apontarem uma dicotomia entre o que são e o que gostam, os adolescentes mostram consciência de que a imagem corporal pode comunicar certos traços visíveis de personalidade, como estilo, expressão e simplicidade, mas que não é capaz de expressar, de forma total, as camadas mais complexas e subjetivas da identidade, especialmente os gostos, interesses e desejos íntimos. Para Grogan (2017), a forma como o sujeito se apresenta visualmente está inserida em um sistema de códigos culturais e limitações contextuais, o que pode impedir que toda a riqueza do mundo interno seja transmitida pela aparência. Isso se reflete na fala da participante, que diz: “às vezes eu gosto de muita coisa, mas eu não consigo passar isso com a minha aparência”.

A ideia de que a aparência comunica quem somos, mas não tudo o que gostamos também se conecta à distinção entre expressão e representação, conforme discutido por Davis (1995). A autora ressalta que o corpo e sua estética são usados como formas de linguagem simbólica, mas que essa linguagem está sujeita à economia do visível, ou seja, àquilo que cabe ser visto, reconhecido e decodificado socialmente. O gosto, por sua vez, é mais subjetivo, fluido e invisível, e nem sempre encontra expressão estética direta.

Essa contradição aparece também nos estudos de Cash, Pruzinsky (2002), que abordam o conceito de discrepância da imagem corporal, ou seja, o descompasso entre o modo como o indivíduo gostaria de ser percebido e a forma como é de fato interpretado socialmente. Isso é

especialmente relevante na adolescência, quando os jovens estão em constante negociação entre pertencimento e autenticidade. O estilo “básico”, como aponta uma das participantes, pode refletir escolhas práticas ou preferências estéticas, mas não revela, por si só, a profundidade do caráter ou a complexidade dos interesses pessoais. Além disso, a fala “sou uma pessoa geral, básica, mas não rasa” aponta para uma crítica sutil aos estereótipos visuais que muitas vezes associam simplicidade estética à superficialidade.

Assim, foi possível entender que a aparência é uma primeira impressão de alguém, que pode passar ideias de gostos e preferências, mas não resume a pessoa. A participante (F1) diz que, “Definitivamente, eu acho que a aparência é a sua primeira impressão de alguém. Já você poder dizer que você conhece alguém, é você saber o que essa pessoa gosta ou não gosta apesar da aparência dela. Então, por isso que eu acho que tem uma diferença muito grande de “vi essa pessoa de vista e eu conheço essa pessoa”. Outra participante também complementa com sua fala quando destaca que “a aparência tem que combinar com a pessoa, sabe, com o estilo da pessoa, com o que a pessoa passa, tem que combinar com a imagem que a pessoa quer passar, mas não necessariamente, essa pessoa vai ser exatamente aquilo ali e só isso (F5)”.

8. 6. 3. Coragem para assumir o próprio estilo

Os participantes relataram de onde vem a coragem para assumir o próprio estilo, diferente ou não do imposto pela sociedade. Existe, na maioria das vezes, uma influência distal ou proximal que inspira coragem, mas isso não é uma regra. Sobre as influências que inspiram coragem, pode-se destacar as seguintes falas para contextualizar a coragem de assumir o próprio estilo:

“eu olhei para uma menina com cabelo branco, eu olhei para minha mãe e falei, ah, não mata ninguém, não, mas ela podia pintar o cabelo, né? E então, me perguntei porque nunca tinha pintado o meu, se seria só por não ser branco. Aí, eu pensei: Vou testar, hoje em dia, o meu cabelo é pintado de vermelho, ou chocolate. Eu só pinte o cabelo porque a menina tinha o cabelo descolorido, branco (F8).”

A participante (F6) comenta que “acho que essa coragem vem muito de quando você começa a se entender e perceber que aquilo que você quer viver deve falar mais alto do que as pessoas querem que você viva”. A participante (F9), do mesmo grupo focal, concorda com essa percepção, e complementa com a seguinte fala:

“Eu diria que ter cabelo colorido é muito isso. Eu vi uma pessoa uma vez que pintou o cabelo de laranja. Laranja! E por um momento eu fiquei tipo, meu Deus, que coragem. Mas depois eu fiquei tipo, [caralho], que pessoa maneira, que pessoa legal. Porque realmente tem que ter coragem pra andar com o cabelo colorido ou diferente, tipo moicano, por exemplo, ou uma mulher de cabelo curto também é uma grande diferença no meio da sociedade (F9).”

E por falar em coragem, os participantes também falaram sobre este ponto, tentando explicar de onde surge o encorajamento para assumir uma personalidade diferente do padrão, como por exemplo, pintar o cabelo. Inicialmente, a participante (F16) afirmou que “é só usar tonalizante. Então, tipo assim, tive coragem, mas se eu não gostar, tem como resolver”.

A participante (F5) aparenta ter mais coragem, e expressa que “eu acho que a coragem de pintar o cabelo vem quando você sente mais a necessidade de expressar você, de se sentir bem com você, pelo menos foi daí que veio a minha coragem de vir com o cabelo. Não é a minha relação de quero ser diferente. É a minha relação de, meu Deus, eu gosto, porque que eu não vou? porque eu vou deixar de fazer por medo de outros não gostarem de mim. Então, eu acho que a coragem de pintar o cabelo, de ter o cabelo colorido ou diferente vem muito disso (F5).

As falas dos participantes indicam que esse ato de coragem, como pintar o cabelo, adotar cortes diferentes ou escolher estilos não convencionais, não nasce isoladamente, mas sim em diálogo com o mundo ao redor e com o mundo interior. As falas revelam que o primeiro passo rumo à mudança estética muitas vezes é iniciado por referências visuais externas. Quando uma participante menciona que pintou o cabelo ao ver uma menina com cabelo branco, trata-se de uma influência distal, alguém fora de seu convívio próximo, mas suficientemente marcante para despertar a pergunta: “por que eu não posso também? (Thompson, et al., 1999). A fala sobre o uso de tonalizante revela também uma ideia interessante a ser refletida: a coragem também pode surgir quando o risco é percebido como reversível. A possibilidade de voltar atrás cria um espaço psicológico seguro para experimentar (Gal, Rucker, 2021).

Nessa mesma linha, a participante (F13) compartilhou sobre essa coragem, enfatizando que o fator idade pode ser a principal causa de coragem ou arrependimento ao dizer que:

Honestamente, para criar coragem da primeira vez, assim, eu pensei: “vou”. A primeira coisa que eu pensei é, caraca, eu acho que eu vou deixar para pensar nossa, estou me arrependendo disso a partir dos meus 40 anos. Antes disso, poxa, cabelo cresce, cabelo cresce, cabelo corta, faz muito com o seu cabelo, piercing, você tira. Tatuagem já é, obviamente, muito diferente. Mas o cabelo você pode inventar, piercing você pode tirar. Então, eu penso, por que não? Apenas (F13).

A discussão sobre a idade como fator limitante ou não para determinadas atitudes seguiu, e foi vista também em outro grupo focal. A participante (F32) disse que “eu acho que o grande passo para você tomar isso de pintar o cabelo é basicamente isso: Pensar, o cabelo vai crescer, se ficar ruim, acontece! Passa outra [cor], puxa o ciclo de colorimetria e pinta diferente. É isso”. A participante (F9) também trouxe a referência da idade para referir-se sobre a coragem, e disse que para ela, “a coragem, eu acho que vem da intensidade, de querer se expressar e ter na mente que até, pelo menos, até os 40, 50, vai da sua cabeça, você ainda tem tempo para viver o que você quer viver.”

A discussão sobre a coragem estética associada à idade revela como o tempo atua como medida de liberdade, experimentação e arrependimento. As falas indicam que a juventude é percebida, muitas vezes, como um período autorizado para errar, em que mudanças visuais, como pintar o cabelo ou usar piercings, são encaradas como experiências reversíveis e até necessárias para o desenvolvimento da identidade.

Para algumas participantes, a coragem não nasce do impulso, mas sim da consciência do tempo que se esgota. Quando a jovem afirma: “acho que vou deixar para me arrepender disso com 40 anos”, ela inverte a lógica tradicional do medo, transformando o presente em campo de liberdade, não de contenção. Gal, Rucker (2021) explicam que o sentimento de coragem é mais facilmente ativado quando há percepção de controle sobre o futuro, mesmo que ele traga arrependimentos. Essa coragem é, portanto, estratégica: ela protege o sujeito do remorso por não ter vivido certas experiências estéticas enquanto podia. Entretanto, quando outra participante afirma: “até os 40, 50, vai da sua cabeça, você ainda tem tempo pra viver o que quer viver”, ela troca a ideia de que apenas os jovens podem mudar. A coragem estética passa, então, a ser lida como um gesto existencial, como propõe Levoy (2019), em sua análise sobre o risco, quando afirma que “a dignidade do ousar está em não deixar a vida passar sem tentar se expressar plenamente”.

Entendeu-se então que, enquanto jovem, é preciso ter coragem de assumir coisas novas, por experiências, e ter histórias para contar, sem muito apego ou preocupação. Mas, alguns participantes pontuam que pode não ser sempre dessa forma. A participante (F1) pontua que, em sua opinião, “depende muito da personalidade da pessoa”. Já a participante (O4), corrobora com a linha da personalidade, ao dizer que é preciso bancar esse estilo diferente, quando uma pessoa “sustenta um cabelo colorido, acha fica bonito nela, fica legal, ou sustenta uma roupa diferente, tudo bem... Agora uma pessoa, nada a ver um cabelo verde, que não sustenta o cabelo, não acho que fique legal, porque não combina com a pessoa, com a aparência da pessoa, com o que a pessoa é, fica meio estranho”.

Nessa esteira, os participantes alegaram ainda que, o que pode ficar bonito e combinar com uma pessoa, pode não ficar bom em outra pessoa. “Tipo, se tiver no seu corpo vai ficar bonito, mas eu penso assim: Será que se eu fizer vai ficar legal? Eu vou achar que não. Imagina: O cabelo dela é laranja. Eu falaria assim: Eu acho que não combinaria tanto assim comigo com a minha personalidade, ter um cabelo laranja”. O participante (H39) teve uma fala parecida, apesar de mais sucinta, quando disse que “se não é bonito em mim, pode ser bonito nas pessoas. Mas em mim não é”.

Enquanto algumas falas anteriores exaltavam a juventude como espaço da experimentação, aqui os participantes relativizam esse impulso, mostrando que ousar sem conexão interna pode gerar desconforto, insegurança e até rejeição do próprio reflexo. Isso revela que o medo não está apenas no julgamento alheio, mas na quebra de um equilíbrio interno: a pessoa teme não se reconhecer na imagem projetada. Como aponta Gal, Rucker (2021), a coragem é mais sustentável quando há alinhamento entre o risco e o senso de identidade. O risco que conflita com a autoimagem tende a ser evitado.

Assim, os participantes concluem que “normalmente, quando a gente muda a aparência, o que a gente quer é mostrar um pouco mais do que a gente é (F1)”, enfatizando que “a gente quer criar nossas próprias características (F33)”.

8. 6. 4. Autocensura ou retraimento como uma forma de proteção

Diante de tudo o que já foi discutido até aqui, criar as próprias características pode não ser bem aceito pela sociedade, que estabelece um padrão para a aparência das pessoas. Assim, principalmente adolescentes, que modificam sua aparência na busca por reconhecimento e descoberta, podem realizar uma autocensura ou um retraimento como uma forma de proteção às comparações e comentários sobre suas respectivas aparências.

A participante (F11) exemplifica, em sua fala, essa conclusão quando diz: “geralmente isso acontece. E não é só na escola. Então você, em todos os locais, a gente tem que se privar de muitas coisas, não só pra caber naquele padrão ou o que as pessoas acham, mas tipo assim, pra não acontecer essas coisas com a gente mesmo. Então a gente acaba se privando”.

Sobre se privar de realizar algo diferente na aparência por insegurança dos julgamentos, a participante (F19) comenta que “eu sou uma pessoa básica. Aí, vai que eu fico com o meu cabelo de rosa e ela não gosta. Eu não teria a coragem de pintar, por essa insegurança de talvez não gostarem ou talvez por medo de julgarem ou, enfim, por chamar mais atenção”.

A tentativa de se expressar por meio da aparência, como pintar o cabelo ou se vestir de maneira diferente, acaba, muitas vezes, sendo silenciada por mecanismos sociais de pressão e censura, reforçando o poder regulador da sociedade sobre os corpos. A fala “a gente tem que se privar de muitas coisas [...] pra não acontecer essas coisas com a gente mesmo” traduz uma lógica de autoproteção. Desde cedo é ensinado que a exposição estética fora dos padrões pode gerar rejeição, comentários negativos ou ridicularizações, e por isso antecipa o dano e evita a ação. Essa atitude se alinha ao conceito de autocensura preventiva, discutido por autores como

Souza et al. (2020), segundo os quais adolescentes internalizam os padrões normativos e evitam expressões de si que possam resultar em constrangimento ou exclusão social.

Do mesmo modo, a estética pessoal, especialmente na adolescência, torna-se um território de forte vigilância social. A escolha de uma roupa, um corte de cabelo, uma cor ou acessório passa pelo crivo do “será que vão aceitar?”. A participante que se define como “básica” revela uma escolha que não é necessariamente estilo, mas estratégia de invisibilidade: não chamar atenção é uma forma de passar ilesa. Esse comportamento é amplamente discutido por Dohnt e Tiggemann (2006), que afirmam que a conformidade estética entre adolescentes não nasce apenas do desejo de pertencer, mas do medo de não pertencer.

Esse comportamento de evitação em ter uma aparência diferente ocorre não só em casos extremos, como cabelos coloridos que vinham sendo discutidos. A participante (F6) traz um exemplo que aponta a vontade de mudança e adaptação de algo mais tradicional, menos diferente.

Quando eu entrei no CTUR, meu cabelo era *Black Power*, desse tamanho. E ficavam falando “não, não alisa”, e eu respondia que “eu vou alisar, porque se eu não alisar e aparecer aqui na escola com o cabelo desse tamanho as pessoas vão me olhar, vão me julgar, vou falar que é feio.” Aí eu fui lá e passei a prancha. Foi uma decisão difícil, que demorou meses. Hoje eu diria eu gostei, mas isso foi por uma situação hipotética, que eu fiquei imaginando que poderia acontecer, e que não aconteceu (F6).

Conforme evidenciado na fala acima, as necessidades de adequar-se aos padrões são mais comuns e frequentes do que se imagina, e muitas vezes, surgem de uma autocobrança advinda de uma suposição, tendo em vista os padrões que a pessoa está submetida. Dessa forma, a participante (F6) reflete que não se trata exclusivamente de adequar-se aos padrões. Segundo ela,

Às vezes você não quer se parecer com alguém, mas você não quer ouvir críticas de como você está. Então, você pode pensar “queria ter um cabelo bonito”. Mesmo você achando seu cabelo cacheado bonito como ele é, você pensa “nossa, queria ter um cabelo bonito”, fazendo uma distorção sobre o que você acha que as pessoas vão falar, sobre o que elas acham, e acaba se adequando àquele padrão (F6).

Com isso, ser adepto aos padrões, mesmo que não concorde, pode evitar outros desdobramentos, pois, segundo a participante (F17), “às vezes, até a própria pessoa se exclui para tentar evitar outros comentários”.

Comportamentos de evitação estética destacada nas falas dos participantes não estão restritas às escolhas de mudanças radicais. Ela se manifesta também em decisões aparentemente discretas, mas profundamente simbólicas, como alisar o cabelo, mesmo quando se reconhece sua beleza, por medo da rejeição coletiva. A decisão da participante de alisar o cabelo mesmo

sem ter sofrido críticas diretas demonstra um fenômeno chamado de pressão antecipatória, em que a pessoa imagina possíveis julgamentos e adapta sua aparência para evitá-los, mesmo que tais reações nunca ocorram. Segundo Souza et al. (2020), esse tipo de comportamento está diretamente relacionado à internalização dos padrões estéticos dominantes, nos quais o corpo negro, e, em especial, o cabelo crespo ou volumoso, ainda é lido como inadequado ou excessivo em muitos contextos escolares e institucionais.

A fala “você não quer se parecer com alguém, mas não quer ouvir críticas” revela uma tensão entre desejo de autonomia estética e necessidade de evitar conflitos. Ou seja, a adolescente não adere aos padrões por admiração ou identificação, mas sim por proteção. Isso ecoa o conceito de conformidade defensiva, em que o sujeito se molda para neutralizar julgamentos sociais, mesmo que isso implique renunciar a elementos com os quais se identifica.

Essa lógica é especialmente forte na adolescência, quando a identidade está em formação e o julgamento dos pares tem peso central. Segundo Rodgers et al. (2021), a aparência torna-se um campo de negociação entre o eu autêntico e o eu socialmente aceitável, e, diante do medo da rejeição, muitos adolescentes optam pelo apagamento.

A última fala destaca uma dinâmica muitas vezes invisibilizada: a autoinvisibilização. Para evitar o peso de críticas, olhares ou comentários, alguns adolescentes preferem se retirar da cena simbólica, mantendo um visual neutro ou aceitável, mesmo que isso signifique abrir mão de traços identitários. Esse comportamento é intensamente estudado por Jones, Crawford (2006), que observaram que a ansiedade social em contextos escolares leva muitos jovens a estratégias de camuflagem estética, onde o corpo é moldado para passar despercebido, uma espécie de segurança silenciosa.

8. 7. Imagem Corporal e Educação Física

8. 7. 1. Imagem Corporal nas Aulas

As falas dos participantes quando perguntados se alguma temática relacionada à Imagem Corporal já havia sido apresentada no contexto escolar, mais especificamente, nas aulas de educação física, por entender que esta disciplina tem como foco principal o corpo (Campos, Santos, 2009), todos relataram que nunca tiveram acesso a esse conteúdo.

O participante (H29) relata que o mais próximo que já se falou sobre imagem corporal na educação física foi “baseado mais no corpo humano, falando como funciona”. Já outro participante remeteu sua reflexão sobre Imagem Corporal e Educação Física “falando mais da saúde mental mesmo. Sobre saúde mental” (H29).

A discussão sobre a ausência da temática Imagem Corporal nas aulas de Educação Física evidencia uma lacuna importante na prática pedagógica dessa disciplina, especialmente quando se considera que ela tem, por essência, o corpo como objeto central de estudo, vivência e reflexão (Campos, Santos, 2009). No entanto, o relato dos participantes indica que, apesar desse foco no corpo, o conteúdo oferecido é predominantemente biológico ou funcional, sem abordar as dimensões simbólicas, subjetivas e sociais que envolvem a construção da imagem corporal.

Essa limitação contrasta com a perspectiva crítica defendida por autores como Daolio (2001), que entende o corpo como uma construção biopsicossocial, ou seja, uma interface entre natureza e cultura. Nesse sentido, falar de imagem corporal exige ir além do músculo e da saúde física, atingindo os discursos, padrões e representações que moldam como os alunos percebem e sentem seus próprios corpos. Isso indica, então, uma falha estrutural na formação curricular da Educação Física escolar, que ainda negligencia discussões sobre corpo, autoestima, padrões de beleza, diversidade corporal, gordofobia, racismo estético e outras questões sociais contemporâneas.

É relevante notar que um dos participantes relacionou a imagem corporal ao campo da saúde mental. Embora essa seja uma associação válida, ela revela que a abordagem de temas sensíveis ocorre de maneira fragmentada e isolada, muitas vezes dependendo do interesse pontual de um professor e não de uma proposta curricular consolidada. Isso reforça o argumento de Tylka e Wood-Barcalow (2015), que apontam a necessidade de abordagens educativas integradas que promovam o desenvolvimento da imagem corporal positiva desde cedo, especialmente no ambiente escolar, local onde grande parte da comparação corporal, *bullying* estético e estigmatização têm início.

Somado a isso, a partir das falas dos participantes, percebe-se que a temática Imagem Corporal não tem sido abordada nas aulas de Educação Física, mesmo sendo esta uma disciplina que, segundo a BNCC, deve articular conhecimentos sobre o corpo em suas dimensões biológica, social, cultural e subjetiva. A recorrência das respostas negativas dos alunos à pergunta “Você já teve aula sobre imagem corporal?” revela uma desorganização entre o que prevê a base curricular nacional e a prática pedagógica em sala de aula. Almeida, Huguenin, Morgado (2023) analisaram a BNCC e identificaram que, embora o termo “imagem corporal” não seja explicitamente mencionado, há trechos que dialogam com o construto. Eles destacam a importância de os professores de Educação Física estarem atentos à imagem corporal e suas implicações no ambiente escolar.

Segundo a BNCC, no componente de Educação Física, o corpo é tratado como um sujeito social e histórico, que expressa, comunica e produz sentidos por meio do movimento

(BNCC, 2018, p. 183). A imagem corporal, portanto, deveria ser tema transversal, especialmente nos campos que envolvem a identidade, a autoimagem, os padrões de beleza e a valorização da diversidade. A BNCC propõe, entretanto, nos anos finais do Ensino Fundamental, que a Educação Física contribua para a formação de sujeitos autônomos, críticos e respeitosos com a diversidade. No Campo de Experiência Corpo, gestos e movimentos, destaca-se a importância de que os estudantes compreendam e respeitem as diferenças corporais, étnico-raciais, etárias, de gênero e de habilidades físicas (BNCC, 2018, p. 185). Dessa forma, discutir imagem corporal, aceitação de si e as representações do corpo não é um luxo ou extensão do conteúdo, é uma exigência da própria BNCC, e o silêncio sobre isso contribui para a naturalização de estigmas, reforçando padrões normativos excludentes.

Exemplificando a falta dos conteúdos propostos pela BNCC, em sua totalidade, o participante (H30) pontua que em sua aula de Educação Física “Basicamente, tem esporte. Chega lá e joga bola”. A fala do estudante expõe um modelo de aula que ainda persiste em muitas escolas: a Educação Física voltada apenas para o esporte competitivo e para os alunos com aptidão física tradicional. Essa prática, além de excludente, contradiz diretamente os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece que a disciplina deve contemplar a diversidade cultural das práticas corporais, incluindo: Jogos e brincadeiras; danças; lutas; ginásticas; esportes em suas múltiplas dimensões (lazer, saúde, educação, cultura); atividades de conscientização corporal e respeito à diversidade. Assim, segundo a BNCC (2018), a Educação Física deve valorizar a pluralidade das manifestações corporais e considerar os diferentes contextos socioculturais e históricos (BNCC, p. 182), o que está muito distante de uma aula reduzida ao simples jogar bola.

8. 7. 2. Imagem Corporal no Contexto Escolar

Apesar de, as aulas de Educação Física no contexto estudado não darem conta de abordar o conteúdo da Imagem Corporal, alguns participantes relataram já ter ouvido algo próximo a esta temática no contexto escolar de modo geral. O participante (H38) destaca que ouviu “Não nessa escola, mas na outra escola”, e o participante (H30) concorda que “também já ouvi na escola”.

Como exemplo da forma como essa temática foi abordada na escola, a participante (F37) destaca que “um professor, uma vez, orientou minha turma de que se a gente sentasse assim, toda largada na cadeira, iríamos passar uma imagem de que somos pessoas largadas”. Outro exemplo a ser destacado é o do participante (H34), quando diz:

O meu, foi mais ou menos o que a minha outra escola. .. Eles fazem um meio que é um clube de ciências, mas não era sobre ciências. Era no geral. Tipo, uma coisa que você ia frequentar, etc. Um grupo de estudos. Só que tinha diversos grupamentos. Aí tinha uma área sobre estética e coisas do tipo. Quem quisesse ir lá ver, podia ver. Tipo, um monte de professor dando aula sobre diversas funções. Palestras, etc. Aí acontece que teve uma palestra sobre corpos, etc. Acabou falando sobre o seu entendimento de corpo e como as pessoas te veem. Chegando num termo de dismorfia ou coisa do tipo. Mas, Imagem Corporal, não me lembro de ter sido falado (H34).

Essas falas destacam que embora o conteúdo da Imagem Corporal não seja abordado sistematicamente nas aulas de Educação Física, ele emerge de forma esporádica, indireta ou fragmentada em outros espaços da escola, como projetos, clubes de estudo, palestras e orientações informais. As falas dos participantes evidenciam que a Imagem Corporal não está institucionalizada no currículo como tema contínuo e reconhecido, mas sim aparece pontualmente, por iniciativa individual de professores ou por projetos extracurriculares. Isso se evidencia na fala “não nessa escola, mas na outra escola” e no comentário sobre o clube de ciências, em que o tema foi tangenciado dentro de um projeto mais amplo. Essa fragmentação demonstra que a abordagem da Imagem Corporal nas escolas depende mais de ações isoladas do que de diretrizes curriculares consolidadas. Isso contraria a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta que temas como Imagem Corporal, identidade corporal e diversidade de corpos sejam trabalhados desde os anos iniciais como forma de garantir o desenvolvimento integral do estudante (BNCC, 2018).

Outro ponto relevante é o modo normativo e moralizante como a imagem corporal pode ser abordada em certos contextos escolares, como no exemplo do professor que associou “sentar-se de forma largada” à impressão de ser “uma pessoa largada”. Embora essa orientação possa ter sido bem-intencionada, ela revela uma abordagem que reforça estigmas e padrões comportamentais baseados na aparência, em vez de promover uma reflexão crítica sobre o corpo como expressão individual e cultural. Essa fala expressa uma ideia de corpo correto, alinhado, ereto, limpo, discreto, que está profundamente enraizada em práticas escolares disciplinadoras (Foucault, 1975). Em vez de problematizar os julgamentos sociais sobre o corpo, a escola, nesse caso, os reforça.

A discussão sugere a necessidade de formalizar a presença da Imagem Corporal nos componentes curriculares, especialmente na Educação Física, mas também em áreas como Ciências, Artes e Projetos Integradores. Sistematizar o tema significa assumir o corpo como lugar de aprendizagem, de identidade e de transformação social. Como propõe Tylka, Wood-Barcalow (2015), educar para a imagem corporal positiva implica promover o autoconhecimento, a apreciação da diversidade e o respeito à singularidade de cada corpo, valores que precisam ser cultivados desde a escola, de forma contínua.

9. CONCLUSÃO

Este estudo teve por objetivo analisar as atitudes relacionadas à Imagem Corporal de adolescentes escolares do Ensino Médio no contexto da educação física escolar. Assim, pode-se observar, mediante análises dos grupos focais, que as modificações de aparência dos adolescentes, embora muito presentes no contexto escolar, não se restringem à educação física, e estão diretamente relacionadas às influências sociais presentes no meio em que o adolescente está inserido, sendo a escola parte, mas não exclusivamente o foco dessa influência. Assim, é necessário também considerar outros contextos, como família, mídia e religião, como responsáveis pelas atitudes relacionadas à aparência de adolescentes.

Dessa forma, os dados desta pesquisa destacam importantes reflexões: Os principais achados da tese evidenciam que a imagem corporal é construída socialmente, a partir de múltiplas influências: mídia, família, pares e até mesmo professores, que ora reforçam padrões estéticos normativos, ora silenciam a temática por desconforto ou falta de preparo pedagógico.

Foi possível identificar que os discursos dos adolescentes oscilam entre resistência e conformidade. Muitos expressam tentativas de se libertar dos padrões, reconhecendo sua própria autenticidade; porém, ainda relatam sofrimento, insegurança, comparações e julgamentos, principalmente quando há divergência entre sua aparência e os ideais estéticos da sociedade. Somado a isso, o papel da família se revela paradoxal: ao mesmo tempo em que é uma referência emocional importante, também pode ser fonte de pressão estética, julgamento e dor, muitas vezes disfarçado de “cuidado”.

Além disso, também foi possível identificar formas de resistência simbólica nos relatos, como a escolha por cabelos coloridos, roupas fora do padrão ou posturas que desafiam a estética dominante, apontando para um desejo de afirmação da identidade e da singularidade. Além disso, pôde-se perceber que há uma ausência sistemática do debate crítico sobre imagem corporal na escola, especialmente nas aulas de Educação Física, que acabam por se limitar a práticas motoras tradicionais, sem promover uma abordagem mais ampla sobre corpo, identidade e aceitação, conforme consta na BNCC como conteúdo mínimo a ser trabalhado, visando alcançar diferentes competências estabelecidas neste documento.

Assim, a pesquisa denuncia um vácuo formativo na escola, que não apenas silencia discussões essenciais sobre o corpo, mas também contribui para a manutenção de estereótipos, preconceitos e exclusões. A omissão do tema da imagem corporal, especialmente em um momento da vida tão sensível quanto a adolescência, reitera o papel normatizador da escola quando não se propõe ao enfrentamento crítico dessas questões.

Embora a presente pesquisa apresente importantes achados para a área, importa destacar algumas limitações quanto à sua realização: 1. Os grupos focais não foram realizados com a equipe completa, conforme indicado pela literatura prévia utilizada. Pela dificuldade em conciliar as agendas de todos os pesquisadores com as datas da realização dos grupos focais, estiveram presentes em todos os Grupos Focais apenas a Mediadora e o Observador; 2. O número de participantes de cada grupo focal variou, não sendo o mesmo número de participantes em todos os grupos. Apesar dessas limitações, essa tese não apenas contribui academicamente para o campo dos estudos sobre imagem corporal, mas também aponta a necessidade de formação docente e revisão curricular que considere o corpo como campo legítimo de subjetividades, experiências e aprendizagens, principalmente na Educação Física Escolar.

10. REFERÊNCIAS

- AARTUN, I. , WALSETH, K. , STANDAL, Ø. ; KIRK, D. (2022). Pedagogies of embodiment in physical education – A literature review. *Sport, Education and Society*, 27(1), 1–13.
- ABERASTURY, A. ; KNOBEL, M. (1970). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ALLEN, M. S. ; WALTER, E. E. Personality and body image: A systematic review. *Body image*, [s. l.], n. 19, p. 79-88, 2016.
- ALLEVA, J. M. ; TYLKA, T. L. ; VAN DIJKEN, M. ; KROON VAN DIJK, K. M. A meta-analysis of interventions designed to improve body image. *Health Psychology Review*, v. 14, n. 1, p. 1–26, 2020.
- ALMEIDA, Ana C. B. ; BARBOSA, R. M. M. Juventudes e escolas públicas: identidades, corpos e narrativas periféricas. *Revista Educação & Realidade*, v. 46, n. 1, 2021.
- Almeida, M. C. C. de. (2023). "O impacto do influenciador digital no comportamento do consumidor". Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- ALMEIDA, V. A. R. ; HUGUENIN, F. M. ; MORGADO, F. F. R. (2023). *Educação Física Escolar e Imagem Corporal: Uma Análise Documental a Partir da Base Nacional Comum Curricular*. SciELO Preprints. Disponível em: .
- ALTINTAŞ, A. , AŞÇI, F. H. , A. , B. , KELECEK, S. , ÖZKAN, A. , YILMAZ, A. , KARA, F. M. The role of physical activity, body mass index and maturity status in body-related perceptions and self-esteem of adolescents. *Ann Hum Biol* 2014; 41(5): 395–402, DOI:
- AMARAL, A. C. S. et al. A cultura do corpo perfeito: a influência sociocultural na imagem corporal. In: FERREIRA, M. E. C. ; CASTRO, M. R. de; MORGADO, F. F. da R. *Imagem Corporal: reflexões, diretrizes e práticas de pesquisa*. Juiz de Fora: Ufjf, 2014. Cap. 8. p. 7-342.
- APARICIO, Mariana; TAMEZ, Maria; MEDINA, Camila. Body Image and Race in Media Contexts: A Meta-Analytic Review. *Journal of Adolescence*, v. 90, p. 43–59, 2021.
- APPEL, H. , GERLACHE, A. L. , CRUSIUS, J. (2016). The interaction between using Facebook, social comparison, envy and depression. *Current Opinion in Psychology*, 9, 44-49.
- ARMSTRONG, M. ; OWEN, D. R. A. ; KOCH, J (2002). College tattooing: More than skin deep. *Dermatology Nursing* 14: 317–23. pmid: 12430519
- ARMSTRONG, M. L. et al. Toward building a composite of college student influences with body art. **Issues in Comprehensive Pediatric Nursing**, v. 27, n. 4, p. 277-295, 2004.
- AZZARITO, L. ; KATZEW, A. . Performing Identities in Physical Education: (En) gendering Fluid Selves. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 81, n. 1, p. 25-37, 2010. <https://doi.org/10.1080/02701367.2010.10599625>
- BACON, Linda; APHRAMOR, Lucy. *Weight science: evaluating the evidence for a paradigm shift*. *Nutrition Journal*, v. 10, n. 9, p. 1-13, 2011.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. Paulus, 2014.

BARBOSA, M. R. ; MATOS, P. M. ; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & sociedade*, v. 23, p. 24-34, 2011.

BARROS, D. D. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 12, p. 547-554, 2005.

BARROS, Daniela Dias. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, n. 3, p. 655–668, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Bell, B. T; , Taylor, C. I; , Paddock, D. L. ;, Bates, A. Digital Bodies: a controlled evaluation of a brief classroom-based intervention for reducing negative body image among adolescents in the digital age. *Br J Educ Psychol*. 2021; 92(1): 280-298. DOI: 10.1111/bjep.12449

BEZERRA, H. de S. ; FURTADO, R. S. A escola sem corpo: considerações acerca da crise de legitimidade da Educação Física. *Motrivivência (Florianópolis)*, p. [1-19], 2021.

BITTENCOURT, D. R. ; BASSALO, L. de M. B. O corpo é voz, mas na Educação Física não: compreensões sobre corpo na formação docente. *Educ. Form.* , Fortaleza, v. 6, n. 2, e4091, 2021.

BOURDIEU, Pierre et al. *A social critique of the judgement of taste*. **Cambridge, MA**, 1984.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. El racismo de la inteligencia. **Sociología y cultura**, 1990.

BOZSIK, Frances et al. The fit ideal and body dissatisfaction: An examination of the fitspiration trend. *Body Image*, v. 32, 193–203, 2020.

BOZSIK, Frances; WHISSEL, Rachael; ET AL. (2020). *The thin ideal, fit ideal, and body dissatisfaction: An examination of the fitspiration trend*. *Body Image*, 32, 193–203.

BRAGA, P. D. ; MOLINA, M. D. C. B. ; FIGUEIREDO, T. A. M. Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2010, v. 15, n. 1, pp. 87-95.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2005, Revista Contrapontos I Eletrônica I Vol. 20 I Nº 2 I Itajaí I JUL - DEZ 2020 p. 87-98.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a Base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: .

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20/12/1996. Estabelece a lei de diretrizes e bases da educação nacional. In: BRZEZINSKI, Iria. LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 246-266.

BRATCH, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº48, ago. 1999

BRAVERMAN, Paula K. Body art: piercing, tattooing, and scarification. **Adolescent Medicine Clinics**, v. 17, n. 3, p. 505-19; abstract ix, 2006.

BREUNER, C. C. , LEVINE, D. A. : Committee on Adolescence: Adolescent and young adult tattooing, piercing, and scarification. *Pediatrics* 2017; 140(4).

BROOKS, T. L. et al. Body modification and substance use in adolescents: is there a link? . *Journal of Adolescent Health*, v. 32, n. 1, p. 44-49, 2003.

BROWN, Brené. *A coragem de ser você mesmo: Um guia para a verdadeira pertença e a coragem de ficar sozinho.* Rio de Janeiro: BestSeller, 2018.

BRUMBERG, J. J. *The body project: An intimate history of American girls.* New York: **Vintage Books**; 1998

BUTLER, Judith. *Desfazendo o Gênero.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade.* Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAIRNEY, J. et al. Gender, perceived competence and the enjoyment of physical education in children: a longitudinal examination. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, v. 9, n. 1, p. 26, 2012.

CALIXTA, Joice Berth. *O que é empoderamento?* São Paulo: Letramento, 2020.

CAMPANA, A. N. N. B; TAVARES, M. C. G. C. F. Avaliação da imagem corporal: Instrumentos e diretrizes para pesquisa. São Paulo: Phorte, 2009.

CAMPOS, Daniela S. ; MARUJO, Maria. A patologização da gordura e os discursos sobre saúde. *Revista Estudos Feministas*, v. 24, n. 2, p. 555-569, 2016.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARDOSO, J. B. F. Comics tattoo como objeto biográfico. *Galáxia*, São Paulo, n. 37, p. 149-61, abr. 2018. Disponível em:

CARONI, M. M. ; GROSSMAN, E. As marcas corporais segundo a percepção de profissionais de saúde: adorno ou estigma? . *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 1061-1070, 2012.

CARROL, S. T. , RIFFENBURGH, R. H. , ROBERTS, T. A. , MYHRE, E. B. Tattoos and body piercings as indicators of adolescent risk-taking behaviors. *Pediatrics* 2002; 109(6): 1021-1027.

CARVALHO, G. X. De, et al. Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2769-2782, 2020.

CASH, T. ; PRUZINSKY, T. (2002). Future challenges for body image theory, research, and clinical practice. In T. Cash e T. Pruzinsky (Eds.), *Body image: A handbook of theory, research and clinical practice* (pp. 509–516). New York, NY: Guilford Press.

Cash, T. F. , & Pruzinsky, T. (2002). *Body image: A handbook of theory, research, and clinical practice*. New York: Guilford Press.

CASH, T. F. ; PRUZINSKY, T. *Body image: A handbook of theory, research, and clinical practice*. New York: Guilford Press, 2002.

CASH, T. F. ; SMOLAK L. (2011) *Body Image: A Handbook of Science, Practice, and Prevention*. New York: Guilford Press, p. 490.

CASH, T. F. *The Body Image Workbook: An Eight-Step Program for Learning to Like Your Looks*. 2. ed. Oakland: New Harbinger, 2008.

CASH, Thomas F. Cognitive-behavioral perspectives on body image. In: CASH, T. F. ; PRUZINSKY, T. (Orgs.). *Body image: A handbook of theory, research, and clinical practice*. New York: Guilford Press, 2004. p. 38–46.

CASHMORE, Ellis. *Celebrity Culture*. Routledge, 2006.

CASTRO, I. R. R. , LEVY, R. B. , CARDOSO, L. O. , PASSOS, M. D. , SARDINHA, L. M. V. , TAVARES, L. F. , et al. Imagem corporal, estado nutricional e comportamento comrelacao ao peso entre adolescentes brasileiros. *Cienc Saude Coltiva*. 2010; 15 (suppl 2): 3099–4108.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.

COBO MARTÍNEZ, Santiago. An introduction to the ethical and social problems of bodybuilding: a philosophical analysis from STS. *ArtefaCToS*, v. 13, n. 2, p. 249–272, 2024.

COBO MARTÍNEZ, Santiago. An introduction to the ethical and social problems of bodybuilding: a philosophical analysis from Science, Technology and Society studies (STS). *ArtefaCToS: Revista de estudios sobre la ciencia y la tecnología*, Salamanca, v. 13, n. 2, p. 249–272, 2024. Disponível em: . Acesso em: 2 jun. 2025.

COELHO NETTO, J. T. *Semiótica, informação e comunicação. Diagramação da Teoria do Signo*. São Paulo: Perspectiva, 1996. (Coleção debates).

CONTI. M. A. , FRUTUOSO, M. F. P. , GAMBARDELLA, A. M. D. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. *Revista de Nutrição*. 2005; 18(4): 491-7.

Coqueiro, R. da S. , Petroski, É. L. , & Pelegrini, A. (2008). Insatisfação com a imagem corporal: avaliação comparativa da associação com estado nutricional em universitários. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 30(1), 31–37.

COSSIO T. ; et al. Associação entre tatuagens, piercings e comportamentos de risco em adolescentes. Rev. médica de Chile, Santiago, v. 140, nº. 2, pág. 198-206, fev. 2012. Disponível em.

COSSIO, M, . GIESEN, L, . ARAYA, G. Y PÉREZ-COTAPOS, M. (2012). Asociación entre tatuajes, perforaciones y conductas de riesgo en adolescentes. Revista médica de Chile, 140(2), 198-206.

COVER, Rob. **Digital Identities: Creating and Communicating the Online Self**. Academic Press, 2016.

DAL'IGNA, Mariana G. ; PEREIRA, Maria da Graça Jacintho Setton. Escola, corpo e juventude: diferenças, tensões e resistências. Revista Brasileira de Educação, v. 27, 2022.

DE OLIVEIRA, H. R. et al. AS TRANSFORMAÇÕES DA ADOLESCÊNCIA: A VISÃO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE PORTO NACIONAL–TO. **DESAFIOS-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, 2023.

DE PINHO L. , SANTOS, F. B. M. F, RAMOS, V. S. R. , BRITO, M. R. , DE OLIVEIRA, E S. C. S. , BARBOSA, D. A. , PRATES, C. A. Perception of body image and nutritional status in adolescents of public schools. Revista Brasileira de Enfermagem 2019; 72: 229–235, suppl 2, DOI:

DEELY, J. Semiótica básica. São Paulo: Ática, 1990.

DEL CIAMPO, L. A. ; DEL CIAMPO, I. R. L. Adolescência e imagem corporal. Adolescência & Saúde, v. 7, n. 4 p. 55-59, 2010.

DESAI, N. ; BREUNER, C. C. Tattoos and Piercings in female adolescents and young adults. Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology, 2022.

DIONNE, M. M. ; DAVIS, C. Body image and personality. In: CASH, T. F. (ed.). Encyclopedia of body image and human appearance. London, UK: Elsevier, 2012. p. 136- 140.

EISENSTEN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**. 2005; 2 (2): 67.

ELIA C, KARAMANOS A, SILVA MJ, O'CONNOR M, LU Y, DREGAN A, et al. Weight misperception and psychological symptoms from adolescence to young adulthood: longitudinal study of an ethnically diverse UK cohort. BMC Public Health. 2020; 20(1): 712.

Elias, L. R. , Souza, A. S. , & Castelo Branco, P. C. (2023). O conceito de imagem corporal como produto de relações sócio-verbais: cultura, self e corpo. Revista Brasileira de Análise do Comportamento, 19(2).

ENGEL, S. G. , WONDERLICH, S. A. , CROSBY, R. D. , MITCHELL, J. E. , CROW, S. , PETERSON, C. B. , GORDON, K. H. (2013). The role of affect in the maintenance of anorexia nervosa: Evidence from a naturalistic assessment of momentary behaviors and emotion. Journal of Abnormal Psychology, 122, 709–719.

FARANDA, M. ; LYNNE, R. (2019). Social comparisons on Facebook and offline: The relationship to depressive symptoms. Personality and Individual Differences, 141, 13-17

FEATHERSTONE, Mike. Body, image and affect in consumer culture. **Body & society**, v. 16, n. 1, p. 193-221, 2010.

FERNANDES, Pedro Miguel Gonçalves. **Corpo e sociedade: prática contemporânea da tatuagem numa pequena cidade portuguesa (Fafe, 2023)**. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho (Portugal).

FERREIRA, M. E. ; CASTRO, M. R. ; MORGADO, F. F. Imagem corporal: reflexões, diretrizes e práticas de pesquisa. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2014.

FERREIRA, M. E. C. , AMARAL, A. C. S. , FORTES, L. S. , CONTI, M. A. , CARVALHO, P. H. .; MIRANDA, V. P. N. (2014). Imagem Corporal: Contexto histórico e atual. In: M. E. C.

FERREIRA, Pires Beatriz. **O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. Editora Senac São Paulo, 2019.

FESTINGER, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7, 117–140, <http://dx.doi.org/10.1177/001872675400700202>.

FIDALGO A. , GRADIM A. Manual de semiótica. UBI Portugal, 2005. NÖTH, Winfried. Panorama da semiótica. De Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995-Coleção E.

FIELD, A. P. ; ARGYRIS, N. G. ; KNOWLES, K. A. Who's afraid of the big bad wolf: a prospective paradigm to test Rachman's indirect pathways in children. *Behaviour Research and therapy*, v. 39, n. 11, p. 1259-1276, 2001.

FOSTER, Susan Leigh. **Choreographing History**. Indiana University Press, 1996.

FREDRICKSON, Barbara L. ; ROBERTS, Tomi-Ann. Objectification Theory. *Psychology of Women Quarterly*, v. 21, n. 2, p. 173–206, 1997.

FREDRICKSON, Barbara L. ; ROBERTS, Tomi-Ann. Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. *Psychology of Women Quarterly*, v. 21, n. 2, p. 173–206, 1997.

FREDRICKSON, Barbara L. ; ROBERTS, Tomi-Ann. Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. *Psychology of Women Quarterly*, v. 21, n. 2, p. 173–206, 1997.

FRISEN, A. , LUNDE, C. ; BERG, A. I. (2015). Developmental patterns in body esteem from late childhood to young adulthood: A growth curve analysis. *European Journal of Developmental Psychology*, 12, 99–115. doi: 10. 1080/17405629. 2014. 951033

FROIS, E. ; MOREIRA, J. ; STENGEL, M. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. *Psicologia em estudo*, v. 16, p. 71-77, 2011.

GAL, David; RUCKER, Derek D. Act boldly: Important life decisions, courage, and the motivated pursuit of risk. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 120, n. 6, p. 1607–1620, 2021. DOI: 10. 1037/pspi0000329.

GESSER, Marcia; BLOCK, Clarissa; MELLO, Rosane. Narrativas de estudantes da educação básica sobre o capacitismo e o anticapacitismo presentes nas práticas pedagógicas na escola. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 104, n. 267, p. 1–20, 2023. Disponível em: . Acesso em: 2 jun. 2025.

GIL, Amanda Nunes. *Estigma e tatuagem: uma análise sociológica das marcas corporais*. Revista Sociedade e Cultura, v. 24, n. 2, 2021.

GOFFMAN, Erving. The moral career of the mental patient. *Psychiatry*, v. 22, n. 2, p. 123-142, 1959.

GOMES, Lélia. Trajetórias de vida e estética capilar de acadêmicas quilombolas da Universidade Federal do Tocantins. *Revista Humanidades & Inovação*, v. 6, n. 1, p. 1–15, 2019. Disponível em: . Acesso em: 2 jun. 2025.

GOMES, Nilma Lino. *O corpo negro: entre o silenciamento e a insurgência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

GONDOLI, D. M. et al. Heterosocial involvement, peer pressure for thinness, and body dissatisfaction among young adolescent girls. *Body Image*, v. 8, n. 2, p. 143-148, 2011.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Grieger, J. D. , & Botelho-Francisco, R. E. (2019). "Um estudo sobre influenciadores digitais: comportamento digital e identidade em torno de marcas de moda e beleza em redes sociais online". *AtoZ – Novas Práticas em Informação e Conhecimento*.

GROGAN, S. *Body image: understanding body dissatisfaction in men, women and children*. 3rd ed. London: Routledge; 2017. DOI: 10.4324/9781315681528

GROGAN, S. *Body image: understanding body dissatisfaction in men, women and children*. 3rd ed. London: Routledge; 2017. DOI: 10.4324/9781315681528

GROSZ, E. ***Volatile bodies: Toward a corporeal feminism***. Indiana University Press, 1994.

GUALDI-RUSSO, E. ; RINALDO, N. ; ZACCAGNI, L. Physical activity and body image perception in adolescents: a systematic review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 19, n. 20, p. 13190, 2022.

GUALDI-RUSSO, E. ; RINALDO, N. Antropometria e percezione dell'immagine corporea. In *Manuale di Antropologia*; Sineo, L. , Moggi Cecchi, J. , Eds. ; UTET: Torino, Italy, 2022; pp. 491–496.

GUEST, E. ; COSTA, B. ; WILLIAMSON, H. ; MEYRICK, J. ; HALLIWELL, E. ; HARCOURT, D. The effectiveness of interventions aiming to promote positive body image in adults: A systematic review. *Body image*, [s. l.], n. 30, p. 10-25, 2019.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. ***Comunicação & Cultura***, n. 1, p. 21-35, 2006.

HALLIWELL, E. Future directions for positive body image research. *Body Image*, [s. l.], n. 14, p. 177-189, 2015

HEBDIGE, Dick. Subculture and style. **The consumption reader**, p. 150-151, 1979.

HENNEQUIN-HOENDERDOS NL, SLOT DE, VAN DER WEIJDEN GA. The prevalence of oral and peri-oral piercings in young adults: a systematic review. *International journal of dental hygiene*. 2012; 10(3): 223-8 (8).

HILL, A. P. ; CURRAN, T. Multidimensional perfectionism and burnout: A meta-analysis. *Personality and Social Psychology Review*, v. 20, n. 3, p. 269–288, 2016.

HOGUE, J. ; MILLS, J. The effects of active social media engagement with peers on body image in young women. *Body Image*, v. 28. 1–5 p, nov. 2018. Disponível em: .

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. São Paulo: Elefante, 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2021. Brasília: Inep, 2022.

JANET RAAT, A. N. , SCHONROCK-ADEMA, J. , VAN HELL, E. A. , KUKS, J. B. M. , COHEN-SCHOTANUS, J. (2014). Student distress in clinical workplace learning: Differences in social comparison behaviours. *Advances in Health Sciences Education*, 20(1), 101- 111. <https://doi.org/10.1007/s10459-014-9513-9>

JESUS, L. L. de et al. Percepção da imagem corporal em adolescentes de uma escola técnica estadual na zona sul do município de São Paulo. 2022.

JIMENEZ, Malu. *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos*. 2. ed. São Paulo: Jandaíra, 2022.

JONES, Amelia. *Seeing differently: a history and theory of identification and the visual arts*. New York: Routledge, 2012.

Kakeshita, I. S. , & Almeida, S. S. (2006). Relação entre índice de massa corporal e a percepção da autoimagem em universitários. *Revista de Saúde Pública*, 40(3), 497–504.

KEHL, M. R. (2007). A juventude como sintoma da cultura. *Outro Olhar*, 5(6), 44-55.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R. ; VANNCHI, P. (O rg.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89 - 114

KERNER, C. , HAERENS, L. , KIRK, D. (2018). Understanding body image in physical education: Current knowledge and future directions. *European Physical Education Review*, 24(2), 255–265.

KERNER, C. ; HAERENS, L. ; KIRK, D. Understanding body image in physical education: Current knowledge and future directions. *Euro. Phys. Educ. Rev.* , v. 24, n. 2, p. 255-265, 2018. doi: .

KERNER, CHARLOTTE; HAERENS, LEEN; KIRK, DAVID. Understanding body image in physical education: Current knowledge and future directions. **European Physical Education Review**, v. 24, n. 2, p. 255-265, 2018.

KERTZMAN, S. ; KAGAN, A. ; HEGEDISH, O. ; LAPIDUS, R. ; WEIZMAN, A. (2019) Do young women with tattoos have lower self-esteem and body image than their peers without tattoos? A non-verbal repertory grid technique approach. **PLOS ONE** 14(1): e0206411.

KERTZMAN, S. et al. Do young women with tattoos have lower self-esteem and body image than their peers without tattoos? A non-verbal repertory grid technique approach. **PLoS One**, v. 14, n. 1, p. e0206411, 2019.

KITE, L. ; KITE, L. *More Than a Body: Your Body Is an Instrument, Not an Ornament*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2020. Mais informações em: .

LARSSON, H. ; QUENNERSTEDT, M. Same, same but different: (Re) understanding the place of context in physical education practice. *Recherches & éducatives*, n. 15, p. 69-86, 2016.

LAURINDO, M. R. T. et al. INSATISFAÇÃO CORPORAL E DISTÚRBIOS DE IMAGEM CORPORAL REPERCUTIDAS A PARTIR DE MÍDIAS E REDES SOCIAIS. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 3, n. 6, p. e361623-e361623, 2022.

LAUS, M. F. et al. Body image in Brazil: recent advances in the state of knowledge and methodological issues. **Revista Saúde Pública**, v. 48, p. 331-46, 2014.

LE BOULCH, J. *A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar*. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 1983.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2007.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2006.

LE BRETON, D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 16, n. 33, p. 25-40, jun. 2010.

LE BRETON, D. O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes. **Política & Trabalho**, n. 37, 2012.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2016.

LEAHEY, T. M. ; CROWTHER, J. H. (2008). An ecological momentary assessment of comparison target as a moderator of the effects of appearance-focused social comparisons. *Body Image*, 5, 307–311.

LEAHEY, T. M. ; CROWTHER, J. H. ; IRWIN, S. R. A cognitive-behavioral mindfulness group therapy intervention for the treatment of binge eating in bariatric surgery patients. *Cognitive and Behavioral Practice*, v. 15, n. 4, p. 364-375, 2008.

LEAHEY, T. M. et al. Social influences are associated with BMI and weight loss intentions in young adults. **Obesity**, v. 19, n. 6, p. 1157-1162, 2011.

LEHN, P. V. G. ; DE ARAUJO OLIVEIRA, R. G. ABSTENÇÃO DISCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 8, n. 6, p. 1384-1405, 2022.

LEVINE, Michael P. ; PIRAN, Niva. Reflections on the Role of Critical Media Literacy in Body Image Interventions. *Body Image*, v. 31, p. 266–273, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.01.008>. Acesso em: 01 jun. 2025.

LEVINE, Michael P. ; PIRAN, Niva. Reflections on the Role of Critical Media Literacy in Body Image Interventions. *Body Image*, v. 31, p. 266–273, 2019.

LIAMPUTTONG, P. Qualitative research in the social sciences: setting the scene. **How to Conduct Qualitative Research in Social Science**, p. 1, 2023.

Linhares, I. S. , Cardoso, O. O. , Andrade, J. X. , Nascimento, F. F. , Rodrigues, M. T. P. , & Mascarenhas, M. D. M. (2024). Prevalência e fatores associados à insatisfação com a imagem corporal de adolescentes escolares: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 33, e20231441.

LIRA, A. G. , GANEN, A. P. , LODI, A. S. A. M. S. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* 2017; 66(3): 164-171.

LIU, H. ; WU, L. ; LI, X. Social media envy: How experience sharing on social networking sites drives millennials’ aspirational tourism consumption. *Journal of travel research*, v. 58, n. 3, p. 355-369, 2019.

MACEDO, S. ; ALMEIDA, M. L. As transformações corporais na adolescência através de tatuagens, piercings e alargadores. *Estilos da clínica*, v. 24, n. 1, p. 134-146, 2019.

MACEDO, S. ; ALMEIDA, M. L. As transformações corporais na adolescência através de tatuagens, piercings e alargadores. *Estilos da clínica*, v. 24, n. 1, p. 134-146, 2019.

MAJORI S, et al: Piercing and tattooing in high school students of Veneto region: prevalence and perception of infectious related risk. *Journal of preventive medicine and hygiene* 2013; 54(1): 17–23.

MARTINS, N. R. M. Adolescente, esse ser em transformação. **Cadernos PDE**, Londrina, 2014.

MATOS, T. S. Q. ; OLIVEIRA, M. C. de. Imagem corporal feminina na adolescência: a influência da mídia/Female corporal image at adolescence: the influence of the media. *Brazilian Journal of Health Review*, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 11851-11873, 2022.

MAYERS LB, et al: Prevalence of body art (body piercing and tattooing) in university undergraduates and incidence of medical complications. *Mayo Clinic Proceedings* 2002; 77(1): 29–34. 6.

MAYERS, L. B. , CHIFFRILLER, S. H. : Body art (body piercing and tattooing) among undergraduate university students: "then and now". *Journal of Adolescent Health*; 42(2): 201–3.

McLEAN, Siân A. ; PAULL, Nicole; WORRALL, Caroline; FULLER-TYSZKIEWICZ, Matthew.

Social Media Literacy, Body Image, and Adolescent Wellbeing: A Systematic Review. *Body Image*, v. 41, p. 1–14, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.05.001>. Acesso em: 01 jun. 2025.

MELLO, R. A linguagem midiática e o reforço de estigmas capacitistas sobre pessoas com deficiência. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 42, n. 2, p. 1–10, 2020. Disponível em: . Acesso em: 2 jun. 2025.

MELO, F. T. ; MELO, L. T. M. T. Estratégias de ensino utilizadas na educação física escolar para prevenção da obesidade em adolescentes escolares. *Revista Ciências & Ideias* ISSN: 2176-1477, p. 298-323, 2016.

MELO, H. M. Educação Física Escolar Como Estimulador Na Fase Infantil-Adolescência Para A Prática De Exercício Físico Ativo Na Vida Adulta. 2022.

Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

MILLS, J. S. ; MINISTER, C. ; SAMSON, L. Enriching sociocultural perspectives on the effects of idealized body norms: Integrating shame, positive body image, and self-compassion. *Frontiers in Psychology*, v. 13, 2022. Disponível em: .

MITCHELL, M, A. , SCHIMIDT, N. B. (2014) An experimental manipulation of social comparison in social anxiety. *Cognitive Behaviour Therapy*, 43(3), 221-229.

MULDOON, K. A. (1997). Body piercing in adolescents. *Journal of Pediatric Health Care*, 11, 298 – 301. **National Institute of Justice**. (2000). 1999 Annual report on drug use among adult and juvenile arrestees

NATIONAL CONFERENCE OF STATE LEGISLATURES: Tattooing and Body Piercing State Laws, Statutes, and Regulations. 2019. Available: <https://www.ncsl.org/research/health/tattooing-and-body-piercing.aspx#statelaws>. Accessed May 22, 2022

NEIRA, Marcos Garcia. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 40, p. 215-223, 2018. .

NETO, Gabriel Paes; DIAS, Alder de Sousa; SANTO, Vanessa Costa do Espírito. Educação Física na Base Nacional Comum Curricular: uma análise das contradições e fragilidades. *Revista Educação e Emancipação*, p. 139-164, 2021. .

NEVES, A. N. ; MORGADO, F. F. da R. ; TAVARES, M. da C. G. C. F. Avaliação da Imagem Corporal: notas essenciais para uma boa prática de pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 31, p. 375-380, 2015.

NetGirls: The Internet, Facebook, and Body Image Concern in Adolescent Girls. *International Journal of Eating Disorders*, v. 47, n. 6, p. 630–643, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/eat.22254> Acesso em: 01 jun. 2025.

NOGUEIRA, Maria Inês A. *Saúde, corpo e subjetividade: uma abordagem histórico-cultural*. São Paulo: Hucitec, 2006.

NOGUEIRA, Maria Inês Assumpção. *Saúde, corpo e subjetividade: uma abordagem histórica e cultural*. São Paulo: Hucitec, 2006.

NUNES, J. V. et al. *Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes: prevalência e fatores associados-um estudo de revisão integrativa*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso.

OKUDA, Nelly. Estudo da relação entre estilos parentais e imagem corporal. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: . Acesso em: 2 jun. 2025.

OLIVEIRA, E. S. G. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. *Educar em Revista* 2017; 64: 283-298.

Oliveira, M. R. D. , & Machado, J. S. D. A. (2021). O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 2663-2672.

Oliveira, M. R. D.; Machado, J. S. D. A. (2021). O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 2663-2672.

OMS (1986). Carta de Ottawa para a promoção da saúde. Versão portuguesa “Uma Conferência Internacional para a Promoção da Saúde com vista a uma nova Saúde Pública”, 17-21 Novembro, Ottawa, Canada. Lisboa: Direcção Geral de Saúde.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Constituição da OMS*. Genebra, 1946.

OSÓRIO, L. C. (1989). *Adolescente hoje*. Porto Alegre: **Artes Médicas**.

PELEGRINI, T. *Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá; 2004.

PEREIRA, C. , TORRES, A. R. R. , ALMEIDA, S. T. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2003; 16(1): 95-107.

PÉREZ-COTAPOS, M. L. ; COSSIO, M. L. Tattooing and piercing in teenagers. *Revista Medica de Chile*, v. 134, n. 10, p. 1322-1329, 2006.

PÉREZ-COTAPOS, M. L. ; COSSIO, M. L. Tatuajes y perforaciones en adolescentes. *Revista médica de Chile*, v. 134, n. 10, p. 1322-1329, 2006.

PICK, A. *Arbeiten aus der deutschen psychiatrischen Universitäts-Klinik in Prag*, 1908. Berlin.[Google Scholar](#)

PINTO, Fernando Ferro; MALACARNE, Vilmar; BEBER, Silvia Costa. (Des)construindo corpos nas mídias sociais: uma revisão narrativa sob a ótica de Foucault. *Brazilian Journal of*

Education, Technology and Society, v. 18, n. 1, p. 201–210, jan. /mar. 2025. Disponível em: . Acesso em: 2 jun. 2025.

PIRES, B. F. O corpo como suporte da arte. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 6, p. 76-85, 2003.

PIRES, I. ; COTA, L. ; OLIVEIRA, A. C. B. ; COSTA, J. E. ; COSTA, F. O. Association between periodontal condition and use of tongue piercing: A case-control study. *Journal of Clinical Periodontology*. 2010; 37(8): 712-8

POLLI, Gislei Mocelin; JOAQUIM, Bianca Oliveira; TAGLIAMENTO, Grazielle. Representações sociais e práticas corporais: influências do padrão de beleza. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 73, n. 3, p. 54–69, 2022. Disponível em: . Acesso em: 3 jun. 2025.

PORTO, A. K. Concepções de adolescência: um estudo sobre adolescentes de diferentes tipos de escolas. 2022

PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica*. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

RIDOLFI, D. R. , MYERS, T. A. , CROWTHER, J. H. ; CIESLA, J. A. (2011). Do appearance focused cognitive distortions moderate the relationship between social comparisons to peers and media images and body image disturbance? *Sex Roles*, 65, 491–505.

RIO DE JANEIRO. Lei Nº 4. 388, de 28 de Agosto de 2006. Dispõe sobre a proibição da realização da prática de tatuagem e de piercing em menores de idade. Rio de Janeiro, RJ: Diário Oficial da União, 2006.

RODGERS, R. F. , CHABROL, H. , PAXTON, S. J. (2011). An exploration of the tripartite influence model of body dissatisfaction and disordered eating among Australian and French college women. *Body Image*, 8(3), 208–215.

RODGERS, R. F. et al. (2021). *Social media use and disordered eating in adolescents: A meta-analysis*. *International Journal of Eating Disorders*, 54(4), 471–492.

RODGERS, R. F. et al. BodiMojo: efficacy of a mobile-based intervention in improving body image and self-compassion among adolescents. **Journal of youth and adolescence**, v. 47, p. 1363-1372, 2018.

RODGERS, Rachel F. ; DONOVAN, Erin; COUSINEAU, Tara. Instagram use and young women's body image concerns and self-objectification: Testing mediational pathways. *Body Image*, v. 38, p. 119–127, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2021.04.003>

RODGERS, Rachel F. et al. *Social media use and disordered eating in adolescents: A meta-analysis*. *International Journal of Eating Disorders*, 54(4), 471–492, 2021.

RODRIGUES, A. T. T. Base Nacional Comum Curricular para a área de linguagens e o componente curricular Educação Física. *Motrivivência*, v. 28, n. 48, p. 32-41, 2016. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n48p32>

RODRIGUEZ, L. da S. ; CARRETEIRO, T. C. O. C. Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 746-55, dez. 2014. Disponível em:

ROGERS, C. B. et al. “No seconds for you! ”: Exploring a sociocultural model of fat-talking in the presence of family involving restrictive/critical caregiver eating messages, relational body image, and anti-fat attitudes in college women. *Body image*, v. 30, p. 56-63, 2019.

ROGERS, Carl R. *Client-centered therapy: its current practice, implications and theory*. Boston: Houghton Mifflin, 1951.

SABISTON, C. M. , GILCHRIST, J. , BRUNET, J. (2019). Self-system and processes. In T. Horn, A. Smith (Eds.), *Advances in sport and exercise psychology*. Human Kinetics.

SABISTON, C. M. , PILA, E. , VANI, M. , THOGERSEN-NTOUMANI, C. (2019). Body image, physical activity, and sport: A scoping review. *Psychology of Sport & Exercise*, 42, 48–57.

SANCHES, E. O. ; GILIOLI, E. B. ; GALUCH, M. T. B. *Body, stereotype and education: ideological conventions and formation*. 2022

SANTAELLA, L. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus; 2004.

SANTANA, M. L. ; SILVA, R. DE C. ; ASSIS, A. M. ; RAICH, R. M. ; MACHADO, M. E. ; DE J PINTO, E. ; et al. Factors associated with body image dissatisfaction among adolescents in public schools students in Salvador, Brazil. *Nutr Hosp*. 2013; 28(3): 747–55.

SANTOS, Daiane dos; MACHADO, Thais C. (2021). *Estética, visibilidade e normatividade: o cabelo como símbolo de subjetividade*. Revista Contemporânea de Educação, v. 16, n. 36.

Santos, V. M. , & Mezzaroba, C. (2013). A percepção da imagem corporal: algumas representações de corpo na juventude. *EFDeportes*. com, Revista Digital, 18(182).

SANTOS, A. D. G. DOS. ; SOUSA, P. DE A. C. DE; MARTINS, P. A. A atuação do profissional de educação física no tratamento do transtorno alimentar: anorexia. *Revista Observatorio del Deporte*. 2019; 5(3): 5359.

SANTOS, B. C. A. Dos; FUZII, F. T. A Educação Física na área da linguagem: o impacto da BNCC no currículo escolar. *Comunicações*, v. 26, n. 1, p. 327-347, 2019. <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v26n1p327-347>

SCARPATI B, GOMES KM. DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA: CAUSAS, SINTOMAS E TRATAMENTO. *Revista de iniciação científica* [Internet]. 2020 [acesso em 18 dez 2021]; 18(2): 1-15. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/iniciacaocientifica/article/view/6031/559>

SCHAEFER, L. M. , BURKE, N. L. , THOMPSON, J. K. , DEDRICK, R. F. , HEINBERG, L. J. , CALOGERO, R. M. , KELLY, M. (2015). Development and validation of the Sociocultural Attitudes Towards Appearance Questionnaire-4 (SATAQ-4). *Psychological Assessment*, 27(1), 54,

SCHAEFER, L. M. ; HARRIGER, J. A. ; HEINBERG, L. J. ; SORDERBERG, T. ; THOMPSON, J. K. Development and validation of the sociocultural attitudes towards appearance questionnaire-4-revised (SATAQ-4R). *International Journal of Eating Disorders*, v. 50, n. 2, p. 104-117, 2017.

SCHAEFER, L. M. et al. A test of the tripartite influence model of disordered eating among men. **Body Image**, v. 36, p. 172-179, 2021.

SCHALY, M. S. W. et al. Adolescência e cultura digital: políticas educacionais e subjetividade juvenil. 2022.

SCHILDER, P. (1981). A imagem do corpo. São Paulo: **Martins Fontes**.

SCHILDER, P. *A Imagem do Corpo: as energias construtivas da psique*. São Paulo: **Martins Fontes**, 1994.

SCHLÖSSER, Adriano et al. Tatuagem: representações e práticas sociais. 2018.

SEMENZA, C. ; FAIRBURN, C. A new ecologically valid method to assess body size estimation and body size dissatisfaction. *International Journal of Eating Disorder*, [s. l.], v. 32, p. 458- 65, 2002.

SHONTZ, F. C. Body image and physical disability. In T. F. Cash and T. Pruzinsky (Eds.), *Body images: Development, deviance, and change*. New York: The Guilford Press, 1990, pp. 149–169.

SHUSTERMAN, Richard. *Body Consciousness: A Philosophy of Mindfulness and Somaesthetics*. Cambridge University Press, 2021.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

SILVA, Letícia et al. Bullying e saúde mental de estudantes do ensino fundamental e médio no contexto educacional brasileiro. *Revista Brasileira de Psicologia da Saúde*, v. 7, n. 1, p. 85–97, 2025. Disponível em: . Acesso em: 2 jun. 2025

SILVA, Maria Aparecida da; SANTOS, João Pedro dos. A influência das interações sociais na construção da imagem corporal de adolescentes. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 12, n. 3, p. 45–58, 2023.

Slade, P. D. (1994). *What is body image?* *Behaviour Research and Therapy*, 32(5), 497–502.

SLADE, P. D. (1994). What is body image? *Behaviour Research and Therapy*, 32(5), 497-502.

SMOLAK, L. , MURNEN, S. ; THOMPSON, J. K. (2005). Sociocultural influences and muscle building in adolescent boys. *Psychology of Men and Masculinity*, 6, 227–239, <http://dx.doi.org/10.1037/1524-9220.6.4.227>

SMOLAK, L. ; MURNEN, S. K. ; THOMPSON, J. K. Sociocultural influences and muscle building in adolescent boys. *Psychology of Men & Masculinity*, v. 6, n. 4, p. 227, 2005.

SOARES, C. L. ; TAFFAREL, C. N. Z. ; VARJAL, E. ; CASTELLANI, F. L. ; ESCOBAR, M. O. ; BRACHT, V. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992

SOARES, C. L. **Corpo e história**. Autores Associados, 2022.

SOARES, C. L. et al. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992. (Série Formação do Professor).

SOUZA FILHO, L. F. M. et al. Tratamento da dor fantasma em pacientes submetidos à amputação: revisão de abordagens clínicas e de reabilitação. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*. 2016; 20(3): 241-246. doi: 10.4034/RBCS.2016.20.03.10

SOUZA, A. L. De; SANTOS, W. dos; NETO, A. F. ; SOUZA, A. L. de; TAVARES, O. A Base Nacional Comum Curricular e seus desdobramentos para a Educação Física. **Motrivivência**, v. 31. n. 59, p. 01-17, 2019. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2019e58123>

SOUZA, F. L. G. Da margem à moda: O processo de desmarginalização da tatuagem—um olhar a partir da prática da contemporânea da tatuagem na cidade de Três Lagoas—MS. **Trilhas da História**, v. 5, n. 9, p. 126-141, 2015.

Souza, J. C. P. , & Silva, J. F. (2021). "O Impacto Da Exposição Às Redes Sociais Na Autoestima De Influenciadores Digitais". *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*.

SOUZA, L. F. de. Corpo e moda com glamour: imagens sobre a adolescência. **Letras de Hoje**, v. 53, p. 430-439, 2018.

SOUZA, M. C. R. F. Tempo integral: tensões entre os tempos da escola e os tempos do corpo. **Educar em Revista**, v. 34, p. 159-175, 2018.

STATE PARTISAN COMPOSITION. National Conference of State Legislatures. Published March 31, 2020. <https://www.ncsl.org/research/about-state-legislatures/partisan-composition.aspx>

STICE, E. et al. Dissonance Prevention Program Decreases Thin-Ideal Internalization, Body Dissatisfaction, Dieting, Negative Affect, and Bulimic Symptoms: A Preliminary Experiment. **International Journal of Eating Disorders**, v. 27, n. 2, p. 206-217, 2000.

STIRN A. Body piercing: medical consequences and psychological motivations. *Lancet* 2003 Apr; 361(9364): 1205-15.

SWAMI, V. (2012). Written on the body? Individual differences between british adults who do and do not obtain a first tattoo. **Scandinavian Journal of Psychology**, 53(5), 407–412. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9450.2012.00960.x>

SWAMI, V. , TRAN, U. S. , KUHLMANN, T. , STIEGER, S. , GAUGHAN, H. , VORACEK, M. (2016). More similar than different: Tattooed adults are only slightly more impulsive and willing to take risks than non-tattooed adults. *Personality and Individual Differences*, 88, 40–44.

SWAMI, V. et al. Body acceptance by others: Refinement of the construct, and development and psychometric evaluation of a revised measure – The Body Acceptance by Others Scale-2. *Body Image*, v. 36, p. 238–253, 2021. DOI: .

SWAMI, V. et al. Personality differences between tattooed and non-tattooed individuals. **Psychological reports**, v. 111, n. 1, p. 97-106, 2012.

TARDELI, D. D. ; ARANTES, V. A. AS POSSIBILIDADES DE AUTORREALIZAÇÃO EXPRESSAS NOS PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES. *Psicologia Escolar e Educacional* [online]. 2021, v. 25 e225698.

TAYLOR, D. G. Putting the “self” in selfies: how narcissism, envy and self-promotion motivate sharing of travel photos through social media. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 37, n. 1, p. 64-77, 2020.

TEIXEIRA, Ana Maria (Org.). O futuro é meu enquanto eu viver: desafios da psicologia em contextos educacionais. São Paulo: SciELO Livros, 2021. Disponível em: . Acesso em: 7 jun. 2025.

TEPERMAN, D. ; GARRAFA, T. ; IACONELLI, V. Corpo. Autêntica Editora, 2021.

THOMPSON, J. K. (Ed.) (2004). *Handbook of eating disorders and obesity*. New York: Wiley

Thompson, J. K. , Heinberg, L. J. , Altabe, M. , & Tantleff-Dunn, S. (1999). *Exacting beauty: Theory, assessment, and treatment of body image disturbance*. American Psychological Association.

THOMPSON, J. K. , HEINBERG, L. J. , ALTABE, M. ,; TANTLEFF-DUNN, S. (1999). *Exacting beauty*. Washington, DC: American Psychological Association.

THOMPSON, J. K. ; VAN DEN BERG, P. Measuring body image attitudes among adolescents and adults. In: CASH, T. ; PRUZINSKY, T. *Body Image: a handbook of theory, research & clinical practice*. Nova York: The Guilford Press, 2002. p. 142-154

THOMPSON, Kevin J. *Exacting beauty: Theory, assessment, and treatment of body image disturbance*. Washington, DC: American Psychological Association, 2004.

Tiggemann, M. (2004). Body image across the adult life span: Stability and change. *Body Image*, 1(1), 29–41.

TIGGEMANN, M. ; GOLDER, F. Tattooing: An expression of uniqueness in the appearance domain. *Body Image*, v. 3, n. 4, p. 309-315, 2006.

TIGGEMANN, M. ; ZACCARDO, M. (2020). “Strong is the new skinny”: A content analysis of #fitspiration images on Instagram. *Journal of Health Psychology*, 25(3), 332–341.

TIGGEMANN, M. ; ZACCARDO, M. ‘Strong is the new skinny’: A content analysis of #fitspiration images on Instagram. *Journal of Health Psychology*, v. 23, n. 8. 1003 –1011 p, 2018. Disponível em: DOI: 10. 1177/1359105316639436.

TIGGEMANN, Marika; SLATER, Amy.

TIGGEMANN, Marika; ZACCARDO, Mia. (2018). “*Strong is the new skinny*”: A content analysis of #fitspiration images on Instagram. *Journal of Health Psychology*, 23(8), 1003–1011.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Apenas metade das escolas públicas têm projetos para combater racismo no Brasil. 24 jul. 2023. Disponível em: . Acesso em: 3 jun. 2025.

TOMAZ, Eveline; NEVES, Rui. Modificações corporais: contributos para uma revisão da literatura. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 25, n. 1, p. 120-141, 2023.

TURNER, Mark. **The literary mind: The origins of thought and language**. Oxford University Press, 1996.

TURTELLI, L. S. ; TAVARES, M. C. G. C. F. ; DUARTE, E. Caminhos da pesquisa em imagem corporal na sua relação com o movimento. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 151-166, set2002.

TYLKA, T. L. (2021). *Understanding positive body image from a holistic perspective: A call for integrated research and practice*. *Eating Disorders*, 29(3), 329–345.

TYLKA, T. L. ; WOOD-BARCALOW, N. L. The Body Appreciation Scale-2: Item refinement and psychometric evaluation. *Body Image*, v. 12, n. 1, p. 53–67, 2015.

TYLKA, T. L. ; WOOD-BARCALOW, N. L. What is and what is not positive body image? Conceptual foundations and construct definition. *Body image*, [s. l.], n. 14, p. 118-129, 2015a.

TYLKA, T. L. Refinement of the tripartite influence model for men: Dual body image pathways to body change behaviors. **Body image**, v. 8, n. 3, p. 199-207, 2011.

TYLKA, Tracy L. (2021). *Understanding positive body image from a holistic perspective*. *Eating Disorders*, 29(3), 329–345.

TYLKA, Tracy L. ; WOOD-BARCALOW, Nichole L. What is and what is not positive body image? Conceptual foundations and construct definition. *Body Image*, Amsterdam, v. 14, p. 118–129, June 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2015.04.001>.

TYLKA, Tracy L. ; WOOD-BARCALOW, Noreen L. The Body Appreciation Scale-2: Item refinement and psychometric evaluation. *Body Image*, 12, p. 53–67, 2015.

TYLKA, Tracy L. Positive psychology perspectives on body image. In: CASH, T. F. (Ed.). *Encyclopedia of Body Image and Human Appearance*. San Diego: Academic Press, 2012. p. 657–663.

TYLKA, Tracy L. *Understanding positive body image from a holistic perspective: A call for integrated research and practice*. *Eating Disorders*, 29(3), 329–345, 2021.

UCHÔA, F. N. M. ; UCHÔA, N. M. ; DANIELE, T. M. D. C. ; LUSTOSA, R. P. ; GARRIDO, N. D. ; DEANA, N. F. ; ARANHA, Á. C. M. ; ALVES, N. Influence of the Mass Media and Body Dissatisfaction on the Risk in Adolescents of Developing Eating Disorders. *Int. J. Environ. Res. Public Health* 2019, 16, 1508.

VASCONCELOS, C. M. T. ; FERREIRA, L. A. A formação de futur@s professor@s de educação física: reflexões sobre gênero e sexualidade. *Educação em Revista*, v. 36, p. e209700, 2020.

VAYER, P. et al. Diálogo corporal. 1984.

VILAR, J. “Esse corpo me pertence”: construção corporal através das técnicas da body modification “This body belongs to me”: corporal construction by body modification techniques. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 40, p. 151-168, 2012.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/16320788/A_Amostragem_em_bola_de_Neve_na_pesquisa_qualitativa_um_debate_em_aberto. Acesso em: 21 jan. 2020.

VOELKER, D. K. , REEL, J. J. , GREENLEAF, C. Weight status and body image perceptions in adolescents: current perspectives. *Adolesc Health Med*. 2015; 6: 149–58.

WEBB, J. B. ; WOOD-BARCALOW, N. L. ; TYLKA, T. L. Assessing positive body image: Contemporary approaches and future directions. *Body image*, [s. l.], n. 14, p. 130-145, 2015.

WOHLRAB, S. , STAHL, J. , KAPPELER, P. M. : Modifying the body: motivations for getting tattooed and pierced. *Body Image* 2007; 4(1): 87–95.

WOOD-BARCALOW, Nichole L.; TYLKA, Tracy L.; AUGUSTUS-HORVATH, Casey L. “But I like my body”: Positive body image characteristics and a holistic model for young-adult women. **Body image**, v. 7, n. 2, p. 106-116, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. ORIENTATION PROGRAMME ON ADOLESCENT HEALTH FOR HEALTH-CARE PROVIDERS. In https://www.who.int/maternal_child_adolescent/documents/pdfs/9241591269_op_handout.pdf

ZHANG, Y. , LI, T. , YAO, R. , HAN, H. , WU, L. , WU, X. , et al. Comparison of Body-Image Dissatisfaction Among Chinese Children and Adolescents at Different Pubertal Development Stages. *Psychol Res Behav Manag*. 2020; 13: 555–62.

11. APÊNDICES

11.1 APÊNDICE 1: TERMO DE ANUÊNCIA - COLÉGIO CURSO INTELECTO

**Colégio Curso
Intelecto**
SER HUMANO SER MELHOR SER FELIZ
Portaria SEEDUC / SUGEN
Autorização Nº 597 de 30 de julho de 2014

TERMO DE ANUÊNCIA

O COLÉGIO CURSO INTELECTO (Grupo de Ensino Intelecto Ltda/Me), aqui representado pela Direção Pedagógica da Instituição de Ensino, está de acordo com a execução do projeto “Educação Física Escolar e Imagem Corporal: Percepções do corpo entre escolares do Ensino Médio.”, coordenado pela pesquisadora **Dra. Fabiane Frota da Rocha Morgado**, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Departamento de Educação Física e Desportos (DEFD), Instituto de educação (IE), e coletado/desenvolvido pela Doutoranda Ravine Carvalho Pessanha Coelho da Silva (PPGEDUC/UFRRJ).

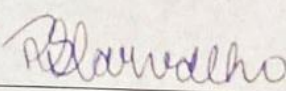
O COLÉGIO CURSO INTELECTO assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa durante a realização da mesma. Esta instituição se compromete a assegurar a segurança e bem-estar dos participantes em atendimento a Resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Rio de Janeiro, 20 de Abril de 2023

68776186/0001-09

GRUPO DE ENSINO INTELECTO
LTDA ME

RUA SACRAMENTO BLACK, 50
CAMPO GRANDE - CEP 28062-100
RIO DE JANEIRO - RJ


Rosângela Carvalho da Silva
Direção Colégio Curso Intelecto

Carimbo com identificação ou CNPJ

11. 2 APÊNDICE 2: TERMO DE ANUÊNCIA - CTUR

TERMO DE ANUÊNCIA

O COLÉGIO TÉCNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (CTUR / UFRRJ), está de acordo com a execução do projeto “Educação Física Escolar e Imagem Corporal: Percepções do corpo entre escolares do Ensino Médio.”, coordenado pela pesquisadora **Dra. Fabiane Frota da Rocha Morgado**, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Departamento de Educação Física e Desportos (DEFD), Instituto de educação (IE), e coletado/desenvolvido pela Doutoranda Ravine Carvalho Pessanha Coelho da Silva (PPGEDUC/UFRRJ).

O COLÉGIO TÉCNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (CTUR / UFRRJ), assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa durante a realização da mesma.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____

Documento assinado digitalmente
 MARIA DO SOCORRO GUEDES FREITAS DU
Data: 24/05/2023 14:41:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Colégio Técnico – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
(CTUR / UFRRJ)
Carimbo com identificação ou CNPJ

11.3 APÊNDICE 3: TERMO DE ANUÊNCIA - COLÉGIO ESTADUAL JOÃO PROENÇA

TERMO DE ANUÊNCIA

O Colégio Estadual João Proença está de acordo com a execução do projeto intitulado "Educação Física Escolar e Imagem Corporal: Atitudes relacionadas ao corpo entre escolares do Ensino Médio.", coordenado pela pesquisadora Dra. Fabiane Frota da Rocha Morgado, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Departamento de Educação Física e Desportos (DEFD), Instituto de educação (IE), e coletado/desenvolvido pela doutoranda Ravine Carvalho Pessanha Coelho da Silva (PPGEDUC/UFRRJ). O Colégio Estadual João Proença assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa durante a realização da mesma. Esta instituição se compromete a assegurar a segurança e bem-estar dos participantes em atendimento a Resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Rio de Janeiro, 27 de Maio de 2025


Nome do responsável institucional ou setorial
Cargo do Responsável pelo consentimento

Carimbo com identificação ou CNPJ

11. 4 APÊNDICE 4: TERMO DE ANUÊNCIA - COLÉGIO ESTADUAL SÃO FRANCISCO DE PAULA

TERMO DE ANUÊNCIA

O Colégio Estadual São Francisco de Paula está de acordo com a execução do projeto "Educação Física Escolar e Imagem Corporal: Atitudes relacionadas ao corpo entre escolares do Ensino Médio.", coordenado pelo pesquisador Dra. Fabiane Frota da Rocha Morgado, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Departamento de Educação Física e Desportos (DEFD), Instituto de educação (IE), e coletado/desenvolvido pela doutoranda Ravine Carvalho Pessanha Coelho da Silva (PPGEDUC/UFRRJ). O Colégio Estadual São Francisco de Paula assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa durante a realização da mesma. Esta instituição se compromete a assegurar a segurança e bem-estar dos participantes em atendimento a Resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Rio de Janeiro, 05 de maio de 2025

Alexandra Machado da Silva dos Santos

Nome do responsável institucional ou setorial

Cargo do Responsável pelo consentimento

 Carimbo com identificação ou CNPJ

Alexandra Machado S. dos Santos
Diretora Geral
Matr.: 0230569-9
ID: 3361294-3

11. 5 APÊNDICE 5: TERMO DE ANUÊNCIA - COLÉGIO ESTADUAL DR. ALBERT SABIN

TERMO DE ANUÊNCIA

O Colégio Estadual Dr. Albert Sabin está de acordo com a execução do projeto intitulado "Educação Física Escolar e Imagem Corporal: Atitudes relacionadas ao corpo entre escolares do Ensino Médio.", coordenado pela pesquisadora Dra. Fabiane Frota da Rocha Morgado, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Departamento de Educação Física e Desportos (DEFD), Instituto de Educação (IE), e coletado/desenvolvido pela doutoranda Ravine Carvalho Pessanha Coelho da Silva (PPGEDUC/UFRRJ). O Colégio Estadual Doutor Albert Sabin assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa durante a realização da mesma. Esta instituição se compromete a assegurar a segurança e bem-estar dos participantes em atendimento a Resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Rio de Janeiro, 15 de maio de 2025

Fabiane Frota da Rocha Morgado

Nome do responsável institucional ou setorial

Cargo do Responsável pelo consentimento

Carimbo com identificação ou CNPJ

11. 6 APÊNDICE 6: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Educação Física Escolar e Imagem Corporal: Atitudes relacionadas ao corpo entre escolares do Ensino Médio.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: RAVINE CARVALHO PESSANHA COELHO DA SILVA
ENDEREÇO: Rodovia BR 465, Km 07, s/n Zona Rural, Seropédica - RJ.
FONE: (21) 9 9635-8367 / **E-MAIL:** ravinecarvalho@hotmail.com

JUSTIFICATIVA: O ambiente escolar pode configurar um ambiente favorável para o compartilhamento de variadas ideias e questões entre amigos, tendo em vista, o agravamento dos problemas associados à imagem corporal negativa de forma tardia, ou não minimizados precocemente. Assim, as escolas de educação básica de Ensino Médio configuram-se como um espaço propício para difusão e articulação de ideais sobre a imagem corporal em sua forma mais ampla, bem como para compartilhamento de anseios e inquietações em relação ao corpo, como tentativa de reverter os problemas encontrados, principalmente no contexto das aulas de Educação Física. É nesse sentido que o ambiente escolar se torna fundamental para discussões acerca do desenvolvimento da imagem corporal, uma vez que esse contexto reúne especificamente a interação e conseqüentemente, a influência dos pares na imagem corporal dos alunos. Para tanto, torna-se de fundamental importância estudar de forma profunda e cuidadosa os aspectos relacionados à imagem corporal de adolescentes e jovens. Nesse contexto, destacam-se as comparações sociais e a influência dos pais, pares e mídia no desenvolvimento da imagem corporal dessa população.

OBJETIVO: Conhecer atitudes relacionadas à imagem corporal de escolares adolescentes do Ensino Médio no contexto da educação física escolar.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa, caso aceite nosso convite, irá participar de grupos focais previamente agendados. Além disto, serão solicitadas ainda algumas informações referentes ao questionário sociodemográfico.

DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA: Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “RISCOS MÍNIMOS” isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras, como conversar, brincar, ler, etc. Para reduzir ao mínimo este possível desconforto, o grupo focal será realizado numa sala privada, previamente organizada, aconchegante, sem barreiras arquitetônicas e por uma pessoa treinada para esta função. Você poderá deixar de responder qualquer questão que possa lhe trazer incômodo. Também haverá uma psicóloga na equipe de pesquisadores, que estará presente na aplicação das escalas, e poderá encaminhá-lo para atendimento na instituição, caso se faça necessário. A pesquisa contribuirá para: um avanço nas pesquisas acerca da imagem corporal de estudantes do ensino médio.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA: A sua participação neste estudo contribuirá para um avanço nas pesquisas em imagem corporal de adolescentes e jovens, pois os pesquisadores poderão entender como se dá o desenvolvimento da imagem corporal do grupo em questão. Em consequência, você terá benefícios indiretos provindos de uma atuação preventiva e terapêutica mais eficaz na educação básica, especialmente nas aulas de educação física.

ESCLARECIMENTOS E DIREITOS: Para participar desta pesquisa, você não terá custos, por isso, não receberá qualquer vantagem financeira. Em qualquer momento, poderá ser esclarecido sobre os procedimentos utilizados nesta pesquisa e as formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, bastando entrar em contato com o pesquisador. Caso você tenha alguma reclamação ou queira denunciar qualquer abuso desta pesquisa, ligue para o Comitê de Ética e pesquisa da UFRRJ, no número (21) 2681-4611, ou no endereço: Rodovia BR 465, Km 07, s/n Zona Rural, Seropédica - RJ.

CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS: Sua identidade será mantida em total sigilo por tempo indeterminado. Os resultados dos procedimentos executados nesta pesquisa serão analisados e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação.

ORIENTADORA: Prof. ^a Dr. ^a Fabiane Frota da Rocha Morgado (DEFD / IE / PPGEDUC).

Contatos para obter maiores informações sobre a pesquisa:

ORIENTADORA: Prof. ^a Dr. ^a Fabiane Frota da Rocha Morgado.

Tel. : (21) 2681-4733 // e-mail:

Eu, _____, portador (a) do documento de
Identidade _____, Responsável pelo menor
_____ fui informado (a) dos objetivos da
presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sendo assim,
autorizo a participação do menor convidado a participar, sabendo que a qualquer momento
poderei solicitar novas informações e/ou retirar a sua autorização de participação.

11. 7 APÊNDICE 7: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **Educação Física Escolar e Imagem Corporal: Atitudes relacionadas ao corpo entre escolares do Ensino Médio.**

MOTIVO: O ambiente escolar pode configurar um ambiente favorável para o compartilhamento de variadas ideias e questões entre amigos, tendo em vista, o agravamento dos problemas associados à imagem corporal negativa de forma tardia, ou não minimizados precocemente. Assim, as escolas de educação básica de Ensino Médio configuram-se como um espaço propício para difusão e articulação de ideais sobre a imagem corporal em sua forma mais ampla, bem como para compartilhamento de anseios e inquietações em relação ao corpo, como tentativa de reverter os problemas encontrados, principalmente no contexto das aulas de Educação Física. É nesse sentido que o ambiente escolar se torna fundamental para discussões acerca do desenvolvimento da imagem corporal, uma vez que esse contexto reúne especificamente a interação e conseqüentemente, a influência dos pares na imagem corporal dos alunos. Para tanto, torna-se de fundamental importância estudar de forma profunda e cuidadosa os aspectos relacionados à imagem corporal de adolescentes e jovens. Nesse contexto, destacam-se as comparações sociais e a influência dos pais, pares e mídia no desenvolvimento da imagem corporal dessa população.

OBJETIVO: Conhecer atitudes relacionadas à imagem corporal de escolares adolescentes do Ensino Médio no contexto da educação física escolar.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: Para aplicação desta pesquisa, **caso aceite o nosso convite**, você irá participar de grupos focais previamente agendados. Além disto, serão solicitadas ainda algumas informações referentes ao questionário sociodemográfico. Para participar desta pesquisa, o responsável por você já assinou uma autorização. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se, o que não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA: Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “RISCOS MÍNIMOS”, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras, como conversar, brincar, ler, etc. Para reduzir ao mínimo este possível desconforto, o grupo focal será realizado numa sala privada, previamente organizada, aconchegante, sem barreiras arquitetônicas e por uma pessoa treinada para esta função. Você poderá deixar de responder qualquer questão que possa lhe trazer incômodo. Também haverá uma psicóloga na equipe de pesquisadores, que estará presente na aplicação das escalas, e poderá encaminhá-lo para atendimento na instituição, caso se faça necessário. A pesquisa contribuirá para: um avanço nas pesquisas acerca da imagem corporal de estudantes do ensino médio.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA: A sua participação neste estudo contribuirá para um avanço nas pesquisas em imagem corporal de adolescentes e jovens, pois os pesquisadores poderão entender como se dá o desenvolvimento da imagem corporal do grupo em questão. Em

consequência, você terá benefícios indiretos provindos de uma atuação preventiva e terapêutica mais eficaz na educação básica, especialmente nas aulas de educação física.

ESCLARECIMENTOS E DIREITOS: Para participar desta pesquisa, você não terá custos, por isso, não receberá qualquer vantagem financeira. Em qualquer momento, poderá ser esclarecido sobre os procedimentos utilizados nesta pesquisa e as formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, bastando entrar em contato com o pesquisador. Caso você tenha alguma reclamação ou queira denunciar qualquer abuso desta pesquisa, ligue para o Comitê de Ética da UFRJ, Praça Jorge Machado Moreira, nº 100, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ Tel.: (21) 3938-2598. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do seu responsável. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS: A sua identidade será mantida em total sigilo por tempo indeterminado. Os resultados dos procedimentos executados nesta pesquisa serão analisados e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação, sempre mantendo a confidencialidade dos participantes.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do Participante _____ Data ____/____/____

Assinatura da Pesquisadora _____ Data ____/____/____

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20____.

Contatos para obter maiores informações sobre a pesquisa:

ORIENTADORA: Prof. ^a Dr. ^a Fabiane Frota da Rocha Morgado. Tel. : (21) 2681-4733

PESQUISADORA: Ravine Carvalho Pessanha Coelho da Silva. Tel. : (21) 2681-4733

Comitê de Ética da UFRJ – Instituto Estudos e Saúde Coletiva: Praça Jorge Machado Moreira, nº 100, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, R (21) 3938-2598 E-mail: cep.iesc@gmail.com

12. ANEXOS

12. 1. ANEXO 1: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Educação Física Escolar e Imagem Corporal: Percepções do corpo entre escolares do Ensino Médio

Pesquisador: RAVINE CARVALHO PESSANHA COELHO DA SILVA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 68960123. 0. 0000. 8044

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6. 240. 309

Apresentação do Projeto:

O projeto trabalha a imagem corporal que é a representação mental do próprio corpo visando identificar através do estudo de adolescentes matriculados no ensino médio do Rio de Janeiro de uma escola pública federal e uma escola privada.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Conhecer atitudes relacionadas à imagem corporal de adolescentes escolares do Ensino Médio no contexto da educação física escolar.

Objetivo Secundário: Descrever como os adolescentes entendem o desenvolvimento da imagem Corporal; Identificar padrões, influências, falas e investigar estereótipos acerca da imagem corporal em adolescentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O TCLE foi adequado com relação a garantia ao direito a indenização por eventuais danos recorrentes da pesquisa. Não apresentando mais pendência anterior relacionada ao TCLE.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto avaliará a imagem corporal de cerca 30 participantes adolescentes matriculados no ensino médio no Estado Rio de Janeiro de uma escola pública federal e uma escola privada. Usará a Metodologia do Grupo focal.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão adequados. Porém, existe pendência na Descrição resumida/Introdução, a pesquisadora esqueceu-se de mencionar a escola Pública Federal.

Recomendações:

Adicionar a Descrição resumida/Introdução que a pesquisa será realizada também em um Colégio Público Federal.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências éticas para o prosseguimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Apresentar relatórios parciais e relatório final do projeto de pesquisa é responsabilidade indelegável do pesquisador principal.

Qualquer modificação ou emenda ao projeto de pesquisa em pauta deve ser submetida à apreciação deste CEP.

O participante da pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE apondo sua assinatura na última página do referido Termo. O participante, caso esteja na faixa etária de 12 a 17 anos, deve ainda apor sua assinatura no Termo de Assentimento.

O pesquisador responsável deverá da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

O Relatório Parcial refere-se à descrição do andamento da pesquisa até a metade de seu tempo transcorrido (número de sujeitos abordados, possíveis problemas de execução, de cronograma, efeitos adversos, etc.). Deve ser postado como NOTIFICAÇÃO.

O Relatório Final refere-se aos resultados da pesquisa e deve ser postado em NOTIFICAÇÃO quando da finalização do projeto segundo consta no cronograma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_D O_P ROJETO_2123227.pdf	22/06/2023 20:10:39		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Doutorado_PB_Ravine_2023 _2 2_06.pdf	22/06/2023 20:10:03	RAVINE CARVALHO PESSANHA COELHO DA SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_Anuencia_CTURassinad o.p Df	24/05/2023 22:17:01	RAVINE CARVALHO PESSANHA COELHO DA SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Anuencia_Doutorado.pdf	20/04/2023 16:50:36	RAVINE CARVALHO PESSANHA COELHO DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_Projeto_Doutorado_Ravine_P B.p Df	15/04/2023 20:00:31	RAVINE CARVALHO PESSANHA COELHO DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Projeto_Doutorado_Ravine_P B.p Df	15/04/2023 20:00:20	RAVINE CARVALHO PESSANHA COELHO DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folha_De_Rosto_Plataforma_Brasil.p df	15/04/2023 19:51:31	RAVINE CARVALHO PESSANHA COELHO DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

NOVA IGUACU, 15 de Agosto de 2023

Assinado por:

José Claudio Provenzano (Coordenador(a))

12. 2. ANEXO 2: GRUPO FOCAL - GUIA DO MODERADOR

MODERADORES: Ravine Carvalho Pessanha Coelho da Silva.

GRUPO: Foram realizados quatro grupos focais mistos, um em cada escola pública, selecionada, com aproximadamente 10 participantes em cada grupo focal.

OBJETIVO: Identificar aspectos cognitivos, sentimentais e comportamentais acerca da imagem corporal, bem como sua construção e as principais influências para tal. Além disso, espera-se identificar quais as mensagens que os participantes esperam passar através de suas respectivas aparências.

MATERIAIS A SEREM UTILIZADOS:

- I Câmera de vídeo;
- II Gravadores de áudio;
- III Notebook.

DURAÇÃO: Todas as sessões de grupo focal terão a duração média de 90 minutos.

ESTRUTURA DO GRUPO FOCAL:

- I Introdução;
- II Parte principal;
- III Sessão detalhada;
- IV Parte chave;
- V Sumário.

SUJEITOS:

Os grupos focais de cada instituição de ensino participante foram compostos de aproximadamente 5 mulheres e 5 homens, totalizando 10 indivíduos. Destes, todos eram adolescentes devidamente matriculados no Ensino Médio Regular da rede pública ou privada de ensino. Não foi necessário suspender nenhuma sessão por perda maior que 30% da amostra grupal, ou seja, mais de três pessoas ausentes em cada grupo.

ESTÍMULOS EXTERNOS:

Na parte principal do grupo focal os alunos serão expostos a mídias cujo foco seja a beleza e a idealização do corpo.

INTRODUÇÃO (15 MINUTOS):

- I A câmera e o gravador nesse momento precisam estar ligados.
- II Apresentação dos moderadores: Ravine e Fabiane.
- III Falar brevemente sobre o estudo e o grupo focal.
- IV Informar aos grupos focais acerca das gravações de áudio e vídeo, assim como a garantia de seu anonimato.
- V Leitura do TCLE e a confirmação do voluntariado de todos os participantes.
- VI Apresentação dos participantes com breves informações, como: Série, turma e idade.

“Vocês estão aqui hoje para conversarmos sobre o corpo e a aparência. Por isso, é importante a opinião verdadeira de vocês. Esse estudo só faz sentido se vocês, ao entenderem a importância dessa pesquisa, forem sinceros e transparentes conosco. Então, não existem respostas certas ou erradas, o importante serão as ideias que aqui serão expostas por cada um.”

PARTE PRINCIPAL (30 MINUTOS):

Após a introdução serão expostos aos componentes do grupo focal: Vídeos (diferentes para homens e mulheres) que terão como objetivo mostrar aos mesmos, conteúdos que abordarão a subjetividade da beleza, os ideais corporais de beleza e como algumas pessoas se veem, sentem e interpretam seus corpos. Para os homens, serão expostas diferentes imagens de adolescentes, com diferentes características. Para as mulheres será exposto um vídeo em que a figura feminina se questiona se é bonita ou não, com o objetivo de se questionarem também, trazendo as diferentes características desse grupo.

Após a exposição do vídeo, os integrantes do grupo serão orientados a relatar o que perceberam da exposição e como se sentem em relação ao vídeo. Após a breve fala coletiva do grupo, pediremos que cada um escolha 5 palavras que vieram à cabeça. Após a apresentação do vídeo, os participantes deverão escrever e falar, de modo que fique registrado, que conceitos e sentimentos pensam primeiramente acerca da Imagem Corporal.

SESSÃO DETALHADA:





As charges acima trazem reflexões sobre o corpo e os padrões corporais existentes. Com elas, é possível refletir sobre os questionamentos relacionados às características corporais e a influência de outras pessoas sobre nossa imagem corporal.

1. O que vocês pensam quando ouvem a palavra “Corpo”?
2. Vocês já ouviram falar em “Imagem Corporal?” O que acham que isso significa?
3. Vocês acreditam em corpos reais ou perfeitos?
4. Será que existe corpo bonito ou feio?
5. Quem ou o que será que determina o corpo bonito ou feio?
6. O que vocês acham sobre aparências corporais diferentes da aparência de vocês?
7. Será que as pessoas julgam ou influenciam as características da nossa aparência?
8. Vocês já pararam para pensar em quais mensagens passamos com o nosso corpo?
9. Será que dá para saber do que gostamos só de olhar nossa aparência?
10. Será que a gente se aproxima ou se afasta de pessoas devido às suas respectivas aparências?
11. Vocês acham que existe influência das pessoas em nossa aparência? Quem seria(m)?
12. Vocês acham que nossa aparência sofre influência de outras coisas, além das pessoas?
O que seria?
13. Vocês já mudaram a aparência por causa de alguém?
14. Vocês curtem cabelos coloridos, piercings, tatuagens?
15. Vocês acham que algo ou alguém pode influenciar ou rejeitar os cabelos coloridos, piercings ou tatuagens?
16. Vocês acham que nossa aparência diz quem somos?
17. Será que a gente surpreende as pessoas com nossa aparência? Será que aparentamos aquilo que realmente somos?
18. Se pudessemos escolher uma mensagem para passar com a nossa aparência, qual seria?

PARTE CHAVE:

“Então pessoal, nós gostaríamos de saber o que vocês acharam do tema proposto, das perguntas que foram feitas, como vocês pensam, sentem e agem em relação a imagem corporal, sua insatisfação e seu construto positivo? ”

SUMÁRIO/FINALIZAÇÃO:

“Vocês podem nesse momento falar suas opiniões sobre tudo o que foi dito. Pontos que vocês concordam, discordam ou que querem apenas lembrar.”

“Vocês gostariam de relatar algo de que se esqueceu durante o diálogo e que você tenha se lembrado agora? Alguma experiência pessoal que gostariam de compartilhar? ”

“Gostaria de agradecer imensamente a presença de todos que aqui estão e espero que tenham a ciência que suas opiniões e falas são de suma importância para meu trabalho. Obrigada!!”

12. 3 ANEXO 3: QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Nome: _____

Colégio: _____

Série: _____ // Turma: _____

GÊNERO: () F () M () Outro () Não quero identificar // Idade: _____

Pratica outra atividade além da escola? () Sim () Não. Em caso afirmativo, gostaria de especificar qual? _____

Você utiliza redes sociais? () Sim () Não. Em caso afirmativo, qual (s):

() Instagram () Facebook () TikTok () Outra

Possuem algum cantor ou banda que se inspiram e aproximam sua aparência? () Sim () Não. Em caso afirmativo, qual seria? _____

Nas redes sociais, existe algum influencer ou famoso que você segue e se inspira? () Sim () Não.

Em caso afirmativo, quem seria? _____

Com quem você mora? () Pais () Avós () Pai () Só mãe () Outros

Você tem irmãos? () Sim () Não.

Seu(s) irmão(s) são mais novos ou mais velhos que você? () Mais novos () Mais velhos

Seus irmãos influenciam seus interesses ou moda? () Sim () Não

Seus pais influenciam seus interesses ou moda? () Sim () Não

Você se interessa por piercing? () Sim () Não

Você se interessa por tatuagens? () Sim () Não

Você se interessa por cabelos coloridos? () Sim () Não

Seus pais deixariam você colocar um piercing nessa etapa de sua vida? () Sim () Não

Seus pais deixariam você fazer uma tatuagem nessa etapa de sua vida? () Sim () Não

Seus pais deixariam você ter o cabelo colorido nessa etapa de sua vida? () Sim () Não

Você e sua família seguem alguma religião? () Sim () Não

Além da escola, possui contato e influência com algum outro jovem? () Sim () Não

Telefone: _____ // E-mail: _____